

Defesa Nacional



DE OUTUBRO

9 4 1

NÚMERO

329

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges

Jen. Cel. Lima Figueirêdo

Maj. Batista Gonçalves

S U M Á R I O

	Págs.
Editorial	789
Nosso aniversário	793
Creio no Brasil, porque creio no Soldado Brasileiro — pelo Gen. de Divisão Cristovam Barcelos	801
A Batalha da Grã-Bretanha	810
Juventude Brasileira — pelo Major Xavier Leal	851
A psicologia a serviço do Exército — pelo Dr. Mota Filho	853
A batalha de Minsk-Bialystoc, da guerra germano-russa e as clássicas manobras militares — Pelo Cap. Jayme Graça	873
A Instrução na Cavalaria (conclusão) — Pelo Cap. José Horacio Garcia	875
Emprego dos carros de combate — Pelo Cap. Vitor Hugo de Alencar Cabral	893
Guerra de Secessão (Conclusão) — Pelo Major Arthur Carnaúba	921
Narração, feita pelo seu próprio comandante, dos combates de um batalhão de infantaria, do Exército Alemão, na região do Sul de Toul Nancy (Cap. Leo Drossel) — Pelo Cel. H. Lott	931
A diversidade típica dos países e o tipo misto brasileiro — Pelo Cel. Mário Travassos	941
Notas de tática aérea — Pelo Major Nilo Guerreiro	951
Blitzkrieg na frente oriental (Tradução)	961
Defesa contra aeronaves — pelo Cap. José Campos de Aragão	985
Processos de Camuflagem — Tradução	991
Gráfico de Referenciação — Pelo Major R. Seidl	999
Alguns problemas da Cavalaria em face do material moderno — pelo Cap. Hugo Garrastazú	1005
Livros do Exército — Pelo 1.º Ten. Umberto Peregrino	1027
Noticiário & Legislação	1039

Editorial

NO NOSSO EDITORIAL do número passado mostramos a necessidade de trabalharmos no sentido de unificar pelo sentimento, pela alma, pelo coração, o povo brasileiro constituído dos elementos mais diversos, e espalhados pelo nosso território onde há falta patente de meios de comunicações.

Para conquistar nosso povo há mister de, primeiramente, exercer-se profunda influência sobre a criança e a juventude brasileiras. Educando o elemento infantil, teremos a certeza de que, no fim de pouco tempo, será ele o primordial colaborador do Estado no seio de cada família. Os jovens bem orientados sob o ponto de vista nacionalista, ao constituirem seus lares já serão peritos obreiros do grande edifício do Brasil de amanhã.

As grandes nações são aquelas que têm suas populações bem educadas, colocando em primeiro lugar a Pátria, em segundo a família e, por último, quando nem de leve suas pretensões arranharem as duas primeiras — o indivíduo. Todo brasileiro tem o dever de trabalhar pela boa formação e engandecimento de sua família. Toda a família deve congregar seus esforços para a formação de uma pátria forte, respeitada e rica. Assim, dentro de cada lar, o indivíduo sabe que este lema — o Brasil glorioso — será o objetivo final a atingir.

O Estado intervém dando elementos para que seus filhos — pois o Chefe do Governo deve ser considerado um pai — se sintam felizes na terra grande e rica onde nasceram, providenciando quanto à sua nutrição, instrução e educação, tendo em mira formar cidadãos fortes, capazes de tudo darem para o bem-estar geral e para grandeza sempre crescente da pátria.

À medida que os brasileiros forem compreendendo estar seus deveres cívicos-patrióticos acima de qualquer direito ou vontade individual, facil será a ação do governo e rápida será a nossa ascenção à categoria de grande potência.

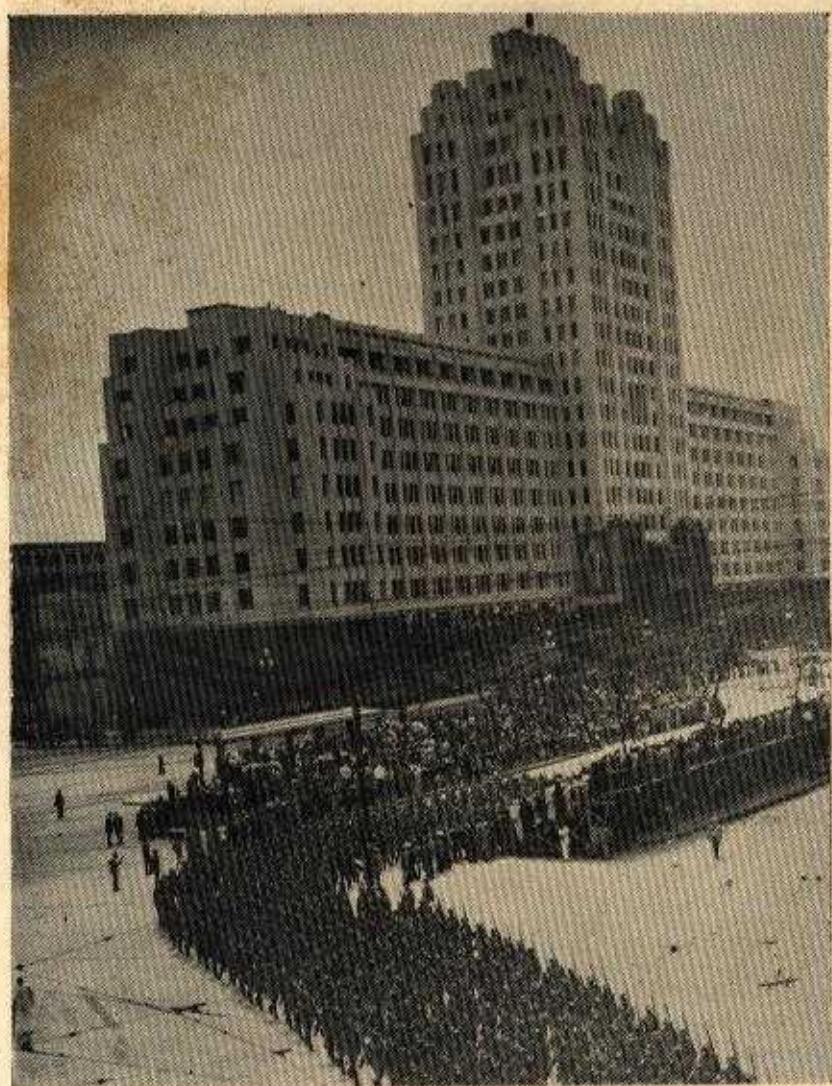
O Exército poderá desempenhar a função de elemento nacionalizador e de polo irradiador de patriotismo por todo o Brasil.

A função social do Exército em tempo de paz é tão sublime quão a de oferecer a vida de todos os seus componentes, se isso for preciso, em vantagem da Pátria, nos dias soturnos da guerra. Aos oficiais e inferiores do Exército está reservado o papel de transformar o modo de pensar da maioria dos brasilienses que colocam o EU acima do NÓS abrangendo a totalidade. Quando estiver o nome do Brasil em jogo, o pensamento de todos os seus filhos deve ser único, firme e decidido, representando uma força poderosa capás de levar de roldão tudo que se apresente como ação negativa ao nosso progresso e à nossa grandeza.

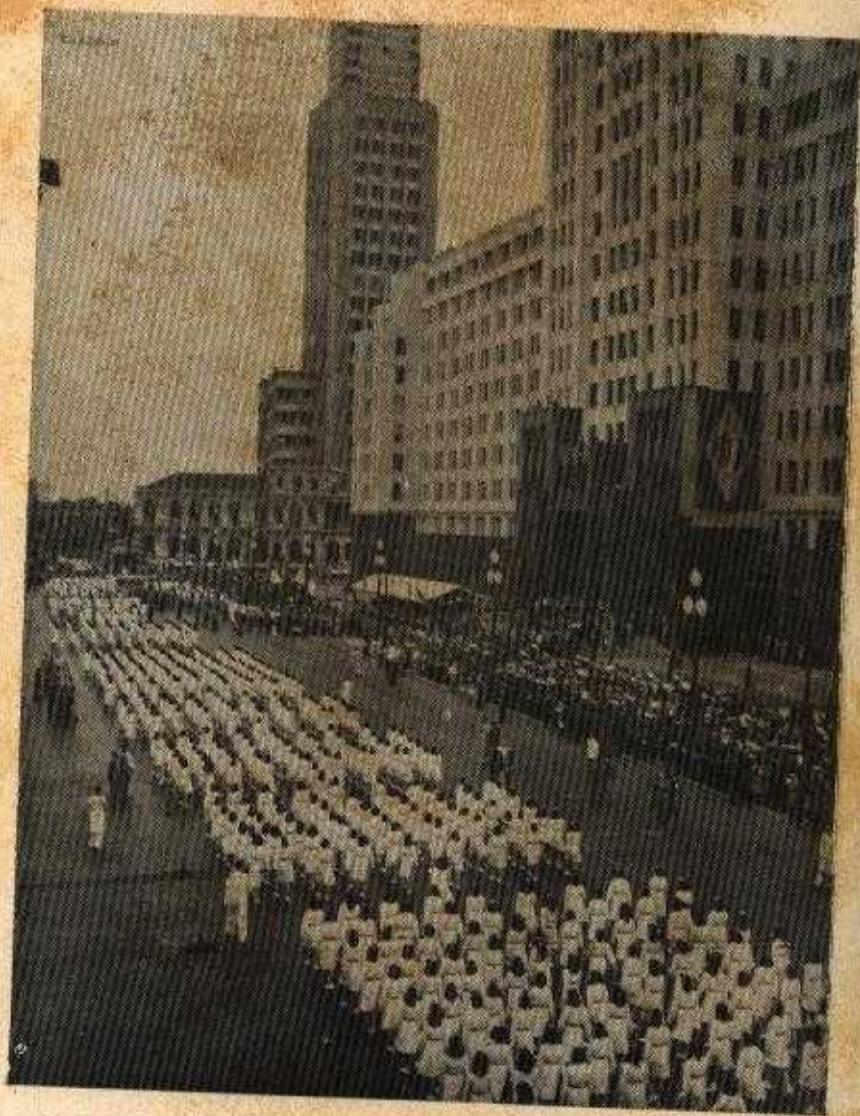
Para preparar defensores da Pátria há casernas distribuídas por toda a extensão do nosso território. Há nesses quartéis comandantes, oficiais e sargentos que se dedicam de corpo e alma ao labor sublime de preparar soldados. E' verdade que seu tempo é excesso, mas em benefício do Brasil, a vontade do militar brasileiro pode até fazer os ponteiros do relógio andarem mais de vagar. E assim poderia ele desemcumbir-se da formação patriótica do nosso povo.

Em cada Guarnição, seu comandante será o responsável pela execução de um programa nacionalista que seria emanado do nosso Estado Maior do Exército em colaboração com o Ministério de Educação e Saúde. O "leit-motiv" será a educação física — útil e atraente. Em dias previamente designados, seriam reunidos as crianças, os jovens e mesmo os adultos, nos parques, jardins, clubes esportivos, etc. Os oficiais dariam lições de ginástica e desportos, aproveitando os minutos finais para dizer qualquer coisa que se relacione com a vida do país. Aulas de educação moral e cívica, conferências focalizando as vidas dos nossos sábios, dos nossos heróis e dos nossos grandes batalhadores. Cânticos patrióticos. Paradas e desfiles nas datas inesquecíveis da nossa história.

Assim, temos a certeza, todos os brasileiros estarão reunidos em torno da nossa bandeira com o pensamento voltado exclusivamente para a felicidade do Brasil !



As forças de terra e mar desfilam em continência ao Exmo. Senhor Presidente Getúlio Vargas, no dia magno da nossa independência política.



O desfile da juventude constituiu uma alegria para os verdadeiros patriotas.

NOSO ANIVERSÁRIO

A 10 de outubro de 1913, precisamente há 28 anos, saiu o número um de A DEFESA NACIONAL. Um grupo decidido de jovens oficiais, entre os quais havia alguns recém chegados da Alemanha, que, ardorosamente, desejavam trabalhar pelo soerguimento das nossas instituições militares, foi seu idealizador.

Como se fosse hoje, diziam os fundadores da nossa revista há quasi trinta anos passados:

“Os interesses militares se acham hoje em dia, e em todos os países do mundo, de tal forma entrelaçados aos interesses nacionais, que trabalhar pelo progresso dos meios de defesa de um povo é, senão o melhor, pelo menos um dos melhores meios de servir aos interesses gerais desse povo”.

“O caso do nosso país apresenta, além disso, algumas características particulares”.

“Se nos grandes povos, inteiramente constituídos, a missão do Exército não sai geralmente do quadro das funções puramente militares, nas nacionalidades nascentes como a nossa, em que os elementos mais variados se fundem apressadamente para a formação de um povo, — o Exército — única força verdadeiramente organizada no seio de uma tumultuosa massa efervescente — vai as vezes um pouco além dos seus deveres profissionais para tornar-se, em dados momentos, um fator decisivo de transformação política ou de estabilização social”.

A nossa pequena história, bem como a de outros povos sul-americanos, está cheia de exemplos demonstrativos dessa afirmação”.

“E debalde que os espíritos liberais, numa justificada ansia de futurismo, se insurgem contra as intervenções militares na evolução social dos povos: é um fato histórico que as sociedades nascentes tem necessidade dos elementos militares para assistirem à sua formação e desenvolvimento, e que só num grau já elevado de civilização elas conseguem emancipar-se da tutela da força, que assim se recolhe e se limita à sua verdadeira função”.

"Sem desejar, pois, de forma alguma, a incursão injustificada dos elementos militares nos negócios internos do país, o Exército precisa entretanto estar aparelhado para a sua função conservadora e estabilizante dos elementos sociais em marcha — e preparado para corrigir as perturbações internas, tão comuns na vida tumultuária das sociedades que se formam".

"No que diz respeito ao exterior, o problema que o nosso Exército tem a resolver não é menos complexo".

"Vasto país fertil, opulento e formoso, com 1.200 léguas de costa, abertas às incursões do lado do mar; com extensas linhas fronteiriças terrestres, do outro lado das quais se agitam e progridem muitos povos também em formação — não seria absurdo admitir a hipótese de que o Brasil viesse um dia a encontrar um sério obstáculo às suas naturais aspirações de um desenvolvimento integral".

"E nesse dia, que pode estar próximo ou remoto, e *sem saber de que lado virá o perigo*, (1) *que pode vir do Norte como do Sul, do Oriente como do Ocidente* — o Brasil não poderá verdadeiramente contar senão com as suas próprias forças, isto é, com a sua organização militar".

"Mas a questão tem ainda um terceiro aspecto: o Exército num país como o Brasil, não é sómente o primeiro fator de transformação político-social, nem o principal elemento de defesa exterior: ele tem igualmente uma função educativa e organizadora a exercer na massa geral dos cidadãos".

"Um bom exército é uma escola de disciplina hierárquica, que prepara para a disciplina social; e é, ao mesmo tempo, uma escola de trabalho, de sacrifício e de patriotismo. Um exército bem organizado é uma das criações mais perfeitas do espírito humano, porque nele se exige e se obtém o abandono dos mesquinhos interesses individuais, em nome dos grandes interesses coletivos; nele se exige e se obtém que a entidade *homem*, de ordinário tão pessoal e tão egoista, se transfigure na abstração *dever*; nele se exige e se obtém o sacrifício do primeiro e do maior de todos os bens que é a *vida*, em nome do princípio superior de *pátria*."

"Compreende-se facilmente que uma instituição dessa natureza, que destaca, e põem em relevo, e fortalece aquilo que há de nobre e de

(1) O grifo é nosso.

heróico, e de sublime no barro comum — tem que exercer forçosamente uma influência salutar sobre o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades".



Se essa influência, que sempre se fez sentir nas sociedades cultas da Europa, trabalhadas por dois mil anos de civilização, é, nas velhas sociedades já formadas, um meio valioso de aperfeiçoamento, que os filósofos reconhecem e assinalam — num país como o Brasil ela será,

com mais forte razão, um fator "poderoso de formação e de transformação de uma sociedade retardada e informe".

"A necessidade, pois, de construirmos um exército que corresponda às nossas legítimas aspirações de desenvolvimento e de progresso, está acima de qualquer discussão".

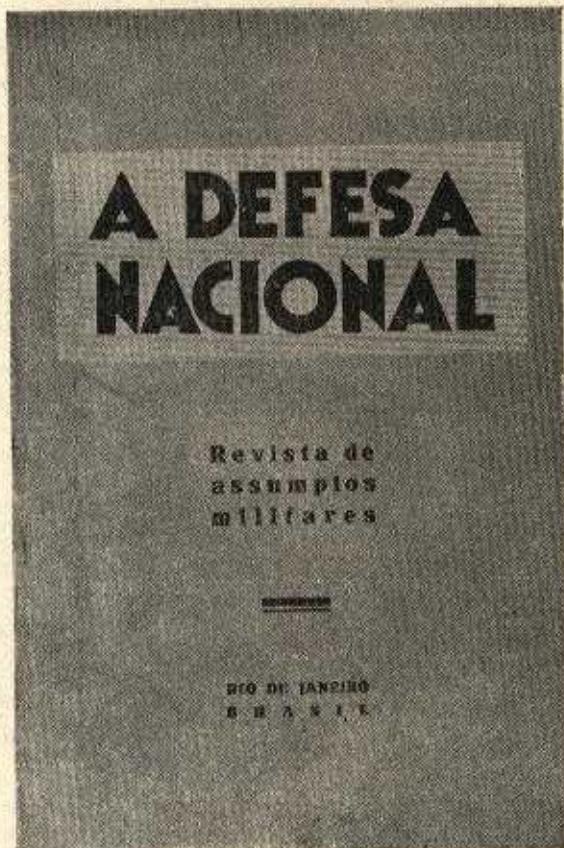
"Num momento histórico, como o que atravessamos, em que a capacidade social de um povo se mede e se avalia pela sua organização militar — o Brasil, que é um dos mais opulentos países da terra, não pode cruzar os braços indiferente aos rumores de luta, que nos chegam dos quatro pontos cardinais, e confiar a defesa do seu patrimônio aos azares do destino".

"Há na história de nossa pátria a memória de algumas tentativas que temos feito, no sentido de organizar um Exército regular — ter tentativas que infelizmente até hoje tem encontrado apenas sucesso parcial ou relativo".

"Para não levarmos a nossa análise muito longe, basta relembrar os esforços destes vinte e quatro anos de administração republicana. É um fato evidente que o país inteiro compreendeu a necessidade, que temos, de um sólido instrumento de guerra, e que sempre se mestrou nas melhores disposições para fazer sacrifícios de toda sorte, em nome da defesa nacional".

As portas da grande guerra 1914-18, o mundo respirava um ar abajado numa atmosfera de apreensões. Todos os povos livres do mundo sentiam a necessidade premente de se armarem para não sucumbir no torvelinho de fogo e sangue, o qual se apresentava à imaginação de todos como a destruição nefanda da grande obra de respeito ao direito das gentes que, em nome da civilização, fora levantada. O Brasil participava, também, destas apreensões e, nas páginas de nossa revista, a oficialidade moça e pujante previa o perigo e se entregava de corpo e alma no afan de debelá-lo. E a borrasca passou para, agora, recrudescer, levando ao coração do mundo outro novo pânico. Nações que surgem e nações que morrem. Montanhas de ferro em forma de canhões, de carros, de aviões, de navios, que se entrechocam. Homens que se matam. Sangue tingindo os mares e ensopando a terra. Maquinária marvótica cada vez mais potente e cada vez mais complicada. Paixões incontidas

de governos e de povos. Tratados sem valor. Ausência de direitos. Caos. E' este o mundo em que vivemos...



O Brasil de hoje sente a necessidade de ser forte para garantir sua existência como nação livre. Lobriga no ar qualquer coisa negra que ameça desabar sobre as páginas resplandentes da sua história. E nós de A DEFESA NACIONAL, em nossos editoriais, continuamos no clama non cesses, a gritar; é preciso uniformizar a alma e o sentimento do povo, à medida que procuramos resolver os problemas materiais atinentes à segurança nacional.

Continuamos, não como em 1913, a fazer organizações e reorganizações, mas a estudar a solução que melhor resolverá o nosso intrincado problema militar — país de vasto território e fraca densidade demográfica, país de modestos recursos financeiros e de premente necessidade de elementos de defesa, múltiplos e caros.

Dado que muito temos melhorado em relação aos nossos conhecimentos técnicos e quanto à nossa aparelhagem bélica, não seríamos sinceros se afirmassemos que o "Exército atual não corresponde absolutamente às nossas necessidades", em que pesem os perigos que ameaçam neste tétlico momento, todas as nações do mundo.

Mercê do decidido apoio que o Exmo. Senhor Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, tem emprestado ao Exército e do trabalho magnífico e da vontade robusta do Exmo. Senhor General Eurico Gaspar Dutra que não tem regateado esforços para colocar o Exército à altura do seu alto e sublime destino, breve teremos a certeza de que as forças de terra poderão, com galhardia, desempenhar sua missão sagrada, na paz ou na guerra.

* * *

Diz ainda o EDITORIAL do nosso número um: "ai está o nosso verdadeiro ponto de partida, queremos dizer, o da nossa Revista, que inicia com este número a sua carreira nas letras militares do País..."

Foi A DEFESA NACIONAL a balisa primeira das publicações militares. Tem procurado acompanhar a evolução das artes gráficas e, por isso, por duas vezes, seu formato foi modificado, assim de que mais interessante fosse a sua apresentação e mais comodo o seu manuseio pelo leitor.

Os órgãos de publicidade tem-se multiplicado, surgindo outras revistas, umas especializadas, outras não, com as quais A DEFESA mantém os mais estreitos laços de camaradagem, na sua posição de decana.

* * *

O EDITORIAL de 10 de outubro de 1913 está assinado pelos seguintes oficiais:

Estevão Leitão de Carvalho

Mario Clementino de Carvalho

Joaquim de Souza Reis

Bertholdo Klinger

Francisco de Paula Cidade
Bazilio Tabórdia
Epaninondas de Lima e Silva
Cesar Augusto de Pargas Rodrigues
Euclides Figueiredo
José Pompeu Cavalcanti de Albuquerque
Jorge Pinheiro
Amaro de Azambuja Vila Nova



A DEFESA prestando uma homenagem aos companheiros queridos que foram seus fundadores, roga ao Onipotente as maiores felicidades

e venturas aos que ainda vivem e o descanso eterno na paz do Senhor para aqueles que já se foram para outro mundo, deixando-nos cheios de saudades.

Sentimo-nos na obrigação de, nesta data, agradecer aos nossos colaboradores, aos nossos assinantes, aos nossos anunciantes, enfim a todos que nos auxiliam desta ou daquela maneira, o apoio eficaz que nos têm trazido, permitindo que "A DEFESA" continue sempre no seu progresso ascendente, em vantagem da instrução do nosso glorioso Exército.

Merce um agradecimento especial o Senhor Antônio Luiz de Freitas Pereira, Chefe do Gabinete Fotocartográfico, que, desde o primeiro número da revista, vem-se encarregando da confeção da sua complicada e numerosa "clicherie".

CAXIAS

COMO GUERREIRO

- 1) — Consolida a Independência, na Baía, fazendo parte do Exército Libertador.
- 2) — Toma parte na campanha da província Cisplatina, no Uruguai.
- 3) — Toma parte no cerco da cidade de Montevidéu.
- 4) — Domina vários motins, no Rio, pela abdicação de D. Pedro I, conhecidos por "Abrilada".
- 5) — Segue para o Maranhão e domina a revolução dos Balaios, "Balaiada".
- 6) — Domina a revolução em S. Paulo, rebelião de Sorocaba.
- 7) — Domina a rebelião de Barbacena, em Minas.
- 8) — Embacia para o sul e pacifica o Rio Grande, terminando a guerra dos "Farrapos".
- 9) — Domina a tirania de Oribé e Rosas, no Uruguai.
- 10) — Como comandante em chefe das forças brasileiras, na Guerra do Paraguai, contra o tirano Solano Lopes, leva o Exército Brasileiro de Tuiutí a Assunção.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.^o G. A. C. e Fortaleza de São João).

CREIO no Brasil, porque CREIO no Soldado Brasileiro

Gen. Div. CRISTOVAM BARCELOS



DUQUE DE CAXIAS

Neste dia consagrado ao soldado do Brasil, dirijo-me aos meus comandados convencido de que oficiais e soldados lhe emprestam uma alta significação cívica e a ressonância patriótica, como uma afirmação de fé e renovação de fidelidade à Pátria, diante do nosso excelso patrono — o invicto Duque de Caxias.

Falo com profunda emoção, seja pelo instante aflitivo que os povos atravessam ante a hecatombe desencadeada so-

bre o mundo, seja por saber que me ouvem nas mais longínquas guarnições de Minas, os mesmos soldados com que aqui me defronto, guardas fieis da tradição de disciplina e bravura dos que tombaram pelo Brasil, e expressão viva de confiança, de garantia e inquebrável energia pela grandeza e pela honra da nossa grande Pátria.

Creio no Brasil, no seu futuro grandioso, na sua independência econômica e política; creio no seu progresso sem jugos, nem servidões. Mas se creio no porvir do Brasil, é por crer no soldado brasileiro. Quanto mais o conheço, quanto mais

ausculto o seu coração e penetro na sua alma, mais confio nos nossos grandes e radiosos destinos. Sim, creio no Brasil, porque creio no soldado brasileiro.

Tenho razões para confiar no soldado brasileiro. Eu os conheço na paz como na luta. Deles não me distancio como chefe. Aproximo-me de cada um, ouço-os, acompanho-os. Nas inspeções aos corpos desta Região, não raro o interpelo, sondo-lhes o ânimo, para melhor os conhecer.

Vou narrar dois episódios, dentre tantos, dois episódios na aparência insignificantes, mas ao meu ver, expressivos, como prova da firmesa patriótica dos nossos comandados.

Há poucos dias passava eu em revista uma Companhia do 11.^º R. I., e encaminhei para um recruta, que me parecia dos mais tímidos. Indaguei antes da sua situação. Era lavrador em um recanto afastado do município de S. João d'El-Rey, casado, e apenas nascera o primeiro filhinho, fora chamado à caserna. Indaguei-lhe da família, como se sentia no Quartel, se recebia e dava notícias suas aos seus. Respondeu-me na posição de sentido, entre lágrimas, que tinha constantemente notícias da esposa, dos pais e do filhinho e, apesar de ser muito bem tratado pelos seus superiores, a saudade era imensa !

"Você, disse-lhe, deseja ser licenciado?". E ele ,firme, fixando-me os olhos marejados, respondeu-me: "Não, desejo cumprir o meu dever até o fim!"

Depois de louvá-lo, afastei-me um pouco, e o Capitão me falou: "O meu General tocou na corda sensível de um dos homens melhores da minha Companhia. De quando em quando mostra-me e aos tenentes, cartas dos seus e fotografia do filhinho".

Indaguei como os seus companheiros o tratavam. O Capitão respondeu-me que todos o estimam muito e respeitam os seus extremos pela família.

Esse soldado tímido e sensível se tiver de defender o nosso solo sagrado, transforma-se em um lutador decidido e intemperato, porque sabe que defendendo a Pátria, defende o seu próprio lar, que ele tanto adora.

Aqui bem perto uma Bateria de Dorso havia tomado posição de acordo com uma situação tática, criada pelo Comandante do Grupo. Após várias perguntas de ordem geral e técnica, encaminhei-me para a última guarnição. Dentre os homens que a compunham, escolhi um para perguntar se fazia idéia da guerra de hoje. Ainda era cedo para os instrutores tratarem disso. Mas, insistindo, indaguei se o cinema não lhe dava a impressão do quadro dantesco da guerra. Vindo da roça longe de cidades, cansado da instrução intensiva do primeiro período, não conhecia ainda o cinema !

Procurei então descrever o combate cruento e rude, agitado e sangrento dos nossos dias. Daquele morro metralhadoras crepitando, e balas a sibilar pelas cabeças; lá, alem daquelas elevações, a artilharia a lançar obuzes; por cima aviões a despejar bombas e a metralhar; em redor o cenário de sangue, de fogo, sons que enervam e estampidos que surdecem.

Perguntei-lhe se, em meio desse turbilhão, ele não iria em busca da linha de cargueiro, abrigado das vistas e dos fogos inimigos. espondeu-me sorrindo que não.

Disse-lhe que me mostrasse um companheiro capaz de abandonar a sua peça. Passou os olhos por todos os homens da guarnição. Ficamos por instantes suspensos por levar tão a sério o que pedíamos. Olhou bem para o último camarada que se achava à esquerda e, voltando os olhos para mim, disse — ninguem !

Sim — ninguem, nenhum dos nossos soldados desertará do seu posto, pois a existência para eles pouco vale ante a imagem da Pátria, cuja integridade e honra juraram defender com o sacrifício da própria vida.

Já vos disse, precisamente há um ano — "Humble que seja o nosso soldado, venha de regiões agrestes, quando neles se desperta a verdadeira noção de Pátria, transfiguram-se como iluminados pelas centelhas de uma herança de heroísmo e de glória, que no peito dos nossos homens não desfalece e não se estingue". Se tocarmos na sua sensibilidade patriótica, vereis que "perdem a atitude tímida e humilde, como

se alguma cousa intimamente interior fosse tangida pela misteriosa imanência do passado".

Na massa dos homens, vindos dos rincões longínquos, das serranias ou dos campos, dos vilarejos modestos e tugúrios humildes, é que podemos ver a tocante simplicidade e a grande alma heróica da nossa gente, pronta aos supremos sacrifícios.

Sabemos como a sociedade desvirtua caracteres, deforma alma as mais puras e nobres.

"A natureza de cada indivíduo é antes de tudo o conjunto de disposições primitivas anteriores aos hábitos" e alterações do meio.

Se quisermos conhecer a natureza da nossa gente, temos de deixar as avenidas e os desvãos da cidade, em busca de almas virgens, de corações puros, seja no interior ou no nosso sertão, seja nas caatingas do nordeste, nas matas da Amazônia ou nas coxilhas ondulantes do Sul.

Então veremos o cerne da nacionalidade, que nutre e mantem a pujança moral do Brasil, a nobreza da nossa gente, a coragem do nosso homem, as grandes virtudes do brasileiro tal qual foi, como é e será sempre — humilde, mas digno; tímido, mas resoluto; modesto, mas altaneiro, estóico, bravo e magnânimo.

No "Inferno Verde", de Alberto Rangel, o grande discípulo de Euclides da Cunha, mostra-nos em relevo de inconfundível beleza, a índole e o temperamento dos nossos homens desbravando os seringais do Amazonas.

Dele é uma página que li há longos anos; narrativa impressionante que traduz o amor do nosso homem à terra e o seu horror a qualquer forma de despotismo.

Um cearense penetrará a fundo nos seringais da Amazônia, anos e anos aí viveu, edificou a sua casa, constituiu o seu lar, criou filhos e começava a educar os netos. Um dia surgiram meirinhos com o mandado de despejo. Um flobusteiro favorecido pelas leis brasileiras de então, enxotava-o das terras que regara com o seu suor, que era o passado de

mortificações e trabalhos, os dias tranquilos da velhice, e a garantia do futuro de seus filhos.

O sertanejo ante o golpe rude e irreparável, providenciou para que toda família se retirasse da choupana; ficaria ele para entregar ao intruso aquela terra dadivosa e amiga.

Dias depois, voltando a caravana espoliadora, encontrou o velho enterrado até o busto, sepultado por ele próprio, morto, mãos crispadas a apertar a terra que era o seu pão e a sua existência.

Esse quadro transforma-se nos dias incertos que atravessamos, em um símbolo para cada um de nós.

Se algum dia qualquer alguém não respeitar os séculos da nossa penosa formação política, a longa e agitada existência de povo livre e soberano, se quiserem pisar e dominar a terra regada com o sangue dos nossos antepassados, lembremo-nos da reação selvagem do cearense bravio e intrépido, e nas trincheiras do campo de batalha — cicatrizes abertas no solo sagrado, — lancemo-nos com animo de extremo holocausto, prontos a receber o derradeiro amplexo da terra sagrada, no enternecido agradecimento da Pátria, orgulhosa dos filhos que a sabem defender e morrer por ela.

E' preciso porém, que o nosso sacrifício não seja, um dia, vão e inutil. De nada valerá o nosso esforço ingente, se o estado d'alma da ação não nos envolver com a sua solidariedade irrestrita, ativa e corajosa; se não sentirmos em torno e a traz de nós um pensamento comum, igual espírito de sacrifício, e os mesmos anseios no triunfo redentor de nossas armas.

Não nos iludamos. Sintamos antes os grandes perigos que correm os povos, cujas paixões e antagonismos se inflam por ideologias, que conturbam consciências puras e retas, exercem o fascínio da inteligência e geram a incandescência dos espíritos.

Outróra cada povo se conformava ou vivia feliz com as formas de governo que o seu destino histórico, suas tradições ou tendências lhe traçavam.

As eclosões políticas visando transformações de regimen, circunscreviam às fronteiras dos países de cujo seio irrompiam.

Havia mesmo uma ética entre as nações que as levava a não se imiscuirem nas aspirações e problemas de outros povos.

Presidencialismo, parlamentarismo, instituições monárquicas ou republicanas, kaiserismo ou czarismo, ditaduras ou governos liberais, cada povo tinha o seu sistema de governo, e esse, seus adeptos fervorosos e adversários impenitentes, mas nenhum regimen possuia o sinete do internacionalismo a trazer a cizânia entre os melhores amigos, o mal estar no convívio social, a desconfiança por toda parte.

A hora da angustia que o mundo atravessa e as incertezas nos dias de amanhã, exigem e exigirão governos fortes e a centralização do poder.

País militarmente fraco, o Brasil só será forte, se os brasileiros tocados por qualquer credo alienígena convencerem-se que devem desprender-se de ódios e paixões, procurando ter uma só mística e um único ideal — o da Pátria grande, una, gloriosa e imperecível.

Tenho o coração sem ódios e sem paixões, pronto a ter paixão e ódio, a quem nos ameaçar ou tentar escravizar o meu querido Brasil; tenho a alma pronta a se inflamar qualquer que seja o setor que a Nação apontar para defendê-la ou desafrontá-la !

E' esse o estado de ânimo e as condições de espírito que nos podem preservar das desgraças que pairam sobre os povos divididos.

Um homem apaixonado é quasi sempre um inimigo dele próprio e, o que é peior -- transforma-se muitas vezes, sem o saber, em inimigo da Pátria.

E' entre eles, e entre as consciências que se mercadejam, que o inimigo recruta os seus comparsas da retaguarda, organizam aquela coluna execravel, cujo nome não devo pronunciar em hora tão solene, pronta a desferir pelas costas os golpes traiçoeiros sobre os que oferecem o seu peito à morte, em defesa da Pátria !

Quaisquer que sejam as simpatias ou antipatias pessoais, o ponto de vista de cada um, é necessário que estejam prontos a atender ao supremo apelo da Pátria. O momento não comporta divisões.

Mas, porque nos inquietarmos pela consciência coletiva e pela unidade espiritual do Brasil, quando cremos firmemente no soldado brasileiro, que é o seu reflexo e a sua imagem ? !

Não, Caxias, ninguem — nenhum brasileiro — trairá essa bandeira; o teu exemplo, num tutelar do Brasil, apontará o rumo da nossa salvação e o triunfo imortal da nossa Pátria.

Saberemos imitar a tua vida, que gisou para nós, através dos anos, o caminho da serenidade, do dever e da honra.

E se amanhã as crueis realidades da guerra, levarem a Nação a apelar para o devotamento dos seus filhos, e se cada chefe e repetir a tua frase memorável — "sigam-me os que forem brasileiros" — estou certo, Caxias, ninguem vacilará e todos o seguirão como se te seguissem e vissem a lâmina rutilante da tua espada a operar, mais uma vez, o milagre das barrancas do Itororó, a irradiar nas brumas do tempo os albores da vitória, a traçar pelos séculos a fóra os largos designios e a eterna glória do BRASIL !



CAXIAS

NO LAR

E' o Chefe que reune as grandes qualidades essenciais — grande caráter, coragem física, saber e energia, ao par de "um coração maior que o mundo".

E' um chefe de família modelo, esposo amantíssimo e pai extremoso.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.º G. A. C. e Fortaleza de São João).

CAXIAS

No seu atlético peito brilharam as seguintes condecorações:

- 1) — Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, depois de restaurar a Baía.
- 2) — Medalha da Independência, depois que domina a revolução Cisplatina.
- 3) — Comendador da Ordem de S. Bento de Aviz, pelos relevantes serviços no espaço de 37 anos.
- 4) — Grão-Cruz da Imperial Ordem de Aviz, como bons serviços de Marechal de Campo.
- 5) — Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa pelos bons serviços prestados na guerra do Paraguai.
- 6) — Medalha de ouro por ter tomado parte na Campanha do Uruguai como general.
- 7) — Medalha da rendição de Uruguaiana, comemorativa deste feito, assistido por Caxias e o Imperador.
- 8) — Grão-Cruz da Ordem de Pedro I, como comandante do Exército no Paraguai.
- 9) — Medalha de Mérito Militar com quatro passadeiras de prata, representando cada uma, recompensa por ato de bravura nos combates de Estabelecimento, do Itororó, do Avahi e Lomas-Valentinas.
- 10) — Medalha de Campanha geral do Paraguai — comemorativa da tríplice aliança, feita do bronze dos canhões inimigos.
- 11) — Comendador da Ordem de Cristo — Pelos serviços políticos prestados ao Estado.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.º G. A. C. e Fortaleza de São João).

A BATALHA DA GRÃ-BRETANHA

Relato do Ministério do Ar Inglês

Na terça-feira, dia 20 de Agosto de 1940, às quinze e cincuenta e dois minutos, o Primeiro Ministro fez, na Câmara dos Comuns, uma de suas revistas periódicas sobre o curso da guerra, às quais os deputados em particular e o país em geral já estão habituados. O momento era grave. Em 8 de Agosto, os alemães, depois de um período de atividade contra nossa navegação, o qual tinha durado algo mais que um mês, tinha arremessado contra esta ilha a primeira de uma série de ataques aéreos em massa à luz do dia. Durante uns dez dias, e particularmente nos dias 15 e 18, homens e mulheres nas ruas das cidades e aldeias da Inglaterra e nos campos tinham visto, no céu puro do verão, as evoluções da armada aérea, empenhada na luta feroz e demorada que mais tarde se denominou a Batalha da Grã Bretanha.

Naquele dia a Câmara estava abarrotada. A disposição de ânimo podia-se qualificar de entusiasmo ansioso. Mas o entusiasmo aumentou e a ansiedade decresceu à medida que o Primeiro Ministro ia descrevendo a rápida mudança dos movimentos da batalha, cujos preliminares foram presenciados por alguns dos próprios membros da Câmara.

Depois de se referir ao labor e às façanhas da Armada, o sr. Winston Churchill falou da guerra no ar. "A gratidão de todos os lares da nossa ilha", disse ele, "do nosso Império e do mundo todo, salvo dos culpados, vai aos aviadores britânicos, que, impávidos em sua inferioridade numérica, incansáveis na luta e no constante perigo mortal, estão, com suas

Nota da Redação — Ao publicarmos este Relatório só nos move o desejo de informar aos nossos leitores.

asa, e uma móvel na torre de popa. Contempladas bem de frente, as asas tinham a forma de um W muito achatado. A velocidade máxima em voo em linha reta, era ligeiramente superior a 385 Km. por hora. O Ju-88 era também bombardeiro de mergulho, com velocidade máxima de 500 Km.p.h. A tripulação e o armamento eram iguais aos do Heinkel-111. Heinkel-111k mark V. era um monoplano "cantilever", de asa baixa, todo metálico, bi-motor, quatro tripulantes e armado de três metralhadoras móveis, uma na ponta, outra no cimo da fuselagem e outra na "bolsa" aerodinâmica debaixo. A velocidade máxima era de quasi 440 Km. p.h. O Dornier-215 era um monoplano "cantilever" de asa alta, todo metálico, com três metralhadoras móveis, colocadas como as do Heinkel-111k. A velocidade máxima, cerca de 500 Km. p. h. Era um tipo evoluído do Dornier-17, geralmente conhecido como o "lapiz voador". Este aparelho era um monoplano de média asa, "cantilever". Estava armado de duas metralhadoras fixas, atirando para a frente, colocadas na fuselagem, um canhão móvel no assoalho e outor, numa montagem blindada, sobre as asas. A velocidade máxima era de uns 496 Km. p. h. Verificaram-se constantemente modificações e aumentos do armamento nestes aparelhos que transportavam as bombas destinadas a trazer a vitória. Estes bombardeiros eram protegidos por caças, dos quais os dois tipos principais eram o Me-109 e Me-110.

O Me-109, naquele tempo, era um mono-place de combate, de asa baixa, metálico, monoplano "cantilever", armado de um canhão que atirava através do eixo da hélice, quatro metralhadoras, e mais duas em canais em cima da coberta do motor. A velocidade máxima, era ligeiramente superior a 560 Km. p. h. O piloto foi mais tarde protegido por blindagem traseira e dianteira, cujo tamanho e forma se fixaram no curso da luta.

O Me-110 era um caça bi-place, munido de dois motores, monoplano, "cantilever", metálico, de asa baixa, com dois canhões fixos e quatro metralhadoras fixas, atirando para a frente desde a proa. Era muito maior que o Me-109, mas sem

a mesma capacidade de manobra. A velocidade máxima não excedia de 585 Km. p. h. Neste aparelho, a tripulação estava protegida por blindagem traseira. Os alemães ainda usaram alguns poucos Heinkel-113. Tratava-se de um tipo de asa baixa, metálico, monoplano "cantilever", monomotor. Ia armado de um canhão no eixo da hélice, e de duas metralhadoras de forte calibre nas asas. A velocidade máxima era de uns 610 Km. por hora.

Para combater este conjunto formidável de caças e bombardeiros, que Goering se vangloriava de proclamar "decisivamente superiores" a qualquer aparelho britânico, a RAF empregou o Spitfire, o Hurricane e, às vezes, o Boulton-Paul Defiant.

O Spitfire Mark 1 era um caça monoplano com motor Rolls-Royce Merlin; era de asa baixa, metálico, monoplano "cantilever", armado de oito metralhadoras Browning, quatro em cada asa, fóra do disco da hélice. A velocidade máxima era de 585 Km. p.h. O Hawker Hurricane Mark 1 era também um mono-place, de motor e armamento parecidos. A velocidade máxima, era 535 Km.p.ph. Em ambos tipos os pilotos estavam protegidos por blindagem na frente e atrás. O Boulton-Paul Defiant era um caça bi-place com motor Rolls-Royce, de asa baixa, metálico, monoplano "cantilever", armado com quatro metralhadoras Browning, montadas numa torre movida mecanicamente.

Foi com máquinas como estas que a Royal Air Force e a Luftwaffe se defrontaram no dia 8 de Agosto quando começou a batalha.

ALERTA A FÓRÇA DE COMBATE BRITÂNICA

Antes de descrevermos nossa defesa é indispensável dizer alguma coisa a respeito dos métodos, embora não seja tarefa fácil de realizar sem revelar "segredos de Estado".

O princípio predominante é que se deve reunir uma força suficiente de aparelhos de combate a altura determinada em ponto dado, onde ela possa interceptar os incursos inimigos,

rompendo-lho a formação antes de poderem eles alcançar seu objetivo.

E' de aceitação geral que o princípio de empregar patrulhas permanentes é impraticável devido ao grande desperdício. Seria causa fóra da capacidade da maior força aérea manter um número constante de caças em vôo, afim de preservar nossas costas de qualquer ataque. Por conseguinte, os aparelhos de combate se conservam em terra em benefício da economia de esforço, e somente recebem ordem de levantar vôo na iminência de uma incursão.

As informações sobre a aproximação do inimigo se obtém por uma variedade de métodos, sendo coordenadas nas "Salas de Operações". As costas da Grã Bretanha estão divididas em Setores, cada qual com seu próprio aeródromo de caças e quartel general. Os Setores são agrupados sob a direção de um Quartel General de Grupo, convenientemente situado que, por sua vez, se acha sob controle do Quartel General do Comando de Combate. As informações referentes às incursões aéreas são postas em evidência, mediante vários símbolos em grandes taboleiros-mapas nas "Salas de Operações" dos Grupos e Setores, procurando-se com este procedimento dar a cada "Controlador" o mesmo diagrama do progresso de uma incursão na zona que lhe concerne. Além disso, os "controladores" têm diante de si toda a informação possível, como a situação e o "estado" de seu próprio esquadrão, e as condições do tempo e das nuvens na sua própria área. Também estão em ligação com as defesas anti-aéreas e as barragens de balões.

As esquadrilhas são mantidas nos aeródromos dos Setores respectivos em vários "graus de preparação". O estado mais tranquilo é denominado "folga", o que significa que a esquadrilha não tem de operar até uma hora determinada e que o pessoal pode ser empregado em trabalhos de rotina, treino e instrução de vôos, jogos organizados, podendo em certos casos deixar o aeródromo. O estado seguinte chama-se "disponível", significando que a esquadrilha deve estar pronta para achar-se no ar aos tantos minutos de receber a ordem.

O de "prontidão" reduz isto a um mínimo e é o estado mais avançado que normalmente se emprega. Às vezes usa-se o estado de "presente", que significa que os pilotos estão sentados nos aparelhos, com os motores parados mas apontados contra o vento, prestes a levantar vôo, mal o controlador dê a ordem oportuna.

Quando as condições atmosféricas são boas e se pôde antecipar um ataque, as esquadrilhas naturalmente se mantêm em alto grau de "prevenção" que, quando o tempo piora, é afrouxado tanto quanto possível. O princípio geral é manter normalmente uma parte da força de combate em estado de "prontidão", outra em "adiantado disponível" e a terceira em "normal disponível". Quando se desenvolve o ataque, as esquadrilhas de "prontidão" levantam vôo em formação apropriada, e as "disponíveis" passam a "prontidão", sendo usadas como reservas para defrontar um segundo ou terceiro ataque, ou para proteger aeródromos ou pontos vulneráveis, como fábricas de aviões.

As ordens são dadas pelo Controlador, cuja formação consiste em estudar o mapa da Sala de Operações e lançar um número conveniente de aparelhos ao ar, em pontos escolhidos, afim de interceptarem os incursores, ou cobrirem pontos vulneráveis. Também forma parte de sua missão vigiar constantemente suas reservas, de maneira que nunca corra o risco de ser apanhado por uma terceira ou quarta onda de atacantes, com suas esquadrilhas no sólo "pousadas e reabastecendo-se de gasolina". Não podemos esquecer que a resistência de um caça moderno, se há de ter ampla margem para funcionar a pleno rendimento nas ascensões e nas fintas da luta, é limitada. Igualmente se deve prever a possibilidade de um retorno a um aeródromo central, particularmente se a visibilidade for má.

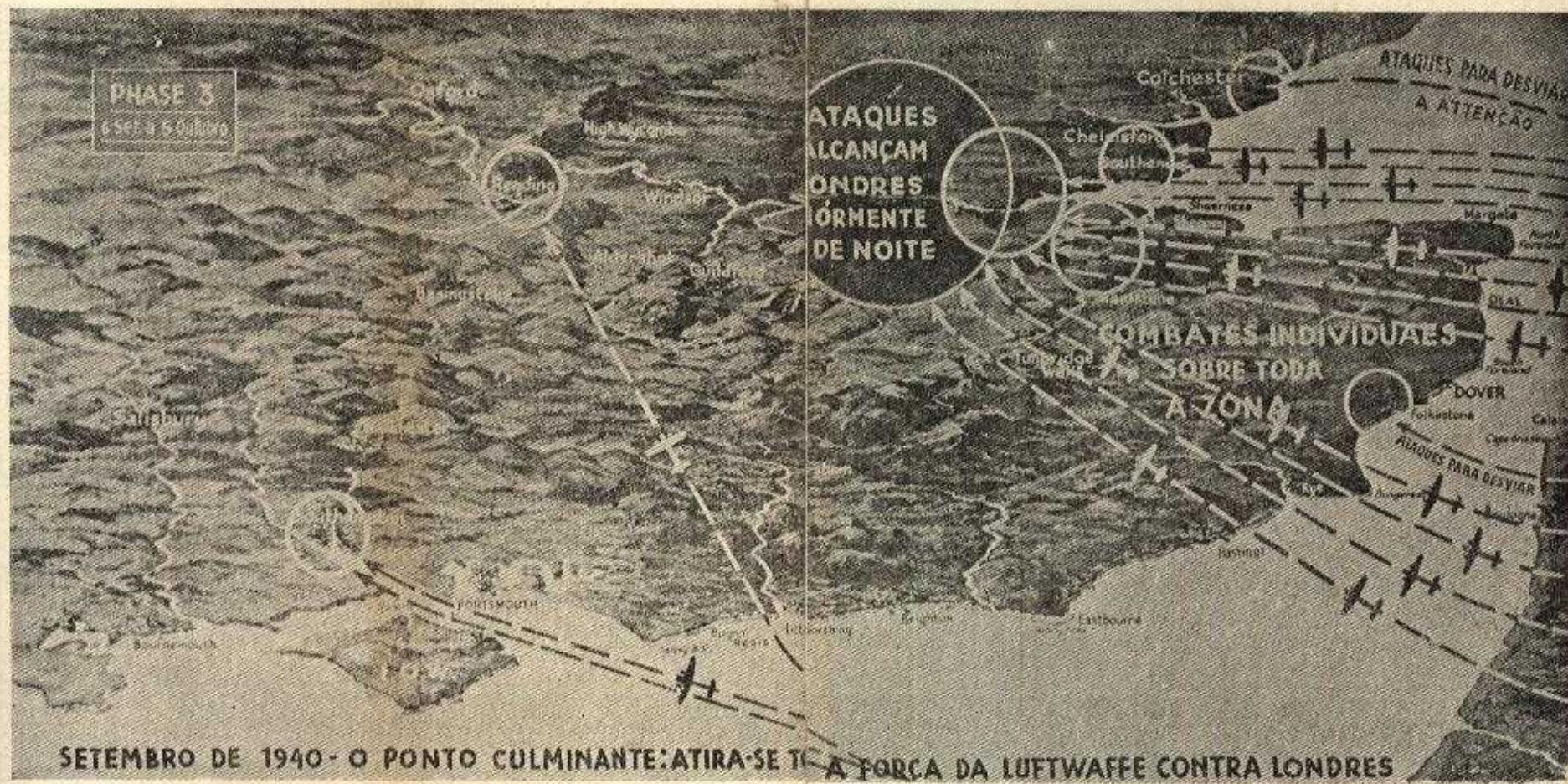
A tarefa do Controlador ao realizar uma interceptação é em teoria um problema simples de matemática, uma vez que tem diante dos olhos o roteiro dos incursores inimigos e dos seus próprios caças. Está em ligação constante com seus caças por meio da radiofonia, e pôde dar-lhes ordens, de

quando em vez, para modificarem a direção, de forma a pô-los na melhor posição possível para o ataque.

Mal informam os caças que "divisaram o inimigo", acabou a tarefa do Controlador, salvo a possibilidade de ter que lhes marcar uma rota de volta ao aeródromo, logo que acabou a batalha. O sinal de "inimigo à vista", comparável ao grito do caçador em circunstâncias parecidas, é imediatamente transmitido ao Quartel General do Grupo e registrado no indicador do estado da esquadriilha. O Dia Excelso entre todos, para qualquer Grupo, foi o de 27 de Setembro, quando no Grupo n.º 11 composto de 21 esquadrihas que receberam ordem de levantar vôo, as 21 informaram "inimigo à vista". Mas nem sempre é tão fácil a intercepção bem sucedida das incursões aéreas. Nos exercícios práticos de antes da guerra, considerava-se satisfatória a intercepção do 30% dos "raids", e muito boa a proporção de 50%. Contudo, quando veio o dia de prova, a percentagem se elevou a 75, 90 e, às vezes, a 100%. Este nível constantemente elevado de intercepções permitiu que nossa superioridade em pilotos e aparelhos produzisse o máximo proveito.

A tarefa do controlador nos preparativos da batalha depende de um fator: informações precisas e oportunas a respeito das incursões. Com o céu claro, e pouca ou nenhuma nuvem, o inimigo voava a tamanha altura que era quasi invisível, mesmo usando binóculos.

A quantidade de aparelhos empregados criava confusão de barulhos na atmosfera, e assim aumentava a dificuldade de aperceber-se das incursões por meio do som. Com tempo nublado, o inconveniente aumentava, pois então o Corpo de Observadores tinha que confiar exclusivamente no som. Tendo presentes todos estes obstáculos, este Corpo e as outras fontes de informações merecem grande crédito pelas descrições da situação, notavelmente claras e oportunas, apresentadas aos Controladores. Estes, em seguida, distribuiam as peças no grande tabuleiro do firmamento inglês e iniciavam os movimentos iniciais da peleja, de cujo resultado dependia a segurança de todos os povos livres. O lema era **Flexibilidade**.



Diariamente, os Controladores realizavam uma conferência na qual se discutia toda e qualquer idéia ou sistema para pensar ou agir com um passo de vantagem sobre o inimigo, astuto e cheio de recursos. E se as sugestões oferecidas demonstravam alguma utilidade, eram imediatamente adotadas. Sem este sistema de controle centralizado, nenhuma batalha, no verdadeiro sentido da palavra, se teria realizado. As esquadrilhas teriam-se elevado ao acaso, à medida que se anunciassem as incursões inimigas. Poderiam ter corrido o risco de se ver grandemente ultrapassadas em número, ou sem inimigo algum que enfrentar.

Tomou-se especial cuidado afim de manter o peso do combate tão bem distribuído quanto era possível entre todas as esquadrilhas empenhadas na luta. Isto só se conseguiu por meio de um adestramento rigoroso, que foi continuando durante toda a luta. Logo que se produzia uma calmaria, criavam-se e lançavam-se novas formações e experimentavam-se táticas novas. Nenhuma esquadrilha jamais foi lançada ao ataque sem experiência prévia da luta. Eram cuidadosamente instruídos e dirigidos e entravam em batalha sob a chefia de um chefe de esquadrilha avezado à luta, com muitas horas de combate ao seu crédito. Inculcou-se-lhes a importância do trabalho de conjunto, lição aproveitada na França durante os combates de Maio e Junho. Felizmente, muitos dos pilotos que então lutaram, ocupavam agora lugares de comando na batalha da Inglaterra. Seus conhecimentos e experiência foram de valor incalculável.

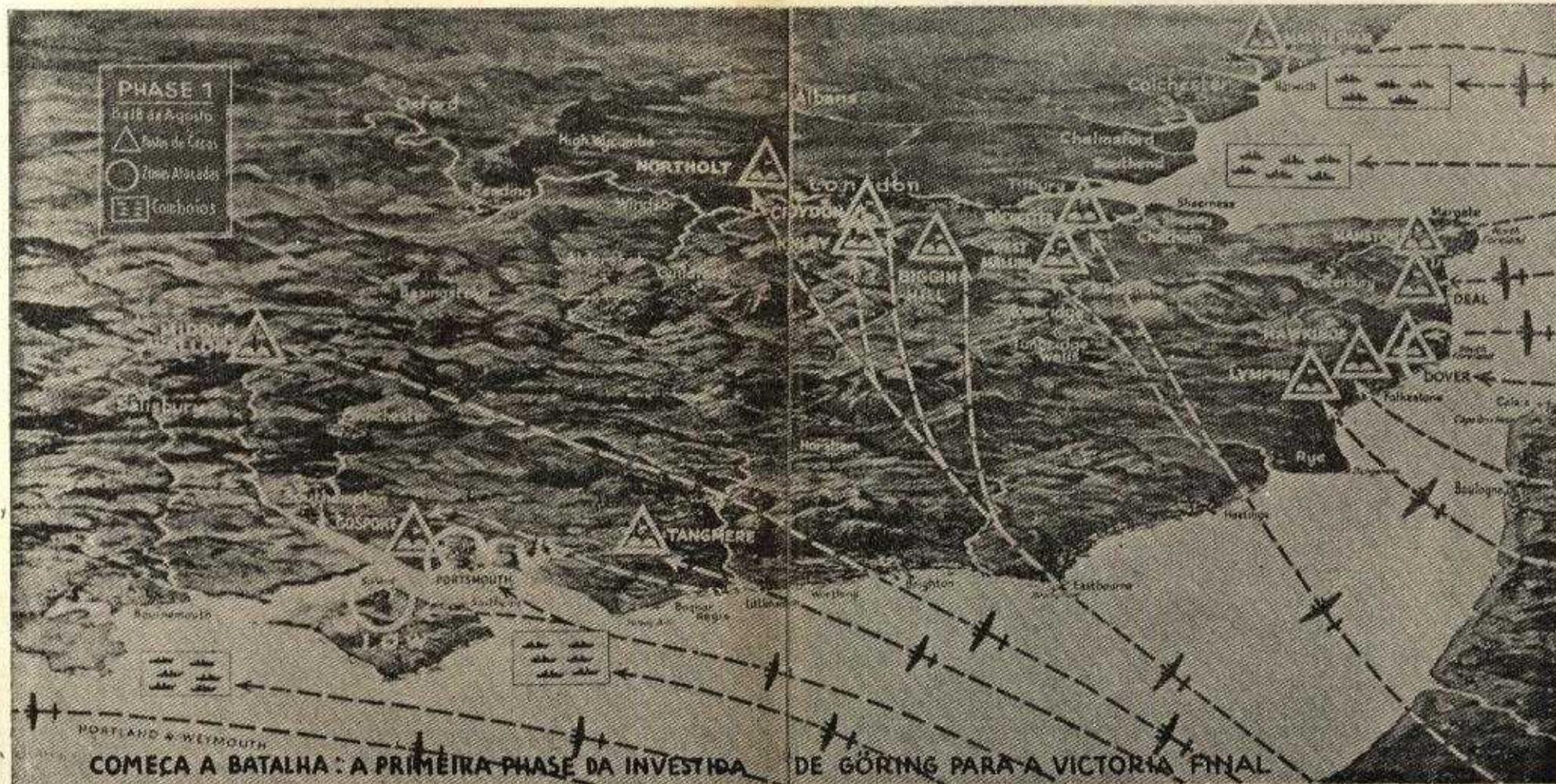
O COMANDO GERMÂNICO PROJETA UM GOLPE FULMINANTE

O "objetivo declarado" do inimigo consistia em obter uma decisão rápida afim de terminar a guerra no outono ou inicio do inverno de 1940. Para conseguir isto, a invasão da Grã Bretanha era evidentemente julgada necessária. Com esta finalidade, iniciaram-se com grande energia os preparativos oportunos por volta dos últimos dias de Junho, o mês de

Julho e a primeira semana de Agosto. Por volta do dia 8 de Agosto, o inimigo sentiu-se pronto para desfilar a fase inicial, de cujo êxito dependia seu plano. Antes de que o exército alemão pudesse desembarcar, era indispensável destruir nossos comboios costeiros, afundar ou imobilizar as unidades da Armada Real capazes de lhes disputar a passagem e, sobre tudo, varrer a RAF do céu. O inimigo, por conseguinte, lançou uma série de ataques aéreos contra nossa navegação, e nossos portos primeiramente, e contra nossos aeródromos depois.

A grande batalha dividiu-se em quatro fases: a primeira de 8 a 18 de Agosto, a segunda de 19 de Agosto a 5 de Setembro, a terceira de 6 de Setembro a 5 de Outubro e a quarta de 6 de outubro a 31 do mesmo mês. Durante esta última fase, observou-se a diminuição das incursões diurnas e, à medida que passavam os dias, o aumento das incursões noturnas. Deve-se contudo lembrar que durante toda a batalha o inimigo realizou bombardeios noturnos e diurnos, sendo que os primérios aumentavam de volume e violência enquanto os segundos minguavam.

Qual o plano que ele tentou executar nestas quatro fases? Não é possível dizer com certeza neste momento. A mentalidade germânica é metódica e imensamente laboriosa. Os planos são cuidadosamente preparados até o último detalhe, a organização é soberba e, contanto que os cálculos tenham sido corretos, o plano se realiza sem óbice. Mas vez apesar vez nos ensinou a história que, se o plano original fracassar ou se tornar irrealizável, o germano tem escasso poder de improvisação, e que, "se a corneta der uma nota incerta, quem se aprontará para o ataque?" Torna-se preciso elaborar um plano completamente novo em todos os detalhes, e uma vez isto feito, já pode ser tarde demais. No caso presente, a Luftwaffe foi incumbida de preparar o caminho ao exército alemão, esmagando a resistência inimiga, e era dogma indiscutível em Berlim que a Alemanha poderia, em qualquer eventualidade, estabelecer e manter a supremacia no ar.



O plano gral no emprego da Luftwaffe consistia em tomar e explorar o domínio absoluto do ar. Este foi o caraterístico principal da campanha da Polônia, dos ataques à Noruega e aos Paises Baixos e, mesmo em grande parte, à França. Deviam-se inutilizar os aerodromos, prendendo, assim, a força aérea inimiga ao solo. Poder-se-ia então empreender a destruição dos portos e das comunicações sem obstáculos, as forças militares do inimigo estariam paralisadas, e as divisões germânicas blindadas estariam em posição de operar sem ser molestadas. O êxito do plano significava o aniquilamento da moral da população civil, a que seguiria a desagregação interna e a rendição.

PRIMEIRA FASE — LANÇAMENTO DA OFENSIVA

Na primeira fase, o inimigo lançou formações massiças de bombardeiros, escoltados por formações similares de caças de um e dois motores. Os bombardeiros eram, na maior parte, J-87 (de mergulho), com quantidades menores de He-111, Do-17 e J-88. As escoltas de caças voavam em formações grandes e desageitadas, de 1.500 a 3.000 metros acima dos bombardeiros, razão pela qual a proteção que davam não era muito efetiva. Valendo-se destas formações táticas, o inimigo fez vinte e seis ataques durante a primeira fase. Começou por renovar os assaltos contra a nossa navegação mercante, sem dúvida porque na época considerava-se aquele o alvo mais vulnerável e mais facil de atacar, não sómente porque barcos lentos são dificeis de defender mas também porque as baixas entre os pilotos da defesa são sempre maiores quando a ação tem lugar sobre o mar. E' tambem possivel que tenham querido provar a força de nossas defesas em geral. O êxito contra estas seria de bom augúrio para a fase seguinte. Em todo caso, em 8 de Agosto dois comboios foram ferozmente atacados, um deles por duas vezes. Sessenta aparelhos inimigos de manhã, e mais de uma centena, pouco depois de meio-dia, desdobrados numa frente de 30 Km., tentaram afundar ou dispersar um comboio ao largo da Ilha de Wigth, só

conseguindo afundar dois navios. Às 16,15, mais de 130 aparelhos apareceram sobre outro comboio ao largo de Bournemouth. Conseguiram dispersá-lo, porém a custa de perdas pesadas. Três dias mais tarde o inimigo renovou o assalto, tomando por alvos as cidades de Portland e Weymouth, como também comboios no estuário do Tamisa e ao largo de Harwich. Nestes ataques, ele se valeu muito de bombardeiros de piqué, os quais nada puderam contra nosso Hurricane. Contudo conseguiram fazer alguns estragos em Portland e Weymouth. Este sucesso pode tê-lo encorajado, pois em 12 de Agosto, de manhã cedo, arremessou uns duzentos aparelhos, em onze ondas, contra Dover. Pouco antes de meia-dia, mais cento e cincuenta aviões atacaram Portsmouth e a Ilha de Wight. Já naquele momento, as perdas alemãs eram consideráveis, pois tinham sido destruídas cento e oitenta e duas máquinas.

Em 13 e 15, renovaram-se os ataques contra Portsmouth, empregando-se em alguns deles, particularmente naquele que começou pouco depois das 17 horas do dia 15, de trezentos a quatrocentos aviões. Já então o inimigo começava a se convencer de que a nossa força de combate era consideravelmente mais forte do que imaginara. Evidentemente, chegara o momento de iniciar uma ação enérgica. Os nossos caças tinham de ser aniquilados. Por esta razão, ao mesmo tempo que continuava os ataques contra as cidades costeiras, enviou forças consideráveis para tratarem dos aeródromos de nossos caças no sul e sudeste da Inglaterra; Dover, Deal, Hawkinge, Martlesham, Lmpne, Middle Wallop, Kenley e Biggin Hill, foram duramente atacadas, algumas delas repetidas vezes. Certo número de inimigos penetraram até Croydon.

AS PERDAS GERMÂNICAS ELEVAM-SE A CENTENAS DE AVIÕES

Mais uma vez a Luftwaffe causou um certo volume de danos, mas a um preço que o próprio Goering deve ter considerado excessivo. Naquele 15 de Agosto, cento e oitenta

aviões germânicos foram certamente abatidos. Até aquela data, desde o inicio da batalha, 72 aparelhos tinham sido derrubados. Apesar de tudo, mais uma vez voltou a Luftwaffe à carga, arremessando de 500 a 600 aeroplanos em 16 de Agosto, e cerca da mesma quantidade no dia 18. Rochester, Kenley, Croydon, Biggin Hill, Manston, West Malling, Gosport, Northolt e Tangmere foram os alvos principais. Novamente as perdas teutônicas foram muito elevadas. Nestes dois dias, foram derrubados duzentos e quarenta e cinco aparelhos. Um deles, um Heinkel-111, foi batido por um sargento piloto que voava num Anson desarmado do Comando de Instrução. Nunca se saberá se abalroou propositadamente o inimigo, pois os dois aeroplanos cairam ao solo engavetados, sem que ficasse um sobrevivente. Em 18 de Agosto, no ataque realizado de tarde sobre o estuário do Tamisa, uma só esquadilha, composta de treze Hurricanes, abateu, sem experimentar uma baixa, igual número de inimigos em 50 minutos.

Nos dez dias sucessivos ao inicio do ataque em 8 de Agosto, Goering tinha perdido seiscentos e noventa e sete aviões. Nossas próprias perdas durante o mesmo periodo não foram leves, pois perdemos cento e cinquenta e tres aparelhos. Salvaram-se 60 pilotos, bem que alguns deles feridos.

Este ritmo não podia continuar. Goering ordenou uma pausa e deu à sua Luftwaffe um descanso de cinco dias.

Que tinha ele pensado realizar? O estudo dos ataques mostra que começou por tentar destruir a navegação mercante e os portos das costas suleste e sul, entre North Foreland e Portland. Esta tentativa preliminar deve ter-lhe mostrado a força das nossas defesas. Seja como for, prosseguiu com seu plano, dirigindo agora a atenção para Portland e Portsmouth. Quer os objetivos fossem resistentes demais, quer ele pensasse que os quatro ataques pesados tinham conseguido seu objetivo, desviou-se dali para atacar aeródromos de caças e bombardeiros, geralmente perto do litoral. Em todo o curso desta primeira fase, a tática seguida foi a de lançar ataques contra objetivos perto do litoral, afim de atrair para longe nossos aviões de caças. Estes ataques em finta eram seguidos, trinta

ou quarenta minutos depois, por ataques verdadeiros executados contra portos e aeródromos na costa sul, entre Brighton e Portland.

O problema principal que essa tática criava era o de dispormos de suficiente número de caças prontos a se empenharem no ataque principal, logo que fosse localizado. As esquadrias dos aeródromos avançados tinham de estar de prontidão instantânea, tendo, ao mesmo tempo, necessidade de serem protegidas contra os bombardeiros e os ataques a metralhadora. Somente numa ocasião deu-se que uma esquadria fosse metralhada enquanto se reabastecia de gasolina num aeródromo avançado, e isto devido à negligência de não ter mantido em vôo, durante aquela operação, uma esquadria de proteção.

Geralmente, os ataques inimigos foram frustrados com o emprego aproximado da metade das esquadrias disponíveis para a luta contra os caças, e o resto para o ataque aos bombardeiros inimigos, que habitualmente voavam a uma altura entre 3.300 e 4.500 metros, descendo frequentemente a 2.000 ou 2.400 metros afim de arremessar suas bombas. A nossa tática de combate, neste período da primeira fase, foi a de atacar os Me-109 e os Me-110 desde a popa, modalidade de ataque que deu resultados efetivos por não estarem então blindados, estes tipos de caças. O êxito da tática de nossos aparelhos de combate pôde ser avaliado mediante uma comparação entre as nossas perdas em pilotos e as do inimigo. A proporção foi, aproximadamente, de um a sete, e poderia ter sido ainda mais notável se grande parte da luta não se tivesse travado sobre o mar.

SEGUNDA FASE — O ATAQUE CONTRA OS AERÓDROMOS INTERNOS

Entre o final da primeira fase e o início ativo da segunda houve, como já se disse, um intervalo de cinco dias que foram empregados, pelos alemães, em dilatados vôos de reconhecimento, feitos individualmente, alguns deles se entregando de



quando em vez a bombardeios esporádicos de aeródromos. Estas operações custaram-lhe trinta e nove aparelhos derrubados. As nossas perdas ascenderam a 10 aviões, salvando-se porém seis dos pilotos.

Durante esta calma, Goering evidentemente decidiu que se impunha uma mudança na escolha dos objetivos. Talvez pensasse que tinha conseguido os resultados necessários, e que Portland e Portsmouth, junto com os aeródromos costeiros, estavam praticamente inutilizados. Talvez estivesse sob a impressão de que os aeródromos internos, as fábricas e outros objetivos industriais não seriam tenazmente defendidos. E' mais provável, porém, que simplesmente deu a ordem para se iniciar a segunda fase do plano sem considerar o fracasso da primeira, quer intencionalmente, quer porque não tivesse outra alternativa. Neste novo período, tornaram-se menos frequentes os ataques de diversão nos diferentes pontos do país. O ataque principal foi agora desfechado numa frente mais ampla. Aumentou o número dos caças de escolta, e reduziu o tamanho das formações de bombardeio. Os caças de cobertura voavam a altura enorme. As formações de bombardeiros estavam também protegidas por uma caixa de caças, alguns dos quais voavam ligeiramente acima, num dos flancos ou atrás, e outro ligeiramente acima, na frente, e ainda outros evoluçãoavam entre as sub-formações dos bombardeiros. Este tipo de formação foi de bons resultados em várias ocasiões, conseguindo penetrar, por mera força de número, as defesas avançadas compostas por nossos caças, e alcançando os objetivos, após sofrerem pesadas baixas. Em outros casos, formações bastante reduzidas de bombardeiros inimigos de longo raio de ação abandonavam sem mais nem menos a escolta, mal esta entrava em combate e procediam sózinhas para o sul ou sudeste de Londres.

Foram elevadas as perdas que experimentaram, ao entrarem em contato com as linhas de retaguarda dos nossos caças.

Com a alteração tática introduzida nas suas formações, o inimigo desfechou uns trinta e cinco ataques de enverga-

dura entre 24 de Agosto e 5 de Setembro. Seu objetivo, como já se disse, era inutilizar os aeródromos internos de caças e as fábricas de aviões. No entanto, não desprezou os distritos meramente residenciais de Kent, do Estuário do Tamisa e de Essex, que em caso algum se podiam dar como de importância militar.

OITOCENTOS AVIÕES ATACAM AERÓDROMOS DE CAÇAS

Entre 24 e 29 de Agosto, o inimigo ainda mostrou interesse por Portland, Dover e Manston, pontos estes que foram pesadamente atacados. Também acrescentou novos alvos, dedicando atenção a determinadas áreas de Essex. Houve lutas duríssimas sobre North Foreland, Gravesend e Deal. Às 18,34 do dia 24, cento e dez bombardeiros e caças alemães que toparam com certo número de esquadrilhas nossas nas proximidades de Maidstone, mas fizeram meia volta e fugiram antes de se poder estabelecer contato.

No dia seguinte, voltou o inimigo a Portsmouth e Southampton, sem êxito. O ataque principal foi lançado às 16 horas, e desviou-se do objetivo. A maior parte das bombas cairam no mar. Verificaram-se também fortes ataques contra a área Dover-Folkestone, e sobre o Estuário do Tamisa e Kent, ataques que continuaram com interrupção de um dia até 30 de Agosto. Naquele dia e no seguinte, o assalto foi desviado para aeródromos internos de caças. Empregaram-se oitocentos aviões numa tentativa muito persistente, de destruir ou inutilizar temporariamente os aeródromos de Kenley, North Weald, Hornchurch, Debden, Lympne, Detling, Duxford, Northholt e Biggin Hill.

Nos primeiros dias de Setembro verificou-se pouca, se alguma, diminuição nos assaltos do inimigo. Em primeiro de Setembro houve três fortes ataques, cinco no dia 2, um no dia 3 e dois em 4 e 5. Um dos ataques no dia 2 chegou a 15 Km. de Londres, mas a maioria estava mais uma vez lançada contra os aeródromos de caças. Este foi o último

dos 35 ataques principais desfechados nesta fase. Custaram aos alemães 562 aviões positivamente destruidos. As perdas britânicas elevaram a 219 aparelhos, salvando-se porém 132 dos pilotos.

Durante estes doze dias, mudamos nossas disposições táticas afim de enfrentar a nova forma de ataque. O efeito desta medida consistiu em defrontarmos o inimigo com mais força e mais longe dos objetivos internos, enquanto as unidades que podiam iludir estas defesas avançadas tinham de se haver com as esquadrilhas da retaguarda.

Pode-se ter uma idéia da pesada tarefa da defesa, pelo fato que nestas duas primeiras fases da grande batalha, de 8 de Agosto até 5 de Setembro inclusive, não menos de 4.523 patrulhas de caça de forças diversas levantaram vôo à luz do dia, isto é uma média de 156 diariamente.

HURRICANTES E SPITFIRES DOMINAM O ESPAÇO

Que foi que o inimigo ganhou num mês de luta feroz, durante o qual ele atirou esquadrilhas após esquadrilha da Luftwaffe sem consideração do custo? Seu objetivo era, seja lembrado, trazer à terra os caças da Real Força Aérea, e destruir tantos dos seus pilotos e aparelhos, que ela ficasse temporariamente pelo menos, fóra de combate. Como já explicamos, os alemães, depois dos pesados ataques iniciais contra comboios e contra Portsmouth e Portland, concentraram seus assaltos sobre os aeródromos de caças, primeiro perto da costa e, em seguida, contra os do interior. Embora tivessem cansado danos nos aeródromos costeiros e nos do interior, levando ao máximo o grau de eficiência, exigindo assim um esforço considerável à capacidade de combate das nossas esquadrilhas de caça, fracassaram totalmente no intento de as pôr fóra de combate. O Estado Maior e os serviços terrestres trabalharam dia e noite, e na realidade não se interromperam as operações das nossas esquadrilhas de combate. Já em 6 de Setembro, ou os alemães pensavam ter alcançado êxito, e que só lhes ficava começarem o

bombardeio de Londres indefesa até a rendição, ou então, seguindo algum plano pre-estabelecido, viraram automaticamente contra Londres seu ataque, por ter chegado o momento de assim fazer.

Naqueles dias a primeira metade da batalha alcançou o ponto culminante. Ao terminarem-se, a situação de Göring tornou-se semelhante a do Marechal Ney em Waterloo quando às 16,30 ele lançou trinta e sete esquadrões dos Couraceiros de Kellermann, apoiados pela cavalaria pesada da Guarda, contra os premidos quadrados britânicos. Napoleão não pôde encontrar o apoio necessário, e o esforço de Ney resultou vã. É possível que Göring estivesse na mesma posição, embora os ataques da Luftwaffe continuassem com intensidade durante todo Setembro. Pode ser que Göring tinha decidido atacar alvos mais facilmente atingíveis que os aeródromos de nossas forças de combate. Também pôde ser que estivesse meramente seguindo um horário preestabelecido. É possível, ainda, que acreditasse serem suficientemente enfraquecidas nossas forças defensivas. O que provavelmente aconteceu pode ser explanado por uma analogia simples. Suponham um jôgo que consiste em derrubar certo número de objetos, como paus, em tantas tiradas. O jogador imaginou um plano detalhado para os atacar em séries sucessivas. Porém, os dois ou três primeiros lances falham, e o jogador prudente deter-se-ia agora para reconsiderar sua tática. Pode continuar com o plano e ganhar, ou deve abandoná-lo e tentar outro? Mas este jogador Göring está tão certo de ganhar, que continua o jôgo, sem deter-se a considerar se foram bem sucedidos ou não os primeiros lances. Repentinamente, quando sómente lhe restam um ou dois turnos, observa que absolutamente não pode ganhar seguindo a tática do plano preestabelecido, e realiza, então, um esforço desesperado para abater o lote todos os paus com os tiros restantes. Isto talvez não seja mais que mera suposição. Mas os fatos nos revelam que em 7 de Setembro Göring desviou o ataque dos aeródromos de caças

para alvos industriais e outros, e começou com Londres como objetivo principal.

TERCEIRA FASE — LONDRES CONTRA GÖRING

Os ataques contra Londres em 7 de Setembro foram realizados em duas ou três ondas distintas, a intervalos de 20 minutos, sendo de quasi uma hora a duração do ataque todo. As ondas eram compostas de formações de vinte a quarenta bombardeiros com número igual de caças escoltando de perto, mais uma proteção suplementar fornecida por grandes formações de outros caças voando muito mais alto. A maioria dos aviões alemães veiu a mais de 5.000 metros de altitude, com tempo claro, o que fez dificílima a tarefa dos Corpos de Observação.

Também neste momento reapareceram os bombardeiros de mergulho, realizando ataques contra objetivos costeiros e a navegação ao largo dos condados de Essex e Kent. Constituiam apenas uma diversão, pois entraram em ação quando iam em franco progresso os ataques massiços dos bombardeiros de longo raio de ação. Durante a noite, os alemães aumentaram os ataques empregando unidades avulsas, que não tentaram alcançar alvos militares, e sim se contentaram com atirar bombas a esmo sobre a imensa área de Londres.

Todos os ataques, contudo, eram essencialmente idênticos. A aviação germânica se aproximava em uma ou outra das várias formações descritas. Em algum ponto entre a costa e Londres, geralmente na área Edenbridge-Tunbridge Wells, mas às vezes mais perto do mar, nossos caças entravam em contato com as esquadrias alemãs. Os Spitfires se encarregavam dos caças que voando a prodigiosa altura, formavam cortina de proteção para cobrir o ataque inimigo.

Os Hurricanes, que tinham levantado vôo em primeiro lugar, empenhavam-se com os caças da escolta, enquanto outras esquadrias se lançavam contra os bombardeiros. Lutas singulares se realizavam por sobre todo o condado de Kent. O ar vibrava durante alguns minutos — nunca muitos

— com o crepitante contínuo das metralhadoras. Pessoas que as observaram do chão descreveram o ruído como semelhante ao que faz um garoto na rua próxima ao correr um pau ao longo de uma grade de ferro. Como fundo daquele ruído, havia o longínquo roncar de centenas de motores que, às vezes, subia a notas gritantes quando caia ao chão algum caça ou bombardeiro inimigo ferido, ou ele procurava sua base perdendo altura e perseguido por Spitfires e Hurricanes em mergulho vertiginoso. As vezes, os espectadores, como aconteceu com os na torre de Hever Castle, viam o campo do céu azul subitamente desabrochando em brancas flores de paraquedas. O sol quente daqueles dias magníficos de Setembro refletia-se nos destroços sempre em aumento dos aparelhos abatidos, que ostentavam nas asas a Cruz Preta da Prússia ou o símbolo ganchoso do poder nazista. Tão numerosos eram que, durante o período de mais de quinze dias, foram necessários, para guardá-los, mais de dois batalhões da infantaria Britânica aquartelada nas baixadas do Sul.

O ULTIMO LANÇO

O ataque contra Londres e arredores foi o ponto crítico da batalha. Continuou com pouca pausa desde 7 de Setembro até 5 de Outubro, e constituiu a última tentativa desesperada para conseguir a vitória. Esta já se não podia alcançar a baixo custo, pois a Luftwaffe tinha experimentado perdas terríveis. Mas talvez ainda fosse possível destruir Londres e assim ganhar a guerra. Mão grado a luta renhida dos dois meses anteriores, as defesas da RAF continuavam a pelejar com o mesmo ardor de sempre. Tinham de ser vencidas antes de Londres se ver à mercê de Hitler. Göring continuava a pôr fé na superioridade numérica, que finalmente ganharia a partida. Tinham-lhe proporcionado triunfos rápidos em Polônia, Noruega, Países Baixos, Bélgica e França; talvez pudesse também na Grã Bretanha trazer a vitória. Ele pôs toda sua força numa tentativa suprema para derrubar todos os paus a qualquer preço. A Luftwaffe desfechou, de

dia, 38 ataques de grande envergadura entre 6 de Setembro e 5 de Outubro.

Depois de arremeter de manhã, de tarde e à noite durante todo o dia 6 de Setembro contra os nossos aeródromos interiores de caças, a Aviação Alemã fez um esforço tremendo, no dia 7, afim de chegar a Londres e destruir as docas. Trezentos e cincuenta bombardeiros e caças voaram em duas ondas do leste de Croydon até o Estuário do Tamisa, chegando alguns a penetrar até perto de Cambridge. O choque com os nossos verificou-se sobre Kent e o Leste de Surrey, mas certo número conseguiu passar, e foram atacados sobre a própria capital. Pela primeira vez desde aquele dia de Setembro de 1666, em que Mr. Samuel Pepys informou ao Rei, em Whitehall, que City estava em chamas, os londrinos viram incêndios lavrarem em diversos pontos dos distritos densamente povoados de Dockland e Woolwich, enquanto todas as emissoras alemãs irradiavam comentários sobre a ação, nos quais a imaginação e as fantasias do desejo se misturavam harmoniosamente. Londres não se saiu incólume. Foram inflingidos danos em edifícios portuários, várias fábricas, comunicações ferroviárias, usinas de gaz e centrais elétricas. Também o inimigo sofreu. Cento e três aviões germânicos foram derrubados. Estas perdas elevadas abalaram o Alto Comando Alemão, pois apesar de continuarem os ataques renovadamente, evidentemente as coisas não iam bem. Todavia, a Luftwaffe perseverou com grande tenacidade e coragem, lançando em 9 de Setembro pesados ataques, durante os quais foram empregados vários bombardeiros quadri-motores; em 11, quando uns 30 aviões penetraram no centro de Londres; em 13 e ainda em 15. Os que conseguiram passar, no dia 11, foram tão rudemente tratados por nossos caças, que as perdas entre as tripulações se estimaram em um mínimo de 250 homens. No dia seguinte, um único avião alemão transpôs as defesas, mediante uso hábil da proteção de uma nuvem, e bombardeou o Palácio de Buckingham de manhã. No dia 15 de Setembro, alcançou-se o ponto culminante. Quinhentos aviões alemães, 250 de manhã e

mais 250 de tarde, empenharam-se numa luta corrida com nossos Hurricanes e Spifires, desde Hammersmith até Dungeness, de Bow até a costa francesa. Mais adiante se descreverá este encontro detalhadamente. Custou ao inimigo 185 aparelhos certamente destruídos. Aliás entre 6 de Setembro e 5 de Outubro, ele já tinha perdido 883 aeroplanos.

Já não é preciso descrever detalhadamente o resto da luta, que durou até 31 de Outubro. Já o bastante se disse para mostrar a natureza do esforço germano, bem como da nossa defesa. Houve porém mais três ataques principais nas datas de 27 de Setembro, 30 de Setembro e 5 de Outubro.

Assim, entre 11 de Setembro e 5 de Outubro, o inimigo desfechou de dia 32 ataques de grande envergadura. Em todos eles foram empregados bombardeiros, aumentando constantemente a escolta, até a proporção chegar a quatro caças por bombardeiro. Daqueles ataques, quinze se realizaram na área de Londres, dez em Kent e Estuário do Tamisa, seis em Southampton e um em Reading. Enquanto estes últimos ataques eram bem executados e levados adiante com ardor, os realizados contra Londres demonstraram menos determinação que os dos estragos iniciais da luta. Em muitas ocasiões o inimigo alijou suas bombas antes de alcançar seus objetivos aparentes, mal entrava em contato com os nossos caças. Em todo este período, os bombardeios foram na maior parte realizados de grande altura. Afim de facilitar a seus bombardeiros o chegarem até seus alvos, os alemães tentaram afastar nossas patrulhas de caças por meio da altura antes do que por dispersão geográfica. Mandavam bem ao alto cortinas de caças para entreterem os nossos, enquanto os bombardeiros escoltados de perto por outros caças, tentavam furar a defesa a 2 ou 3.000 metros mais baixo.

O EXITO DAS INTERCEPÇÕES DOS CAÇAS BRITÂNICOS

A medida que avançava o outono e o céu mais se carregava de nuvens, o inimigo foi aumentando a participação de caças que voavam a grande altura acima das nuvens. Cos-

tumava mais geralmente destacar uma forte cortina destes caças sobre Kent, 15 a 45 minutos antes de os bombardeiros aparecerem. O objetivo, evidentemente, era o de atrair nossos aviões de combate, esgotar-lhes a gasolina e, assim impossibilitá-los de enfrentarem os bombardeiros. Às vezes, porém, os caças inimigos de vôo alto apareciam apenas minutos antes dos bombardeiros, que por sua vez vinham escoltados por mais caças. Estas escoltas normalmente dividiam-se em duas partes: uma forte formação acima e em ambos os flancos ou atrás dos bombardeiros, e uma formação pequena no mesmo nível ou ligeiramente mais abaixo que os aviões que protegiam.

A cortina de caças de vôo alto era atacada por esquadrilhas trabalhando em pares à metade do caminho entre Londres e a costa, enquanto alas compostas de 3 ou 4 esquadrilhas de Hurricanes atacavam os bombardeiros e sua escolta, antes que alcançassem os aeródromos dos caças, a leste e sul de Londres. Outras esquadrilhas formavam um terceiro anel interno, patrulhando por sobre estes aeródromos, formando uma cortina defensiva para guardar as vias de acesso à capital do lado do Sul.

Estas interceptavam a terceira onda de qualquer ataque, e destruiam as formações retirantes pertencentes a ondas anteriores. Pode-se avaliar o sucesso desta tática pelo número de baixas infligidas aos germânicos. Entre 11 de Setembro e 5 de Outubro, o grupo n.º 11, do Comando de Caça, destruiu, ele só, 442 aviões por certo, e isto com a perda de 58 pilotos, o que dá uma proporção de sete e meio aparelhos inimigos por um piloto britânico perdido.

Chegou e passou Setembro, e ao final da primeira semana de Outubro, os nossos aeródromos estavam restabelecidos dos danos que lhes tinham sido causados em fim de Agosto e começo de Setembro. Aumentou a percentagem de raids interceptados, bem como as baixas do inimigo, enquanto as nossas decresciam continuamente. Por exemplo, em 27 de Setembro, o Grupo 11 destruiu 99 aeroplanos inimigos, em um total, naquele dia, de 133, com perda de 15 pilotos, isto

é uma proporção de seis e meio por um. Três dias depois, quando destruímos 32 aparelhos inimigos, a proporção subiu a 16 por um, e em 5 de Outubro sómente se perdeu um piloto contra 22 inimigos derrubados. Amiude uma única esquadilha conduzida por um chefe de ânimo agressivo bastava para desmanchar uma formação inimiga de bombardeiros. Em três ocasiões um único Hurricane pilotado por um Comandante do Setor conseguiu que o inimigo alijasse as bombas bem longe do alvo. O peso maior de toda esta luta recaiu sobre o Grupo n.º 11. Quando necessário, este Grupo era reforçado por elementos dos Grupos núms. 10 e 12, que foram particularmente aproveitados durante o período dos ataques pesados contra Londres.

Da intensidade da batalha pode dar uma idéia o fato de, entre 8 de Setembro e 5 de Outubro inclusive, terem realizado vôos 3.291 patrulhas diurnas de diferentes forças, e de 6 de Outubro até o último dia daquele mês 2.786, o que perfaz um total de 6.077 vôos, naqueles 55 dias.

QUARTA FASE — RETIRA-SE A LUFTWAFFE

Em 6 de Outubro começou a quarta e última fase da batalha. O inimigo mudou então completamente sua estratégia e seus métodos de ataque. Retirou quasi todos os bombardeiros de longo raio de ação, intentando alcançar seus fins com o emprêgo de caças e bombardeiros de combate. Esta mudança é a prova mais concludente de que tinha recebido tamanho castigo que lhe resultava caro demais qualquer ulterior empreza de sua diminuida força de bombardeiros em ataques diurnos. Preferiu enviá-los à noite, o que fez em formações crescentes. Foi o seguinte o emprêgo tático que fez dos seus caças bombardeiros de combate — uns poucos dos quais eram Me.-110, a maioria sendo constituída por Me.-109, providos de um porta-bombas improvisado que lhes permitia transportar um par de bombas à velocidade de 480 Km. horários:

Em ondas quasi contínuas lançavam-se contra Londres, ainda o alvo principal, formações massivas, que voavam a enorme altura. Sem dúvida o inimigo contava desgastar nossas defesas por este sistema, obrigando-as a se empenhar em luta, em altitudes muito maiores, com forças que se aproveitavam o melhor possível da proteção de nuvens muito altas. Nos primeiros estragos, diminuiu o tamanho das formações usando patrulhas de seis a nove aviões. Os bombardeiros de combate eram cada vez mais defendidos por caças Me-110. Evidentemente, porém, este novo plano também não lhe trouxe os benefícios que esperava, pois na terceira semana de Outubro voltou de novo às grandes formações voando a uma altura de 10.000 metros e mais. Afim de que possam transpôr as defesas, os alemães voltaram à tática da diversão. Todas as vezes que o tempo era suficientemente bom, ondas de caças apareciam quasi continuamente sobre o suleste da Inglaterra. Aproveitando a proteção assim oferecida, os bombardeiros de combate voando a grande altura, faziam rápidas incursões contra a zona de Londres. Contudo, mal divisavam nossos caças, amiude alijavam sua carga de bombas e fugiam. De fato, mostravam pouca inclinação à luta, mas quando o faziam era com a vantagem da surpresa, devido à grande altura a que voavam.

NEUTRALIZADA A DERRADEIRA TENTATIVA

Nossa própria tática foi imediatamente modificada com tanto êxito que o Grupo n.º 11 deu conta de 167 aviões inimigos em três semanas e meia. O custo para o Grupo elevou-se a 45 pilotos. Neste período, cresceu consideravelmente o número de aviões inimigos provavelmente destruidos, pois devido à grande altura em que se travavam os combates, nossos pilotos não podiam ver a sorte definitiva dos aviões alemães que caíam em direção ao mar depois da luta. Reveiou-se extremamente severo o esforço físico para lutar a 10.000 metros de altura e mais.

Pode-se vislumbrar uma sensação de desespero nos corações da Luftwaffe durante esta fase final da batalha. Apesar de todas as suas tentativas — que foram variadíssimas — nossas defesas mostraram-se não somente intatas, mas também invulneráveis. De vez em quando, algum que outro Me-109, ou alguma formação pequena as transpunha e alcançava Londres, mas o peso das bombas que conseguiam atirar era apenas uma fração pequena do que foi lançado nas jornadas de Agosto e Setembro. Além do mais, havia pouco empenho em alcançar alvos com alguma precisão. Não pôde haver população de Londres. Durante os primeiros tempos, muita prova melhor do fracasso inimigo do que a fornecida pela gente procurava refúgio ao ouvir as sereias. Agências dos Correios, Ministérios e outras Repartições Públicas, bem como as grandes lojas, fechavam as portas e enviavam o pessoal e o público presente aos abrigos anti-aéreos. Mas logo se observou que a maior parte do barulho, em nada comparável com a barragem noturna que cedo se tornou o acompanhamento contínuo do sono dos londrinos, era produzido pelos tiros de metralhadoras e não pela explosão das bombas. Os traços de fumaça branca formando lindos e complicados arabescos no céu estival da capital, eram frequentemente o único indício de que a Luftwaffe estava sobre Londres. O espetáculo agradava à vista e fornecia matéria para comentários nas ruas e logradouros públicos. Em breve, contudo, até estes espetáculos cessaram de atrair particularmente a atenção. À medida que transcorriam os dias, o londrino, sempre confiante na capacidade da RAF para o proteger nas horas do dia, começou a considerar esta proteção como coisa natural. Salvo quando os vigias dos telhados — os "Jim Crows" do Primeiro Ministro — anunciam a iminência do perigo, a vida continuava seu curso normal, como ainda faz.

Não se pôde prestar maior tributo de admiração para os homens das Esquadrilhas de Combate.

15 DE SETEMBRO DE 1940 — O DIA MAIS GRANDIOSO

O que precede é um sumário, forçadamente breve e falho já que a batalha é demasiado recente para podermos escrever um relato completo — dos três meses de combates aéreos quasi contínuos. Para melhor se lhes compreender a natureza, é necessário examinar, em maior detalhe, um único dia de luta. O Domingo, dia 15 de Setembro, é tão bom como outro qualquer. Foi um dos "grandes dias", como foram cog-nominados, e as ações então feridas foram descritas pelo Primeiro Ministro, na Câmara dos Comuns, como "as mais bri-lhantes e frutíferas de quantas foram travadas em grande escala, até aquela data, pelos caças da Real Força Aérea". O inimigo perdeu cento e oitenta e cinco aparelhos. Eis o que aconteceu.

O dia 15 de Setembro, domingo, amanheceu ligeiramente brumoso no suleste da Inglaterra, mas, por volta das oito horas, limpou-se a atmosfera, formando-se ligeiros cúmulos a uma altura de 600 a 900 metros. A extensão das nuvens variava, e em certos lugares eram suficientemente compatas para produzir ligeiros aguaceiros locais. Contudo, a visibi-lidade foi geralmente boa durante todo o dia, soprando ligeira brisa do oeste, que mudou para noroeste, à medida que avan-cava a manhã.

As primeiras patrulhas inimigas apareceram pouco depois das 9 da manhã, assinaladas no estreito da Mancha, no estuário do Tamisa, ao largo de Harwich e entre Lympne e Dungeness. Aproximadamente às 11 e 30, Göring lançou a primeira onda do ataque matutino, que se compunha de cem ou mais aeroplanos, e, em seguida, mais cento e cincocenta. Estes cruzaram a costa inglesa em três pontos principais: perto de Ramsgate, entre Dover e Folkestone, e a dois ou três quilômetros ao norte de Dungeness. O objetivo era Londres. Esta força formidável se compunha de bombar-deiros Dornier-17 e 215, escoltados pos Me.-109. Voavam a alturas diversas entre 5 e 9.000 metros. Do chão, as for-mações germânicas pareciam pontinhos pretos, encabeçando

longas esteiras brancas de vapor; do ar, pareciam manchinhas que rapidamente cresciam. No início davam a impressão de modelos em miniatura, e logo, com o encurtamento da distância, pareciam grandes aviões.

Imediatamente travou-se a luta com furia durante uns três quartos de hora, sobre o leste de Kent e Londres. Uns cem bombardeiros alemães irromperam através nossas defesas e alcançaram os bairros oriental e meridional da capital. Certo número deles foi interceptado sobre o centro da própria City, no momento certo em que Big Ben dava as badaladas do meio-dia.

Para se compreender a natureza do combate, deve-se relembrar que os aparelhos que nele tomavam parte voavam a uma velocidade de 500 a 650 Km. horários. Em tal velocidade, não têm significação quasi os nomes dos lugares. Por exemplo, o inimigo podia ter sido interceptado sobre Maidstone, mas destruído só a poucos quilômetros de Calais. "Lugar do combate: entre Hammersmith e Dungeness" ou "entre Londres e a costa francesa". Fases como estas, nos Relatórios das Patrulhas de Informação, põem em forte relevo a extensão da zona sobre a qual se feria a batalha. Isto posto, é talvez mais conveniente não se tentar delimitar o o logar do ataque com demasiada precisão — tarefa quasi irrealizável — sinão referir-se a ele, simplesmente, como a região da Baixada Meridional da Inglaterra, por exemplo.

De fato a batalha teve lugar, aproximadamente, num cubo de 130 quilômetros de comprimento, 60 de largura e 8 a 10 de altura. Naquele espaço, entre o meio-dia e algo mais de meia hora depois, desenrolaram-se uns 150 a 200 combates singulares, muitos dos quais finalizaram em perseguições implacáveis até dois ou três quilômetros da costa francesa.

"ACHTUNG, SCHPITFEUER"

Dezesseis esquadrilhas do Grupo 11, seguidas de cinco dos Grupos 10 e 12, levantaram vôo para travar combate,

Pouco tempo depois, todas as esquadrilhas, salvo uma, entravam em contato com o inimigo. Cinco esquadrilhas de Spitfires lançaram-se ao ataque contra as formações germânicas, na área Maidstone-Canterbury-Dover-Dungeness. Os Spitfires entraram em ação pouco antes que os Hurricanes, que estabeleceram contato mais atrás, entre Maidstone, Tunbridge Wells e o sul de Londres.

Os alemães voavam, esta vez, em diversos tipos de formações. Os bombardeiros estavam geralmente centenas e até milhares de metros por baixo dos caças, mas, às vezes, esta posição era invertida. Os bombardeiros voavam em Vics (formação em V) de cinco a sete unidades, ou em linhas de cinco de frente ou em figura de losango.

Geralmente os Me.-109 voavam em "V". Um piloto descreveu a força atacante alemã, voando em grupos pequenos de nove, dispostos em três ordens sucessivas, como as divisas de sargento. Cada grupo de nove estava neste caso apoiado por um grupo de nove Me.-110 de caça, com alguns monoplaces, Me.-109, ou He.-113, voando em círculo, a grande altura sobre eles.

Rapidamente, o inimigo verificou que nossa defesa estava alerta e ativa, pois podiam-se ouvir os pilotos germânicos chamando de um para outro por meio de seus rádio-fones: "Achtung, Schpitfeuer!". Em verdade, precisavam permanecer atentos. Nossos pilotos abriam fogo a uma distância média de 250 a 200 metros, aproximando-se, em ocasiões, até 50 metros. Muitos dos aparelhos de combate inimigo pertenciam às famosas esquadrilhas do Focinho-Amarelo, embora algumas o tivessem branco, e até às vezes vermelho.

"JUSTIFICAÇÃO DA NOSSA NOVA TÁTICA"

Uma vez travada a luta, as formações regulares frequentemente se desmanchavam e cada piloto escolhia um adversário singular. O relato seguinte de um dos combates pode ser considerado bom exemplo dos demais.

Um piloto, cuja esquadrilha atacava em escalão de estibordo, mergulhou, com sol nas costas, sobre um Me-109 que explodiu após receber a primeira descarga. Já porém viu que outro Me-109 se lhe avizinhava pela cauda. Virou, enquadrou-o nas suas miras e incendiou-o com varias rajadas de metralhadora. Achando-se agora distanciado de seus camaradas, voltou à sua base. Dispondo-se a aterrizar, recebeu uma mensagem comunicando-lhe que o inimigo se encontrava acima. Levantou a vista e viu um grupo de Dorniers a 4.500 metros, subiu e atacou-os. Conseguiu uma rajada contra um dos Dorniers; outros caças nossos uniram-se-lhe para ajudar. O aparelho inimigo espatifou-se numa floresta, explodindo.

Enquanto os Spitfires e Hurricanes estavam lutando sobre Kent, outros Hurricanes lidavam com as unidades inimigas que tinham conseguido, a puro peso de quantidade, atravessar as defesas e chegar aos subúrbios de Londres. Quatorze Esquadrilhas de Hurricanes, quasi imediatamente reforçadas por mais três Esquadrilhas de Spitfires, encarregaram-se da tarefa, lançando-se todos ao ataque entre as doze horas e doze e meia. Seguiu-se uma refrega geral e continua que se estendeu desde Londres até a costa e ainda mais além.

Aqui nos deu a vitória a tática tão cuidadosamente estudada e tão assiduamente praticada. Vejamos como descreve os resultados um Chefe de Esquadrilha.

"O dia 15 de Setembro — diz ele — amanheceu claro e sereno em Croydon, e aparentemente assim foi durante todas aquelas empolgantes semanas de Agosto e Setembro. Para nós porém era meramente mais um dia. Não tínhamos interesse algum na entrada de Hitler em Londres; a maior parte de nós se perguntava se poderíamos terminar o pequeno almoço antes de a "blitz" começar. Tivemos sorte.

"Só às 9,30 as sereias começaram a lançar seus lamentos e recebemos a ordem de nos formar a 6.000 metros de altura. Quando estávamos escalando o espaço em direção sul, vimos, a 5.000 metros, 30 Heinkels apoiados por 50 Me-109, que

voavam a 1.200 metros acima, e vinte Me-110 no flanco, aproximando-se de nós, de cima.

Viramos e continuamos a subir, voando na mesma direção que os bombardeiros, toda a esquadrilha em linha escalonada, com o sol a bombordo, afim de cada homem poder ver bem o inimigo.

"O grupo "A" regulou seu ataque à perfeição, descendo no sentido do sol num mergulho potente contra o flanco esquerdo do inimigo. No momento em que cada qual escolhia seu particular adversário, a escolta de Me-110, num rugido de motores, entrou para tentar interceptar-nos com fogo de canhão, a uma distância de 1.000 metros, mas chegaram tarde, dois segundos tarde, para travar combate com nossos caças, em tempo preciso, porém, para os fazer hesitarem e errarem o bombardeiro chefe. Dois Heinkels afastaram-se da formação.

"Entretanto, num relampago os Me-110 desapareceram da vista, deixando o caminho franco para o grupo "B", pelo tempo que os Me-109 permanecessem acima. O chefe do grupo "B" sabia aguardar sua oportunidade, mas, no instante em que se dispunha a lançar-se ao ataque, os Heinkels fizeram a cousa mais inesperada. Viraram para o sul, contra o sol e contra ele. Com a primeira descarga, o chefe deu conta do bombardeiro da dianteira, que explodiu com tamanha força que arrancou uma asa de outro que se achava à sua esquerda. Uma leve viragem, e mais uma rajada das metralhadoras fez com que o Heinkel da direita desaparecesse da formação, deixando fumaça por ambos os motores. Antes de regressar, abateu ainda um Me-109. Quatro aviões destruídos pelo preço de 1.200 tiros são a melhor justificação da nossa nova tática".

CAINDO CADA POUCAS MILHAS

Deve-se ter presente que este grande combate consistiu em ataques de Esquadrilhas, seguidos de inúmeros combates singulares todos travados mais ou menos no mesmo instante,

por sobre esta vasta área. As esquadrilhas que voavam em ou grupos de três unidades entravam em ação contra forças inimigas semelhantemente dispostas. Depois do primeiro ataque, na medida do possível realizado fora do sol, separavam-se e travavam-se duelos singulares em todo o céu.

Convém registrar alguns dos incidentes mais notáveis.

Houve, por exemplo, os ataques em mergulho realizados uma Esquadilha de Spitfires, que duas vezes atravessaram uma formação de bombardeiros inimigos, fazendo de cada vez ataques em feixe. Esta tática produziu no inimigo a maior confusão. Os bombardeiros voltaram quasi às cegas, ao que parecia, caindo em chamas ou em mergulhos incontroláveis, cada poucos quilômetros da viagem de retorno. Um daqueles aviões, do qual a capa e a parte superior da cabine voaram pelos ares, alijou toda a tripulação, que se atirou de paraquedas, com exceção do metralhador de popa, que foi visto pendurado na escotilha inferior de escape até que o aparelho sumisse numa floresta, quinze quilômetros a leste de Canterbury.

Outro caso foi o do piloto que atacou duas vezes seguidas um Me-109 que de cada vez procurou escapar em mergulho quasi vertical. O primeiro, realizado de 7.000 metros, foi bem sucedido, pois o piloto alemão endireitou o aparelho, só para verificar que o piloto britânico o tinha seguido até em baixo e já estava no seu encalço. "Naquele momento disse o piloto inglês —eu ia a maior velocidade que o aparelho inimigo, e continuei a atirar até ter de me desviar à direita para evitar uma colisão". Suas rajadas de metralhadora tinham feito bom efeito, pois o alemão nunca voltou a se restabelecer, mas ficou caindo até penetrar nas nuvens, a uns 2.000 metros abaixo, tendo então o piloto britânico que restabelecer sua posição, pois seu aparelho ia a uns 779 Km. por hora. "Atravessei então as nuvens a velocidade razoável — disse no relatório — e vi os destroços do aeroplano inimigo em labaredas violentas... Subi atravessando as nuvens, evitando, por pouco, chocar-se com um Ju-88 que estava ardendo e era atacado por vários Hurricanes".

Tambem temos o caso do Dornier que se espatifou logo fóra de Victória Station. Membros da tripulação desceram em paraquedas no Kennington Oval, enquanto o piloto do Hurricane que o havia derrubado e cujo aparelho caiu em espiral incontrolavel quando o inimigo explodiu embaixo dele, aterrissou a salvo em Chelsea. Contudo, as esquadrilhas do "focinho amarelo", elite da força aérea alemã, realizaram galhardamente sua tarefa, mostrando maior habilidde que outros camaradas seus menos adextrados. Observou-se que comumente atacavam em pares, dispostos em fila, a uns 70 metros de distância.

Em ocasiões, o fogo a distância resultou ser efetivo. A regra geral era o combate a curta distância, mas está documentado que um Hurricane atirou contra um aparelho inimigo, mais veloz do que ele e prestes a lhe escapar, acertando a 750 metros. Isto fê-lo diminuir a velocidade, e a segunda salva foi-lhe dada a 50 metros. Finalmente, deu-lhe o gojipe de misericórdia a 22 metros. Outro piloto de Hurricane, que tinha abandonado um combate porque o sistema de refrigeração do seu motor estava desarranjado e que portanto voltava à base, encontrou um Me-109 solitário, que ele perseguiu até sair do sol e derrubou a ditos à distância de 504 metros.

Nesta fase da luta, patenteou-se que os pilotos inimigos de bombardeio não se sentiam à altura dos britânicos. Observou-se geralmente que mal se estabelecia contato, alijavam as bombas, desfaziam a formação e empreendiam imediatamente o regresso à base. Assim foi que vinte Dorniers-215 foram encontrados sobre as Docas de Londres, voando em formação de losango, escoltados por Me-109s, remontados sobre eles a 7.000 metros. A formação foi desmanchada por um ataque lateral horizontal, o que permitiu à esquadrilha de intercepção persegui-los sem trégua e derrubar a maior parte.

As vezes, no meio da confusão da luta esforçada, as esquadrilhas britânicas achavam-se temporariamente em superioridade numérica. Assim, às 12,15, um contingente mixto de Hurricanes e Spitfires que reunia a maior parte de cinco

Esquadrilhas, voava ao sul do Tamisa, nas alturas de Hammersmith. Lá encontraram uma força inimiga inferior e fizeram terríveis estragos.

Mas raramente acontecia termos vantagem numérica. O inimigo, no entanto, parecia incapaz de aproveitar a sua. Um único Hurricane, por exemplo, encontrou doze Messerschmitts de "focinho amarelho", voando diretamente de encontro a ele. O piloto mergulhou por baixo deles para surgir imediatamente por detrás e derrubar o último aparelho da formação. Como ainda tivesse forte velocidade, fez meia viragem no fim "loop", e pôs-se a perseguir a formação inimiga que, aparentemente não tinha reparado na sorte do camarada da retaguarda. O piloto britânico então destruiu mais um aparelho da retaguarda e avariou outro antes de os alemães se darem conta do que estava acontecendo, mas, estando com inimigo na proporção de nove para um, viu-se forçado a interromper a ação.

A batalha estava terminada pelas 12,30, e até que os cidadãos de Londres e os do sul da Inglaterra se sentassem à mesa de almoço naquele domingo, o inimigo estava em plena debandada em direção às suas bases no norte da França. Um daqueles cidadãos tinha motivo especial para se alegrar com o resultado da luta. O Primeiro Ministro tinha passado a manhã numa das Salas de Operações do Grupo n.º 11. Observou-se, que pela primeira vez, o charuto ficou apagado enquanto ele seguia os rápidos incidentes do combate, representados no mapa de mesa que lhe estava à frente.

Umas unidades inimigas tinham conseguido penetrar momentaneamente até o centro da capital, mas arremessaram sómente umas poucas bombas. O canhoneio era vivo demais; as defesas, fortes demais. Naquela manhã dos 250 aeronaves calculados no ataque, setenta isto é 28%, foram vistos espatifarem-se, mais dez foram considerados como provavelmente destruidos, e vinte e oito foram vistos por nossos pilotos abandonarem a luta muito avariados. Estes algarismos, compilados imediatamente depois do combate e de acordo com as regras muito estritas aplicadas pela RAF aos relató-

rios dos pilotos, estão provavelmente abaixo das baixas infligidas. Mesmo assim, a Luftwaffe perdeu um pouco mais que 43% dos aparelhos que participaram daquele ataque matutino.

A SEGUNDA ONDA DE ATACANTES VESPERTINOS

Mão grado o barulho e a fúria da batalha naquele radian-
te dia de outono, os londrinos defrutarão tranquilidade na
na hora do almoço. Produziu-se um período de calma de uma
hora e meia. Em seguida, pouco depois das quatorze horas,
novas forças inimigas voltaram à carga, em número aproxi-
madamente igual ao que tinha sido lançado ao ataque de
manhã. A aviação alemã atravessou a costa perto de Dover
em duas vagas, a primeira composta de cento e cinquenta
aparelhos e a segunda de cem. Estas formações espalharam-
se sobre o sul-oeste e sudoeste do Condado de Kent e sobre
Maidstone.

Antes de poder ir mais adiante, foram interceptadas pe-
los caças da RAF. Levantaram vôo 21 Esquadrilhas, e 21
Esquadrilhas entraram em contacto com o inimigo. Desta vez,
o número de aparelhos de cada lado era quasi igual, de forma
que a superioridade combativa das forças britânicas se evi-
denciou imediatamente. Os nossos aeroplanos de combate
se atiraram para dentro das formações inimigas, rasgando no
meio delas como faca em pano de algodão. Esta a impressão
do som que se ouvia no chão. A defesa britânica agiu com
tanta determinação, tão efetiva foi a tática, que novamente
foram desmanchadas as formações alemãs. Tinha chegado
a oportunidade para que cada piloto escolhesse um inimigo
separadamente, em poucos minutos o céu era novamente
campo de batalha. Em todo aquele espaço, do estuário do
Tamisa até Dover, de Londres ao litoral se estavam ferindo
uma multiplicidade de encarniçadas batalhas singulares. Em
pouco tempo, desmancharam-se as esquadrilhas, tanto assim
que duas que tivessem levantado vôo juntas da sua base,

quinze minutos depois podiam estar lutando separadas, a 80 Km de distância.

Nada houve de improvisado na intercepção do inimigo. Ela foi possível em tamanha escala e demaneira tão eficás, só porque cada detalhe tinha sido estudado e experimentado nos combates dos meses anteriores. De maneira que, à medida que chegavam informações anunciando a aproximação das forças alemãs, podíamos lançar do ponto tático preciso, esquadrilhas em número suficiente para conseguir a intercepção completa e os resultados mais satisfatórios, sem dispersarmos as forças. Nesta segunda investida em peso, foram aplicados os principios gerais que tão bons resultados deram nos assaltos anteriores. Certas Esquadrilhas foram destacadas para enfrentar a cortida inimiga de caças de grande altura, a meio-caminho entre Londres e a costa. Isto permitiu que os outros atacassem as formações de bombardeiros e suas escoltas imediatas antes que alcançassem a linha de aeródromos de combate a leste e ao sul de Londres. Aqueles dos aparelhos inimigos que chegaram a atravessar nestas barreiras — aproximadamente uns 70 — eram atacados por Esquadrilhas de Hurricanes, pertencendo na maior parte aos Grupos 10 e 12, e que entraram em ação sobre a própria capital. Perseguiam tambem os desgarrados. Bem como na batalha da manhã, travaram-se uns duzentos combates singulares, e embora não houvesse dois iguais, o aspecto geral era semelhante.

Reza o relatório de um piloto: "Atirei-me contra o inimigo, que voava em formação, obrigando-o a se dispersar em todas as direções: Outro escreve: "Divisamos uma forte formação de aparelhos inimigos, e desfechamos um ataque de frente. O inimigo dispersou-se, alijou as bombas e virou para regressar às suas bases. Encontramos forte fogo de canhão..." Os relatórios são lacônicos: "As rajadas arrancaram-lhe a totalidade do "focinho"; inclusive a cabine do piloto..." "Vi projétis traçadores passarem perto de minha asa esquerda, era um Me-109 que me atacava..." "Vi como lhe explodia o "perspex" e se despenhava em espira-

fatal..."; "Considerei que não valia a pena gastar mais munição com ele... Então procurei mais "barulho", e vi um Me-111. Ataquei, aproximando-me a 2 metros...; "Larguei-lhe tudo o que tinha..." "Perdi o controle do aparelho. Pulei, de paraquedas, e desci com o braço paralisado (depois verificou-se estar luxado)..."

Como aconteceu de manhã, um único aparelho britânico — neste caso um Hurricane — pilotado por um Capitão de Grupo, topou com uma grande formação de aviões alemães, caça e bombardeiros, e lançou-se sózinho ao ataque.

"Não havia outro caça britânico à vista — declarou ao regressar, — portanto fiz um ataque de frente contra a primeira secção dos bombardeiros, abrindo fogo a 550 metros e chegando até a 200 metros". Depois de descrever como absolutamente só ele desmanchou a formação inimiga, o Capitão do Grupo acrescentou: "Repeti os ataques contra os bombardeiros em retirada, ataques realizados desde abaixo... Um Dornier abandonou a formação e perdeu altura. Não tendo mais munição, era-me quasi impossível acabá-lo. A última vez que o vi estava a 1.000 metros, continuava baixando devagar..."

Assim se vê que cada piloto tinha que tomar decisões próprias com a máxima rapidez e defrontar problemas particulares. Não lhes faltou iniciativa. Durante a luta, destruíram-se os aviões alemães na média de dois aparelhos por minuto. O ataque da tarde lhes custou 97 destruidos no dia todo, perdemos 25 aviões dos quais se salvaram 14 pilotos.

Assim era um dia típico de luta, numa batalha que durou quasi três meses nos céus do sul da Inglaterra.

"HOMENS COMO ESTES"

Quando se deu a ordem de começar o assalto contra as Ilhas Britânicas, o moral dos aviadores alemães era, sem dúvida, elevadíssimo. As razões são óbvias. Ano após ano, estes jovens pilotos alemães tinham sido preparados para a vitória. Tinham sido assegurados da sua própria superiori-

dade individual, e de sua onipotência, como força demolidora. Não tinham eles visto, nas primeiras semanas de 1940, a realização terrível das predições de seu chefe? Cada país atacado pela Alemanha sucumbira sob os golpes esmagadores da máquina de guerra nazista, da qual eles, a Luftwaffe, constituiam parte tão vital. Agora, só ficava incólume o Império Britânico. Assim como tinham devastado a Europa, da Polônia até o Canal da Mancha, assim esperavam aqueles jovens aviadores devastar a Inglaterra, subjugar a população e preparar o caminho para o exército invasor. Aguardavam-nos desapontamentos. Empolgados ainda pelo sentimento da vitória, haviam de ver seus camaradas despencarem em chamas para o chão ou para o mar. Contudo, reconhecido seja a favor do moral alemão, que tanto se aproximava do fanatismo, que nunca falhou, mesmo nos dias em que a Luftwaffe perdia setenta, cem, e cento e cinquenta aviões, só de dia. Incontestavelmente os pilotos alemães demonstraram qualidades de coragem e tenacidade. Mas estes predicados pouca cousa lhes valeram contra a melhor escola e ainda maior coragem dos pilotos britânicos! Mesmo quando derrotados, certos pilotos da Luftwaffe consideravam possível em qualquer momento a invasão, e que, se tivesse de ser adiada, seria vitoriosamente realizada na primavera de 1941. Não é, pois, qualquer desfalecimento por parte deles que determinou o esmorecimento dos ataques diurnos.

Do moral dos nossos pilotos, pouco será necessário dizer. Os fatos falam por si. Bastava-lhes divisarem o inimigo para imediatamente se atirarem contra ele. A desproporção em números não entrava em conta, e aceitava-se de bom ânimo. Só um alto gráu de confiança em seu preparo, em seus aparelhos e em seus chefes podia permitir-lhes manterem tão elevado espírito de coragem agressiva que invariavelmente evidenciavam. Esta confiança, possuiam-na absolutamente.

Também os pilotos checos e poloneses tomaram plena parte na batalha. Possuem grandes qualidades de valor e audácia. São lutadores verdadeiramente formidáveis.

O CÉU CHEIO DE SPITFIRES E HURRICANES

Quando se lêm os relatórios de batalha, escritos pelos pilotos imediatamente após a aterrissagem, na volta de um combate, recebemos a impressão de que se trata de moços muito bem preparados, conscientes de suas responsabilidades e realizando-as sempre com resolução e grande coragem.

"Patrulhando o sul do Tamisa (aproximadamente na área de Gravesend) a 8.000 metros" — reza o relatório de um Chefe de Esquadrilha em ação num dos "grandes" dias "Vimos duas esquadrilhas que passaram por baixo de nós, em formação, navegando em direção noroeste, com objetivo aparente. Vimos então explosões dos Anti-Aéreos, e ao virar vimos aviões inimigos a 1.000 metros mais abaixo, em direção noroeste. Conseguimos aproximação perfeita com outras duas esquadrilhas, entre os nossos Hurricanes e o sol e avisamos a nossos Spitfires para estarem de sobreaviso. O Me-109 sumiu subindo em direção sul. Estavamos a ponto de atacar os aviões inimigos que iam virando para a esquerda, isto é, para oeste e sul, quando divisamos nossos Spitfires e Hurricanes travando combate com eles. Fui obrigado a esperar por recesso de colidirmos. Contudo, indiquei a uma ala que observasse outros caças nossos, e mergulhei com a secção de frente em formação contra a última secção de cinco aparelhos inimigos. O oficial piloto escolheu o Dornier-17 da esquerda, eu o do meio, e o tenente o da direita, que tinha perdido terreno por causa da volta externa que fazia. Abrimos fogo a 100 metros em mergulho quasi vertical e vimos um clarão detrás do motor de estibordo do Dornier, começando a arder a asa; devemos ter acertado no tubo ou no depósito da gasolina; passámos além e subimos rijo. Continuamos, e atacámos outro Dornier-17, mas tivemos que nos afastar para evitar um Spitfire. O céu estava então cheio de Spitfires e Hurricanes, formando fila e empurrando uns aos outros fóra da rota, para poderem alcançar algum dos Dorniers, que por sua vez estavam em inferioridade numérica. Esborrifei de perto alguns Dornier avulsos à medida que entravam na linha de

minhas miras, mas não podia ficar na linha de mira por temor das colisões. Presenciei uma colisão entre um Spitfire e um Do-17 ficando os dois destruidos. Finalmente esgotaram-se-me as munições na perseguição, até dentro das nuvens de um Do-17, aleijado e fumegante. Foi a mais perfeita carnificina em que já estive, posto que por uma vez tinhamos posição, altura e número. Os aviões inimigos ficaram feitos coisa horrível de se ver".

Homens como estes salvaram a Inglaterra.

Nem se deve esquecer o pessoal de terra. Sua tarefa consistia em atender às forças em luta e manter as comunicações. Os ligados aos aérodromos de combate, no leste, sul leste e sul de Londres, ajustadores, mecânicos, sinaleiros, telefonistas, estafetas e o mais, mantiveram seus serviços sob pesado e contínuo bombardeio de dia e de noite. Pela primeira vez desde que Guilherme o Conquistador desembarcou em nossas costas, os homens e mulheres da Inglaterra — a Força Aérea Auxiliar Feminina estava no grosso da refrega — vieram-se na linha de frente. Não falharam, e a lista das recomensas que ganharam é testemunho do seu denodo e resistência. Cumprindo seus deveres, com sono ou sem sono, com bombardeios ou sem bombardeios, tornaram possível à Esquadriilha de Combate defrontarem o inimigo dia após dia, até ser derrotado.

Sobre as baterias anti-aéreas se poderia escrever um livro inteiro. Mas este relato se refere unicamente ao papel desempenhado pela RAF na vitória. Seus dirigentes receberam ajuda importantíssima de parte das unidades da artilharia anti-aérea. Suas granadas a explodirem em flocos brancos ou pretos contra o azul do céu, davam aos vigias no solo inimigo. Outrossim, deram conta, de dia, de quasi 250 aviões ou no ar informações inestimáveis quanto à localização dos inimigos, durante o tempo que durou a batalha.

"ARMADA" QUEBRANTADA E DISPERSADA

Em 31 de outubro a batalha tinha terminado. Não cessou dramáticamente. Foi gradualmente esmorecendo, ma-

nem por isso a vitória britânica foi menos certa e completa. O inimigo aprendeu, a custa de amarga experiência, o preço dos ataques diurnos. Recolheu-se à proteção da noite. E de fato, que realizaram, em suma, os germânicos com todos seus ataques? No inicio afundaram cinco barcos e danificaram mais cinco que navegavam nos comboios costeiros. Em seguida, fizeram danos intermitentes e, às vezes, severos nos aeródromos; acertaram tiros em certo número de fábricas, produzindo um atraso na produção, durante pouco tempo. Em Londres causaram prejuízo considerável nas Docas e em vários edifícios famosos, incluindo o Palácio de Buckingham. Destruíram ou danificaram, sem possibilidade de reparos, uns milhares de casas; mataram de dia 1.700 pessoas, quasi todas elas civis, ferindo sériamente 3.360. De noite, mataram 12.581 pessoas e 16.961 resultaram feridas. Estas baixas elevadas produziram-se nas horas de escuridão quando o inimigo dificilmente podia ser alcançado e rechassado como acontecia de dia. Estas cifras dão-nos prova evidente, se bem que nefasta, da eficiência e dedicação dos caças da Real Força Aérea. A que altura não teriam chegado aqueles algarismos, se não houvesse Hurricanes e Spifires alertados, do amanhecer ao anoitecer, travando combate com o inimigo onde quer que aparecesse, resolutos, implacáveis, triunfantes?

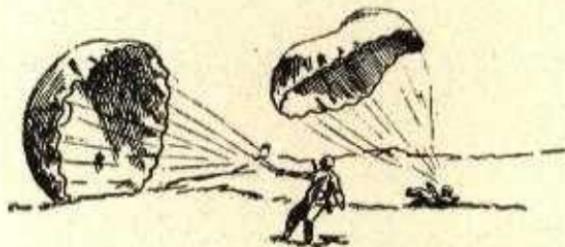
Esta pois, foi a medida dos feitos do inimigo durante 84 dias de ataques quasi contínuos. Pouco antes, no mesmo ano, os alemães levaram trinta e sete dias para invadir e abater totalmente os reinos da Holanda e da Bélgica e a República de França. Mas o que faltou à Luftwaffe fazer, foi destruir as esquadrias de caça da RAF, que na verdade eram mais fortes no final do que inicio da batalha. Esta falta significava a derrota da força aérea alemã derrota de um plano estratégico concebido com todo o cuidado, derrota de aquilo que tanto anhelava Hitler: a invasão desta Ilha. A Luftwaffe, de que Göbbels disse na véspera da batalha, que "tinha preparado a conquista final do último inimigo — a Inglaterra", fez seu esforço máximo, e pagou a alto preço a tentativa. Entre os dias 8 de Agosto e 31 de Outubro, 2.375 aeroplanos ale-

mães foram certamente destruidos, de dia. Este número não inclue os destruidos à noite, nem aqueles, observados por milhares de pessoas, que regressavam cambaleantes às suas bases na França, com as asas e a fuselagem inteiramente furada, alerões arrancados a tiros, motores fumegantes e gotejando glicou, trens de aterrissagem pendentes... enfim, os remanescentes em retirada de uma armada quebrantada e dispersada. Esta procissão melancólica dos derrotados pôde ser observada não uma, senão várias vezes, naqueles dias do verão e do outono de 1940. Em verdade, foi um grande lirramento.

Não foi conseguido sem custo. A Real Força Aérea perdeu 375 pilotos mortos e 358 feridos. Foi este o preço e digamos dos que tombaram que:

**“Toda a alma do homem é resolução
que do peito dos valentes só desaparece
com o derradeiro hábito”.**

Assim foi a Batalha da Grã Bretanha em 1940. Os historiadores futuros talvez a comparem com Maratão, Trafalgar e o Marne.



JUVENTUDE BRASILEIRA

Major XAVIER LEAL

O panorama mundial que temos diante de nós é deveras assustador. Vivemos a hora crítica resultante do entrechoque das ideologias e das combinações de força que se vinham processando há cerca de um decênio para decidir os destinos das nações do mundo. Da luta gigantesca que se travava nos continentes europeu, asiático e africano com repercussões nas demais regiões habitadas do globo o que se pode concluir sem perigo de erro é que os povos precisam ser organizados. O sentido de organização, porém, deve ser tomado sob o aspecto total. Temos visto que só o aspecto totalitário das organizações dos povos em luta lhes tem proporcionado condições, seja para vitórias espetaculares e fulminantes, seja para resistir a contingências desvantajosas; temos visto também que aqueles que não estavam organizados nesse sentido lutam e perdem tempo para adaptar-se às novas e necessárias condições. Convém, entretanto, não perder tempo. O ritmo das lutas mundiais pela hegemonia e pela manutenção da existência obriga os Estados a se organizarem política, militar e economicamente em núcleos e classes, centralizados, fiscalizados e dirigidos para o mesmo objetivo. Em cada um dos planos em que a Nação estiver organizada a ação diretora ou orientadora do poder do Estado deve estar presente, fixando normas, estimulando iniciativas, corrigindo atitudes ou reformando práticas que possam colidir com o interesse supremo. Não se comprehende, pois, que se crie uma "Juventude Brasileira" e não se fixe imediatamente um programa de ação, enquadrando-a dentro do programa de ação do Estado. "Juventude Brasileira" para só aparecer nos dias de festa nacional ou para nomear Diretorias e render homenagens aos vultos nacionais nos dias que lhe são consagrados, não se justifica. Precisamos de uma "Juventude Brasileira", orientada nos moldes das juventudes totalitárias, embora adaptada ao nosso ambiente e às diretrizes do Estado Novo.

Que representam na Alemanha ou na Itália as Juventudes nazistas e facistas? Representam organismos vivos, imbuídos dos programas do Estado, que desempenham num determinado escalão as tarefas preparatórias do escalão superior, inclusive a instrução pre-militar, de modo que qualquer membro dessas Juventudes possa evoluir naturalmente, sem sobressaltos ou mala-barismos, para este ou aquele setor da organização nacional. Em uma palavra, qualquer membro dessas Juventudes sabe para que se está preparando. Vamos exemplificar: um componente do núcleo de aviação de uma dessas Juventudes, aprende todas as noções básicas e preliminares do que se refere à arma aérea, ao par de visitas e demonstrações nas fábricas, aeródromos e parques, tudo dentro do programa do Estado, facilitando-se-lhe, assim, condições, para amanhã integrar a arma aérea ou trabalhar nas linhas aéreas comerciais, numa fábrica ou parque; um componente do núcleo naval, acompanha, do mesmo modo, tudo o que se relaciona à armada, aos submarinos, à defesa de costa. Um outro, ligado às questões de engenharia técnica, de acordo com os pendores demonstrados, aperfeiçoa seus conhecimentos nesse setor, frequenta as usinhas metalúrgicas, os estabelecimentos técnicos, filia-se ao programa siderúrgico e procura acompanhar a sua evolução. Em suma, é um elemento que, dentro do programa nacional, estará em condições de assumir um posto, mais tarde, para continuar a obra de engrandecimento da Nação.

Parece, assim, que devemos, antes de mais nada, organizar a "Juventude Brasileira" em Grupos, por especialidades, para, dentro de um programa ajustado ao do Estado brasileiro, instruí-la e orientá-la para a sua finalidade. E, necessário, entretanto, selecionar os componentes desses Grupos pelas suas aptidões e não conservar, como está acontecendo, uma Juventude formada com jovens ginásianos, porquanto a mentalidade desses jovens, em grande escala, está contaminada das causas do rádio, do futebol e do cinema.

Procuraremos, em outra oportunidade, esboçar um plano de ação.

A PSICOLOGIA A SERVIÇO DO EXÉRCITO

(1)

Dr. MOTA FILHO

Meus Senhores,

Ao apresentar-me neste recinto de cultura e de patriotismo, quero, inicialmente, salientar que venho prestar apenas um depoimento despretencioso e sincero, em homenagem a esta gloriosa e respeitável Escola, admirável centro de cultura do Exército brasileiro.

Longe de mim qualquer pretensão dogmática ou a idéia de debater assunto, onde deva aparecer sempre como o mais humilde dos discípulos. Mas, sinto em meu espírito, como fruto de uma robusta convicção, da necessidade, nesta hora tão trágica e tão inquieta para o mundo, da marcha ombro a ombro de militares e civis, como também da comunhão entre militares e civis, dentro do mesmo pensamento, da mesma fé, do mesmo espírito, para o resguardo maior da Pátria comum.

A Psicologia — A psicologia surgiu na tormenta metafísica e, consequentemente, foi olhada, por muito tempo, como material propício às indagações filosóficas. Na hora em que o materialismo procurava negar a existência da alma, surgiu a ciência da alma para explicar as atividades da consciência. Dentro em pouco, com o auxílio de interessantíssimos debates e impressionantes investigações, ela conquistava um lugar na ciência. Assim, no século dezenove já existia o antagonismo entre a psicologia especulativa e a empírica. A primeira estudaria a própria existência

(1) Conferência pronunciada na Escola de Estado Maior.

de uma substância anímica, a sua razão de ser, campo admirável de controvérsias a pontos de vista. A segunda, fixaria o fato psicológico, tendo assim várias tendências. Daí a psicologia científica que procura se manter indiferente às reduções de qualquer escola filosófica.

Tornou-se, desse modo, uma ciência experimental, movimentando-se, com dados reais.

Assim, resultados quantitativos, expressos e fórmulas matemáticas foram postas em uso, ao lado de outros resultados decorrentes da especial e inconfundível experiência psicológica. Johannes Von Müller começara por sustentar a teoria das energias específicas dos sentidos. Weber estuda as sensações e formula a sua famosa lei. Fechner estabeleceu o método para medir a grandeza psíquica, em 1890. Wundt, amplia esses estudos publicando a sua vasta obra sobre a psicologia dos povos. Em 1874, Brentano publica a sua *Psicologia empírica*. Em 1885, sai o grande livro de Ebbinghaus sobre a memória. Em 1892, James publica a sua psicologia experimental, isto é, a psicologia como ciência natural, chegando às conclusões básicas sobre a integração do ser humano. Assim, o pensador americano já prevenia que todos os estados mentais, úteis, inúteis ou nocivos, provocam uma atividade corporal, estabelecendo mudanças invisíveis na respiração, na circulação, na tensão muscular, na atividade glandular ou visceral.

Em nossos dias, a psicologia experimental chega a um grande desenvolvimento, com Kulpe, Buhler, Eherenfels, Spranger, Kohler, depois de ter sido animada pelos gênios de Ribot, Boutroux, Foucault, Dumas, Sante de Sanctis. E teve o seu maior sucesso, sem dúvida, com o condutivismo behaviorista, com o caratereologia de Klages e com a psicoanálisis de Freud.

Esse panorama imenso, cheio de espantos e surpresas, que provocou a escandalosa interrogação de Sorel, pode, graças a esse empenho da ciência desinteressada, dar aos reclamos da sociedade moderna, uma elevada e fecunda colaboração.

A psicologia, porém, já passou do período da especialização desarticuladora, do período de desintegração analítica,

dos processos de decomposição crítica, para agora apresentar um aspecto animador de segura construção e ajustamento.

Para ela, como ciência, o homem é um ser unitário e portanto tem uma atividade psíquica global. O ser humano não é mais aquele dotado de atividades estanques, mas, ao contrário, um ser harmônico, em que todas as suas atividades, todas as suas peculiaridades, todas as suas particularidades estão a serviço do todo. Há uma frase de Brandés a respeito de Tolstoi, que é nesse sentido, significativa: — “Ele pensava com os olhos”. Há uma outra do nosso Machado de Assis sobre a impressionante figura de Quincas Borba: — “tinha os olhos voltados para dentro”. E as grandes experiências que a psicologia colecionou nos obriga a dizer, sem medo de errar, que “o homem não pensa só com a cabeça, mas pensa da cabeça aos pés”. Dessa forma, vemos claramente, que em todas as atividades animicas, em todo esforço psicológico, em toda aplicação da energia psíquica, o trabalho funcional do ser é total. O todo em serviço do todo, a parte em serviço do todo, o corpo e a alma ao serviço do caráter fundamentando ou estilizando o temperamento de cada um.

Sabemos que o sistema nervoso não fica, de forma alguma, indiferente a menor atividade psíquica. Sem penetrarmos na teoria das localizações corticais, sem penetrarmos na crítica do paralelismo cérebro-psíquico, podemos, contudo, com facilidade, verificar a grande harmonia humana, aquela velha “*convenientia proportionis*” dos escolásticos.

Essa constante interpenetração, essa influência reciproca dos fatos psíquicos com os físicos, oferece o campo para descrição, classificação, análise e comprovação das uniformidades de coexistência e sucessão dos fenômenos psíquicos e dos correspondentes fenômenos somáticos.

E essa operação aplica-se não só ao fenômeno individual como social e portanto, às várias, diferentes e multiplas atividades humanas. Há, por isso mesmo, uma psicologia infantil, uma psicologia do adolescente, uma psicologia da velhice, uma psicologia de grupos culturais, econômicos e religiosos, uma psicologia estética, uma psicologia religiosa, uma psicologia dos sexos, uma psicologia militar.

Considerando esse aspecto, Sante de Sanctis, tendo em vista o temperamento e a constituição psíquica individual, distingue.

- a) — constituição psíquica harmônica;
- b) — a constituição psíquica de um tipo dominante;
- c) — constituição psíquica de um tipo dissociado.

Por outro lado, faz-se o estudo dos grupos humanos que possuem característicos psicológicos próprios, estudo esse que Gabriel Tarde denominava de interpsicologia. Wundt já afirmava que a consciência coletiva apresenta qualquer coisa de diferente da consciência individual. Não consegue porém ser uma soma, mas uma síntese. Apoiando-se em trabalhos de sociólogos e dados de observação, Blondel diz que cabe a psicologia coletiva: 1.º determinar as leis das coletividades, destacando os caracteres que distinguem uma coletividade de outra; 2.º determinando os característicos distintos das diferentes coletividades.

Nas observações e estudos feitos nesse sentido, encontramos então assinaladas as diferenças típicas dos grupos em seu comportamento psicológico. Assinala-se pois o comportamento de uma multidão agitada numa praça pública, o comportamento de uma multidão em pânico, o comportamento de um grupo numa igreja ou num cinema, numa solenidade ou numa escola; o comportamento de um grupo militarmente disciplinado ou o comportamento de militares em função de guerra ou de paz.

Singh escreveu, por exemplo, um grande livro sobre a multidão delinquente e Le Bon, em seu livro sobre a psicologia coletiva, classificou as multidões em heterogêneas, abrangendo a multidão anônima e não anônima e a multidão homogênea abrangendo as seitas, as castas e as classes.

Esta conferência, que é apenas uma palestra, não me permite detalhar o assunto. No que concerne ao método por exemplo, já não podemos só nos fixar na introspecção e na observação. Nem podemos nos deixar levar sómente pelos métodos quantitativos e aos aparelhos dos laboratórios de psicologia experimental. Vale o conjunto: desde o método fenomenológico, à psicognóstica, ao método morfológico destinados à compreensão

sintética do indivíduo, até o método analítico, com as formulas biográficas e de inquéritos, ao tipológico e ao estatístico. Por certo que também não se deve esquecer os reativos mentais, que tanto aplausos receberam, mas que, por sua vez, dão motivo a exageros e a deduções falsas e perigosas.

A nossa contribuição pessoal, examinando perto de mil crianças, com aplicação, dos tests de Binet, adequado à evolução tipológica da criança brasileira, os de Sterne, de Krapelin, de Heymans, de Sanctis e tantos outros, mostram que são eles relativos e devem ser manejados com muito cuidado, principalmente tendo-se em conta que não se comprehende mais o indivíduo como um conjunto de energias diferentes, mas como uma estrutura psíquica unitária.

Por isso mesmo se verifica que a aplicação do método, depende das circunstâncias, assim da maneira com que se apresenta o problema, como se pode deduzir com o estudo psicográfico feito por Toulouse sobre o escritor Emile Zola...

Com os dados que posso, com os métodos que conheço, com a consciência científica rigorosa, podemos traçar o psicograma do paciente observado e que abrange não só suas características fisiológicas, tais como os dados referentes à herança, peso, estatura, constituição, pressão sanguínea, os temas adequados à sua condição, à sua atividade social, à curva psicodinâmica de sua vida diária ou semanal.

Dado ainda ao sentido desta palestra, não me preocupo em estudar o problema dos tipos psicológicos, desde Jung até Krehmer. Cumpre-me porém assinalar que, com esses elementos e com esse progresso, pôde ser a psicologia aplicada à aprendizagem, com grandes resultados, principalmente após os estudos práticos feitos nesse sentido, em animais e em crianças. Ao entrarmos num laboratório de psicologia experimental devemos encontrar aparelhos capazes de medir, reativar, despertar, a tendência à aprendizagem, que é natural no ser. Bergson dizia que o homem é um ser de experiência e portanto um ser que aprende. Assim precisamos usar, como auxílio, os aparelhos destinados a produzir as excitações sensoriais, aparelhos destinados a registrar as expressões ou as reações psíquicas. Os

discos de cores, os taquitoscópios, as tábuas cromáticas, ergografos, como os de Mosso, os dinamometros de Regnier, os articolometros de Moede, os famosos aparelhos de Schultz para a exploração de destreza manual, os diapasões, o neumografo de Badaloni, bolas para a variação de peso, galvanometros, cardiógrafos, o tambor registrador de Marey e tantos outros.

O exame psicotécnico parte do princípio indiscutivel de que o ser humano tem a tendência inata à aprendizagem. A evolução da criança, a sua adequação ao meio, as reações da luz, as reações de presença, as reações para amamentação, os primeiros gestos imprecisos, mostram desde logo, esse esforço para aprendizagem.

Os estudiosos do assunto recebem sempre novos resultados como as experiências de Paulow sobre os reflexos condicionados e as de Bechterew sobre crianças, completando assunto com a curva de Thorndike, o critério da idade para aprendizagem.

O fator idade é, de fato importante. Tão importante, como a condição social. No Reformatório Modelo de São Paulo 90 por cento dos retardados, eram simplesmente retardados pedagógicos, como tive a ocasião de verificar. Assim a situação social influiu profundamente quasi quanto à idade.

Outro fator importante é o do tipo individual, influindo na capacidade de concentração de atenção, na capacidade de memorização, na dispersão imaginativa.

Em regra, entendem-se por psicotécnica, a psicologia aplicada à aprendizagem. Ela porém é mais do que isto, como cabalmente demonstrou Weber, quando diz que a psicotécnica está ao serviço da atividade humana com escopo cultural. Ela portanto se aplica na Sociologia, na Economia, na Pedagogia, na Criminologia, na Medicina, na ergoterapia, no comércio, na indústria, e portanto nas classes armadas, como é patente a sua aplicação nos exércitos modernos...

Para a compreensão exata do trabalho psíquico, que exige portanto um esforço global físiso psíquico, todos os mestres, com sobras de razões, aconselham inicialmente, o estudo do trabalho muscular. Por ele se obtém não só resultados magníficos para

a aprendizagem com também conseguem-se reajustamentos que, a primeira vista, surgem como complicados e difíceis.

O trabalho se opera não só pelo esforço muscular, pelo gasto simples de energia química, mas também por esforço calculado numa determinada direção. A medida desse esforço faz-se pelo ergrafo e pelo dinamômetro e com eles medimos a fadiga muscular. Essa fadiga tem a sua origem na desproporção entre o efeito útil que se obtém com um movimento voluntário e a quantidade de energia que se dispõe. Atenuando-se esse descompasso, obteremos maior rendimento para trabalho.

Essa fadiga, revela assim uma condição psicológica, resultante do esforço mal compensado ou do esforço sem compensação alguma. Ela tem uma série de causas conjuntas, como por exemplo a incapacidade técnica, a incapacidade puramente psíquica ou moral. O rendimento de um determinado trabalho, quasi que se anula, conforme a condição especial do trabalhador. Assim, o caso observado por Carlo Ferrari, do aumento sensível de fadiga em operários que, dentro do mesmo horário de trabalho, tiveram diminuição do salário.

Para esse exame da fadiga Ferrari usa de três reativos: um referente a atenção, outro à resistência endógena, outro referente à capacidade de esforço. Daí os três instrumentos que aplica: o cronoscópio de D'Arsonval, o aparelho de sugestionabilidade de Binet, o dinamógrafo de Henry.

O exame, nesse campo, é de alta importância. O telegrafista, por exemplo. O escuta na bateria anti-aérea. O sinaleiro de trem. O maquinista, o motorista. A sentinela militar em tempo de paz ou em tempo de guerra. O aviador ou observador que o acompanha... Numa bateria de fogo a fadiga de seus vários componentes, varia de acordo com a função que exercem e com as condições específicas de cada um. Aliá-se nesse caso a reação elementar de músculos, isto é o esforço kinestésico, com a direção psíquica que se procura dar a essa reação. E o que Binet define, como força psicológica.

O esforço militar, seja ele qual for, exige um dispêndio de energia inusual. O manejo de uma peça de artilharia em terreno difícil, em zona afetada por bombardeio de inimigo ou a

colocação de fios telefônicos ou a organização de meios de comunicação em linha de fogo bastam para criar uma tensão psicológica muito mais alta. Assim, para a vida militar, quer na caserna, quer em ação, existe sempre um quadro de esforços que pode naturalmente provocar, com muito mais intensidade, o sentimento de fadiga.

Esse sentimento, provindo de esforço muscular contínuo, decorrente de excessos práticos, da alimentação deficiente e irregular, da tensão nervosa provocada pela surpresa dos acontecimentos pode entretanto, ser compensado, se o comando tem a exata compreensão psicológica do momento, como nos demonstram os grandes chefes militares, como Felipe na batalha de Cherónéa, como Alexandre na campanha da Iliria e na campanha da Pérsia, como Napoleão na retirada da Rússia. Nos também temos nesse sentido gloriosas documentações, na guerra do Paraguai. Entre outras, o esforço indiscritível, para a travessia dos pantanais do Chaco, sob a hostilidade constante e enervante do inimigo, onde se destacam, sob a direção suprema do Marquez de Caxias, o trabalho quasi homérico da comissão de engenheiros militares chefiados por Argolo. Ou senão, a própria batalha de Avaí, que se desenvolveu com heroísmo admirável, com forças cançadas, como se não fossem cançadas, devido a maneira de comando, a intuição psicológica poderosa e segura do grande Caxias.

Acompanhei, depois de organizá-lo, o serviço de laborterapia, no Serviço de Menores de São Paulo. Assim vi de perto, em seus mínimos detalhes como se faz a adequação do indivíduo ao trabalho, desde o esforço para vencer a energia inicial, a concentração de atenção, o relaxamento posterior em consequência à fadiga.

E assim conseguimos aproximar-nos da tendência vocacional, isto é ao problema da distribuição do trabalho ao trabalhador adequado, sem se esquecer jamais do conselho de Vauquelin de que deve inicialmente ter em apreço as reações instintivas.

Para chegarmos à aptidão, que nos leva a aproveitarmos a quasi todos os indivíduos, porque todo indivíduo é dotado de

tendências e inclinações, nos utilizamos de dados numerosos que o orientador psicológico pode selecionar com o devido critério, tendo em apreço que a aptidão em seu aspecto eminentemente prático, tem em vista o rendimento de trabalho. Desse modo, por exemplo, certa sensibilidade vocal, que é uma propriedade do indivíduo, torna-se uma aptidão para a radiofonia; como a sensibilidade, para certas cores, que é uma propriedade da retina, é uma aptidão para exercer certas e determinadas profissões.

Essa aptidão varia de indivíduo a indivíduo, conforme se verifica, por suas causas físicas, pela sua duração, pelos seus efeitos físicos. Mas, por sua vez, com essa variedade, ele se mostra com frequência num grupo de indivíduos, facilitando assim a orientação de grupos homogêneos, tão necessários às forças armadas.

Em São Paulo, as Estradas de Ferro, em cooperação com o Governo do Estado, criaram o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção profissional. O seu trabalho tem sido tão promissor que a sua atividade, já transpôs as lindes do Estado, alcançando a Rede de Viação Paraná-Santa Catarina e a Rede Mineira de Viação, tendo ainda adotado igual medida a Viação Férrea Federal Leste Brasileira da Baía e a "The Great Western of Brasil Railway Co. Ltda." de Pernambuco.

A seleção profissional toma duas modalidades distintas, uma visando a escolha de candidatos à matrícula em cursos de formação profissional metódica; outra, visando a seleção dos candidatos ao exercício de funções definidas. O serviço de psicotécnica assinala a porcentagem magnífica de rendimento para os dirigidos e orientados pelo Centro, que se faz: 1.º pelo análise funcional do trabalho em todos os seus aspectos e fixação dos conjuntos ergológicos característicos; 2.º pela determinação das qualidades e aptidões fundamentais exigidas pelo trabalho; pelos exames e verificações objetivas e sistematizadas referentes aos fatores determinantes da personalidade profissional do candidato: constituição antropológica, aptidões funcionais, conhecimentos gerais e técnicos, condições carateriológicas e sociais. Finalmente, 3.º pela associação dos diferentes aspectos, em uma

síntese final, orientada pelas indicações convergentes e capás de prognosticar o futuro comportamento do candidato perante as condições reais de trabalho.

E tudo isso, graças a Psicologia, como a ciência natural da vida psíquica.

Esta rápida exposição é bastante para demonstrar o valor da psicologia. Nos desgastes que a vida moderna proporcionou, desintegrando as melhores e as mais saudáveis anergias humanas, — a psicologia, é, antes de mais nada, uma ciência de reconstrução humana. Ela socorre a infância deficiente ou a educação moral. Ela socorre o médico no trato de seus doentes, o pesquisador no Laboratório. Ela humaniza o tratamento dos delinqüentes e dos deficientes psicológicos ou mentais. Ela evita a exploração dehumana do trabalho, tornando-o mais compensador e mais eficiente. Ela pacifica os espíritos pela compreensão melhor dos impulsos e inclinações. Ela, com esse poder, com essas virtudes, com essas possibilidades deve também servir as forças armadas, na sua iminente e vigilante missão patriótica.

As forças armadas, como o próprio nome está dizendo, formadas por homens ordenados e disciplinados de modo a agir com instrumental de guerra.

O instrumental, portanto, é um aspecto dessa força. Atraz dela, para fazer valê-la em momento oportuno estão homens adestrados. Esse adestramento se faz pela educação física, pela educação moral e cívica. Assim, a força se torna força, por ser inicialmente uma concentração disciplinada de energias humanas que devem ser conduzidas para um determinado fim.

Esta é a realidade, afirmada já nos impulsos primevos das civilizações iniciantes. O homem é o animal de instrumentos e utensílios e, ao mesmo tempo, o animal racional de Aristoteles.

A arma que usa, está ao serviço dos desígnios divinos e humanos. Em torno de Troia as armas se chocam em nome das paixões e dos ideais da vida.

Para que a força armada seja eficiente precisa ser amparada pelo elemento humano bem conjugado. E o homem vale pela sua energia psíquica, pelas suas condições e reações psíquicas, pela sua maneira de comportar-se como sér. E se a psicologia pode, pelos seus métodos e processos, tirar dessas energias maiores rendimentos ainda, não há dúvida alguma, que ela deve ser olhada, em todos os centros de estudo superior, com especial carinho.

Ao escrever esta palestra veio-nos o exemplo da disciplina. Ele envolve uma série de outros problemas e tem uma série de aspectos surpreendentes. Sem a sua solução não há exército. Mas essa solução precisa ser feita de modo a não dispender esforços demasiados. Por isso mesmo não se trata, como há quasi meio século se propalava, em resolver o problema da tendência diferentes de dois grandes exércitos: um adotando a disciplina incondicional; outro, adotando a disciplina racionalizada. Quem movimenta forças militares sabe que os problemas da disciplina são outros. E muito embora por si só não possa resolver-lhe os problemas, ela pode cooperar com eficácia para resolvê-los.

A força, diz Radbruch, pode, quando muito provocar um sentimento de obediência, nunca porém o de um dever. Porque, acrescenta ele, a capacidade de comandar e, portanto, de dar ordens, não se limita à força material. Todo o poder é, em última análise, um poder sobre as almas. Schiller dizia, com muito acerto, que a única coisa que torna poderoso aquele que manda é a obediência daquele que obedece.

Logo após a expedição da Rússia, Napoleão, ainda sob o peso da trágica e espetacular experiência dessa imensa aventura, dizia: "Sabeis o que neste mundo mais me enche de admiração? A impotência do poder material. Há no mundo duas coisas: a espada e o espírito!".

Assim, a disciplina decorre de uma capacidade de dar ordens, de uma compreensão psicológica especial, que façam de comandantes e comandados uma consciência unitária ao serviço de um ideal. Tolstoi, em "A Guerra e a Paz" acentuando seu desespero anarquista, procurava opor aos regulamentos militares, os textos do Evangelho, esquecendo-se que, no próprio

Evangelho, está o sentido hirarquico da disciplina, base para a distinção de todos os valores da vida.

O nosso Osório escrevia, dos campos de batalha do Paraguai, acentuando esse aspecto: "A disciplina depende do tratamento da tropa. O comandante faz o bom soldado, porque o bom comandante é aquele que comprehende as necessidades, as virtudes, os defeitos da soldadesca!".

Os grandes condutores de forças armadas foram grandes porque sempre tiveram essa poderosa e invencivel intuição. Eles não só se distinguiam pelos seus planos estratégicos, pelas suas medidas táticas, mas tambem pela maneira com que comprehendiam o valor humano de cada soldado, ou dos grupos de soldados.

Alexandre, que os especialistas, quer antigos, quer modernos reconhecem como um dos maiores capitães da História Universal, era, antes de tudo, um conhecedor de seus soldados, como demonstrou fartamente no desdobramento das grandes batalhas de Granico, de Issus e Gaugamelo.

Mas, é só Alexandre, ombro a ombro com os seus soldados, traçando planos de batalhas e guerrilhas, animando uns, castigando a outros, criando estímulos para um clima de entusiasmos e de fé, — porem todos os grandes capitães da antiguidade se utilizavam sempre como a melhor arma, o fator psicológico, como no-lo demonstra o general Von Seeckt, na sua obra de sucesso: "A estratégia entre os antigos".

Quando se termina a leitura do admirável ensaio de Weigand sobre Turenne, fica-se, ainda mais, impressionado com a maneira genial desse guerreiro ilustre movimentar as suas forças, como forças humanas, isto, é, dotadas de certas energias bascas para os sucessos militares.

Napoleão, nas solidões de Santa Helena, procurava justificar as suas vitórias lembrando os ensinamentos dos grandes soldados. E dizia a Montholon: "A presença do general é indispensável. Ele é a cabeça; é tudo de um exército. Não foi o exército romano que submeteu as Galias, mas Cesar; não foi o exército cartaginês que fez tremer a República, quando às portas de Roma, mas Aníbal; não foi o exército macedônio que

marchou sobre os indús, mas Alexandre; não foi o exército francês que levou a guerra sobre o Weser e sobre o Inn, mas Turenne; não foi o exército prussiano que defendeu sete anos a Prússia contra as tres maiores potências da Europa, mas Frederico o Grande!".

Na perspectiva dos acontecimentos históricos, Napoleão está bem mais perto de nós. Conhecemo-lo bem nas multiplas facetas do seu gênio desorientador e como o mestre inaugural da guerra moderna.

Taine, que na sua História da França Contemporanea, não esconde a sua antipatia pelo general corso, acha, nas primeiras linhas de seu retrato, que o maior segredo de Napoleão era a sua formidavel intuição psicológica. Conhecia os homens à primeira vista. Manejava-os pelas suas fraquezas e vaidades, pelos seus sonhos e inclinações. Talleyrand, velha raposa política, que conseguiu atravessar as ondas trágicas da Revolução, no seu encontro primeiro com Napoleão, com Napoleão vitorioso da Itália, sente que não pode esconder os seus segredos, porque para a intuição, desse dom superior, Napoleão, desde seu curso na Escola Militar era um estudosso. Para ele a arte da guerra devia apoiar-se na ciência, que daria o conhecimento técnico e o conhecimento dos homens. "Fazei — escrevia de Sta. Helena — a guerra ofensiva como Alexandre, Aníbal, Cesar, Gustavo Adolfo, Turenne, o príncipe Eugênio e Frederico; conheçais, lendo e relendo a História de suas oitenta e tres campanhas; modelai-vos sobre eles; é esse o único meio de se tornar um grande capitão e de surpreender-se os segredos da arte militar".

Assim, todos os sus conselhos sobre a guerra, sobre a arte militar, sobre tática, sobre estratégia, sobre a conduta dos oficiais superiores e inferiores, sobre a formação, engajamento, conscrição instrução, administração, espírito de disciplina, justiça militar, tudo isso partia de uma concepção sua, anotada, quando dos negócios da Hespanha, em agosto de 1808: "A la guerre, les hommes ne sont rien; c'est un homme qui est tout".

Conhecida é a frase do general Chauzi: "Preparem os homens, que nós preparamos os soldados".

Era assim, o conhecimento do homem, a base de suas vitórias e a psicologia é a ciência do conhecimento do homem, enquanto homem.

Não podemos, de forma alguma, conhecer a desmedida bibliografia sobre Napoleão. Mas, pelas geralmente conhecidas, podemos afirmar que é ele o grande pioneiro da psicologia militar. No Conselho do Estado, sob o Consulado, ele pleiteava por uma instrução adequada, que fizesse com que os comandantes conhecessem seus comandados e todos assim pudessem cumprir sua missão. E mostrava que o número de soldados não o impressionava, porque vira como os bisonhos recrutas fugiam ou eram mortos em combate. Os romanos venciam com legiões de três mil homens que valiam trinta mil. E eu, acrescentava, — com quinze mil batrei quarenta mil". Mas essa instrução não era só técnica, mas instrução básica, a instrução atingindo os sentimentos, as paixões, as forças psíquicas do soldado, por quem para ele, "fanatisme, l'amour de la patrie, la gloire nationale, peuvent inspirer les jeunes troupes avec avantages".

Ao dogmatismo das afirmações, ele opunha a experiência que ensina que o soldado varia, conforme a condição, a situação e conforme o comando. Não esquecemos a lição que ele nos deu, numa das suas cartas de Santa Helena: "Os soldados mudam: às vezes são bravos, às vezes são covardes. Vi os russos em Eylau, fazer prodígios; eram verdadeiros heróis. Deante de Moscovia, armados até aos dentes, deixaram-se bater, com duzentos e cinqüenta mil homens, com os meus noventa mil. Em Iena e em outras batalhas, que se deram nessa campanha os prussianos fugiram como carneiros; e, depois, se bateram como bravos".

Todos os seus conselhos sobre movimento de tropa, sobre ofensiva e defensiva, sobre retiradas e ocupações, sobre os planos de campanha enfim, devem ter em apreço sempre a moral da tropa, isto é, a capacidade psicológica das forças em operações.

A divisão blindada do general Remmel, que se distinguiu pela sua audácia e velocidade na França e na Polônia, tinha, nesse chefe ilustre, um conhecedor dos eternos impulsos humanos.

A sua técnica psicológica se tornou célebre, quando participava das batalhas, na linha de frente.

Temos este trecho a seu respeito: "Passaremos nem que seja a muque, ele o disse muitas vezes, quando começaram os dias difíceis. Cada homem de sua tropa conhece bem essas palavras. E quando qualquer dos homens da divisão perguntava pela situação, seus camaradas respondiam, brincando, mas em verdade, compenetrados: "À direita, ninguém; nenhum apoio à esquerda; nada a traz de nós; mas diante de nós, Remmel".

O nosso grande Mallet foi assim. Por isso alguém situando-o na batalha de Tuiuti, e em Monte-Caseiros, falava no fogo e na alma dos seus canhões !

Göthe dizia que Napoleão era um resumo do mundo. Mas, não é só Napoleão, mas todo o exército é, em si mesmo, um resumo do mundo. E Napoleão comprehendia que o seu grande exército era um mundo. Conhecia os soldados e as contingências humanas. Daí, a passagem da ponte de Arcole, daí a campanha da Itália, onde transforma os tipos mais dispares em soldados de Napoleão, daí a trágica vitória da disciplina no desastre da campanha da Rússia.

Ainda agora passamos os olhos sobre as ordens do dia da guerra do Paraguai. Com elas repito, a frase de que o exército é um resumo do mundo e onde a tensão psicológica mantém a porcentagem decisiva para as vitórias.

Porém, esse período de pura intuição foi quasi que totalmente substituído pelo racionalismo da vida moderna, que se edificou com os inventos, com o industrialismo e com o aperfeiçoamento das máquinas ao serviço do homem. A ciência militar, progrediu, viu-se envolvida por novos problemas e atraída pelas possibilidades que a ciência e a técnica ofereciam.

A guerra de 1914 foi a guerra traçada dentro de clima industrial. Ao termina-la, Delaixy lembrava a frase de um ministro inglês: "Esta guerra se faz em ondas de petróleo". As máquinas de guerra entraram em ação, a artilharia pesada e de tiro rápido apresentou-se com novos aperfeiçoamentos, as aeronaves foram até Londres e o serviço da aviação proporcionou novas medidas de ataque e de defesa. E essa guerra foi, com

tudo isso, uma indescritível documentação científica, inclusive para a ciência psicológica. Foi diante de seus efeitos e dos quadros da guerra atual que um crítico militar americano disse que na guerra de 1914, a psicologia deveria preparar o soldado para a guerra de posição, em 1940, na Polônia, e na França a psicologia prepara o soldado para a guerra de movimento. No desastre do Chemin de Dames, encontrava Foch motivo para esta frase, mais do que um erro de cálculo foi um erro de psicologia. Terminada a guerra, numa atmosfera revolucionária, fermentada pelos sacrifícios feitos, as dificuldades surgem. Daí, a frase do mesmo Dalaisy, mostrando a base psicológica dos problemas da guerra: — “as dificuldades não estão nos acontecimentos, mas em nós mesmo”. O general Moltke dizia que, em 10 chefes subalternos nove chegaram a uma mesma decisão, sem combinação prévia.

Assim começaram a pensar os mais sagazes, dentro da impressionante ofensiva da mecanização e que fazia com que o homem pudesse tornar-se, de um momento para outro, — um esravo da máquina.

A perspectiva da guerra total, assinalada no livro de Lunderdorf foi surgindo em seguida como uma realidade. A guerra que se enunciava para depois de 1918 deveria extender-se às populações civis, porque, mais do que nunca se evidenciava, que que era a retaguarda que assegurava o abastecimento das frentes de batalha.

O preparo da tropa de paraquedistas requer uma preparação psicológica adequada. A natureza artificial criada pela técnica é uma violência às naturais inclinações. O homem exige por isso predisposição e longo preparo.

O motorista militar, de quem depende a rapidez e a segurança no deslocamento da tropa, também precisa de um cuidadoso preparo. Não raro conduzem carros blindados, com dois ou três homens encerrados na câmara blindada, com dificuldade de visão e de comunicação. Daí as exigências que por exemplo nos oferece o Regimento Adolpho Hitler, que reclama um engajamento mínimo de quatro anos e um exame psicotécnico rigoroso.

Em rápido exame, a psicologia verifica a utilidade de suas conquistas:

- a) na política da guerra; (a guerra de surpresa e de velocidade, a guerra motorizada);
- b) na preparação das populações civis, diante da ameaça dos bombardeios aéreos e contra o uso de gases;
- c) no aproveitamento individual dos soldados, por meio de seleção psicológica, atendendo as tendências vocacionais, para os vários grupos de tropa;
- d) no aproveitamento também das vocações para a engenharia militar, por meio de seleção vocacional;
- e) aproveitamento das vocações para a chamada guerra de astúcia, a camuflage, a confusão de identidade ou de cobertura técnica.
- f) no preparo dos oficiais superiores e dos oficiais inferiores para compreensão mais fácil dos problemas da psico-sociologia militar.

Em quasi todos os exércitos modernos se fizeram aplicação de psicotécnica e processos de seleção. Os desdobramentos das vocações foi tomada em consideração, principalmente dos centros de preparatório da artilharia e da aviação, nas secções de carros de assalto, nos batalhões de engenharia e nos cursos de estado maior.

E a guerra atual vai, cada vez mais, no seu dramático e empolgante desenvolvimento, mostrando que as batalhas vitoriosas se sucessem para os exércitos que souberam criar o espírito para a guerra, olhos de ver essa sangrenta realidade, paixão para todos os sacrifícios pela bandeira que defendem, precisão técnica em favor de ideais dentro dos quais estão perfeitamente integrados.

O bombardeio contínuo de uma posição pode produzir e produz casos de loucura. O medo, provocado, por determinados estimulantes, pode produzir um pânico coletivo da incalculável projeção. O bombardeio aéreo de uma cidade feito de uma determinada forma pode criar uma atmosfera de pavor, que poderá ter resultados imprevisíveis. O derrotismo organizado,

o falso pacifismo, o comodismo dos poderosos, a diferença dos inconscientes, a rebeldia de certos ideólogos, — somam-se, não raro, para a formação de uma psicologia coletiva de caráter irremediável.

A esse propósito não vou repetir o que já é tão conhecido. Essas dolorosas retiradas na guerra europeia, que já vimos descritas, nas quais se evidenciavam que os soldados, na realidade, não queriam combater e que certos oficiais, entregues às vantagens do mundanismo galante, ou envenenados pela delinquência comunista, também não mais tinham autoridade de comando...

Por isso a psicologia é um grande aviso. Ela regista, como uma agulha imantada, uma situação real, objetiva, desprezando a enfase dos discursos e ao pessimismo as críticas. Com ela, nos aquecemos muito com o calor da verdade. Pois os antigos não a definiam como a ciência da alma e os modernos como a ciência da consciência ou do comportamento humano? Pois haverá povo que possa viver sem alma, sem consciência ou sem fé?

Senhores Oficiais: — O que disse, nesta palestra, não passa de um rápido apanhado de um assunto que demandaria um verdadeiro curso para explicá-lo. Disse entretanto, o que era possível para confessar, nesta escola, o meu amor à ciência, aos altos problemas da pedagogia moderna e o meu imenso respeito pelas forças armadas da Nação.

Se a psicologia é a ciência do espírito, ela servirá ao menos neste momento, para assinalar, mais um encontro feliz dos nossos esforços quotidianos, pelo Brasil.

Assistimos edificados e emocionados, neste instante, ao maior drama da história da civilização. E sabemos, no seu desenrolar, que só os povos que tem a exata consciência da hora que passa é que podem resistir às forças de dissolução que procuram transformar a vida num inferno insuportável.

Uma atmosfera de imensa expectativa nos rodeia. O Brasil renovado cresce em suas possibilidades, pelo impeto do trabalho de seus filhos, esperando e confiando que a atual geração responsável pelo seu destino, saiba compreender o momento, pela honra sempre inalterável e pela ação sempre eficaz.

E essa geração não desmentirá essa confiança, porque ela está plenamente, entusiasticamente convencida de que a mesma alma cívica vigilante e compenetrada, palpita em todos os corações brasileiros. E que o Exército Nacional saberá guiá-los em todos os momentos propícios, para a luta e para a glória.

CAXIAS

COMO CONDUTOR DE HOMENS

Ouçamo-lo:

“A Providência Divina fez de mim um instrumento de paz para a terra em que nasci”. (Proclamação aos riograndenses).

“A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa, respeitadora dos princípios de humanidade” (ordem do dia 5.9.51 — Guerra de Oribe e Rosas).

“Nascendo a divergência e a desordem, das idéias e das paixões do tempo, o tempo as gasta, e a palavra e persuasão, que as propagam, reunem os homens em uma mesma crença, abjuram os seus passados preconceitos filhos do tempo e da falta de experiência, e muito mais ainda quando os ligam os santos laços da confraternidade”. (Mensagem à Assembléia Legislativa do Rio G. do Sul, 1846).

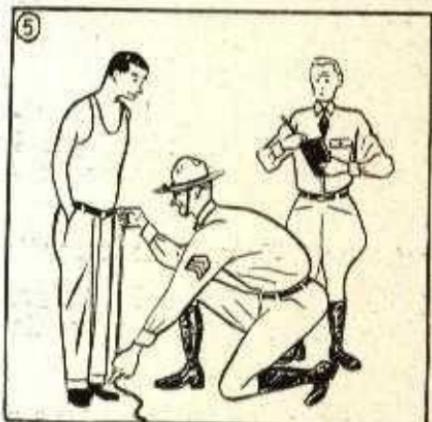
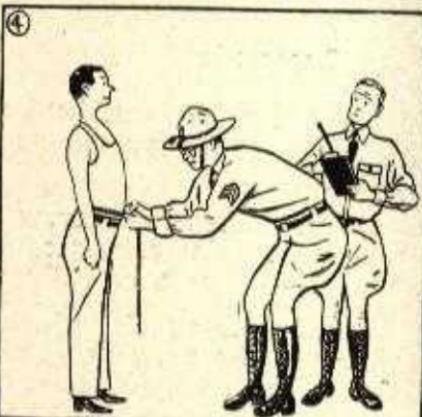
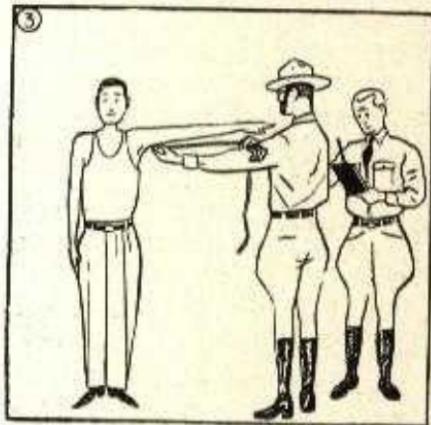
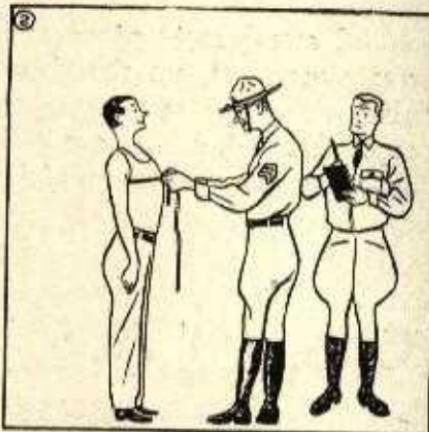
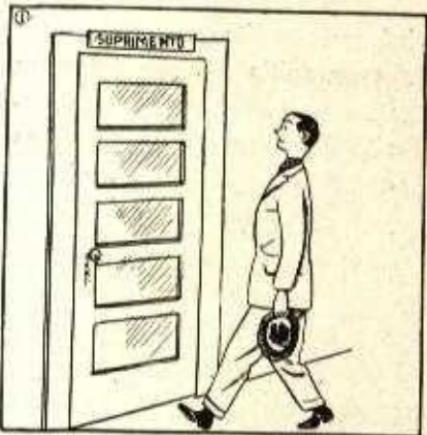
“Abracenio-nos e unamo-nos, para marcharmos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é nossa mãe comum” (Ordem do dia, 1843 — Guerra de Farapós).

“Sigam-se os que forem brasileiros” (Batalha de Itororó)

“O Deus dos Exércitos está conosco! O General é amigo, que vos guia, nunca, até hoje, foi vencido” (ordem do dia 269).

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.^o G. A. C. e Fortaleza de São João).

EM TODO O MUNDO, A MESMA COUSA...



Um recruta norte-americano recebendo fardamento.

A batalha de Minsk-Bialystoc, da guerra germano-russa e as clássicas manobras militares

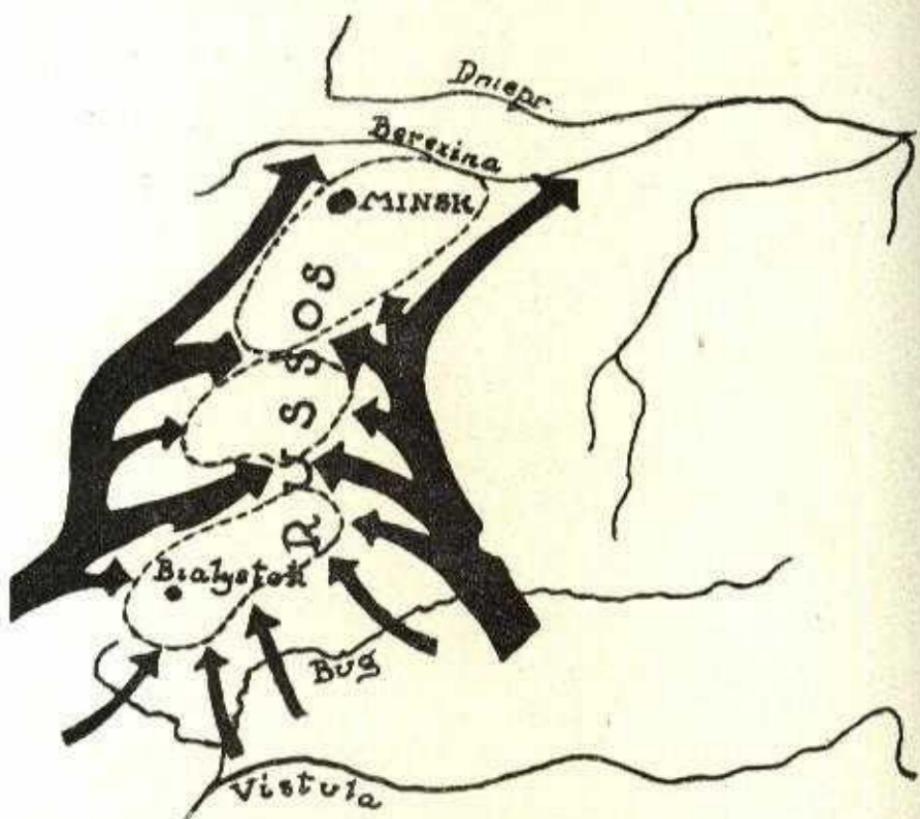
Cap. JAYME GRAÇA

O armamento, essencialmente mutável, evolue a cada instante; evoluem, consequentemente, a cada hora, as organizações e os processos de combate. E, em toda essa mudança contínua, em toda essa evolução ininterrumpida uma cousa, porém, é conservada inalterável — OS GRANDES PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS — os mesmos princípios já empregados por NAPOLEÃO, já aplicados por ALEXANDRE, já primosoramente executados por ANIBAL !

Observadores modernos, que se não querem dar ao trabalho de meditar sobre as clássicas formas de conduzir a guerra e que desprezam as lições do passado para só analisar o presente, supõem que a guerra atual vem destruindo todos os princípios militares até então conhecidos. E que, lamentavelmente, confundem tática com estratégia, processos de combate com princípios de guerra !

A recente batalha de MINSK-BIALYSTOC, da atual guerra germano-russa, constitue a consagração das clássicas manobras militares: A fig. junto mostra como o Exército do Reich, por meio de seus elementos particularmente rápidos — as forças motorizadas — conseguiu o envolvimento das tropas da U.R.S.S..

Mas, se remontarmos há muitos séculos atrás, veremos que a batalha de MINSK-BIALYSTOC outras cousa não é, em sua forma, senão a própria reprodução da batalha de CANAS, travada por ANIBAL ! Em ambas as batalhas, a decisão é conse-



guida pelo envolvimento; em ambas, o envolvimento é obtido por meio do elemento móvel: as forças motorizadas, no século XX, a cavalaria cartaginesa, dois séculos antes da era cristã.

CAXIAS

ARISTOCRATA:

"Conquista em campanha a aristocracia da bravura:

Barão de Caxias — depois que pacifica o Maranhão.

Conde de Caxias — Após a pacificação do Rio Grande do Sul.

Marquês de Caxias — Assim que domina a guerra de Orléans e Rosas, no Uruguai.

Duque de Caxias — Após a entrada triunfal à frente das tropas brasileiras em Assunção.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.º G. A. C. e Fortaleza de São João).

A INSTRUÇÃO NA CAVALARIA

Pelo Cap. José Horácio Garcia

(Conclusão)

2.º) — Quando já fazem correta e rapidamente a pontaria sobre os visuais pretos, os exercícios são continuados sobre figurativos de avião em painel ou diretamente num muro. O ponto a visar sobre o figurativo (na frente do avião) é indicado uma vez, porém, não deve ser marcado sobre o próprio figurativo.

O instrutor dispõe os visuais ou os figurativos de modo a obrigar o atirador a executar sua pontaria nas diversas posições que ele será obrigado a tomar para visar um avião real.

Exercícios de tiro com festim — Execução da rajada. O instrutor emprega para este exercício o painel móvel.

O metralhador deve:

- 1.º) — dirigir sua linha de mira para a frente do avião;
- 2.º) — manter a metralhadora imóvel durante o tempo necessário para atirar 12 balas (caso de um avião em velocidade normal ou muito grande), seja 24 balas (caso de velocidade excepcionalmente fraca).
- 3.º) — recomeçar a mesma operação tantas vezes quantas permita a duração do deslocamento do avião (isto é o comprimento do fio).

O instrutor vigia particularmente *que o atirador não acompanhe o avião durante a rajada*.

O metralhador é colocado diante do painel móvel sobre o qual é representado um avião em vôo; a metralhadora com o reparo normal, em posição alta, em pontaria livre, o tiro é executado com cartuchos de festim.

O atirador, sabendo pelo comando a massa a empregar, procede ele próprio a escolha do braço do corrector (D ou E).

A um sinal do instrutor o painel é solto; o atirador visa na frente do avião e executa o fogo como foi indicado acima.

O instrutor controla o trabalho do metralhador e faz as ratificações necessárias.

O atirador deve se esforçar em executar o maior numero de rajadas compatível com o comprimento do fio sobre o qual se desloca o painel.

Exercícios de entrada em bateria

Os metralhadores são exercitados a entrar em bateria sobre a via-tura e em terra com o material regulamentar e a utilizar nas melhores condições o material de fortuna (rôda móvel em torho de um eixo vertical).

Tiros de instrução

Os tiros de instrução são executados nas condições seguintes:

- os tiros a distância reduzida sobre avião-miniatura, nas guarnições segundo as possibilidades de seus campos de tiro;
- os tiros de festim sobre avião real e os tiros com a metralhadora (vide anexo n.º 1) fotográfica, quer nas guarnições por entendimento com a unidade de aviação mais próxima, quer nos campos de instrução antes dos tiros de combate.

Tiros de combate

Os tiros de combate, são efetuados, como já dissemos, sobre alvo rebocado e durante as manobras anuais.

INSTRUÇÃO TÉCNICA PARA O TIRO À NOITE

O Manual do metralhador de terra contra avião (Francês) trata detalhadamente do tiro pelo som; fala sobre a formação de um pessoal especialista, que é treinado na escuta e manejo dos instrumentos como a prancheta de escuta, fala no traçado da rota pelo gráfico de rota; fala no trabalho deste pessoal em colaboração com os metralhadores (1), mas preferimos deixar a palavra com os especialistas anti-aéreos.

(1) Exercício e combate da Av. (4.º Pe. pag. 30 e 106).
Instrução geral sobre observação
Voir et écouter. Cmt. Barthe.

QUESTIONÁRIO

- 1 — Qual a unidade normal de execução do tiro ante-aéreo ?
- 2 — Qual o grupamento recomendado para o tiro à noite ?
- 3 — Quando se atira contra avião na direção de tropa amiga qual o menor sítio ?
- 4 — Qual o papel do comandante do R. C. com referência ao tiro anti-aéreo ?
- 5 — O que prescreve o regulamento com referência aos oficiais na instrução do tiro anti-aéreo ?
- 6 — No esquadrão de metralhadoras quem recebe a instrução de tiro anti-aéreo de dia ?
- 7 — Quem é encarregado do tiro anti-aéreo à noite ?
- 8 — Qual o objetivo da instrução "técnica do metralhador" ?
- 9 — Em que caso a instrução para o tiro anti-aéreo de dia serve para a noite ?
- 10 — Quando é obtida a justeza ?
- 11 — Sobre quem é executado o tiro pelo som ?
- 12 — Como é ensinado o tiro sobre o avião iluminado ?
- 13 — Qual o inconveniente dos projetores neste caso precedente ?
- 14 — Em que se baseia o tiro pelo sol ?
- 15 — Qual a principal qualidade a desenvolver no tiro à noite ?
- 16 — Qual a divisão geral da instrução técnica para o tiro de dia ?
- 17 — Quem recebe a instrução preparatória ?
- 18 — De que consta a instrução preparatória ?
- 19 — Qual o material necessário para a instrução do tiro anti-aéreo ?
- 20 — Quais as dimensões do avião-miniatura ?
- 21 — A que distância precisamos nos colocar do avião-miniatura para termos a impressão de um avião real a 600 m. ?
- 22 — Sendo 150 Km. a velocidade horária de um avião quanto fará por segundo ?
- 23 — Sendo $0^{\circ},32$ (Reg. n. 10 pg. 263) a duração do trajeto da bala da Mtr. Hot. qual a correção a fazer para um avião ?
- 24 — Qual será a correção para o avião miniatura a 10 m. ?
- 25 — Qual será a correção para a distância 1000 m. ?
- 26 — Qual será a correção para a distância de 50 m. ?

- 27 — Como se figura a influência do vento na direção da marcha do avião ?
- 28 — Qual a velocidade que um painel a 50 m. deve rolar para dar a impressão do deslocamento angular de um avião real na velocidade de 150 Km. horarios ?
- 29 — Que se faz para evitar que o painel não bata forte contra as estacas ?
- 30 — Como se materializa o efeito do vento sobre a direção de marcha do avião ?
- 31 — Qual deve ser o comprimento de um figurativo de avião para que visto a 50 m. dê a impressão de um avião real visto a 1.000 m. ?
- 32 — Qual será o comprimento de um figurativo de avião para que visto a 100 metros dê a impressão de um avião real a 700 metros ?
- 33 — Com que velocidade deve rolar um avião-miniatura para que, visto a 100 metros dê a impressão de um avião real visto a 700 metros ?
- 34 — Qual a correção-objetivo para um avião a 700 metros voando a uma velocidade de 150 Km. horarios ?
- 35 — Se em lugar de 700 quisermos a correção a 100 ?
- 36 — Qual o deslocamento do objetivo durante o trajeto da bala para 100 metros ?
- 37 — Quando se nota a massa D-7 ?
- 38 — Num exercício de tiro contra avião-miniatura de que depende o número de rajadas que o atirador faz ?
- 39 — Qual a velocidade com que deve deslocar-se um avião-miniatura a 200 m. para dar a impressão de um avião real a 1000 metros ?
- 40 — A que distância deve ser colocado o alvo de recepção no caso acima ?
- 41 — Qual a velocidade de um avião-miniatura a 30 m para dar a impressão de um avião real a 400 metros ?
- 42 — Quais as vantagens do 2.º dispositivo para o tiro sobre objetivo móvel ?
- 43 — O segundo dispositivo permite materializar quantas direções de marcha ?

- 44 — Em geral de que se compõe o primeiro dispositivo ?
 45 — Em geral de que se compõe o segundo dispositivo ?
 46 — Desenhar em linhas gerais o segundo dispositivo.
 47 — Qual o percurso percorrido por um alvo, deslocando-se perpendicularmente ao plano de tiro no 2.º dispositivo durante uma rajada de 12 tiros ?
 48 — Qual o tamanho do painel-avião que se deve apresentar 10 metros na frente do dispositivo para o emprego da estadia, afim de que o instruendo acuse as distâncias de 900, 700 e 400 metros ?
 49 — Qual o objetivo na instrução do emprego do corretor ?

e — Tiro indireto

Os processos de execução do tiro indireto são ensinados aos sargentos; aos cabos e cavaleiros, ensina-se apenas o manejo das balisas, do duplo-decâmetro, da trena e a organização do local do tiro com ou sem utilização da plataforma.

V

INSTRUÇÃO PARA O COMBATE O ESQ. MTR.

a) — OBJETIVOS E PRINCÍPIOS

A instrução dos metralhadores para o combate é dada no quadro da peça e da secção, onde normalmente se exercerá sua atividade; coroada no quadro do pelotão e do esquadrão.

Tem por fim fazer da secção uma unidade possuindo *mobilidade* comparável a das outras frações de cavalaria e capaz de em todas as circunstâncias, pôr sua *potência de fogo* ao serviço da manobra.

A peça é a unidade elementar de instrução; é no quadro em que se fará a instrução individual dos metralhadores (graduados e cavaleiros) ao mesmo tempo que a instrução coletiva. Quando a peça está instruída e quando certos especialistas (telemetristas, agentes de transmissão, armeiro, ferrador, condutor, etc.), estão prontos, a instrução da secção não é mais que uma questão de coordenação. Por outro lado, os exercícios de pelotão e de esquadrão desenvolvem a coesão entre as secções

e permitem a instrução prática dos órgãos de comando (observação, transmissões, reabastecimento).

A instrução para o combate comporta:

- 1.^o Uma *instrução moral* para desenvolver: o espírito do dever e a solidariedade, a coragem, a iniciativa, a audácia e acima de tudo, nos quadros, o caráter.
- 2.^o Uma *instrução intelectual* para, por meio da execução de missões de combate, adquirir hábitos, que levarão os executantes a agir segundo as ordens recebidas ou a reagir diante de acontecimentos imprevistos no sentido fixado pelos regulamentos. Em todos os exercícios, o instrutor precisa:
 - 1.^o A missão a cumprir;
 - 2.^o As formas de ação do inimigo (movimento, fogos de armas portateis e de artilharia, observação, gaz, etc.);
 - 3.^o A situação dos elementos amigos vizinhos (em particular aqueles em proveito dos quais se trabalha).

Após ter materializado a situação, o instrutor deixa os instruendos encontrarem a solução.

Salvo para os tiros, onde a segurança exige muitas vezes intervenção imediata, o instrutor se abstém de interromper, a não ser para mostrar as consequências de uma falta.

A instrução para o combate é começada desde que os homens tenham adquirido na instrução técnica e na escola da peça os rendimentos necessários.

b) — FORMAÇÃO MORAL

Não constitue objeto de sessão particular. Os resultados são adquiridos: pela observação da mais estrita disciplina em todos os exercícios; pelo exemplo do instrutor; pela apresentação do comentário oportuno a exemplos de guerra, citações coletivas e individuais.

Por observações feitas a propósito, o instrutor faz nascer e desenvolve o sentimento e o gosto das responsabilidades de cada um. Salienta as consequências para a peça, a secção ou a unidade que as emprega do erro ou da falta de um camarada, quer este erro ou esta falta provenga de uma fraqueza, negligencia ou de um defeito de instrução. O

instrutor reprova ou releva, principalmente com relação aos graduados, toda falta de iniciativa, como se fosse uma falta disciplinar. Encoraja as iniciativas, censura com moderação as faltas que podem ter como consequência e exercita os homens na substituição rápida e espontânea do chefe ou de um servente ou especialista (atirador, municiador, etc.) posto fora de combate.

c) — EXECUÇÃO DAS MISSÕES E COMBATE

Esta instrução comprehende:

- 1 — Movimentos no combate.
- 2 — Tiros de combate.

1 — *Movimentos e estacionamentos no combate*

O fim particular desta instrução é dar às unidades de metralhadoras a *mobilidade* que lhes permitirá intervir oportunamente em todas as fases do combate das unidades de cavalaria, com as quais estejam cooperando.

Esta instrução consta dos exercícios seguintes, que devem ser executados em terrenos diversos, de dia ou à noite, com ou sem máscara, na ofensiva e na defensiva:

a) *Para a peça, a secção, o pelotão e o esquadrão:*

- marcha de aproximação a cavalo e a pé;
- descarregamento do material;
- ocupação de uma posição de abrigo;
- ocupação de uma posição de tiro;
- mudança da posição de tiro;
- movimentos do escalão para frente e para trás;
- estacionamentos do escalão, isoladamente e com os cavalos de mão de uma unidade e sua ligação com o grupo do tiro;
- defesa contra avião;
- reabastecimentos;
- funcionamento das transmissões.

b) *Para o metralhador empregado isoladamente:*

— *a cavalo:*

- reconhecer e assinalar a viabilidade de um caminho (explorador do terreno);
- procurar e assinalar uma passagem em uma orla;
- instalar-se como vedeta e informar;
- balisar;

— *a cavalo e a pé:*

- transmitir uma ordem ou uma informação escrita ou verbal;

— *a pé:*

- escolher uma posição de tiro;
- postar-se para observar (vedeta);
- postar-se como sinaleiro.

A instrução dos movimentos no Combate consiste em:

- | | | | |
|---|------------------|---|---------------|
| 1 | — Postar-se face | } | numa direção. |
| 2 | — Observar | | |
| 3 | — Deslocar-se | | |

Em todos estes exercícios, o instrutor salienta a necessidade:

- de estar orientado (saber onde está e para onde vai);
- de estar em condições de utilizar seus meios (movimento ou fogo);
- de vigiar as direções perigosas;
- de não apresentar um alvo ao inimigo;
- de estar em ligação com o chefe e os vizinhos;

O instrutor resalta que para uma fração:

- não oferecer um alvo, deve estar, simultaneamente dissimulada e dispersa de modo que um mesmo projétil não atinja vários homens;

- vigiar as direções perigosas, implica na organização de um serviço de vedetas e de vigias;
- estar em ligação com o chefe ou com os vizinhos, impõe em certos casos, o emprego de balisadores;
- esta dispersão, não deve ser um obstáculo à ordem nem ao comando, para isto, todos os homens devem estar ao alcance da voz ou do gesto.

Toda esta instrução obedece, no seu conjunto, às mesmas regras gerais que a instrução das outras unidades a cavalo.

Para os metralhadores convém insistir sobre certos pontos:

Postar-se face a uma direção dada.

Escolha da posição — O local escolhido deve satisfazer o melhor possível às necessidades seguintes: ver e observar, manobrar o material, atirar, desembocar, estar protegido contra as vistas e o fogo inimigo, ligação com o chefe ou os vizinhos.

Ocupação da posição — A ocupação da posição é feita nas condições definidas na 2.^a Parte do R. E. C. C..

O instrutor salienta que as metralhadoras sendo objeto de constantes investigações da observação inimiga é necessário que a ocupação da posição seja bem dissimulada; é importante também a evacuação da posição.

A visibilidade maior dos movimentos a cavalo deve ser compensada pela rapidez da manobra.

Melhoria da posição — A ferramenta é empregada para melhorar um local para observação ou tiro sem esperar, para começar o trabalho que tenha a certeza de ter chegado a uma posição definitiva. Se é obrigado a abandonar o trabalho começado, este servirá para os camaradas que nos seguem. Nos movimentos a cavalo os metralhadores devem estar habituados a abrir uma passagem rapidamente para a sua viatura e seus cavalos de carga através os obstáculos do terreno.

Disfarce — As prescrições relativas ao disfarce devem ser particularmente conhecidas dos metralhadores (R. O. T. 1.^a Parte, título I, capítulo II, art. VII; 2.^a Parte, título I, capítulo V, art. VI).

Devem estar familiarizados com precauções a tomar:

- 1.^a Para efetuar os trabalhos sem ser visto pelo inimigo;
- 2.^a Para que o trabalho terminado escape às investigações terrestres e aéreas.

O instrutor explica o perigo: — dos movimentos desusados (deslocamento de terra), do relevo (terrás a mostra, organização na crista, logo, luz, objetos brilhantes, pistas (convergentes, através de culturas).

Observar uma direção — Esta instrução é dirigida especialmente sobre a observação dos caminhamentos e cobertas, o metralhador sempre conservado na posição que ele estaria sob o fogo. A esta instrução se junta a de observação do céu e a de informar.

Deslocar-se numa direção dada — Em regra geral, depois de se orientar, de ter observado o terreno é preciso, antes de movimentar-se, ter escolhido:

- para onde vai;
- itinerario desenfiado;
- pontos intermediários de parada;
- processo de movimento.

Para os metralhadores, em particular, o instrutor chama atenção que com o seu material e a sua missão é preferível fazer uma volta a lançar-se no terreno descoberto.

2 — TIROS DE COMBATE

Os tiros de combate põem a secção, no emprego do seu fogo, em condições de intervir com eficácia em todas as fases do combate. *São o mesmo tempo um controle da instrução*.

São executados por peça e por secção.

Têm por fim:

- exercitar os metralhadores a desempenhar suas funções na posi-

- ção de tiro, em condições tão próximas quanto possível às do combate;
- habituar o chefe da peça e o atirador com os objetivos de pequenas dimensões, de côr neutra, muitas vezes parcialmente secundidos, dispersos e sempre fugazes do campo de batalha (emprego do binóculo);
 - exercitar o chefe da peça a conduzir o fogo da sua peça e organizar o serviço;
 - desenvolver o sentimento de solidariedade de todos os executantes;
 - instruir a secção na disciplina do fogo.

Condições de execução

Os tiros de combate são sempre executados em uniforme de campanha. Os metralhadores utilizam o terreno de modo a escapar às vistos e aos tiros do inimigo. O comandante da secção, os chefes de peça e os serventes ocupam os lugares que ocupariam no combate. Obrigatoriamente estes tiros comportam *tiros com o reparo na posição média, tiros nos espaldões regulamentares, tiros com máscara e tiros à noite.*

Alvos — Todos os alvos são de côr neutra. Quanto permitam os campos de tiro devem se apresentar aos atiradores nas melhores condições de verosimilhança.

Na linha de tiro da guarnição empregam-se painéis semelhantes aos que são utilizados para os tiros de combate do F. M. Nos campos de tiro improvisados ou nos campos de instrução, empregam-se figurativos repartidos no terreno quer em linha, quer em grupos de atiradores por esquadras ou grupos de combate, ou em coluna vistos obliquamente acima de 1000 metros.

Instrução dos chefes de peça

Esta instrução para a *conduta de fogo e organização do serviço* consta:

- *Preparação do tiro e organização do serviço.*

Reconhecimento e referenciação do campo de tiro da peça — Desde que a peça está instalada na posição de tiro, os chefes de peça devem:

- reconhecer os limites de segurança do campo de tiro (posição das tropas amigas, postos avançados, itinerários de retraimento);

- identificar os pontos indicados no roteiro de tiro e as referências das distâncias designadas pelo telemetrista;
- determinar e indicar os pontos de referências que permitirão designar rapidamente os objetivos.

Vigilância de campo de tiro da peça — os chefes de peça organizam a vigilância do campo de tiro, de modo a assinalar imediatamente o aparecimento de um objetivo, ou a descobrir durante o tiro a presença de um novo objetivo.

Graças a este serviço de vigilância eles podem regular as condições de repouso para o pessoal.

Conduta do fogo

Os chefes de peça devem ser capazes:

- de compreender, transmitir e fazer executar as ordens e comandos do comandante da secção;
- executar oportunamente os roteiros de tiro, traduzindo-os em comandos e fiscalizando-lhes a execução;
- dirigir e regular o fogo à vontade;
- manter em dia a "conta corrente" de munição, (consumo de munição).

Para isto, os exercícios comportam: a procura, escolha e designação de objetivos, a determinação dos elementos de tiro, a abertura do fogo, a regulação do tiro pela observação dos impactos (binóculo) interrupção ou cessação do tiro.

O instrutor dá aos chefes de peça uma idéia da quantidade de cartuchos a consumir para obter um resultado eficaz sobre um dado objetivo.

Constatação dos resultados — Os resultados dos tiros são registrados, mostrados e comentados a todos os executantes.

Para os tiros sobre figurativos, os resultados são avaliados por balas acertadas nos figurativos e por figurativos tocados, de modo a obrigar os atiradores a repartir seus tiros sobre todo o objetivo.

Todos os tiros são cronometrados de modo a ressaltar em particular a rapidez de abertura do fogo.

Tiros de secção — Estes tiros são executados às médias e grandes distâncias. As duas peças atiram sobre o mesmo objetivo ou objetivos diferentes. Os chefes de peça fazem abrir o fogo ao comando do co-

mandante da secção, mas devem estar habituados, quando não têm missão particular, a suprir por seu fogo a interrupção no tiro de outra peça, quer isto resulte de um incidente real ou de ordens do comandante da secção.

Organização material do tiro — Esta organização, em particular a escolha e disposição dos objetivos, a maneira de computar os resultados e de ser feita a cronometragem devem corresponder a um fim definido.

As silhuetas colocadas nas orlas, dissimuladas particularmente nas hervas, obrigam os chefes de peça e atiradores a um esforço de procura. A repartição irregular das silhuetas, a presença simultânea de vários grupos de objetivos no campo de tiro, a variedade das formas dos objetivos, os obrigam a determinar qual o objetivo mais denso, mais próximo, mais perigoso (armas automáticas), a bater em primeiro lugar.

As mudanças de objetivo cronometradas habituam os chefes de peça e os atiradores aos comandos e aos manejos que assegurarão, em todas as circunstâncias, à rapidez de abertura do fogo e os exercitam na determinação dos elementos de tiro e na sua regulação.

Figurativos aparecendo inopinadamente durante um tiro, mostram a necessidade da vigilância contínua do campo de tiro.

Figurativos tombantes ou aparecimentos de painéis figurando tropas amigas, obrigam a cessação do fogo. Os oficiais metralhadores procuram tirar partido da disposição do terreno e do material de que dispõem para animar o campo de tiro da peça ou da secção e dar assim vida ao exercício.

Os tiros são executados segundo um programa estabelecido pelo capitão metralhador e submetido à aprovação do comandante do corpo.

O capitão metralhador leva em conta no estabelecimento destes programas a dotação de munição, as possibilidades dos campos de tiro e o material de que dispõe.

As secções utilizam para atirar todo o tempo de que dispõem na posição de tiro, porém da posição de descarregamento elas se movem em formação de aproximação dentro de uma situação de guerra criada pelo instrutor. Só parte da posição de descarregamento o mínimo de pessoal.

Há grande interesse em fizer executar pelas unidades de metralhadoras tiros de combate combinados com os esquadrões de fuzileiros.

EXEMPLO DE UM PROGRAMA DE TIROS DE COMBATE

N.º	Gênero de tiro	Distância	N.º de carregadores por peça	Objetivo do exercício	Natureza e disposição dos objetivos
1	Em bateria no espaldão para posição alta.	400 m.	4	Fogo à vontade — Procura, escolha e designação do objetivo.	Linha de atiradores de densidade variada na orla de uma coberta.
2	O mesmo tiro com máscara.	Idem	4	Idem	Idem
3	Espaldão para posição média.	Desconhecida entre 400 e 800 m. (1)	8	Rapidez de abertura do fogo. Escolha dos objetivos.	3 grupos de figurativos repartidos em alcance e direção dos quais um grupo tem uma arma automática.
4	Idem. A máscara é colocada durante o tiro.	Idem	8	Mudança de objetivos. Cessação do fogo.	3 grupos de figurativos tombarantes.
5	Utilização do terreno.	Desconhecida entre 400 e 1000 m. (1)	8	Vigilância do campo de tiro da peça.	2 grupos de figurativos a mais de 660 m. 1 grupo aparece a 400 m.
6	Tiro à noite no espaldão para posição alta.	200 metros	8	Exercício de alerta.	Grupo de 4 painéis de 2 x 2 juxtapostos.
7	Tiro mascarado (2)	Entre 800 e 1000 m	10	Conduta do fogo e transporte do tiro.	2 grupos de 4 painéis de 2 x 2 juxtapostos a distâncias e direções diferentes.
8	Posição alta.	1200 a 1800 m 1800 a 2400 m	12 20	Tiros por sessão — Tiros em série	2 grupos de 4 painéis repartidos em losango. Grupos de painéis representando um comboio.
	Idem				

(1) Um croqui é entregue ao chefe da peça indicando a distância de um certo número de pontos de referência do campo de tiro (2 ou 3, no máximo a menos de 1000 metros).

(2) a falta de uma máscara natural, instalar painéis ou sacos de areia fachin, etc.

VI

APONTAMENTOS FINAIS

Instrução de tiro

- 1 Começa na primeira semana de instrução.
Segue paralelamente com o mosquetão.
- 2 Os metralhadores recebem integralmente a instrução com o mosquetão.
- 3 Na primeira fase é dada a instrução elementar, completada pelos processos de tiro livre.
- 4 Na segunda fase é abordada a instrução complementar (objetivos terrestres em movimento e contra-avião).
- 5 No segundo período, aperfeiçoamento dos metralhadores visando a rapidez da abertura do fogo, tiro sobre objetivos em movimento, prática dos processos dos tiros amarrados e mascarado; instrução com o F. M.
- 6 Somente os sargentos recebem instrução para o tiro indireto (além dos oficiais).
- 7 Os exercícios de abertura rápida do fogo são seguidos no segundo período de tiros de aperfeiçoamento e cronometrados.
- 8 Quando o metralhador está de posse da instrução elementar de tiro, é exercitado na execução dos tiros ceifantes e no emprego do limbo, do nível e das balisas. (Ficam em condições de executar tiros amarrados e mascarados — 5.^o e 6.^o meses).
- 9 A instrução do tiro contra-avião é dada a todos os metralhadores, inclusive os condutores e guarda-cavalos.
- 10 Os processos de execução do tiro indireto são ensinados aos sargentos; aos cabos e cavaleiros é ensinado unicamente o emprego das balisas, do duplo decametro e a organização do local de tiro com ou sem plataforma.
- 11 O treinamento dos quadros e da tropa no tiro anti-aéreo não deve ser interrompido.
- 12 Os quadros devem conhecer os aviões inimigos.
- 13 Todos os metralhadores executam o tiro anti-aéreo de dia.
- 14 Algumas unidades especialmente organizadas e providas de material especial são destinadas ao tiro à noite.

- 15 A instrução à noite deve ser um complemento da instrução de dia nas unidades designadas para esta espécie de tiro.
- 16 Instrução e treinamento do tiro contra objetivos terrestres e imóveis, depois contra objetivos em movimento.

Cavaleiros

- 17 Desde o início deve habituar-se o pessoal a manejar a arma e seus acessórios em qualquer circunstância.
- 18 A partir do fim do 3.º mês, os cavaleiros são especializados dentro dos pelotões, mas devem continuar intermutáveis.
- 19 A instrução de conhecimento do terreno dá-se a todos os metralhadores.
- 20 Os metralhadores devem saber orientar-se de dia e à noite.
- 21 Telemetristas, graduados, agentes de transmissões, atiradores — devem saber se orientar em qualquer terreno; os condutores e remuniadores devem saber se dirigir num terreno já percorrido.
- 22 O pessoal do grupo de tiro deve ser prático em designar rápida e precisamente um objetivo.
- 23 Todos os metralhadores devem saber observar com binóculos.
- 24 O telemetrista deve ser especializado no trabalho rápido e preciso de amarração de pontos.
- 25 Todos os metralhadores são exercitados na avaliação de distâncias.
- 26 Todos os metralhadores devem ser especialmente adestrados no emprego do telemetro.
- 27 Os telemetristas, atiradores, agentes de transmissão aprendem a ler um croqui e identificá-lo.

Conhecimento do material

- 28 A conservação da metralhadora é ensinada a todos os metralhadores; a desmontagem e montagem do reparo só se ensina aos sargentos e aos armeiros.
- 29 Graduados, atiradores e municiadores devem saber verificar o estado dos cartuchos, devem conhecer o material de transporte, o material auxiliar e os acessórios.

- 30 A instrução com o binóculo é dada a todos os que o tem distribuído regularmente e tanto quanto possível a todo o pessoal do grupo de tiro.
- 31 A instrução com o telêmetro é dada aos telemetristas, nos graduados do grupo de tiro e a alguns serventes por peça.
- 32 Os serventes devem saber de organização do terreno
 - melhorar uma passagem;
 - construir máscaras para dissimular e abrigar as mtr. executar trabalhos de bivaque.
- 33 Os metralhadores devem conhecer os meios de proteção do material contra gizes; devem ser treinados no tiro com a máscara e na condução do material.
- 34 Os graduados e condutores devem conhecer a proteção dos animais contra os gases.
- 35 Os metralhadores devem conhecer os processos de sinalização, balisamento, ligação terra-avião e artifícios.

Tiro

- 36 A seleção dos atiradores é feita no fim do 3.º mês.
- 37 Sintetizando:
 - 1.ª fase (4 primeiros meses): instrução elementar; tiro livre.
 - 2.ª fase (5.º e 6.º meses) — instrução complementar: objetivos terrestres em movimento; tiro contra avião.
 - 2.º período — aperfeiçoamento: rapidez de abertura; objetivo em movimento; tiro amarrado e mascarado; instrução com o F. M.
- 38 Desde o princípio a instrução deve procurar a rapidez de abertura pela procura rápida de objetivos e manejo também rápido e metódico do aparelho de pontaria.
- 39 Quando se obtém resultados bons no tiro justo o atirador é exercitado em interrupções, execução de rajadas e emprego do tiro contra alvos especiais.
- 40 Os exercícios cronometrados seguem paralelamente o desenvolvimento da acuidade visual.
- 41 Os exercícios de "abertura rápida do fogo" são encerrados no 2.º período com os tiros de aperfeiçoamento cronometrados.
- 42 Os atiradores devem saber executar as correções de pontaria.

Quadros

- 43 Os quadros do esquadrão de metralhadoras tomam parte na instrução do regimento; recebem do seu capitão a instrução especial sobre o emprego das metralhadoras (tiro indireto, tiro contra-avião, etc.).
- 44 Os sargentos devem saber se orientar em qualquer terreno e conduzir uma marcha pela bússola.
- 45 Devem ser práticos na designação precisa e rápida de objetivos.
- 46 Os sargentos e cabos devem saber ler uma carta e executar um croqui sumário, assim como utilizar um croqui e a planimetria de uma carta.
- 47 Os graduados devem conhecer os diversos processos de lançamento de artifício, de sinalização, e como usar o telêmetro.

FIM

•

CAXIAS**COMO HERÓI:**

Um só fato basta para imortalizá-lo, embora a sua carreira esteja repleta de bravura e beleza.

Na batalha de Itororó quando o 16.^º Batalhão estava indeciso em atravessar uma ponte de grande valor estratégico, surge o General de 65 anos, a cavalo com espada desembainhada, "que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos 20 anos", exclamando à frente do 16: "Sigam-me os que forem brasileiros".

"Verificou-se no Exército um delírio, um frenesi, um indizível entusiasmo" e o Batalhão tomado por esta mística figura leva de vencida a falange inimiga, imortalizando-se com seu feito e somando para o Brasil mais uma vitória — ITORORÓ'.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.^º G. A. C. e Fortaleza de São João).

EMPREGO DOS CARROS DE COMBATE

Pelo

Cap. VITOR HUGO DE ALENCAR CABRAL

I) GENERALIDADES

A história da Humanidade quasi que se resume numa luta.

O Homem, este animal extrema e essencialmente egoista, quasi que vive para lutar, corolariando o conceito geral de que o Homem luta para viver.

Alguem já teve a curiosidade de constatar que a soma dos períodos em que a Humanidade passou em lutas é bem maior do que a soma dos tempos em que ela viveu em paz.

Alem desse natural espírito de belicosidade, o homem tem procurado fazer a guerra da melhor forma possível, tem trabalhado para iutar em segurança, para fazer todo o mal sem ser ofendido, para causar o dano sem sofrer as consequências.

O ideal humano, neste sentido, tem sido o da **invulnerabilidade**.

Já os antigos Gregos imaginaram um homem invulnerável: Aquiles.

Mas o problema tem-se apresentado sempre por demais complexo; e tanto assim que aqueles mesmos gregos, tão subtils, na concretização de sua idéia, não se esqueceram de apresentar qualquer cousa de vulnerável: o calcanhar.

Combater em segurança, tem sido o desejo constante do combatente. Muitas vezes, o simples julgamento de que se encontra abrigado é o suficiente para que ele se tome de uma confiança ilimitada na ação.

Podemos dizer que a idéia do antigo grego, como que ressurge nos nossos dias, com o mesmo aspecto, com a mesma finalidade, como seja a vontade de se crocretizar o **Infante Couraçado**, individual.

Porque o transporte coletivo do infante, o **Carro de combate**, que se apresenta como novidade atualmente, nada mais é que uma outra idéia antiga, realizada de acordo com as possibilidades da época e que atravessando diversas fases, veio tomar a forma e constituição atuais.

Plínio nos diz que o carro de combate é uma invenção dos Frígios, aperfeiçoada por Erictonius, rei mais ou menos lendário de Atenas, que reinou durante o XV século antes de Cristo.

Os egípcios tiveram os seus carros de guerra, cuja forma mais classificada é a dos carros de Sesostris, descritos por Herodoto.

Os asiáticos, principalmente, fizeram largo emprego destes engenhos.

E interessante saber-se por exemplo, que na China, durante a quarta ou quinta dinastia, segundo o relato de Sun-Tsé, os carros de combate foram empregados em maiores proporções que em nossos dias, quando nos espantamos com as informações que nos chegam sobre os recursos de que dispõem americanos, alemães, russos, etc. Segundo relato, o Imperador de então, nos preparativos de uma de suas campanhas determinou aos vice-reis de províncias que cada um lhe fornecesse 1.000 carros. Considerando que a China naquela época devia ter suas 15 a 20 províncias, chegamos a conclusão de que o número de carros empregados atingiu a espetacular cifra de 15.000 e até mesmo 20.000.

Na guerra de Tróia, descrita por Homero na sua Iliada, encontramos a constituição de um exército antigo em que sobressalta a consideração dispensada ao carro. Na organização dada por Homero, cada um dos contingentes dos estados gregos que combateram contra Tróia, se compunha de 3 divisões, divisões que nos nossos dias poderíamos chamá-las de armas. A primeira dos chefes e nobres, que combatiam

sobre os carros, constituindo a Cavalaria, conforme expressão do próprio Homero. A segunda combatia a pé, formando a Infantaria. Cavalaria e Infantaria, constituindo os combatentes propriamente ditos. Finalmente os remadores, que também combatiam em terra e serviam de vanguarda. Vemos assim que há tantos anos antes de Cristo, numa guerra remotíssima, já se pensava na condução rápida do combatente.

Cirus na organização do seu grande exército não esqueceu a couraça; além da Infantaria ligeira méda, composta de arqueiros, acontistas, da cavalaria comum, ele acrescentou elementos da cavalaria pérsia couraçada. Na preparação da batalha de Thimbréa, contra Cresus, depois de reunidos os meios, usuais de então, Cirus não considerou consumada a preparação para o seu ataque. Ele procurou um elemento mais decisivo e encontrou-o nos **carros com foices**, carros cujos eixos eram munidos de foices, condutores e cavalos com armaduras de ferro. Tais engenhos foram colocados a 20 ou 30 metros adiante da primeira linha com a missão de engajarem a ação, de se precipitarem a toda velocidade sobre o inimigo, afim de abrirem brechas nas fileiras contrárias, pelas quais devia penetrar a Infantaria. O comando de tal conjunto foi dado por Cirus, **ao mais bravo entre os mais bravos**. Cirus achou nesta nova arma um instrumento que lhe permitiu compensar sua inferioridade numérica. 100 carros lhe seriam necessários e suficientes para guarnecer sua frente. Ele construiu 300 e dispôs assim de uma reserva de 200, para que ficasse com a liberdade de dispô-los segundo as circunstâncias. Tal conjunto, foi ainda apoiado por torres de madeira, máquinas arrastadas por bois e abrigando uma pequena guarnição munida de uma grande quantidade de armas e projéctis.

Não é isto que acabamos de expôr, uma perfeita pintura de um quadro moderno, feito à antiga? Creio que não resta a menor dúvida sobre a afirmativa.

Como disse anteriormente, o homem em todos os tempos tem tido a preocupação da guerra. Em busca da solução mais eficiente do seu eterno problema, o da invulnerabili-

dade, o homem tem lançado mão de os recursos, tem acompanhado com o mais vivo interesse o evoluir das ciências, tem sido um apaixonado pelo progresso das artes. Mas a história das suas realizações neste sentido, como a história de todas as outras coisas, tem sido evolutivamente, sem saltos, porque bem sabemos que a História não dá pulos.

Depois do que vimos descrito por Homero na sua Iliada, passamos as realizações de Cirus, e a continuidade se encontra em Anibal, em Alexandre que também se preocuparam com a questão, como veremos adiante.

E não sómente guerreiros são os que tem procurado alcançar a realidade do ideal que falamos:

Leonardo de Vinci, célebre artista da escola florentina, pintor, escultor, arquiteto, físico, engenheiro, escritor e médico, também foi empolgado pelo assunto. Seus desenhos e seus escritos testemunham que ele se preocupava com a aviação, e para isto, estudava o vôo dos pássaros; ele desenhou um paraquedas e concebeu a idéia de **carros de guerra "fechados e indestrutíveis"**.

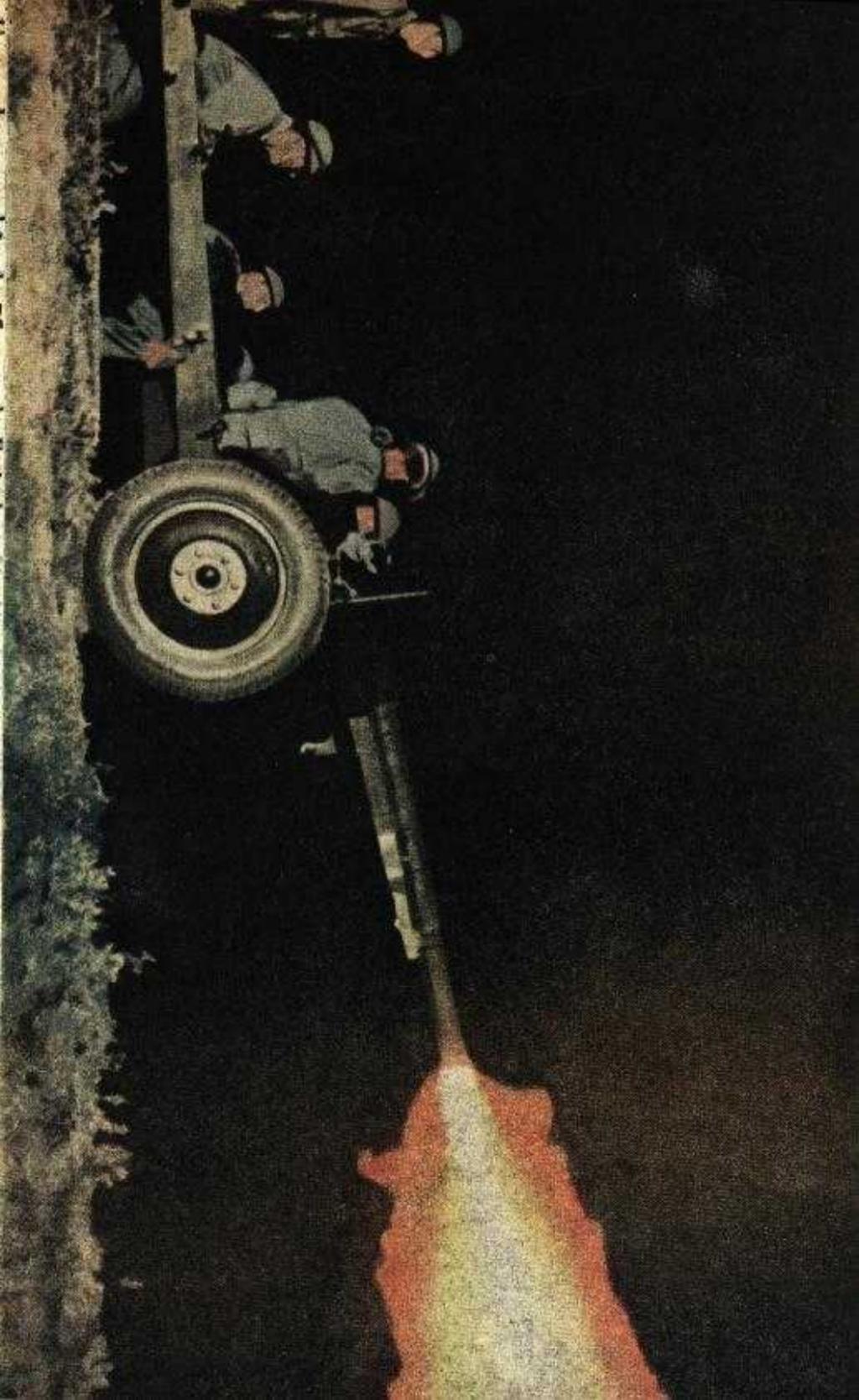
Julio Verne, a expressão máxima do gênio imaginoso gaulês, num de seus livros, idealiza um engenho capás de arrazar tudo a sua passagem, monstro de ferro vomitando fogo por inúmeras seteiras, servindo de transporte e de arma ao mesmo tempo, a uma pequena guarnição de homens.

Vauban, o que teve a glória de ter construído o maior número de fortificações, tem a fama de ter sido o maior arrasador de fortalezas. Estudando a defesa de um ponto, tratava de ver o melhor meio de atacar aquele mesmo ponto. A grande sumidade em Fortificação, por isso mesmo, além da couraça fixada, pensou também numa **couraça móvel** capás de levar o homem ao combate perfeitamente abrigado.

Voltaire, o escritor francês por excelência, teve a sua atuação na resolução do problema em questão. Ele concebeu e desenhou um engenho couraçado, cheio de armas, fazendo presente de tal concepção, ao mesmo tempo a Catarina da Rússia, sua amiga e protetora, e ao governo de seu país.

2





Wells, que anunciou profeticamente o advento dos carros de combate atuais, nos deu também uma imagem de como eram concebidos, no seu tempo, tais engenhos e bem assim o modo de emprego dos mesmos. Em seus fantásticos livros: "GUERRA DOS MUNDOS" e "O PAÍS DOS CÉGOS", publicados poucos anos antes da Grande Guerra, ele nos deu uma idéia da luta de tanks.

E se muitos tem sido os que buscam a realização deste ideial guerreiro, maior tem sido o número de formas e de meios que se tem lançado mão para concretizá-lo.

De todos os meios, o mais comumente empregado tem sido, a **couraça**.

E necessário observar que o termo couraça aqui deve ter uma acepção generalizada, subtendendo todos os materiais empregados para recobrir o combatente; tal generalização é devida ao fato de ter sido o couro a primeira matéria de que se serviu o homem para se abrigar melhor nas lutas.

Dela o homem tem-se aproveitado para fazer face ao perigo do canhão, estabelecendo assim os fundamentos da interminável luta entre a couraça e o canhão, luta em que por vezes um dos meios supera o outro num dia e é superado pelo mesmo, no dia seguinte.

Tal elemento, tem tido o seu progresso continuado, que é o mesmo da siderurgia.

Aparecendo sob a forma rudimentar de pequena placa, o **escudo**, de uso individual, ela sofreu transformação mais variadas, sempre no sentido da perfeição, passando por fases intermediárias bem caracterizadas, até atingir a sua forma atual: do carro de combate, carro couraçado, de uso coletivo.

Idéia antiga, que com o evoluir constante das cousas, se apresenta sobre nova forma, como se fosse uma idéia nova.

Os escudos, os carros empregados por Cirus, na batalha de Thynbréa, com foices afiadas, os carros de Xerxes, as quadrigas romanas, e porque não dizer, os bois com tochas amarradas nos cornos, utilizados por Aníbal; os elefantes que Alexandre, por insinuação de Póro, empregou para esma-

gar as últimas resistências na India; os elmos, as armaduras, as cotas de malhas, utilizadas pelos cruzados, com que ressurgem nos nossos dias, em forma aperfeiçoada, com aspectos e constituição mais acordes com o grão de progresso da época.

Toda cogitação tem sido consequência de outras cogitações. Nenhuma cogitação humana recebeu sua forma definitiva, devido ao esforço exclusivo de gênio de um único homem.

Uma idéia qualquer tem que sofrer uma série de modificações resultantes do evoluir natural das causas.

Todos os conhecimentos humanos guardam continuamente uma dependência mutua.

A arte da guerra, que no dizer do Marechal Pétain é a mais movimentada de todas artes, tem tido sempre uma dependência das outras. Dispondo de recursos rudimentares nos primórdios da vida humana, porque insipientes eram os conhecimentos, modestas eram as realizações, limitadas eram as ações, a arte da guerra foi também insípiente, bem modesta, muito limitada.

Com o evoluir das artes e ciências, arte da guerra não permaneceu estacionária.

Todo surto de progresso, toda inovação nas artes, toda invenção científica, teve o seu reflexo na arte guerreira.

De todas porem, a pólvora foi a que maiores modificações lhe trouxe.

Seguiu-lhe em importância, a máquina, a inovação mais propulsora dos meios de combate.

E' interessante observar-se o desenvolvimento de tal recurso na guerra.

De início, a máquina apenas atinge a Zona de Interior, presa aos trilhos e arrastando consigo uma impedimenta muito grande; em seguida sob a forma de motor os serviços de retaguarda; finalmente com a modificação da rodagem, com o emprego da lagarta, ela domina inteiramente o campo de batalha.

Os seus efeitos estão sendo ressaltados na hora presente, muito embora já se tivessem feito sentir na grande guerra de 1914-18. E podemos adiantar que a máquina a vapor, já poderia ter começado a sua revolução na arte da guerra, desde o começo do século passado, se o genial Bonaparte, houvesse acreditado nos trabalhos de um outro iluminado — Roberto Fulton — e tivesse aparelhado a sua grande armada com o invento daquele americano.

O seu Grande Exército teria encontrado o trampolim necessário para transpôr o Mancha e o seu formidável sonho teria sido uma explendida realidade.

Sob sua forma atualizada, o motor à explosão sobre lagarta, tem causado profundas transformações na arte da guerra, no que diz respeito a execução.

Nos dias que vivemos, todo o mundo acompanha a nova amostra de belicosidade da humanidade.

Economistas, financistas, industriais, psicólogos, políticos, militares, etc., estão todos de olhos voltados para a velha Europa, cheios de indagações, ávidos de conclusões.

Principalmente militares, são os mais interessados, os mais curiosos, os mais indagadores.

E o interesse mais notável é exatamente no que diz respeito ao motor.

A Aviação e a Moto-mecanização são as atrações do momento.

II) A MOTO-MECANIZAÇÃO NOS EXÉRCITOS MODERNOS

Antes de qualquer cousa, procuremos desdobrar a designação e estabeleçamos a distinção das partes resultantes.

Motorização e Mecanização.

Motorização, conforme a acepção própria do vocábulo, diz respeito ao motor, tratando de seu movimento, da sua condução, da sua utilização.

Mecanização, ou parte prática da Mecânica, também se refere ao motor, quanto ao seu movimento e equilíbrio, sua concepção, sua construção e ainda sua conservação.

A primeira se **utiliza** e a segunda **constroi** o motor.

No ponto de vista militar, posto que impropriamente:

Motorização: — trata dos motores de veículos de transporte e de tração.

Mecanização: — diz respeito aos motores de engenhos de guerra, blindados.

Estabelecida a distinção entre os dois termos, vejamos as suas aplicações nos exércitos modernos.

MOTORIZAÇÃO

O motor de transporte, o impulsor do veículo automóvel, no dizer do Ten. Cel. P. Langlet, brilhante oficial da M.M.F. no nosso País, revolucionou a estratégia. Ele veio dar maior mobilidade aos atuais exércitos, permitindo aos mesmos a velocidade indispensável nos átos de guerra. A manobra napoleônica poude ter maior amplitude. O jogo de reservas, os transportes de retaguarda, as operações de mobilização e concentração, os átos de rolagem, o principal das atividades de um exército está suficiente desenvolvido e facilitado, graças a motorização.

A questão efetivos que, sendo aumentados, traziam sérias dificuldades, dada a deficiência dos meios de transporte, foi quasi que totalmente resolvida. Os efetivos atingiram cifras espetaculares, com o advento da motorização, que permitiu o transporte de homens e material, em qualquer quantidade e com maior facilidade possível.

Na grande guerra, a motorização firmou-se de maneira incontestável. Aquele conflito nos apresenta uma enormidade de exemplos que confirmam o valor do novo recurso.

No começo, vemos Galieni requisitando todos os automóveis de Paris e com eles transportando o VI Exército de Manoury, para a região do Ouro, afim de aliviar a situação vexatória do exército francês, no Marne.

Verdun, foi outro exemplo, resistindo por quatro longos anos, graças aos transportes automóveis que não cessaram

de abastecê-la em víveres, munições e homens, através da célebre Via Sagrada.

A grande rocambole concebida por Ludendorf, em Tanenberg, foi devida em grande parte aos recursos automóveis, que lhe permitiram a flexibilidade necessária ao conjunto e com isto a superioridade desejada em pontos escolhidos, dando-lhe uma das maiores vitórias que a História registra.

No outono de 1918, os aliados dispunham de 200.000 automóveis, sómente na frente de França. Neste ponto estavam em melhores condições que os alemães que só dispunham de 40.000. Esta superioridade em veículos automóveis foi dada aos aliados, pelos americanos e isto explica o valor da contribuição americana.

Na campanha italo-etiope, a proporção que os corpos do exército expedicionário avançavam, turmas de trabalhadores especializados eram empregadas na abertura de estradas, para que assim o serviço automóvel podesse ter o desenvolvimento conveniente.

Desta forma foi possível às tropas do General Graziani penetrarem em território o mais variado que se conceber, em parte bem semelhante ao do nosso País, sem estradas, sem vias de penetração, de topografia bastante irregular, de clima terrível, capás de por si só constituir um grande obstáculo ao invasor.

Nas conclusões a que chegou o Sr. Gen. Waldomiro Lima, nosso observador militar naquele teatro de operações, salientam-se as que dizem respeito ao emprego da motorização:

“Algumas ideias, até esta data não sancionadas pela experiência, sobre os resultados a obter da motorização, consolidaram-se nos campos de batalha da Etiópia.

“Largos horizontes foram abertos à concepção e à realização da manobra na guerra de movimento. A rapidez dos deslocamentos, a faculdade de concentração em prazos muitos curtos, a grandes distâncias, a facilidade do movimento das reservas e o jogo dos escalões sucessivos verificados nestas operações, imprimiram-lhes características particulares”.

A guerra no Extremo-Oriente entre a China e o Japão, graça a imensidão do teatro de operações e a vastidão das planuras da Mongólia e da Mandchúria (características que também são idênticas as dos nossos prováveis teatros de operações), o emprego de forças motorizadas, como também mecanizadas, teve uma larga aplicação.

Na atual guerra, na campanha da Polônia, vimos forças motorizadas em franco acompanhamento às forças mecanizadas, talarem aquele país em questão de poucos dias, reduzindo todas as resistências a nada. Nesta campanha teve-se a impressão de que o exército invasor, por ação do progresso transformou pelo menos, os meios de guerra, muito embora conservasse intátos os princípios fundamentais da arte da guerra. Sim, porque em vez de uma preparação de artilharia, vimos uma preparação de aviação; em vez de couraças fixadoras, vimos couraças propulsoras, isto é, couraças ofensivas no lugar de couraças defensivas; em vez de uma infantaria pé de poeira, estafada, roncera, vagarosa, vimos uma infantaria motorizada, rápida, velós, impetuosa, descansada, bem provida de meios. E tudo isto devido a motorização.

Note-se ainda os movimentos extremamente rápidos de concentração, verificados ultimamente nos Balkans, para onde foi transportado quasi que um milhão de homens em tempo relativamente irrisório em comparação com o necessário em tempos idos. E observe-se que o transporte foi quasi que totalmente feito em veículos automóveis, modo de emprego bem diferente daquele que preceitua o transporte automóvel como um prolongamento do transporte ferro-viário, posto que naquela zona de ação as estradas de ferro não são numerosas. E interessante observar-se aqui que o terreno também não constituiu grande obstáculo capás de desmoralizar o emprego do auto transporte, como querem alguns; pelo contrário, o terreno difícil veio dar a engenharia um papel saliente, uma importância que até bem pouco tempo era completamente desconhecida, ou melhor, negada à operosa arma. Para nós este exemplo é bem importante, porque forçados

pela deficiência de estradas de ferro, não devemos dar a motorização como um prologamento daquele meio e sim como um recurso de que poderemos dispôr para completá-lo.

No nosso País já tivemos provas do valor da motorização.

Em 1924, o Sr. Gen. Rondon lançou mão de colunas de caminhões, afim de deter e bater os rebeldes no Paraná.

Em 1930, o serviço automovel teve desenvolvimento não sómente no Sul do País, onde as estradas são mais numerosas, mas também no Norte, onde o caminhão comum, tipo comercial, sem a menor característica de um **qualquer terreno** (Q.T.), transportou tropas por percursos grandes, por estradas de troupeiros, sem a menor preparação, e tudo isto com certa prontidão, relativa satisfação das necessidades.

Em 1932, o automovel não só prestou inestimáveis serviços às tropas sob o comando do Sr. Gal. Góis Monteiro, transportando víveres, munição, material diverso, etc., através da grande via de penetração Rio-S. Paulo e vias de rocade Queluz-Silveira, Silveira-Cunha, etc., mas ainda aos revoltosos que fizeram o maior emprego da motorização no Brasil, transportando tudo o que necessitavam quasi que exclusivamente em caminhões.

Aliás o estado de S. Paulo neste ponto poderá ser o maior propulsor da motorização no Brasil, exatamente por dispôr presentemente da melhor e maior rede rodoviária do País. Ainda na revolução de S. Paulo é bem interessante notar-se que a necessidade do serviço automovel fez com que os dirigentes da revolução dessem maior valor a rede rodoviária do Estado e por isto vimos o emprego de turmas de civis empregadas intensivamente na melhoria das estradas já existentes e até mesmo na abertura de novas vias, como aquela de Lorena-Cunha, que se tornou notável pela construção relâmpago, pela regularidade da execução dos trabalhos e pela grandeza das vantagens que apresentou durante o desenvolvimento das operações, ligando dois teatros de ação: Vale do Paraíba-Cunha, tendo a importância de uma verdadeira estrada de rodagem.

Em 1931, durante as manobras de Nioac, dirigidas pelo Sr. Gal. Klinger, a motorização também teve largo emprego e tais foram os resultados que aquele ilustre chefe declarou: "O auxílio de transporte de tropa por auto caminhões parece destinado a uma aplicação entre nós extraordinariamente frequente". Para os interessados no assunto, é aconselhável a leitura do relatório do Gen. Klinger sobre aquelas manobras onde encontrarão até normas para a constituição dos combóios automóveis de acordo com a nossa escassez de recursos e as dificuldades apresentadas pelas nossas más estradas.

Ainda em 1931, por ocasião do motim dos cabos, em Terezinha — Piauí, uma companhia de fuzileiros, acompanhada por uma secção de Mtrs. P., do 23 B.C., sob o comando do então 1.º Ten. Jeovah Mota, tendo recebido ordem para deslocar-se de Fortaleza para Teresina, afim de ajudar o governo Landry Sales na debelação do movimento, em três horas apenas, foi preparada e embarcada em uma secção automóvel, organizada no momento, com os precários recursos da praça de Fortaleza.

Essa secção automóvel, composta de 25 caminhões Chevrolet de 2 Tons, e 3 viaturas tipo turismo, venceu em 60 horas um percurso de 750 quilômetros ap. ou sejam 300 Km. por jornada, em estradas por onde não se supunha fosse possível tal movimento.

Trechos houve, como aquele de Campo-Grande (Ceará) — Pedro II (Piauí), em que a secção teve que vencer alturas (Serras de Pedro II), em que a estrada se apresentava como uma vasta escada de pedras, de largos degraus, onde era necessário descarregar todo o material, levantar a frente do carro, empurá-lo a braços, levantar a traseira do veículo, carregar novamente, para se poder vencer um destes degraus.

Foram feitas paradas extitamente necessárias às refeições do pessoal e ao reabastecimento em essência dos carros. A tropa tirou suas sonécas aos solavancos dos veículos em marcha e os motoristas cochilaram nos instantes em que um dos veículos era safado de um atoleiro, com ajuda de car-

naúbas passadas par baixo do quadro e fachinas dispostas no leito da estrada.

Tudo isto, quero crer, prova as possibilidades ilimitadas do serviço automóvel, desde que ele disponha de pessoal decidido e crente na sua capacidade.

E' interessante observar-se ainda que o pessoal e material de tal secção foi tudo improvisado. Os caminhões e automóveis foram arrancados das garages, sem a mínima preparação, e os condutores foram agarrados na rua, certamente de volta de uma noitada alegre e animados do espírito dos que "topam qualquer parada".

Se tal movimento foi possível nas condições expostas, o que não se poderia obter se tivesse havido uma preparação ou se o pessoal fosse especializado?

Todos os exércitos modernos tendem para a motorização, com maior ou menor intensidade, de acordo com os recursos disponíveis, recursos de ordem econômica, industrial, finançeira, etc;

A motorização por si só poderá constituir um programa de governo, tal a grandeza de sua importância, tal o seu papel na vida mesma de um país, tal a sua necessidade no organismo de defesa de um Estado Moderno. E como prova, já tivemos um governo que mais se caracterizou pelo empenho de resolver uma das partes da motorização: abrir estradas foi o lema do citado governo. O Reich, entre as suas grandes realizações, inclue a abertura de auto pistas e a facilidade de aquisição de veículos motorizados. A marcha para o Oeste só poderá ser feita, no nosso caso, com a ajuda imprecindível da motorização.

A vastidão do nosso território, está como que indicando o rumo traçado pela motorização nos outros países atualizados.

Somente a incapacidade de realização e a falta de convicção poderão criar barreiras ao desenvolvimento necessário da Motorização no Brasil.

MECANIZAÇÃO

A mecanização nada mais é que a resultante da eterna luta entre **acouraça** e o **canhão**, conforme dissemos anteriormente, luta em que cada elemento tem tido quasi que alternadamente as suas vantagens.

A sua razão de ser é o **carro de combate**, "veículo automóvel, protegido por uma blindagem, armado para o combate aproximado e capaz de locomover-se em terreno variado".

No começo da Grande Guerra, o antigo problema do encouraçamento do combatente estava em situação francamente estacionária, quasi que relegado ao esquecimento.

O advento da arma automática veio quebrar de modo notório a capacidade ofensiva dos exércitos; a defensiva tornou-se o único recurso dos combatentes, que nos pontos em que se chocavam, aí mesmo se imobilizavam, se enterravam, iniciavam uma luta de trincheiras, uma luta de esgotamento, com insignificantes ações de movimento. Haja visto o período após Marne, na guerra de 1914, em que os contendores se fixaram em duas valas paralelas que se estendiam dos Vosges ao Mar. Observe-se também a tendência pronunciadamente defensiva que poude ser notada no começo do atual conflito, em que todas as esperanças de êxito ou de valor residiam em verdadeiras muralhas da China. Fez-se sentir então a necessidade de um meio que restituisse aos exércitos a sua antiga capacidade ofensiva, única que na realidade soluciona em definitivo qualquer problema da guerra.

Voltaram-se então, todos os que se interessavam pela questão, para as antigas cogitações: a procura da invulnerabilidade, a busca do infante couraçado, de modo eficiente de revestir o homem de metal e torna-lo capás de enfrentar a violência das armas modernas.

O valor da arma automática se tornou tão notável que se dizia após guerra: "muitos voltaram e disseram como se atravessava uma barragem de artilharia mas ninguem conseguiu dizer como se transpunha uma barragem de metralhadoras".

Necessário se tornou a procura de um meio que permitisse ao combatente pelo menos equilibrar essa vantagem da arma automática.

Não bastava o simples capacete de aço que protegia sómente o crâneo do indivíduo; as armaduras, as cotas de malha, as manoplas, eram ineficientes aos projetos modernos e constituíam mais fardos que tiravam ao homem a mobilidade indispensável. A constituição física do combatente não lhes permitia mais conduzir pelas suas próprias forças, todos aqueles protetores reforçados e capazes de resistirem à penetração dos projetos usados.

Veio então a idéia do transporte blindado, capaz de conduzir o infante até o domicílio inimigo, ali despejá-lo para que ele pudesse livre e aproximadamente dar combate a aquele.

Tipo do cavalo de Tróia resuscitado.

E esta foi a idéia inicial, devida ao Cel. ESTIENNE. O pai da moto-mecanização francesa concebeu um engenho de lagarta, protegido por couraça, armado e capaz de rebocar um carro também blindado que devia transportar 20 homens, equipados e armados.

Isto não seria suficiente porque a operação do desembarque que requeria, era muito melindrosa.

Tornou-se evidente que, além de transporte, o novo engenho deveria satisfazer as condições de uma verdadeira arma. Daí a realização moderna do carro de combate, que a partir da grande guerra entra em franca aplicação.

Como o auto de transporte, o carro de combate revolucionou a parte execução da arte da guerra; e isto é muito porque no dizer do grande Bonaparte a arte da guerra é toda de execução.

O Cel. Nehring, oficial alemão, disse que os carros de combate modificaram o ritmo das operações na frente ocidental, durante a guerra 14-18.

Outro oficial alemão, o Gen. Zwehl, declarou no desfecho do grande conflito: "Não é o genio do Gen. Foch que nos vence, mas o Gen. Tank".

O ano de 1918 foi colocado completamente sob o signo dos carros, que exerceram uma grande influência nas últimas ações militares decisivas e o desmoronamento da frente alemã a Oeste.

Sem eles o capítulo final da grande guerra não seria explicado ou mesmo imaginado.

Na campanha italo-etiope, na guerra nacionalista da Espanha, no conflito sino-japonês, nos atuais combates da Europa, verificamos a eficiência dos engenhos mecanizados, ao par das dificuldades encontradas e muito naturais nas épocas de pura experimentação.

Verificamos que a couraça vai resistindo à penetração dos projéctis, cada vez mais, muito embora as armas tendam para maiores calibres, o que importa numa diminuição sensível da mobilidade das mesmas.

Por outro lado a couraça vai aumentando cada vez mais e o veículo que a transporta que antigamente se imobilizava em qualquer poça de lama, ou se detinha em qualquer baranco, já vai vencendo obstáculos bem pronunciados.

Na Polônia o motor blindado venceu a planura e a lama.

Na Holanda e Bélgica transpõe canais e alagadiços.

Nos Balcãs galgou serranias, desfiladeiros e gargantas.

E no deserto tem sobrepujado o clima infernal e o mar de areias.

No Brasil, só tivemos uma vaga idéia do emprego de engenhos blindados. Foi durante a revolução constitucionalista em 1932, em que as tropas legais sofreram por muito tempo as consequências do **trem blindado**. Trata-se do mesmo artifício usado pelos ingleses na guerra dos Boers. Uma locomotiva mais ou menos protegida por placas de ferro, armada de um morteiro Brandt e de algumas metralhadoras pesadas.

Nenhum exército que se diz moderno poderá se classificar como tal, sem que esteja pelo menos procurando adaptar-se a tão decisivo meio de ação.

O mundo inteiro se interessa pelo grande caso da mecanização, por isso que a arma mecânica e a aviação vêm constituindo os elementos mais decisivos do atual conflito.

III) — A DOUTRINA SOBRE O EMPREGO DOS ENGENHOS MECANICOS

EVOLUÇÃO DESDE 1917 ATÉ 1940

Os engenhos mecânicos, dada a sua recentíssima aceitação como engenhos de guerra, tem sofrido uma variação constante de emprego.

De início, o engenho mecânico foi considerado como um meio seguro de transporte.

Nos últimos instantes da Grande Guerra, a arma blindada foi empregada como um simples recurso para se obter a futura ou a destruição de uma defesa francamente organizada.

Em seguida o carro couraçado passou a ser um engenho de acompanhamento da infantaria. Ele veio resolver o magnifico problema do deslocamento da base de fogo de infantaria. Quem já se preocupou com esta questão bem poderá avaliar o grande auxílio que o carro passou a prestar à rainha das armas.

Mas a arma couraçada não devia ficar sómente nisto.

No entanto até 1930, o carro blindado não se podia classificar como carro de combate. Ele é tão somente um engenho de acompanhamento de infantaria. O Regulamento francês ainda afirmava, referindo-se aos carros:

“Eles são capazes de ajudar muito eficazmente a infantaria, contribuindo para destruir ou neutralizar as resistências ativas que entravam a sua progressão e eventualmente lhe abrem passagem através das defesas accessórias. “Eles devem agir em ligação íntima com ela”.

De inicio vemos que o carro só eventualmente podia preceder a infantaria.

E mais adiante, o citado reg. continua:

“Os carros de combate não se destinam a substituição de unidades de infantaria e nem tem possibilidade de aumentar o valor daquelas, cuja capacidade de combate estiver diminuída”.

A ação para ser eficás deve ser explorada pela infantaria no instante em que a mesma se exerce; a progressão desta última é tomada de pé no objetivo comum, é a única causa decisiva.

Ora quem acompanha com atenção os acontecimentos da Europa há de chegar à conclusão de que os carros têm uma grande ação decisiva, e esta não pode ser negada como não é negada o valor da infantaria apesar do advento dos carros como arma.

O regulamento francês prosseguia:

“Os carros são concentrados e agem somente em proveito de unidades cuja progressão determine o sucesso geral da operação”.

O que assistimos atualmente é o carro ocupar uma posição diametralmente oposta, isto é, as unidades só são empregadas onde os carros possam ter a máxima aplicação.

Por outra, diz ainda o regulamento francês:

“Em terreno descoberto e diante de uma posição **fortemente organizada**, os carros são empregados com uma frente bem larga. A surpresa é fator essencial afim de que o efeito moral de uma irrupção brusca seja explorada ao máximo. Não devem ser empregados em ataques muito profundos afim de subtrai-los à ação da artilharia inimiga”.

Em suma o emprego da arma couraçada era condenado; ao carro não eram permitidas ações de larga envergadura, característica fundamental do mais moderno emprego dos engenhos blindados. Ele tinha que se limitar a um simples engenho de acompanhamento, roncero e moroso.

Com esta finalidade foi construído o material francês: boa couraça, pouca velocidade, quasi que regulada pela do infante a pé, raio de ação limitadíssimo.

O resultado de um tal modo de emprego dos carros de combate está patenteado nos resultados da campanha de França e dispensa comentários.

Na Revolução Nacionalista da Espanha, os carros de combates, como quasi todos os materiais de guerra, foram submetidos a testes bem fortes.

Os carros foram pela primeira vez separados da infantaria, que até então devia acompanhá-los. Nesta tentativa de separação, houve um completo fracasso porque não foram convenientemente preparados por uma ação de grande profundidade e o desamarramento da infantaria ainda era causa condenada, o material ainda não inspirava uma confiança integral; ao ultrapassarem as primeiras linhas, ato reflexo, espreiram pelo infantes que não podiam progredir até lá porque de permeio ficaram armas inimigas que continuaram a lhes barrar a progressão. Por isto tiveram que tornar à base de partida com pesadas perdas.

Na guerra sino-japonesa, por ocasião da conquista de Nanchang, os japoneses "empregaram colunas de carros leves isolados, guarneçendo cada carro com cinco soldados. Os carros afastaram-se da infantaria cerca de um dia e meio. Para o reabastecimento deles, foram usados pela primeira vez com êxito, os aviões. Tanques de essência foram lançados em paraquedas no fim de cada dia de marcha. Daí em diante, os carros lançaram-se a fundo sem se preocuparem com a solução daquele problema". (1)

Na campanha da Polônia e posteriormente na de França, vimos os carros agirem isoladamente, empregados à fundo, apoiados unicamente pela aviação.

Ali vimos realizadas as palavras proféticas do Gen. Guibérian, Inspetor das Formações Mecânicas Alemães, que disse:

"Uma noite as portas dos hangares de aviação e dos dos carros se abrirão, os motores serão postos em movimento os esquadrões partirão.

Um primeiro golpe desferido de surpresa permitirá por a mão sobre regiões importantes pela sua indústria e pelas matérias primas que possuem; ao mesmo tempo, pelos aéreos, paralizar-se-á a ação do governo e do comando adversário e se desorganizará suas comunicações.

O ataque assim desencadeado por surpresa, visando objetivos estratégicos, penetrará mais ou menos profundamente

(1) Conferência do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo.

no território inimigo; constituirá uma primeira vaga, que será seguida por Divisões de Infantaria transportadas em caminhões; as unidades mecânicas ficarão então disponíveis para um novo golpe que se pense desferir".

Para isto o material alemão foi construído, de modo que os carros tivessem forte blindagem, raio muito grande e velocidade notável.

Quanto às conclusões que se podem tirar de um tal emprego de carros, mais uma vez o conflito atual nos ajudará a tirar-las dos acontecimentos que nele se verificaram.

O carro deixou de acompanhar para ser acompanhado. Fez com que os outros meios adquirissem mais velocidade, para que podessemos acompanhá-los; não se mortificou em reduzir a sua velocidade para que podesse seguir de perto e em íntima ligação outras armas.

Para um exército que dispõe de recursos, exército de um País cuja doutrina de guerra nacional é levar o conflito ao território inimigo, tal deve ser a doutrina de emprego dos engenhos couraçados.

Para exércitos que por desgraças tenham a idéia de mera defensiva e que esperam resolver suas questões aguardando que o inimigo venha ao território de seu país, para depois repeli-lo, por simplicidade concepção pacifista ou por falta de capacidade ofensiva, o emprego do carro de combate como um engenho de acompanhamento é o mais aconselhável, com a missão bem reduzida de contra-atacar.

IV) ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES MOTORIZADAS E MOTO-MECANIZADAS

Emprego dessas unidades.

A organização das unidades motorizadas e moto-mecanizadas depende do emprego das mesmas.

E' o princípio de emprego quem dita então a composição dessas unidades.

Aqui, mais uma vez, temos que distinguir motorização de mecanização, porque sendo diferentes os empregos das mesmas, diferentes devem ser as suas organizações.

Assim é que distinguimos nas unidades motorizadas as que se destinam ao transporte exclusivamente, e as que podem ser auxiliares das unidades mecanizadas.

As **unidades motorizadas de transporte**, empregadas sómente na condução de material e tropa (tropa transportada) não tem uma organização de guerra propriamente dita; elas se organizam como um verdadeiro serviço auxiliar e se desdobram de acordo com as necessidades das tropas para quais trabalham, com os efetivos a serem transportados, com as condições de circulação das estradas por onde trafegam, etc.

Em geral a organização dada a estas unidades é a seguinte:

- Secções;
- Grupos;
- Combóios.

Conforme o número de veículos empregados ou disponíveis.

As motorizadas auxiliares das mecanizadas ou **motorizadas de combate**, já têm um emprego no combate e por isto se organizam para tal e daí as Cias, os Esqds, os Btls., os Regimentos motorizados.

Estas unidades podem dispor ou não de seus veículos de transporte; quando por deficiência de recursos não dispõem de viaturas automóveis necessárias ao seu transporte, utilizam-se das unidades de transporte. Tem contudo os seus serviços completamente motorizados com material próprio.

Quanto às mecanizadas, estas só compreendem as de combate, porque normal é o seu emprego na luta.

De um modo geral elas se desdobram em:

- Unidades de acompanhamento;
- Unidades de apoio ou de conjunto;
- Unidades de combate ou independentes.

As **unidades de acompanhamento** são as destinadas a acompanharem a infantaria, servindo-lhe de verdadeira base de fogos móvel.

As unidades mecanizadas de conjunto: tem a mesma missão das unidades de conjunto da artilharia. Prestam normalmente um apoio afastado à infantaria, agem por ação determinada pelo comandante de uma grande unidade, em proveito de determinadas unidades e em determinadas ocasiões.

As unidades mecanizadas de combate propriamente ditas, independentes ou de choque, constituem o que se pode chamar de **ARMA COURAÇADA**. O seu emprego é especializado, independente.

O tipo clássico atual dessas unidades é a Divisão Moto-Mecanizada Alemã, a **PANZERDIVISIONEM**.

Vejamos o emprego de tal unidade e sua consequente organização:

A Panzerdivisionem é uma unidade destinada ao combate afastado, profundo e independente. Eis o seu princípio de emprego.

Como consequência, ela é de inicio dotada de um elemento exclusivamente de combate:

A Brigada Couraçada: que age pelo choque, pode-se dizer mesmo por arrombamento, é destinada a quebrar as resistências inimigas; ela compreende dois regimentos de 1 Batalhão de carros médios e 2 de carros leves, cada um, num total de 480 carros.

Para que este primeiro elemento possa ir ao local de emprego nas melhores condições de segurança possível e, para que os resultados obtidos pelo menos sejam assegurados e explorados convenientemente, a Panzerdivisionem dispõe de um segundo elemento:

A Brigada de Reconhecimento e ocupação do terreno: desdobrada em 1 Btl. de motociclistas, para a tomada de contato; um Regimento de Descoberta e Reconhecimento para as missões de busca de informações e localizações do inimigo; e dois Regimentos de Infantaria, motorizados, para a manutenção do contato, em princípio, e ocupação do terreno, no final da operação.

Estes dois elementos já citados naturalmente exigem um apoio de fogos de Artilharia que lhes é dado por uma:

Brigada de Artilharia, motorizada, independente do apoio geral de aviação, certamente para completo da ação daquela à semelhança das artilharias de apoio direto e de ação de conjunto.

Todos estes elementos contam certamente fazer frente às tropas motorizadas e mecanizadas inimigas; daí o quarto orgão da Divisão:

O **Destacamento Anti-carro**: que se encarrega da destruição dos carros adversários, todo ele mecanizado, verdadeiro veneno da cobra contra a cobra, composta de **Panzer-Jager** ou seja de **Carros Caçadores** (de grande tonelagem, da ordem de 72 T.).

A Divisão alemã para fazer frente ainda mais às defesas passivas anti-carros, para que tenha os seus caminhos preparados ou reparados, ela necessita do auxílio valioso da engenharia e para isto dispõe do:

Batalhão de Sapadores Motorizado: para a satisfação de todos os serviços indispensáveis de engenharia.

Finalmente, um tal organismo necessita de um elemento que lhe assegure as ligações e transmissões entre os seus diversos órgãos e bem assim daqueles com o comando, afim de que este se exerça com precisão e eficiência por isto a Panzer, tem organizado o:

Batalhão de Transmissões: motorizado, orgão de real importância, posto que graças a ele o comando é exercido e pelas impressões que nos deixam os comunicados de guerra atualmente, deve ser ele também quem dirige os carros em luta, sanando o grave defeito de observação que se verifica nos engenhos blindados, provavelmente por meio de seus recursos em radio-telefonia.

Vinte divisões deste tipo, acompanhadas de serviços normais e de reservas proporcionais constituem a **Arma Couraçada Alemã**.

Por aí vemos a nova arma que vem se impondo a todos os exércitos do mundo, não veio em absoluto dispensar as

demais armas, não se constitue para criar milindres entre irmãos de luta; ela veio tão sómente reforçar os meios de ataque, restituui aos combatentes a sua antiga capacidade ofensiva; conseguiu além do mais adaptar as demais armas aos recursos modernos da ciência, veio acomodá-las ao estado atual do progresso humano.

Como arma nova ela foi buscar os fundamentos nas outras. Assim é que se vê:

Na Bda. Couraçada, a caraterística mais acentuada de arma própria.

Na Bda. De Rec., a Cavalaria e a Infantaria nas suas missões naturais.

A primeira nas missões de reconhecimento e descoberta; a segunda na de ocupação e conservação do terreno conquistado.

Na Bda. de Artilharia e no Destacamento Anti-carro, a artilharia de conjunto.

Nos Btls. de Sap. e de Trans., a engenharia nos seus trabalhos técnicos normais.

No nosso país a tendência é de se organizar a arma couraçada, dependendo a sua organização do emprego que se queira dar a mesma.

Já possuímos os núcleos dos diferentes elementos motorizados. Resta-nos cuidarmos das unidades mecanizadas. Umas e outras deverão formar dentro em pouco o exército de choque do Brasil.

E já que aos poucos vamos dando atenção a nova arma, provando que somos capazes de seguir de perto a evolução continuada da arte da guerra, que não nos amarramos mais ao cepticismo rotineiro, ao conservadorismo comodista, julgo que não será demais, nos limites deste trabalho, perdirmos a atenção dos nossos organizadores e legisladores para o projeto esboçado pelo General Charles De Gaule, oficial francês, que pouco antes do atual conflito, muito trabalhou para que se organizasse a Arma Couraçada, no seu País. Infelizmente a política, a descrença, a incapacidade, a incompreensão, desgraças que existem em todos os recantos do

mundo, impediram-no de realizar seus projetos e as consequências disto estão aí bem claras.

O livro "Exército profissional" retrata bem os males da latinidade, o seu espírito rotineiro, a sua falta de organização, o seu estúpido mas glorificado poder de improvisação.

Ao darmos a organização do Exército de Choque, sonhado por De Gaule, acrescentamos que aquele oficial foi um dos raros comandantes da Gloriosa França que, com os poucos recursos em material moto-mecanizado disponíveis conseguiu vitórias nos primeiros embates da atual tormenta.

Não nos interessa a atual situação política daquele ilustre oficial. Importa-nos a lição de França, que até na sua desgraça ainda nos trás ensinamentos.

Projeto da arma couraçada em França

apresentado pelo Gen. CHARLES DE GAULE;

(I) Testa	1 Divisão Ligiera	(Reconhecimento e Descoberta)	
		1 Regimento de carros pesados	
(II) Grosso constituído de seis (6) Divisões de linha, tendo cada uma:	1 Bda. Blindada (combate)	1 Batalhão de veículos leigos.	
		2 R. I., fortemente dotados de armas automáticas.	
(III) Reserva	1 Bda. de Infanteria (ocupação e conservação)	1 B.C.	
		1 Reg. de canhões curtos e pesados.	
(IV) Serviços	1 Bda. de Artilharia (apoio direto e conjunto)	1 Reg. de canhões leves e tiro tenso.	
		1 Grupo anti-aéreo.	
		1 Batalhão de Engenharia	
		1 Batalhão de Transmissões	
		1 Batalhão de Disfarce (camouflagem)	
		1 Grupo de Aviação	
		1 Bda. de Carros — material ultra pesado (72 Ton.)	
		1 Bda. de Artilharia — grande calibre	
		1 Reg. de Engenharia	
		1 Reg. de Transmissões	
		1 Reg. de Disfarce	
		1 Reg. de Aviação de reconhecimento	
		1 Reg. de Aviação de Caça	
		Os normais das unidades moto-mecanizadas.	

Observações:

— A organização do Gen. De Gaule se assemelha muito com a alemã, tendo porém aperfeiçoamentos bem notáveis como sejam os de uma aviação orgânica e um serviço especial de disfarce. — Por outro lado, não encontramos o Dest. anti-carro, naturalmente organizado como o alemão mas aparecem a Bda. de Carros Pesados da reserva a o Reg. de canhões leves e tiro tenso que certamente preenchem as finalidades daquele Destacamento.

CONCLUSÃO

Antes de mais nada, para atingirmos tal grau de progresso de recursos bélicos e de organização de guerra, necessário se torna lançarmos mão do fator **moral**.

Necessitamos da criação de um espírito relativo.

Impõe-se a formação de um ambiente onde possam viver em destaque os nossos Estienne, Perré, De Gaule, Goulian, Simmemburg, Fuller.

E' preciso uma convicção na luta contra o ceticismo que costuma cercar os que se batem pela inovação progressista.

Para nós brasileiros, o problema da motorização acarreta uma série de outros problemas, como sejam o do combustível, da indústria automovel, das vias de comunicações.

Mas estes problemas longe de constituirem entraves e argumentos decisivos dos pessimistas contra todo trabalho em pról da solução para o caso da nossa moto-mecanização, devem pelo contrário, servir de estimulantes aos que bem intencionadamente se batem por tal assunto.

Se nos falta petróleo, não será por isso que iremos cruzar os braços, desistir do nosso intento e esperar pelo Deus dará ou confiar no poder de improvisação. Isto será motivo para que nos apaixonemos pela solução de mais este problema.

Se nos falta indústria automovel, por falta de siderurgia, ingressemos nas fileiras dos que se batem por tão magna

questão e sejamos colaboradores interessados daqueles lutadores.

Se nos faltam rodovias estimulemos a iniciativa particular que tantos resultados deram nos Estados Unidos da América do Norte.

Se nos faltam material para iniciarmos as nossas atividades profissionais técnicas, compremo-lo no estrangeiro embora que parcimoniosamente, o necessário para prepararmos os nossos primeiros técnicos. Sirva-nos de exemplo e estimule o poder de vontade dos que vem combatendo no nosso País, com meia duzia de carros velhos que há vinte anos rolam por aí e que serviram para os estudos dos nossos já bem notados mestres no assunto.

Criemos antes de tudo uma mentalidade Moto-mecanizada, como:

- uma paixão decidida até ao sacrifício, como a da Rainha das Armas;
- um espirito impetuoso e resoluto como o da nobre Cavalaria;
- um convencimento próprio, como o da poderosa Artilharia;
- uma operosidade, como o da técnica Engenharia;
- e uma audácia, como a da altaneira Aviação.

Espírito de sacrifício, Impetuosidade, Resolução, Convencimento, Operosidade, Audácia, tais devem ser os atributos da **ARMA COURAÇADA**.

FAÇAMOS COM QUE O EXÉRCITO BRASILEIRO GLORIOSO NO PASSADO, SEJA MODERNO NO PRESENTE, PARA QUE POSSA SER VITORIOSO NO FUTURO;

Precisamos de um Exército moderno, forte, rápido e eficiente.

Só assim poderemos ter um orgulho **SOCEGADO** das belezas, riquezas e vastidão do Território Pátrio.

PUBLICAÇÕES

A "A DEFESA NACIONAL", desde a sua fundação vem publicando alem da Revista, regulamentos e outros trabalhos de reconhecida utilidade profissional.

No cumprimento deste programa, resolveu o Conselho de Administração dar maior desenvolvimento a este setor de atividade da Sociedade, propondo-se a publicar, no mínimo, um livro ou regulamento a partir de janeiro de 1942.

"A DEFESA NACIONAL" espera contar com o precioso auxilio de camaradas do Exército para o cabal desempenho desta parte de seu Estatuto.

Para edição dos livros de utilidade técnico-profissional, os interessados devem dirigir-se à Diretoria da Revista, remetendo dois exemplares do livro a publicar e a competente autorização do Estado Maior do Exército.

A direção da Biblioteca e edição dos novos livros de "A DEFESA NACIONAL", foi confiada, por deliberação do Conselho Administrativo, ao Ten.-Cel. DJALMA DIAS RIBEIRO.

GUERRA DE SECESSÃO

1861 — 1865

Pelo Major Arthur Carnaúba

(Conclusão)

OS ENSINAMENTOS MILITARES DA GUERRA

I — Exércitos improvisados

A batalha de BULL RUN dispensa comentários.
E a condenação formal dos exércitos improvisados.

II — Inovações introduzidas no material de guerra

1.º) — Sensível evolução experimentaram os meios de combate no decurso da guerra:

a) — **Infantaria** — Foi dotada de armas de tiro rápido e de repetição; atiradores de escól utilizaram fusils de precisão; granadas foram empregadas no campo de batalha; os ataques eram precedidos de explosões de minas formidáveis para a época (seis toneladas de explosivos); experimentaram-se metralhadoras modelo GATLING e fusils-trincheira; fabricaram-se morteiros de madeira embutidas em ferro, muito semelhantes a certos lança-minas alemães de 1915.

b) — **Artilharia**. — Foi dotada de canhões raiados, providos de dispositivos destinados a evitar-lhes a ruptura, fabricados em série (3.000 peças foram entregues ao exército federal pelos fabricantes PARROT).

Imaginaram-se novos processos para dotar a artilharia de sítio ou de marinha de canhões de 30 e 40 cm. de calibre, atirando projéctis de 100, 300 e mesmo 1.000 libras (canhões DAHLGREEN, sistema PODMAN); os projéctis foram pro-

vidos duma cinta de fechamento; o schrapnell foi empregado.

Uma peça de longo alcance (8 Km.) foi estabelecida, à entrada da baía de CHARLESTON, numa região pantanosa, sendo, por isso, denominada "ANJO DO PANTANO".

Enfim, peças de grosso calibre foram instaladas em trens blindados, a-fim-de apoiarem a marcha das colunas.

2.º) — **Observação terrestre.** — Apareceu também no campo de batalha. Um corpo de sinaleiros — "Sinal Corps" — instalou seus postos de observação munidos de binóculos e que, na falta de observatórios naturais, eram estabelecidos em torres — observatórios (no sítio de CHARLSTON, por exemplo).

3.º) — **Comunicações telegráficas.** — Grande foi o seu desenvolvimento: 25.000 Km. de linhas militares foram estabelecidas, das quais 5.200 durante um único ano de guerra.

4.º) — **Marinha.** — Foram notáveis seus progressos: armamento novo, couraçados com torres blindadas, ensaio de torpedos, submarinos e baterias submarinas, barragem dos portos com rãdes protetoras e campos de minas, emprêgo de torpedos e minas elétricas.

* * *

Se nos reportamos ao que vimos, na 1.ª conferência, a propósito da situação do material de guerra no início das operações, poderemos bem compreender o extraordinário esforço que foi despendido, principalmente pelos nortistas, para atingirem o grão de desenvolvimento a que chegaram.

Realmente, no começo, a infantaria federal foi armada com todos os modelos que puderam ser comprados na EUROPA; mais de 36 modelos foram postos em serviço, desde o fuzil MINIÉ até à simples espingarda de caça.

Ora, com o prosseguimento da luta os nortistas adaptaram e fabricaram o fuzil SPRING FIELD, análogo ao modelo inglês ENFIELD.

A produção anual das armas SPRING FIELD que, antes da guerra, era de 10.000 a 12.000 fusões, atingiu a 200.000 em 1862, e a 250.000 em 1863.

III — Os efetivos

Na batalha de BULL RUN, os efetivos eram modestos: nortistas (28.000 homens) e sulistas (22.000).

Já em 1864, quando, a 2 de Maio, o Ex. do POTOMAC transpôs o RAPIDAN, achava-se com 130.000 homens, efetivo correspondente, atualmente, a 6 D.I., isto é, a 3 C. Ex. de 2 D.I. cada um, o que representa uma massa importante de forças.

IV — Organização das G.U.

Encontramos, entre os nortistas, a noção da Divisão como unidade de combate, do C. Ex. como unidade de batalha e do Ex. como unidade fundamental da manobra estratégica.

Surgiu também o escalão **Grupo de Ex.** e o Generalíssimo tinha sob suas ordens, na fase final da guerra, 2 grupos de Ex.

Essa organização das grandes unidades representa, pois, um notável progresso.

V — O Estado Maior

A falta de um E.M. organizado desde o tempo de paz e duma escola destinada à formação de seus oficiais, obrigou os dois adversários a recorrerem a oficiais estrangeiros: três príncipes franceses da família de ORLEANS, conde de PARIS, o príncipe de JOINVILLE, o duque de CHARTRES, sem contar outros oficiais (4 alemães, 1 austríaco, 2 suecos, alguns ingleses e o Major suíço LECONT) ingressaram nos E.M. nortistas.

Esse **E.M. internacional** mostra, à evidencia, que os E.M. não se improvisam; sua organização, a formação de seus elementos constitutivos, sua instrução, etc., exigem um acurado trabalho anterior à guerra, uma minuciosa e criteriosa preparação.

Do lado sulista, encontrava-se também, entre outros, o major prussiano **SCHEIBERT**, que escreveu, aliás, interessante obra sobre a guerra.

VI — Os Serviços

O Serviço de Saúde foi organizado admiravelmente, a ponto de suas instalações servirem de modelo às adotadas na guerra de 1914-18.

VII — Guerra de trincheira

As batalhas defensivas de VICKSBURG, SPOTTSYLVANIA e PETERSBURG são verdadeiras lutas de trincheira, que surgiram, pela primeira vez, nesta guerra: assaltos por vagas sucessivas, iniciados à hora determinada, relógios acertados, etc.

A organização das posições defensivas, no que os sulistas se revelaram mestres, obedecia a um método perfeito: escalonamento em profundidade, postos de combate e de observação, praça d'armas, etc.

A **potência de fogo** começou a se manifestar também no campo de batalha.

As tentativas infrutíferas de GRANT para romper as posições sulistas de SPOTTSYLVANIA e as enormes perdas sofridas o atestam; o fracasso da coluna de assalto PICKETT na fatal jornada de 3 de Julho, em GETTYSBURG, constitui também eloquente prova dessa asserção.

VIII — Utilização militar das vias férreas, marítimas e fluviais

Os dois adversários fizeram um largo emprego das suas vias de comunicação, ferro-viárias, marítimas e fluviais.

O C. Ex. LONGSTREET, ao regressar da PENNSYLVANIA, foi transportado do RAPPHANNOCK para além de ATLANTA (Setembro de 1863).

JOHNSTON empregou a via-férrea para atingir a tempo o campo de batalha de BULL RUN (21 de Julho de 1861).

JACKSON utilizou-a nas suas célebres operações no vale do SHENANDOAH.

Um C.C. (8.000 homens) foi transportado pela flotilha do MISSISSIPE até VICKSBURG.

Enfim, os nortistas utilizaram a via-marítima para transporte de tropa e seu reaprovisionamento.

“A União, diz o Cel. BESSIÉ LA FOSSE, realizou uma mobilização industrial extremamente notável, cujo estudo apresenta, mesmo no atual momento, o maior interesse”.

O Sul, por sua vez, utilizou todos os meios ao seu alcance para a fabricação de material de guerra.

Extremamente pobre de usinas e matérias primas — não dispondo do domínio do mar — apelou para medidas extremas.

Até os sinos foram requisitados e fundidos!

No domínio econômico, os sulistas dispenderam também formidável esforço.

Seu regime econômico interno foi modificado: a cultura do algodão foi substituída pela dos cereais, tanto que, em 1864, SCHERMAN pôde alimentar seu exército na planície de GEÓRGIA.

Obrigar o adversário a consumir todos os seus recursos — exgotá-lo, eis uma das características da guerra moderna.

Daf, a importância considerável do **Domínio do Mar**, principalmente quando o país precisa recorrer ao estrangeiro para poder alimentar a luta.

E o caso da Confederação!

XI — O fator econômico

Eis a razão porque este fator surgiu como um dos elementos das combinações estratégicas dos nortistas, que pro-

curaram — por um duplo bloqueio terrestre e marítimo — cortar seu adversário de todas as fontes de abastecimento.

Por sua vez, as duas grandes ofensivas sulistas na direção geral do N. (MARILAND e PENNSYLVANIE), tiveram, além de seu objetivo militar, **um fim político e econômico**.

E que a guerra moderna exige, não só o emprêgo dos recursos militares duma nação, mas a utilização sistemática de todos os seus meios, de todas as suas forças vivas.

E sob esse aspecto, como em outros, a **Guerra de Secesão** foi uma luta comparável aos grandes conflitos europeus, à Grande Guerra de 1914-18 e à guerra atual, em que — o **bloqueio econômico** assume proporções jamais vistas no decorrer da história.

E a **estratégia de exgotamento**, uma das formas mais típicas da estratégia moderna! . . .

XII — Guerra moderna

A **Guerra de Secesão** foi, pois, uma **guerra moderna**, com todas as suas características.

De feito, ao contrário do que afirmavam alguns estrategistas de gabinete, a conflagração européia durou quatro anos; ultimamente, a luta civil na **ESPAÑHA** levou cerca de três.

A guerra atual já entrou em seu segundo ano.

As lutas do nosso século tendem, assim, a se caracterizarem pela sua prolongada duração.

E para pôr um fim a essas intermináveis lutas — tanto mais duradouras quanto mais poderosos forem os recursos dos contendores — o **processo**, e o Marechal FOCH soube empregá-lo com mestria, consiste em obrigar o adversário, por meio de ofensivas sucessivas, a empregar todas as suas reservas (homens, material, munições), desorganizá-lo, levá-lo ao extremo limite de sua forças materiais e morais.

Foi a estratégia de GRANT na primavera de 1864.

Todas as suas batalhas durante a campanha da VIRGÍNIA (WILDERNEES, SPOTTSYLVANIA, ANNA RIVER, PETERSBURG) foram, de fato, verdadeiras **batalhas de ex-gotamento**, completadas por um bloqueio sistemático dos principais portos e pelas operações de SCHERMAN na GEÓRGIA.

Absorvidas as reservas por essas ações ofensivas preliminares e exgotados todos os recursos do adversário pelo bloqueio, urge desferir-lhe o golpe mortal e decisivo.

Foi ainda o que fez GRANT na sua ofensiva de 1865, na qual esmagou, numa verdadeira tenaz, as últimas forças da Confederação!...

E que analogia oferece esse lógico desenrolar de acontecimentos com a evolução da grande guerra de 1914!...

E' a afirmação unânime de todos os autores!...

Duração, — corolário inevitável do poder defensivo do armamento, dos progressos cada vez mais acentuados da fortificação, do rápido deslocamento das reservas e dos recursos imensos acumulados pelas nações modernas;

Exgotamento Progressivo do adversário, exgotamento militar, econômico, político e financeiro;

Ofensiva decisiva no período crítico em que o inimigo, quasi agonizante, estiver impossibilitado da menor reação, tais são as características essenciais da **guerra moderna**.

E qualquer ofensiva desencadeada antes desse momento supremo, está condenada ao insucesso.

O fracasso das ofensivas de LUDENDORF em 1918 não teve outra causa.

A ofensiva de FOCH foi vitoriosa, porque o seu adversário estava à **baut de soufle**...

As operações ofensivas dos alemães no último ano da guerra e a **"Batalha de Foch"** são as duas lições máximas da memorável peleja.

A campanha de GETTYSBURG, em 1863, e as operações de GRANT, em 1864, são também os dois mais eminentes ensinamentos da guerra norte-americana, na opinião

do Ten. Cel. DAILLE, através, de seu interessante estudo **"Deux Leçons de la Guerre de Sécession"**.

"A primeira, diz ele, é o prototípico da reação inevitável que devemos esperar do beligerante que estiver ameaçado de se esgotar antes de seu adversário".

"As segundas nos mostram, os métodos de guerra a que a nação possuidora da superioridade da massa terá de recorrer para garantir o triunfo definitivo de sua causa".

LEE em 1863, e LUDENDORF em 1918, jogaram sua última cartada antes de seus adversários terem ultimado a reunião completa de seus poderosos meios e de seus inexgotáveis recursos.

GRANT em 1864 e FOCH na fase final da luta, tiraram ambos partido do **poder esmagador do número** diante de seu adversário que havia sido sistemática e progressivamente exgotado.

A estratégia moderna é, de fato, a **estratégia do exgotamento!**...

E a **Guerra de Secessão** nos oferece um exemplo típico dessa nova forma da **Arte da Guerra!**...

Ela foi, por todos os títulos, uma guerra moderna...

A **primeira guerra moderna** que nos registra a História Militar!...

XIII — Conclusão

Todos esses ensinamentos, entretanto, podem resumir-se nas três magníficas lições que são:

— BULL RUN,

— GETTYSBURG e

— as operações ofensivas de GRANT em 1864 e 1865, conforme afirmamos no nosso primeiro artigo.

Os exércitos improvisados estão condenados à derrota: é o exemplo de BULL RUN.

O mais fraco deve procurar obter a decisão antes de suas reservas serem absorvidas e seus recursos exgotados: é o caso da ofensiva de GETTYSBURG.

O mais forte, ao contrário, deve, preliminarmente, ex-gotar o adversário para desferir-lhe, depois, o golpe fatal, destinado a acarretar a sua irremediável perda material, moral, econômica, financeira e política.

E o memorável exemplo de GRANT nas suas operações ofensivas de grande estilo de 1864 e 1865!...

Tais são as três grandes lições da **Guerra de Secesão!**...

IX — A duração da luta

O poder do armamento empregado, os progressos realizados no domínio da fortificação e os grandes efetivos impuseram à luta, como só acontecer nas guerras modernas, uma longa duração.

Realmente, GETTYSBURG, batalha de encontro, durou 3 dias; CHANCELLORSVILLE, 5; em frente de RICHMOND travaram-se combates de 7 dias (MAC CLELLAN) e de 11 (GRANT).

VICKSBURG foi uma batalha defensiva de dois meses; PETERSBURG, de mais de seis.

Na GEÓRGIA, vimos SCHERMANN, em SAVANNAH, precisar de mais de um mês (de 21 de Dezembro de 1864 a 1.º de Fevereiro de 65) para preparar a continuação do seu movimento na direção de COLÚMBIA, na CAROLINA DO SUL.

E esse ritmo das operações não empresta, de fato, a esta guerra — tão pouco estudada antes de 1914 — uma fisionomia toda especial?

E se refletirmos na quantidade de munição que foi necessário transportar até o campo de batalha, em GETTYSBURG, por uma linha de comunicações extensíssima, para o desencadeamento duma preparação de 130 peças, o que representava, na época, uma massa de artilharia apreciável? E o tempo necessário para isso?

Todos esses fatores tinham de impor à luta uma duração muito diferente da das guerras de FREDERICO II e NAPOLEÃO.

X — A mobilização industrial

Eis um novo fator, cuja importância esta interessante guerra pôs relevo e que foi uma consequência da sua duração.

Uma guerra prolongada exige a reunião de meios poderosos, não só meios de luta (material e munição), mas, também recursos econômicos, industriais e financeiros.

BIBLIOGRAFIA

Aperçu sur la Guerre de Sécession des Etats Unis de L' Amerique du Nord (1861-1865) — Cel. DEROUGEMONT (1927).

Guerra de Secesão (conferencia) — Ten. Cel. BÉZIERS LA FOSSE (1925).

Deux Leçons de la Guerre de Secession — Lnt. Cel. M. DAILLE (1920-24).

El Comando Unico (conferencia) — Gen. J. E. VACAREZZA (1927).

Noções de estratégia — Gen. SPIRE (1930).

La Puissance de la Personalité à la Guerre — Gen. VON FREITAG (1913).

A guerra moderna — Cel. BOUDOUIN (1934).

Étude synthétique des principales campagnes modernes — Gen. DESCOINS.

Historire des Etats-Unis — E. PRÉCLIN.

Nota da Redação — Deste interessante artigo, a A DEFESA está providenciando uma separata que será vendida a preço módico.

Narração, feita pelo seu próprio comandante, dos combates de um batalhão de infantaria, do Exército Alemão, na região do Sul de Toul Nancy (Cap. Leo Drossel)

(Tradução da revista militar alemã
"DIE WERHMACHT" de 20/11/1940)

pelo Cel. H. LOTT

Partindo da região de SEDAN, nosso regimento atingiu, a 19 de junho de 1940, a região a Oeste de TOUL, após numerosos ataques e combates em perseguição do inimigo, ao longo do curso do MOSA entre a floresta de ARGONNE e VERDUN.

VOID, uma cidadezinha industrial de alguns milhares de habitantes foi por nós conquistada.

Nossos pioneiros conseguiram em mui pouco tempo restabelecer uma das pontes destruídas pelos francês, e, que através do canal RHENO-MARNE, nos permitiria prosseguir no encalço do inimigo.

À nossa frente, encontrava-se uma profunda mata, a floresta de VAUCOULEURS, cuja orla oriental já havia sido atingida por elementos de nossa divisão. Apenas a dominante elevação 359 e a localidade de VAUCOULEURS separavam nossa divisão das margens do MOSA, que desta vez deveria ser atravessado pela nossa divisão na direção de Leste, a fim de completar o cerco e a destruição das divisões francêsas, que, do Norte, Leste e Oeste, tinham sido comprimidas na região ao Sul de TOUL NANCY.

E' mister agir rapidamente, para não dar às forças francêses nenhum tempo ou possibilidade de se reagruparem e escaparem para o Sul, da iminente derrota e dissolução. Com perfeito conhecimento do perigo que nos ameaçara, instalaram os francêses, solidamente entrincheirados na margem oriental do MOSA e em torno de CHALAINES, suas tropas de elite mescla-

das com suas forças melhor treinadas para a pequena guerra, as do Exército colonial, com o propósito de tentar aí, quiçá pela última vez, escapar ao decisivo golpe contra seus flancos e retaguardas.

Pouco depois da meia noite, talvez a 1h.30, fomos despertados pelo estrepito produzido por um auto DKW. Um agente de Transmissão do Cmt. do R. I. procurava o P. C. do batalhão. Penosamente caminhava, na escuridão, através dos arbustos e moitas, até alcançar a barraca do P. C. do Btl., no meio do bosque de VAUCQUELERS.

O Btl. aí chegara, na tarde da véspera, transportado em caminhões. Achava-se então largamente articulado, pronto para uma nova missão. Apenas, de tempo a tempo, reboam os tiros de nossa Artilharia, em posição, em uma clareira a curta distância à nossa retaguarda.

O Cmt. do Btl. deve partir imediatamente para o P. C. do R. I. "Devo conduzi-lo *incontinenti*", são as palavras do agitado mensageiro, que aparentemente pressente a grande responsabilidade que no momento recai em um simples cabo.

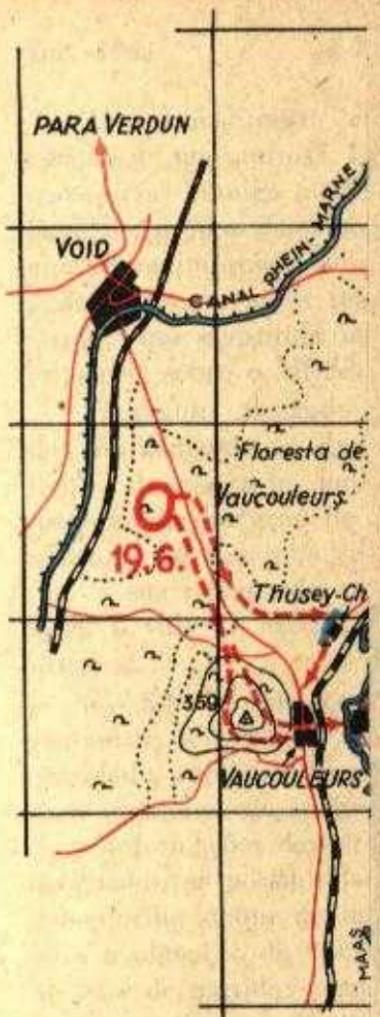
Enquanto o Btl. faz todos os preparativos para uma partida imediata, recebo, no P. C. do R. I., curvado sobre a carta, iluminada por uma vela, a missão particular do Btl.:

"O batalhão atravessará, a viva força, o MOSA, no lusco-fusco da madrugada: Será para isso reforçado pela Cia. de canhões de Infantaria, por dois Pel. da Cia. de canhões contra carros e por um Pel. de pioneiros e deverá partir às 4 hs. das orlas orientais da floresta de VANCOULEURS" !

Essa era a parte essencial da missão. A seguir, após um rápido entendimento com os comandantes das frações das armas pesadas, que deviam cooperar com o batalhão, foram assentados os primeiros pontos capitais da ação a realizar para cumprimento da difícil missão que nos confiara a D. I..

Depois de concisas ordens, dadas aos diversos elementos do Btl., partiram as Cias, largamente escalonadas em profundidade, apoiadas à grande estrada que cortava o bosque.

A progressão se fez silenciosamente, tendo sido deixado para a retaguarda tudo o que poderia causar grandes ruidos.



LEGENDA

AVANÇO ALEMÃO

POSIÇÃO FRANCESA

ESCALA

Um entendimento com o comandante das forças de 1.º escalão de um outro R. I., que já tinha se chocado contra forte resistência inimiga e que deveria ser ultrapassado por nosso batalhão, proporcionou-nos, no lugar mesmo dos acontecimentos, uma clara impressão sobre a situação no momento. Céreca de 2 horas foram, nessa região, ouvidas várias detonações sucessivas, o que constituía indícios de que haviam sido destruídas as pontes sobre o MOSA.

A seguir, abrigado em uma mina de cascalho próxima, dei, aos comandantes das diversas unidades, que deveriam participar da operação, indicações precisas sobre o dispositivo e medidas de execução do ataque. À nossa frente, no horizonte noturno, eleva-se uma silhueta. E' a elevação 359.

À sua retaguarda, pode-se, dos dois lados, fracamente perceber o vale do MOSA, coberto pelo leitoso nevoeiro da madrugada.

Às 3 h. 45 aparece o Comandante do R. I., que veiu, pessoalmente, se certificar se as condições de emprêgo do batalhão reforçado, correspondiam ao fim visado. Nessa ocasião partem duas esquadras de esclarecedores acompanhadas por pioneiros. Suas informações devem proporcionar, ao batalhão, as indicações sobre as possibilidades de uma aproximação a coberto e subsequente ataque de surpresa do MOSA, condições essenciais para a obtenção do êxito. Entremeltes reina grande atividade na base de partida: comandantes de todos os escalões dispõem suas tropas para o ataque, que deve ser desencadeado dentro de alguns minutos:

— Duas companhias acompanhadas, pelos meios do batalhão são lançados contra a cota 359, para daí penetrarem em VAUCOULEURS;

— A terceira companhia, reforçada por pioneiros, tem a missão, como tropa especial de assalto, de executando um largo desbordamento pela esquerda, por THUSEY-CHATEAU, irromper na parte norte de VAUCOULEURS.

Ninguem sabe ainda se a cota 359 e a localidade à sua retaguarda se acham ocupadas pelos franceses, ou talvez já teriam estes retraído suas forças para o MOSA?

As 4 horas inicia o batalhão sua metódica progressão infiltrando-se por todas as cobertas. Canhões de infantaria e canhões contra-carro são deixados em posição, vigilantes.

Ao ser atingido o sopé da cota 359, chegaram as primeiras informações dos esclarecedores. A elevação está livre de inimigos.

E' ocupada sem perda de tempo, pois é da maior importância para o prosseguimento do ataque. Faz-se uma curta parada. Dificilmente conseguimos ver, com o binóculo, o MOSA e VAUCOULEURS. Chegam então as primeiras informações da tropa de assalto da esquerda, que faz uma boa progressão: tomou de surpresa THUSEY-CHATEAU e fez os primeiros prisioneiros, que foram arrancados do sono. Mais depressa do que era de se esperar, surgem nossos grupos de assalto na entrada da localidade. Chegou agora, também para nós, a ocasião de retomarmos o avanço. Enquanto uma parte de informações é transmitida, pelo rádio, para o R. I., penetra o batalhão, desenfiado das vistas do inimigo, em VAUCOULEURS e segue nos calcanhares dos grupos de assalto, que, entremelos, irrompem na localidade. Surgem, das adegas, os habitantes, que cautelosamente e atemorizados nos observam. Tinham feito dos "Barbaros" uma idéia diferente.

Graças à apropriada atuação de nossos pelotões de esclarecedores, progride rapidamente o batalhão, sem ser notado e sem contacto com o inimigo, até a ponte do MOSA. Ela está, como era de se esperar, destruída. Aqui se oferece aos franceses um setor particularmente favorável para a defesa. A localidade de CHALAINES, que se estende dos dois lados da ponte, na margem oposta do MOSA, reforçada pelo obstáculo de 8 a 10 metros de largura oferecido pelo curso do rio, equivale a uma verdadeira fortaleza.

A cota 322, situada à sua retaguarda, domina largamente o vale do MOSA. Aqui deveria malograr-se qualquer ataque, mesmo que fosse outra a opinião do lado contrário.

Exatamente por isto, principalmente depois da obstrução da ponte, podia-se concluir que era esperado nessa região um ataque alemão.

O batalhão sabe, que hoje, apenas a surpresa pode decidir do sucesso. Uma preparação de artilharia ou um desencadeamento prematuro do fogo das armas pesadas podem servir somente de sinal para alertar o inimigo. Por esse motivo os canhões de infantaria e os canhões contra carro só foram aproximados depois que, às 6 h. 50, a companhia de assalto conseguiu, por um golpe de mão, passando sobre as ruínas da ponte, irromper nas primeiras casas de CHALAINES.

Entretanto agora estão libertos os diabos do inferno. O inimigo torna-se esperto e se defende tenazmente. Feixes de balas de metralhadoras sibilam, de todos os lados, sobre nossas cabeças.

Da cota 322, granadas de todos os calibres são arremessadas contra nós, através da neblina, que começa a se dissipar. Porém, tudo isso chega muito tarde, pois a surpresa já conseguiu romper a linha principal de resistência do inimigo.

Nesse momento chega o comandante do R. I., que toma conhecimento da situação, no local mesmo em que se desenrolam os acontecimentos.

Suas feições expressam visível satisfação. Determina o estabelecimento de ligações telefônicas e prepara o emprêgo dos outros batalhões.

Entretanto, a companhia de assalto, que se acha, em presença de um inimigo muito superior em número, envolvida em um terrível combate de localidade, vê-se em sérias dificuldades. Faz-se necessário um pronto auxílio. Uma demora para se aguardar a chegada dos botes de borracha poderá acarretar grandes perdas e o fracasso. Inicia-se então a passagem do Grosso dos batalhões: parte por cima dos escombros da ponte, parte a nado.

Enquanto, a partir desse momento, se inicia a ação de nossas armas pesadas, é a localidade sistematicamente vasculhada. Faz-se a limpeza de casa após casa. Nossa tropa demonstra grande agressividade e é difícil detê-la em seu avanço. Saltando os muros, com fuzil e granadas em punho, lançam-se, nossos homens, sobre o inimigo, que se acha em completa confusão.

O número de prisioneiros aumenta sem cessar: marroquinos e senegaleses são arrancados de suas posições, a arma branca. À nossa retaguarda, os pioneiros já começaram seu trabalho, afim de proporcionar, aos últimos elementos dos batalhões, os meios para transporem o rio, e para iniciar a construção da ponte.

Porém o objetivo ainda não foi alcançado. Para estabelecer a cabeça de ponte, para a D. I., é indispensável a conquista da cota 322.

Mal haviam as companhias, após um rápido restabelecimento da ordem, partido para o ataque à cota 322, desencadeia-se um terrível bombardeio de artilharia, que transforma a aldeia em um montão de ruínas. A poucos metros à nossa frente tomba morto um bravo comandante de companhia. Com o emprégo de um pelotão de assalto, consegue-se atacar a cota 322 pelo flanco Norte, enquanto o grosso do batalhão executa um ataque frontal.

Esses assaltos, vigorosamente conduzidos e bem apoiados pelo fogo de todas as armas, abalam de tal modo o inimigo, que não mais pode resistir à dupla pressão sobre ele exercida. Começa a ceder. Já se vêem elementos saltarem de suas posições a-sim de procurar abrigo atraç da cota 322.

Entretanto, uma mina de cascalho bem organizada, é tenazmente defendida. Eis que o pelotão de assalto já surge na esquerda e ataca, a arma branca. A cota 322 está em nossas mãos e portanto está cumprida nossa missão.

Entretanto já é meio dia.

Em meio de um calor sufocante, intermináveis colunas de nossa D.I. atravessam nossas posições, em perseguição do inimigo derrotado. Para alcançar a saída dos grandes bosques a Leste de VAUCOULEURS, COLOMBEY é fixada como objetivo de marcha da D.I. nesse dia. Aqui ainda resta para o grosso das forças inimigas a possibilidade de se escaparam, para o Sul, do nosso círculo. Nossa batalhão incorpora-se à coluna de marcha e alcança na mesma noite VANNES, onde ele, como reserva do R. I., estaciona às 23 horas. As companhias bivacam nos po-

mares e campos, em condições de estar em poucos minutos prontas para marchar.

À frente, os outros batalhões continuam a combater um inimigo sempre invisível. O combate alonga-se até o amanhecer e apesar de um forte apôio de artilharia não obtém sucessos apreciáveis.

Torna-se necessário que a reserva do R.I. intervenha.

Com instruções verbais do comandante do R. I., recebe, o batalhão, ordem de deixar a estrada de marcha desviando-se para o Sul.

O batalhão deverá, obliquando inicialmente na direção de SAULXURES, prosseguir em linha reta para atravessar o trecho da via-férrea TOUL-NEUFCHATEAU, para, então, atacar na direção Norte, de modo a envolver as fôrças inimigas, que defendem tenazmente a aldeia BARIZEY-AU-PLAIN.

O batalhão de 1.º escalão, que se acha aferrado em um duro combate no morro de HOUSSELMONT e à frente de BARIZEY, precisa ser liberado. Todos sabemos que o batalhão se acha novamente em presença de uma difícil missão, de cujo cumprimento pode depender o sucesso do conjunto das operações da D.I..

Com as armas prontas, partem as companhias, articuladas em profundidade, rumo ao flanco direito, descoberto. Tomam suas formações de aproximação, como se estivessem em exercícios no campo de manobras, e prosseguem, através de um terreno difícil, em que se acham as posições da artilharia. Cedo o calor torna-se insuportável. O suor corre ao longo dos homens. Agora, aqui e ali lança-nos o inimigo alguns pesados bocados, que falizmente não causam nenhum dano.

SAULXURES é alcançado. É travado, em larga frente, um combate de reconhecimento, que, em pouco tempo, nos proporciona uma excelente imagem da atual situação do inimigo. Uma parte do pelotão de esclarecedores montados do regimento, estando à disposição do batalhão, revelou-se como uma fôrça de esclarecimento particularmente apta. Agora é possível tomar novas decisões.

Enquanto, à nossa esquerda, o combate brame terrível, em BARIZEY casas desmoronam e são presas das chamas, à nossa frente, na ala Sul da frente adversa, o inimigo, sob o fogo destruidor de nossa artilharia, torna-se fraco e cede.

Agora, trata-se de explorar o êxito.

O oficial de ligação do R.I. que, por acaso, se acha presente, é rapidamente informado da mudança sobrevinda na situação e da decisão, que foi mister tomar — modificando a ordem recebida do R.I. — de atropelar o inimigo. O batalhão prossegue sem paradas. O comandante do batalhão francês que defendia BARIZEY, declarou, mais tarde, quando aprisionado, que essa progressão de nosso batalhão tinha sido a causa principal do seu desânimo e do de seus comandados: Viam-nos avançar, porém não podiam — fortemente fixados pelo ataque frontal — nos combater devido à grande distância.

Por meio de sua ação envolvente, consegui nosso batalhão, sem perda de tempo, alcançar a retaguarda do grosso das forças inimigas.

COLOMBEY foi o objetivo do ataque.

Separadas do grosso do R.I. por uma distância de muitos quilômetros, atacam as companhias, tendo à sua esquerda o pelotão de comando do batalhão, progredindo ao longo do bosque de NEKONFOR, que conduz às alturas de COLOMBEY. Eis que, de repente, deparamos, a poucos metros à nossa frente, com os francêses a postos atraç de suas metralhadoras, os engenhos uns ao lado dos outros.

Em pronta decisão apontamos, as nossas pistolas de encontro ao peito dos francêses e os intimamos a se renderem “Camerades, très surpris, très surpris”, gritam os primeiros para nós e se entregam.

A grande limpeza começa e é uma verdadeira caçada ao inimigo.

Aos berros e atirendo, lança-se, num instante, todo o pelotão de comando contra os numerosos ninhos de metralhadoras, tendo conosco o oficial de ligação do R.I., que tinha sido apressadamente enviado para a frente para orientá-lo. Raramente o entusiasmo alcançou tão elevado nível. Em pouco tempo tínhamos

aprisionado toda uma companhia francesa. Novos semblantes surgem continuamente à nossa frente: às dezenas desembocam dos bosques, com as mãos levantadas, pois já há bastante tempo nossas companhias avançadas conseguiram ultrapassá-los. É bem verdade, que uma outra parte das forças inimigas, procura deter a fuga dentro do bosque e parece estar disposta a prolongar a resistência.

O pessoal do Grupo de Transmissões rapidamente lança, ao solo, seus aparelhos, e, formando pequenos grupos de assalto de 3 ou 4 homens, penetra no bosque. Até o médico do batalhão participa do ataque.

Perseguem-se os fugitivos com alguns tiros e com isso o inimigo é aprisionado ou disperso.

O número de prisioneiros atinge a centenas. Poucas vezes sofreram os franceses uma tão completa surpresa. De maneira alguma eles capitulam por covardia, mas porque já é tarde para tentar qualquer resistência. Contavam que viessemos ao longo da grande estrada de COLOMBEY.

Por isso ficaram completamente surpreendidos quando nós bruscamente os atacamos pela retaguarda. Alguns deles foram por nós apanhados quando comiam. As metralhadoras e engenhos contra-carro estavam apontados para BARIZEY.

Durante a evacuação dos primeiros 200 prisioneiros, ocorreu ainda um pequeno incidente. Subitamente partem, de dentro do bosque, feixes de trajetórias de metralhadoras que quasi nos atingem.

Os prisioneiros, como a vós de comando, lançam-se rapidamente, ao mesmo tempo que nós, ao abrigo.

Essa resistência é também prontamente quebrada por alguns homens animosos.

O rápido e completo domínio sobre o inimigo elevou a confiança e zelo da tropa até a temeridade. Três agentes de transmissão, servindo-se de um automóvel francês recém-tomado, rodaram até junto da aldeia de COLOMBEY, que ainda se achava fortemente ocupada pelo inimigo. Foram recebidos por um violento fogo de metralhadoras. Um pagou com a vida sua

audácia, os dois outros trouxeram consigo cerca de 50 prisioneiros, na maioria negros armados de grandes facões de mato.

Entrementes, as companhias, partindo do Sul, aproximaram-se de COLOMBEY, fecharam a grande estrada que dava ao inimigo saída para NEUFCHATEAU e, de acordo com a ordem, chegaram até a orla Leste daquela localidade.

Todavia o inimigo, apoiado por um poderoso fogo de artilharia, ainda uma vez lançou-se em contra-ataque e pôs em campo alguns carros de combate.

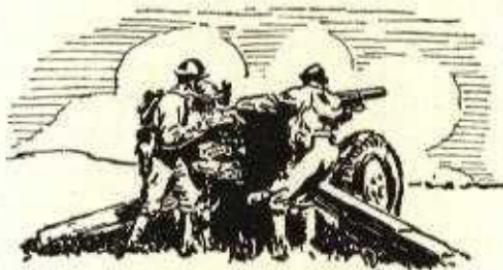
Porém era tarde demais para poderem privar-nos da vitória pois um outro batalhão veio, em marcha forçada, prolongar nosso flanco direito ameaçado.

Imediatamente à nossa retaguarda, junto do P.C. do R.I., foram reunidos os restos de um regimento francês batido. O batalhão francês, cortado em BARIZEY, foi obrigado a depor as armas, e deste modo foi-nos possível retomar em mãos nossas forças assim liberadas.

1.400 prisioneiros, grande prêsa de armas leves e pesadas, canhões e automóveis, foram-nos proporcionados pelo dia de hoje. Entretanto, uma vez mais, procuraram os francêses nos abalar, por meio de um fogo de surpresa de artilharia de todos os calibres. Não obstante alguns impactos em cheio em nossas fileiras, não conseguiu o inimigo abater nosso ânimo.

Após uma noite agitada, desistiu o inimigo, de seu projetado ataque de rutura, na direção Sul, pois estava completo o anel que o constrigia.

Foi com isto alcançado o grande objetivo: o inimigo está derrotado em uma larga frente. Mais de 100.000 homens depõem as armas nos dias imediatos e são conduzidos ao cativério.



A DIVERSIDADE TÍPICA DOS PAISES E O TIPO MISTO BRASILEIRO

(1)

Excertos do trabalho "Introdução à Geografia
das Comunicações Brasileiras", em preparo.

Pelo Cel. MÁRIO TRAVASSOS

II) CARACTERIZAÇÃO DOS PAISES MISTOS

E' inegavel que determinadas circunstâncias geográficas presidem à caracterização dos países continentais de tipo marítimo, creando **modalidades** deveras interessantes para esses países.

Dessas modalidades decorre o predomínio das características continentais ou das características marítimas o que provoca **certas reações** sobre a **circulação** ou, melhor, sobre o **regimen das comunicações** e o **emprego** dos **meios de transporte**.

Essas reações tornam por demais complexas a solução dos problemas viatórios dos países que as sofrem, em escala diversa segundo as modalidades que os mesmos apresentem.

PREDOMÍNIO DE FORÇAS CONTINENTAIS

O exemplos dos países andinos é da mais alta imrp-o
tância para a compreensão das modalidades que os países
mixtos podem oferecer quanto ao gráu de desequilíbrio de
suas forças simultaneamente continentais e marítimas. Bas-
tará recordar as impropriedades da **circulação continental**

(1) Continuação do n.º 327.

nesses países, expressas pela morfologia dos vales longitudinais de CORDILHEIRAS.

Com já foi referido, esse fato provoca a criação de comunicações transversais, à procura da **continuidade da** **nha marítima**, mais como simples ligações do interior com o mar que por qualquer outro motivo. Apesar disso, à beira do mar a ecumeno não se manifesta senão na estrita medida, na medida do indispensável à intervenção dos transportes marítimos que devem neutralizar aquelas impropriedades.

Com efeito; de modo geral, todos os países sul-americanos debruçados sobre o PACÍFICO — em direto contato com as atrações oceânicas — apresentam, em que pese esse fato, fracas características marítimas.

Essa é a consequência imediata das deficiências marítimas do **espaço litorâneo**, tradusidas pela estreiteza da faixa costeira, sobre a qual a CORDILHEIRA desce abruptamente; por sua poupa de articulação, de acidentes litorâneos favoráveis à ecumeno e pela própria estrutura dos ANDES, como símbolo das forças continentais, em cujos vales longitudinais em regra se fixam as populações, se manifestam a ecumeno na maioria dos casos. A essas circunstâncias somam-se os feixes de circulação do PACÍFICO não só por sua própria poupa como pelas atrações do CANAL DO PANAMA' que deslocam o centro de gravidade dos feixes para o PACÍFICO NORTE.

Vários são os fatos que comprovam a inaptidão marítima dos países do PACÍFICO, dos quais alguns devem ser lembrados.

A conquista do litoral boliviano, consequente à chamada GUERRA do PACÍFICO, não foi inspirada pela existência de nenhum porto, no sentido de obter-se uma saída mais franca ou uma saída para mar. TACNA e ARICA, como pórtos, são simples respiradouros da zona do interior boliviano, correspondem à mesma ordem de fenômenos das comunicações transversais andinas e equivalem, por suas más qualidades de abrigo e como ponto de chegada e de partida de utilidades aos demais portos do PACÍFICO SUL.

A cabotagem como atividade marítima essencial é outro sinal de que os países andinos vivem mais para o continente que para o mar. Nem mesmo os fluxos e refluxos da colonização e das lutas pela independência encerram ações marítimas de vulto, além, talvez da utilização da via marítima como linha de comunicações, inclusive para os transportes militares.

E há, ainda, a tendência indiscutivelmente já revelada, dos países andinos se vincularem, por intermédio de vias continentais, com os países limitrofes da vertente atlântica, à procura de águas mais frequentadas.

Desse predomínio de forças continentais nos países andinos, como países continentais-marítimos apenas escapa a COLÔMBIA, o que não desmerece, senão reforça, a argumentação em jogo, pois que, em rigor esse país não deve ser arrolado entre os países do PACÍFICO.

Em seu território é que a CORDILHEIRA se remata ao NORTE, é que a imensa espinha dorsal do continente definitivamente se triparte. Por intermédio de dois extensos vales, a vida colombiana se alastra nas direções do MAR das CARAÍBAS, cujas águas movimentadas, como acontece a todas as áreas marítimas mediterrâneas, põem-na em contato com os grandes feixes atlânticos, de circulação mundial.

PREDOMÍNIO DE FORÇAS MARÍTIMAS

Quanto à modalidade do predomínio de forças marítimas, os países da vertente atlântica sul-americana oferecem o que há de melhor. E' que, ao mais simples exame de uma carta geográfica da AMÉRICA DO SUL, ainda que restrito à impressão gráfica produzida pelos símbolos convencionais da carta ressalta sua extrema complexidade, do ponto de vista continental-marítimo, e a mais franca tendência ao predomínio de forças marítimas.

De fato; impressiona a maneira por que as influências atlânticas abordam o estuário do PRATA e remontam toda a bacia platina; a audácia com que forçam a barra do RIO

GRANDE e se derramam pela LAGÔA dos PATOS seus formadores; a sem-cerimônia com que semisturam às aguas do AMAZONAS e levam, através o maior dos desertos líquidos, seus estímulos civilisadores até aos confins da massa continental.

De NORTE a SUL — mesmo quando a SERRA do MAR parece deter as influências marítimas ou a PATAGÔNIA as amortece com sua peculiar estrutura continental — sempre a mesma imperiosa atração marítima por toda parte manifestada.

Aprofundando um pouco mais aquele exame pôde-se concluir, quasi que expontaneamente, das causas desse predomínio das influências marítimas na vertente atlântica.

E' que a importância dos **feixes de circulação marítima**, a largura e naturesa do **espaço litorâneo** e sua articulação com o interior são componentes que se somam, na maior parte das vezes, para a caracterização daquele predomínio de forças marítimas.

Os **feixes de circulação marítima** do ATLÂNTICO são dos mais densos porque impulsionados pela capacidade criadora das poderosas **costas de condensação** do VELHO MUNDO, por sua vez o reflexo de um **interior** pletórico, demográfica e economicamente. E, tanto no ATLÂNTICO NORTE como no ATLÂNTICO SUL, são por demais apreciaveis as aptidões do espaço litorâneo à ecumeno, capazes de criar **costas de condensação**, e que favorece o vai-vem da circulação marítima. Por outro lado, o ATLÂNTICO, excetuadas certas areas do ATLÂNTICO NORTE, é, dos oceanos, o que oferece condições mais estaveis à navegação.

O **espaço litorâneo** é quasi sempre largo e satisfatoriamente articulado com o oceano, podendo considerar-se como raras as **costas de dispersão**. E por traz desse **espaço litorâneo**, assim caracterizado, encontram-se, frequentemente, **regiões naturais do interior, ávidas por saídas para o mar...**

Nessa ordem de idéias, os países da vertente atlântica sul-americana, excetuado os países mediterrâneos, podem ser

classificados como países continentais de tipo marítimo mas com o predomínio de características marítimas, ao contrário dos países andinos, da vertente do PACÍFICO, também de tipo misto, mas sofrendo o predomínio de certas características continentais particulares.

E' preciso entretanto assinalar-se a **variedade** de contactos entre a terra e o mar no caso da vertente atlântica, as mil e uma maneiras diferentes porque se manifestam aí as **influências marítimas**, e a uniformidade com que pesam sobre os países andinos os **fatores continentais**, expressos de NORTE a SUL pelos ANDES, como denominador comum.

Enquanto o PACÍFICO é, no caso dos países andinos apenas uma linha marítima de conexão, relacionada com atividades de feição continental, o ATLÂNTICO não se conforma a esse **papel funcional** limitado, de tal modo como se harmonizam na vertente atlântica a hidrografia, os acidentes litorâneos e o mar.

No **espaço litorâneo** dos países andinos a bem dizer não existem **costas de condensação** fracas como são a ecumeno marítima e as aptidões marítimas das populações litorâneas, tão marcado é o predomínio da ecumeno continental sobre a ecumeno marítima.

Na vertente atlântica o **espaço litorâneo** apresenta formidável capacidade de fixação para as aglomerações humanas e exerce verdadeira pressão demográfica contra as regiões naturais do interior, quando não são essas que vêm ao seu encontro.

MODALIDADES CIRCULATÓRIAS

Na caracterização dos países mistos ainda é preciso levar-se em conta circunstâncias outras, também ligadas ao **espaço** e a **posição geográfica**, mas relacionadas com o problema das **comunicações** e dos **transportes** que é o motivo central dos temas do presente ensaio.

Quanto ao **espaço** deve-se considerar dentre os países continentais de tipo marítimo:

- os que se desenvolvem mais no sentido dos paralelos que no dos meridianos;
- os que, ao contrário, se desenvolvem preferencialmente no sentido dos meridianos;
- finalmente os que se desenvolvem, equitativamente, no sentido dos meridianos e dos paralelos.

Quando à **posição**, deve-se considerar também que qualquer dessas modalidades do **espaço geográfico** pode diversificar-se segundo esse espaço banhado por um mesmo mar ou por águas de mares diferentes.

Não é preciso grande esforço para concluir-se das **reações que tais circunstâncias** — se ligadas as do espaço litorâneo, as dos feixes de circulação marítima e as das regiões naturais do interior — **podem produzir sobre a circulação**.

Para que se chegue, porém, a conclusões judiciosas é indispensável que se subordinem as questões ao máximo problema nos países mistos que é entreter, quanto possível em equilíbrio, suas características continentais e marítimas, mesmo em face da tendência de qualquer delas a predominar.

Diante dessa aspiração, que se pode generalizar a todos os países mistos, é fácil compreender-se a situação vantajosa dos países continentais de tipo marítimo que se desenvolvem, equitativamente, em relação aos meridianos e paralelos ou preferencialmente no sentido dos paralelos. No primeiro caso as regiões climato-botânicas e os gêneros de vida tendem a compensar-se e, assim, criam fatores de homogenização das influências marítimas. No segundo caso aquela tendência melhor se ajusta pela pequena oscilação das latitudes.

Em ambos os casos, a situação de tais países se tornará ainda mais vantajosa se, pela **posição**, seu espaço geográfico for solicitado por mares diferentes.

Está-se a ver a gama de neutralizações que se podem processar entre influências marítimas, já por si diferentes, e a natureza também diferenciada dos **espaços litorâneos** e das **zonas do interior**.

Tais neutralizações podem levar determinados países tipo misto até às vizinhanças de **invejável equilíbrio** entre

suas características marítimas e continentais, se convenientemente expressas por adequado **sistema de comunicações e regime de transportes**.

Os ESTADOS UNIDOS e a FRANÇA são dois notáveis exemplares, como países continentais de tipo marítimo, nos quais pelo **regime das comunicações** se tira o máximo partido das reações que as circunstâncias de sua posição e espaço geográfico lhes criam.

Nos ESTADOS UNIDOS as transcontinentais como que poralizam os transportes e assim entretêm as influências marítimas de dois oceanos essencialmente diferentes e a interferência das águas secundárias do MAR das ANTILHAS, e coordenam três espaços litorâneos diferentes e várias regiões naturais de um interior polimórfico.

Na FRANÇA o sistema de radiação das comunicações resolve todos os casos criados por suas circunstâncias geográficas, apesar de certo predomínio dos portos do MEDITERRÂNEO por que estimulados pelas atividades coloniais na ÁFRICA e pela lei do menor esforço, à procura do caminho mais curto.

Resta evidente que as maiores complicações devem localizar-se nos países de tipo misto, desenvolvendo-se mais no sentido dos meridianos que no dos paralelos e cujas costas sejam banhadas por um mesmo oceano, bem o caso dos países continentais-marítimos sulamericanos, excetuados o EQUADOR, o URUGUAI e a VENEZUELA por se afastarem do tipo longelineo e a COLOMBIA por que solicitada por águas diferentes.

OS TIPOS LONGELINEOS, AS COMUNICAÇÕES E OS TRANSPORTES

De qualquer modo é de notar-se a complexidade dos países continentais de tipo marítimo quanto à solução de seus problemas viatários e, consequentemente, solução de seus problemas sociais, econômicos e políticos.

Os países continentais procuram o mar por simples contato com os vizinhos, como é o caso dos países mediterrâneos, ou através portos em águas secundárias, que é o caso mais geral. **Os países marítimos ou insulares** espontaneamente desaguam em pleno mar os seus transportes. Enquanto isso os países **continentais de tipo marítimo** devem organizar suas comunicações de modo a provocar o desejado equilíbrio de suas características, assim continentais como marítimas.

Nos países longelineos — países de tipo misto que se desenvolvem preferencialmente no sentido dos meridianos — se banhados pelas águas de um mesmo mar, não é senão por meio de engenhosos artifícios que se consegue, parcial ou totalmente, atingir a aspiração de equilíbrio entre as forças continentais e marítimas que, em regra, assume caráter político de marcado relevo.

As comunicações transversais andinas constituem um exemplo, como artifício para quebrar o predomínio das forças continentais representadas pelos ANDES, artifício simples por que definido pelo aproveitamento imediato das **linhas de menor resistência** do espaço litorâneo em direção ao mar e dos acidentes costeiros que articulam o espaço litorâneo com o mar.

Nem sempre, porém, essa tendência à procura do equilíbrio entre as forças continentais e marítimas se apresenta assim com essa espontânea simplicidade, comprehensível de primeira mão.

Um relance comparativo entre a circulação no URUGUAI e na ARGENTINA facilitará melhor a compreensão exata da complexidade desse fenômeno da procura de equilíbrio, precisamente por que, apesar de países mistos banhados pelas águas de um mesmo mar, um deles é longelineo, o caso da ARGENTINA, e outro não, o caso do URUGUAI.

O exame em conjunto de ambos esses casos oferece ainda a vantagem de tratar-se de países de posição geográfica praticamente a mesma.

No URUGUAI — cujo território se desenvolve equitativamente quanto às latitudes e longitudes e apenas sofre as

influências do ATLÂNTICO por via direta — seu regimen de comunicações é comandado pelo porto de MONTEVIDEO, de onde se irradia, como um leque aberto, sua rede ferroviária. As influência do RIO da PRATA e do RIO URUGUAI são atendidas discretamente por contatos oportunos daquela rede radial com os principais portos ribeirinhos. Tudo normal, natural. Nenhum artificio, se considerada a prioridade do porto de MONTEVIDEO, sobre os demais.

Na ARGENTINA — país misto e longelineo — o mesmo não se verifica, em consequência da **extensão de sua costa no sentido dos meridianos**, da maneira por que se apresentam as modalidades de seu **espaço litorâneo** e de suas **regiões naturais do interior**. Quanto ao espaço litorâneo é sensivel sua diferenciação — do estuário do PRATA, inclusive, até a barra do RIO NEGRO e da barra deste rio, exclusive, para o extremo SUL do territorio. No primeiro segmento de costa, se bem que mal articulado com o oceano, ocorre um espaço litorâneo favoravel às influências marítimas e dobrado pela melhor das regiões naturais do interior argentino que é o PAMPA ORIENTAL. No segundo, em que é notavel a articulação com o mar, o espaço litorâneo é negativo em consequência de baixa mas constante barreira orográfica, a qual, em principio, de NORTE a SUL, só se abre para dar passagem aos rios encaixotados da serie litorânea da PATAGONIA. Esse espaço litorâneo, negativo em relação às influências marítimas, é dobrado, tambem em sentido negativo, pela região natural do interior, pelas MEZETAS PATAGONICAS, semi-áridas por que de origem vulcânica.

Dai as influências marítimas se infiltrarem pelo PRATA e pelo PARANA'; a projeção de BUENOS AIRES como centro de um sistema radial de comunicações ferroviárias, cobrindo com sua parte mais densa toda a região natural do PAMPA e irradiando as grandes linhas de penetração, incluidas as das ligações internacionais; a projeção oceânica dos portos de ROSARIO e SANTA FE' que, com o de BUENOS AIRES, constituem verdadeiro **sistema ganglionar** como centros de atração e dispersão das comunicações, como juntas de

articulação entre transportes terrestres e fluviais, às vezes ao preço de grandes complicações técnica, como é o caso do equipamento dos portos de ROSARIO e SANTA FE', em que se destaca o serviço de "ferry-boats".

O sistema **ganglionar** dos portos argentinos representa pois o artifício de que resulta a forma multi-radial de seu reino de comunicações por meio do qual a política de comunicações argentina procura pôr em equilíbrio as forças continentais e marítimas em conflito.

Nada mais complexo para a solução dos problemas via-tórios nos países mistos, quando não se quer ir ao sabor do predomínio das características continentais ou marítimas, quando se resolve planejar um **sistema de comunicações** e **adotar um regime de transportes** sob os influxos da aspiração de um equilíbrio, mesmo instável, de uma e outra daquelas forças.

Particularmente nos **países mistos longilineos** é sempre preciso lançar mão de artifícios neutralizantes de certas tendências marítimas contrárias a certas determinantes continentais e vice-versa.

Seja como for, as influências marítimas devem ser o ponto de partida e de chegada de todos os esforços, tal é a força de atração do mar, sua capacidade de aglutinação dos fatos humanos e das expressões geográficas, tais as grandes e misérias provocadas por suas influências.

(Continua)

•

Leiam neste número o interessante e utilíssimo artigo
"Blitzkrieg na frente oriental"



NOTAS DE TÁTICA AÉREA

Pelo
Major NILO GUERREIRO
Instrutor-chefe do Curso de
Aeronáutica da E.E.M.

S U M Á R I O

- I) Ainda os paraquedistas.
- II) Bombardeiros estratosféricos.
- III) O esforço da indústria aeronáutica dos E. Unidos.

I — AINDA OS PARAQUEDISTAS

Em janeiro do corrente ano escrevemos uma Conferência sobre a **Infantaria do Ar**, destinada aos Cursos das Escolas de Estado Maior e Aeronáutica. Esta conferência foi em parte publicada pela "A Defesa Nacional" em seus números de fevereiro e março com os títulos "**Infantaria do Ar**" e "**Defesa contra a Infantaria do Ar**".

Mezes mais tarde constatamos a conquista da ilha de Creta pelas Forças Aéreas Alemães. Esta curta e original campanha confirmou as grandes possibilidades que assinalamos à nova modalidade da Arma. Paraquedistas e tropas aéreas de desembarque escreveram sem dúvida páginas brilhantes de bravura e eficiência. Seus grandes feitos são recentes e ainda estão na memória de todos nós.

Agora nos chegou às mãos um interessante Relatório preparado por dois oficiais holandeses: O Tenente Coronel Van Hilten e tenente Doktor Van Gusteren, relativa à ação

da Infantaria do Ar alemã sobre a cidade de Haia em maio de 1940. Apesar de já publicado em alguns jornais do Rio, não resistimos ao desejo de trazê-lo para as colunas da nossa querida Revista, afim de comentá-lo convenientemente.

Os dois oficiais em seu relatório para o "Militaire Spectator" narraram como unidades do Exército Holandês, que resistiram à invasão, conseguiram repetidas vitórias locais contra os nazistas, apenas tendo seus esforços anulados pela capitulação da Holanda.

"O apanhado histórico da batalha foi o seguinte: "Lançando suas forças principais no ataque através de Sedan, em maio de 1940, a Alemanha destinou forças relativamente fracas para a realização do ataque à Holanda. Mas, para conquistar uma rápida vitória, o Alto Comando Alemão resolveu fazer um envolvimento vertical".

"Uma divisão aérea atacou Haia, num esforço para capturar o governo e o quartel general. Uma outra veio pelo mar e conseguiu desembarcar em Roterdã para preparar o caminho para as unidades blindadas do leste. O exército do general Kuchler atacou pela frente, num movimento destinado a imobilizar o exército holandês no terreno e facilitar a estratégia de cerco da divisão que viria pelos ares".

"A invasão aérea de Haia fracassou. Embora tenha sido "magnificamente planejada e desesperadamente executada, os holandeses reagiram tão pronta e eficientemente que algum tempo depois do meio dia de 10 de maio o comando alemão compreendeu o fracasso da tentativa. Desviou o restante das suas forças transportados por avião para Roterdã".

"O aeroporto de Valkenburg, que fica a seis milhas ao nordeste de Haia, foi uma das chaves do plano alemão de campanha".

"As forças nazistas que deviam descer ali foram calculadas num regimento de infantaria, segundo o "Jornal de Artilharia de Campo", reforçadas por um batalhão de artilharia, com canhões de 75 mm. de montanha, engenheiros, sinaleiros, unidades médicas e de abastecimento. A artilharia devia vir

no segundo dia, em verdadeiras ondas, mas tal plano teve que ser abandonado, devido aos contra-ataques holandeses".

"As forças holandesas incluiam duas companhias de infantaria e uma secção de metralhadoras pesadas do Quarto Regimento de Infantaria, comandado pelo capitão da reserva, Van Zuilen".

"Antecipando esta invasão pelos ares, a força holandesa ocupou várias posições grandemente dispersas em torno dos lados norte e oeste do campo, debaixo das ordens dos capitais da reserva de Vries e Van Zuilen".

"A batalha foi iniciada com um terrível bombardeio do aeroporto de onde, entretanto, foram retiradas as forças holandesas. Quasi imediatamente depois o bombardeio cessou e 18 transportes aéreos alemães desceram sobre o campo, lançando a infantaria aérea".

"Van Gunsteren disse que cada avião levava de 20 a 25 soldados".

"Simultaneamente — notícia o "Jornal de Artilharia de Campo" — os paraquedistas foram jogados nos arredores".

"Apesar do fogo cerrado dos defensores holandeses, os alemães conseguiram descer, apoiados pelo fogo das metralhadoras dos aviões transportes que voavam bem baixo, capturando 300 soldados holandeses e tomado posse do campo. Mais transportes começaram a chegar e as tropas nazistas se espalharam pelos arredores para tomar conta das pontes, transporte de comando e outros pontos estratégicos. A impressão geral era que o plano estava triunfando".

"Mas, os holandeses se reorganizaram. Sob o comando do tenente-coronel Buurman, comandante do Quarto Regimento de Infantaria, que esteve em Noordwijk, todo o seu regimento se movimentou para reforçar o terceiro batalhão, que resistia ao avanço germânico".

"Buurman imediatamente enviou apoio de artilharia pesada, e, em resposta, um batalhão holandês do segundo campo de artilharia se movimentou para a frente de Valkenbourg".

"As coisas agora se movimentavam com rapidez — declara o relatório. A artilharia castigou o campo durante várias horas, inutilizando cerca de 40 grandes transportes aéreos nazistas que tinham aterrissado. Os alemães quando se viram cercados trataram de cavar trincheiras, numa tentativa de conservar o campo".

"Seus esforços foram infrutíferos entretanto, pois todas as tentativas nazistas nos três dias seguintes para desembarcar mais tropas, com o fito de reconquistar o controle do campo, foram rechassados, devido ao terrível bombardeio dos canhões holandeses".

"A artilharia holandesa estava bem apoiada por tropas de infantaria que limparam vários ninhos e bolsas de paracaidistas nazistas, que conseguiram descer, nas dunas de areia que circundam o campo, numa tentativa desesperada de fazer silenciar as baterias holandesas".

"Na aldeia vizinha a luta de casa em casa foi terrível".

"O tenente-coronel Van Hilten, descrevendo esta fase da batalha mostrou graficamente como os habitantes não se deixaram tomar pelo pânico nas lutas nas ruas e em suas casas.

"O relatório continua:

"Quando o ataque do Quarto Regimento de Infantaria e o fogo da artilharia começaram a ter efeito, os alemães que não foram capturados ou mortos se retiraram para a vila de Valkenburg, "onde ficaram terrivelmente sitiados até que se verificou a capitulação da Holanda no quarto dia".

"Resumindo a batalha, o relatório comenta:

"Trata-se de uma bem planejada invasão aérea que fracassou, porque as forças defensoras puderam movimentar-se prontamente para um contra-ataque e contaram, no momento crítico, com o fogo da artilharia".

"Depois que a artilharia começou a bombardear o campo os alemães não puderam mais aterrissar transportes aéreos. Tentaram encontrar outros pontos para descida nos campos dos arredores, mas estes estavam cortados pelos fossos."

"Tentaram descer numa praia, mas os transportes que conseguiram escapar da recepção violenta que tiveram,

poucas tropas puderam desembarcar. O número de soldados não foi suficiente para alterar a situação".

"Um campo de aterrissagem é vulnerável ao fogo de artilharia. As baterias podem ficar a grande distância, salvas do fogo da artilharia e tornar o campo impossível de ser conservado pelos atacantes. Podem manter o fogo dia e noite e dificilmente erram um alvo tão grande, mesmo sem observação. Os frágeis aviões que se acharem no campo são "carne fria" para o fogo de alto poder explosivo".

"Mas esta artilharia deve ser protegida contra os paraquedistas. Os holandeses providenciaram tal proteção".

Se é verdadeiro o que afirma o Relatório, os alemães cometeram em Haia um erro grave, qual o de não destruir ou neutralizar com a sua Aviação as baterias holandezas que batiam o aeródromo. Em Creta por exemplo todas as baterias inglezas foram silenciadas antes da ocupação total do campo de Malemi.

Não se pôde logicamente esperar o êxito em operações desta natureza sem uma preparação aérea completa, visando anular os meios de defesa anti-aéreos e terrestres do adversário. Mesmo durante o desembarque de paraquedistas e das tropas transportadas pelo ar deve continuar a ação neutralizadora sobre certos desses órgãos que tenham escapado, de alguma forma, à preparação.

Será que em Haia os alemães tenham se esquecido dessa cobertura aérea indispensável? Difícil nos parece acreditar, dado o domínio do ar que eles possuíam incontestavelmente de forma absoluta.

Outro ponto a assinalar como merecedor de reparo é o fato de que o aeródromo de Haia foi conquistado pelo paraquedistas apesar de tudo. As dificuldades só surgiram depois dos contra-ataques da infantaria holandesa bem apoiada pela artilharia.

As bombas da arma aérea alemã criaram naturalmente em toda periferia do campo, "cratéras" que foram aproveitadas como abrigos e trincheiras pelos paraquedistas contra

os contra ataques do adversário. Esta é aliás uma prescrição normal para organização rápida do terreno...

Na Holanda porém, de um modo geral o grande papel dos paraquedistas não foi a ocupação de aeródromos. O maior serviço que eles prestaram na conquista de um país considerado, desde a época napoleônica, como uma fortaleza natural, **foi o de evitar as inundações**. Como sabemos toda a defesa da Holanda se baseava na abertura prévia das comportas dos diques que traria como consequência o alagamento de vastas regiões.

País de topografia especial, com quasi metade de seu território conquistado ao mar pelo trabalho incessante de seus filhos, comportando grande número de canais e açudes, diques e rios, previa como medida elementar de defesa contra seus inimigos muito mais fortes, o concurso das águas, comandadas por um sistema de conjunto, capás de orientá-las nas direções que se tornassem perigosas.

Os paraquedistas alemães, com ou sem auxilio da 5.^a coluna, evitaram a **manobra hidráulica** holandeza e possibilaram a chegada das tropas terrestres com pesados "tanques" e elementos motorizados aos seus objetivos.

Na Holanda, pois, não foi a conquista de aeródromos o principal papel dos paraquedistas germânicos. Daí algumas falhas possíveis nestas ações, falhas essas que não mais encontramos na campanha de Creta realizada um ano mais tarde, e que serve hoje de modelo a operações desta natureza-

II — BOMBARDEIROS ESTRATOSFÉRICOS

Em nosso artigo publicado no número de setembro fizemos referência as dificuldades dos vôos a grandes altitudes.

Entre elas avulta a insuficiência do corpo humano para suportar tal pesada tarefa. Citamos as últimas observações feitas na Clínica Mayo, organização modelar de Medicina Aeronáutica existente nos Estados Unidos.

Os bombardeios feitos acima de dez mil metros com aviões fóra do alcance dos canhões anti-aéreos constitue porém uma questão palpitante no momento.

A Inglaterra já recebeu dos Estados Unidos aviões destinados a esses bombardeios e com eles executou uma primeira ação contra Kiel em agosto próximo passado:

Notícias recentes chegadas dizem o seguinte:

As características do avião

“Não foi publicado grande coisa na Grã-Bretanha nem nos Estados Unidos sobre os característicos deste avião, sem dúvida por motivos de interesse militar. Mas os pilotos e as tripulações que voaram neles tiveram licença para divulgar alguma coisa. A 12 mil metros de altura — disseram-nos — os maiores inconvenientes que a tripulação tem de suportar é o frio, provavelmente o mais intenso que um ser humano jamais experimentará. Outros dos problemas é a falta de oxigênio no ar enrarecido. Por falta de pressão suficiente que impele o oxigênio na corrente sanguínea dos pulmões, todos a bordo devem trabalhar com a máscara de oxigênio no rosto. Outro dos perigos é constituido pela diferença de pressão entre o interior e o exterior. Esta diferença é tão grande, que nem mesmo se poderia saltar de paraquedas, já que no momento em que a escotilha se abrisse para dar passagem ao aviador, a máquina se desintegraria, assim como o paraquedistas, mas isso não se pode afirmar, pois ninguém fez ainda a experiência. Até um furo produzido por projétil, de proporções regulares poderia prejudicar o avião, embora as precauções, que com essa finalidade se tomaram, sejam consideráveis”.

Os melhores aviadores do mundo

“Os homens escolhidos para tripular estas máquinas devem ser os mais aptos do mundo. Uma onça de gordura superfínea ou mesmo um dente em mau estado é suficiente

para os excluir da lista. Forma parte de seu treinamento o hábito de permanecer, durante poucos minutos, num estado de inconsciência, espécie de "black-out" interno, na eventualidade de terem de defrontar no ar condições semelhantes. Os homens que voaram nestas máquinas dizem que a grande altura se produz certa dor de estomago e a sensação de que as narinas se fecham contra o ar, assim como coceira nas pernas. O leitor pode pensar que a tamanha altura a precisão do tiro é muito relativa, mas não é assim. Estes aparelhos estão providos de novos dispositivos visores tão eficientes, que podem atingir o alvo com a mesma precisão que se atirassem de 200 metros. Estes bombardeiros vão, sem dúvida, revolucionar a luta e o bombardeio aéreos".

III — O ESFORÇO DA INDUSTRIA AERONAUTICA DOS ESTADOS UNIDOS

Ao iniciar-se a atual guerra a Força Aérea dos Estados Unidos não correspondia em absoluto às suas necessidades mínimas de segurança nacional.

Seu formidável parque industrial, apesar de uma indiscutível potencialidade, não estava adaptado a uma produção aeronáutica em grande escala.

Acreditavam certos países da Europa no início da guerra, que a Aviação iria se cingir aos métodos de 1918 e que os aparelhos de bombardeio ligeiros e caça monoplace resolveriam os problemas que surgissem atrás das linhas fortificadas. Doloroso engano...

Quando nuvens de aviões cobriram os céus europeus e a guerra se alastrou pelos oceanos, viu-se a vantagem dos bombardeios pesados, capazes de conduzir grandes cargas a distâncias consideráveis e a necessidade de aviões de caça multiplacet de grande autonomia de vôo.

Nas vésperas do colapso da França, Paul Reynaud, então primeiro ministro da França, pedia aos Estados Unidos que lhe enviasse avião e mais aviões, esquecendo-se dos prazos necessários a sua fabricação.

Governos e técnicos militares, desbordados pelos acontecimentos fulminantes da Arma Aérea, réus do crime de falta de previsão, ocasionaram a catastrofe de seus países.

Inicialmente foram encomendados pelos aliados aos Estados Unidos 15.000 aparelhos. No começo deste ano este número foi elevado para 44.000 e ultimamente para 80.000. Eis como as cifras totais a maior percentagem é referente a aviões de bombardeio de 4 motores e grande raio de ação.

Para atender tão vultuosas encomendas a indústria americana mobilizou-se.

Vejamos alguns dados a esse respeito:

“Existem 11 companhias principais, neste país, que estão construindo motores para aviões. As três maiores — “Pratt and Weitney”, Wright” e “Alison” — produziram no mês de abril último 3.250 motores para aviões, capazes de desenvolver 3.000.000 de cavalos de força. Antes do Inverno essa cifra será duplicada e, para maio do próximo ano, estarão produzindo mais de 10.000.000 de cavalos de força mensalmente, isto é, mais de duas vezes a quantidade que se calcula que a Alemanha, bem como todos os territórios ocupados pelo Reich, está produzindo”.

“Mas, além disso, as Cias. Ford e Buick começarão a produzir, dentro em pouco, gigantescos motores “Pratt” e “Whitney Double Wasp”, de 2.000 cavalos de força, produção essa que se fará em massa. A “Studebaker” e “Continental” produzirão motores “Wright Whirwind” e “Cyclone”. A Companhia Packard está fabricando motores “Rolls Royce Merlin” para a Inglaterra e as fábricas L’ycoming e Franklin estão fazendo motores de refrigeração para aviões de treinamento. Se lhe forem fornecidos os materiais — e não parece que há escassez destes — a indústria de motores para aviões poderá ultrapassar a produção necessitada, segundo opinam alguns dos mais altos funcionários do governo”.

“O propósito do presidente Roosevelt de produzir 50.000 aviões por ano parecia impossível quando foi anunciado, há questão de 14 meses, mas já está próximo de se transformar

em uma realidade. A rapidez da atual produção de aviões — sabe-se que mais de 25.000 aparelhos de guerra sairão este ano das 32 grandes fábricas da Nação — deve-se, em parte, ao trabalho de 24 horas diárias, segundo as ordens do Chefe do Governo. A produção aumenta de semana em semana. Durante as estações do Outono e Inverno próximas aumentará prodigiosamente pois, até lá, o engrandecimento das áreas das fábricas estará terminado".

"Existem firmes indícios de que no próximo ano serão construídos mais de 50.000 aviões militares nos Estados Unidos. Em menos de um ano os produtores de aviões já haviam dispendido 315.000.000 de dólares para a expansão dos estabelecimentos fabris. Depois disso, o Congresso votou mais verbas para a referida expansão das fábricas".

"O dinheiro gasto nas fábricas chegam a um total de 5.000.000 de dólares e não inclue a última expansão dos estabelecimentos fabris, segundo as estipulações do governo. Atualmente, trabalhando para a construção de mais de 60.000 aviões, existem aproximadamente 1.000.000 de operários. Uma terça parte deles fabrica os aviões e as restantes duas terças partes fazem peças e demais trabalhos acessórios, de acordo com pedidos do governo. As fábricas estão localizadas em uma área que vai desde Nova York, na costa oriental do Continente, até a Califórnia, na costa ocidental. Produzem-se toda espécie de aviões desde os super-velozes aviões de ataque "Aircobra" que pesam mais de 6.000 libras, quando completamente carregados, aos enormes aviões de bombardeio do Exército e da Marinha, com um alcance de vôo sem precedente. Esses bombardeiros, com suas tripulações e cargas de bomba, pesam mais de 100 toneladas. Esses são os extremos. Possivelmente, o mais importante avião que se está produzindo é o de caça e bombardeio de peso médio e veloz como o bombardeiro B-26 do Exército e o PBM da Marinha. Estes tem grande poder de ataque e grande facilidade de manejo para a defensiva. O avião B-26 é mais rápido que a maioria dos aviões de caça que se estão usando atualmente na Europa, embora seu peso bruto seja

de 26,625 libras. Leva uma tripulação de 5 homens, armadura defensiva e várias metralhadoras nas torres elétricas, que não deixam pontos "cegos". O Martin-178, construído com o propósito de preencher as necessidades táticas da RAF para atacar o Continente, é mais rápido e mais perigoso que o antecedente mas, em troca não pode realizar vôos de tanto alcance e nem pode carregar igual número de bombas. O bombardeiro Consolidated — B-24D — de 21 toneladas, carrega 4 toneladas de bombas a 300 milhas por hora tem um alcance de vôo sem etapas de 3.000 milhas. Henry Ford, entre outros, construirá aviões desse tipo e sua fábrica sozinha produzirá 250 por mês, a partir de maio".

"O avião de bombardeio menor e mais perigoso — o avião de mergulho, inventado pela Marinha dos Estados Unidos e tornado famoso pelos Alemães com o seu "stuka" — não ficou relegado a um plano inferior. A fábrica "Curtiss Wright" de Búfalo está construindo aviões do citado tipo, isto, é, o aparelho X582C-I, um avião de mergulho tão aperfeiçoado que deixa os próprios "stukas" alemães fora da moda. Sua velocidade é de 100 milhas por hora a mais que os existentes; carrega 2.000 bombas — o stuka carrega apenas 500 Kg pode coar a uma distância 2 vezes maior que a do "Stuka" alemão e pode manter-se no ar durante um período de tempo que ultrapassa em 4,30 horas todo e qualquer modelo existente".

"A velocidade exata a que pode descer este avião, quando em mergulho de bombardeio, é um segredo militar dos Estados Unidos, mas pode-se dizer que é capaz de mergulhar à velocidade máxima a que pode resistir o piloto, isto é, pouco mais de 600 milhas por hora. Um avião de bombardeio, navegando à citada velocidade, não pode ser atingido por nenhum canhão conhecido até agora. Há algum tempo, comentou-se que os modelos dos aviões de guerra que os Estados Unidos estavam enviando a Grã Bretanha estavam fora de moda. E' certo que os primeiros aviões que se mandaram não possuíam metralhadoras suficientes e nem armadura protetora. Tudo isso foi agora remediado. Todos os

aviões norte-americanos tem atualmente armadura que protege o piloto por todos os lados. E além disso aumentou-se a potência do seu tiro — que supera o modelo do **Aircobra**, preferido dos britânicos. A versão norte-americana a respeito do citado avião diz que tem um canhão automático de tiro rápido, de 37 mm. E metralhadoras de calibre de 50 mm. e 4 metralhadoras de calibre de 30 mm.”.

A “fome de aviões” é hoje formidável. Ninguem já se preocupa mais em fixar o número de aparelhos necessários, pois o erro menor seria sempre de alguns milhares. A regra é produzir o máximo, trabalhar dia e noite, com três turmas de operários.

Em consequência dessa produção gigantesca surgiram dois problemas:

1.º) A capacidade e espaço necessário para colocar e manter essa quantidade crescente de aviões. Na Inglaterra, por exemplo, espera-se ter na primavera de 1943 aproximadamente **cem mil aviões** e os ingleses terão que prevêr as instalações necessárias para atender tão vultuoso material.

2.º) O problema do pessoal necessário. A Aviação não é apenas uma questão de técnica e de máquinas. E' também um problema de homens, pilotos, mecânicos, navegantes, artilheiros, radiotelegrafistas, fotógrafos etc.

Os Estados Unidos pretendem preparar por ano 30.000 pilotos e 100.000 mecânicos. Possuiam em 1940 desesseis mil pilotos, contando com o pessoal da Reserva Aérea dos Serviços Comerciais.

Deante destes algarismos, todos siderais para nós, ficamos a imaginar o que eles ainda representam em gazolina, óleo, bombas, munição... Concluimos, sem paradoxo, que a guerra aérea será longa porque a indústria produz hoje muito mais do que se perde ou se gasta em combate.

E pensamos também no inferno europeu que será criado pelas Forças Aéreas de uma maneira capás de desafiar as mais pessimistas previsões...

BLITZKRIEG NA FRENTE ORIENTAL

Traduzido de "LA FRANCE LIBRE"
número de maio de 1941, por

VICTOR JOSÉ LIMA

Depois das campanhas da Polônia, da Noruega, dos Países-Baixos e da França, a campanha dos Balcãs vem confirmar a superioridade **irresistível** de um exército equipado com armas modernas, organizado e conduzido de acordo com os princípios da novel arte das batalhas, sobre **todo** exército em que falte uma ou outra das armas essenciais, ou cujo Estado-Maior continue prisioneiro das velhas concepções de há vinte anos somente, mas já tão anacrônicas quanto as cargas de cavalaria dos cavaleiros com armaduras de ferro contra as armas de fogo, ou da infantaria contra ninhos de metralhadoras. Se havia necessidade de uma última experiência, duma suprema confirmação, o caso da Iugoslávia era particularmente favorável: aí, o exército alemão chocou-se contra um povo cujo heroísmo é legendário, sobre um terreno aparentemente favorável à defensiva e difícil para as tropas motorizadas. O resultado, uma vez mais, foi brutal, decisivo: em alguns dias, produziu-se aquilo que os espectadores afastados já se acostumaram em chamar de arrombamento — comparável a uma catástrofe natural menor ainda por sua violência subita do que pelo inflexível determinismo que a comanda.

Dez de maio marcou o primeiro aniversário do dia em que a máquina de guerra, construída pelos Hitleristas, foi

Recomendamos aos nossos leitores a leitura deste importantíssimo artigo. (Nota da Redação).

lançada sobre os Países-Baixos, a Bélgica e a França. Os alemães na última primavera, combateram o único exército do continente europeu que eles supunham igualar ao seu, quer pelo valor dos soldados como pela qualidade dos oficiais. Contudo, esse exército, insuficientemente dotado de armas modernas, comandado de acordo com concepções estratégicas e táticas antiquadas, foi destruído depois de algumas semanas de combate, dando a impressão de que o estado-maior, as tropas e mesmo o povo tinham sido vítimas de um choque nervoso, sendo paralizados pela brutalidade do assalto. Todos os observadores reconhecem hoje que isso não se assemelha a um fracasso coletivo, mas que a técnica da guerra relâmpago não deixa esperança à coragem ou à "chance": para resistir, para vencê-la, deve-se dispor de armas, deve-se compreender os métodos da guerra moderna.

Em um sentido, a campanha dos Balcãs nada revelou de inédito. Depois da desaparição do exército francês, tornou-se claro que a Wehrmacht poderia conquistar, à sua vontade, todos os pequenos países ainda independentes sobre o continente. As conquistas balcânicas não são mais do que uma sequência previsível e inevitável dos sucessos obtidos a oeste em 1940. De outra parte, a estratégia, a tática e a técnica foram as mesmas postas em prática na Polônia e na França. A campanha de 1941 oferece somente uma nova ocasião de analisar os princípios e as práticas da guerra alemã e de extrair, daí, lições.

Um tal estudo não oferece um simples interesse histórico; ele se impõe para a condução futura das operações. As técnicas modernas da guerra, que os alemães temem menos inventado do que sistematizado e posto em prática, são **essencialmente transmissíveis**. Nesses assuntos nada impede ao aluno reunir-se e sobrepujar o mestre. Antes de tudo, as condições materiais devem estar reunidas: a potência industrial do mundo anglo-saxão, no que concerne às produções essenciais à guerra moderna, é muito maior do que a do Reich. As regras da guerra alemã podem ser as mesmas da futura vitória dos Aliados.

A PREPARAÇÃO

Ganham-se ou perdem-se batalhas pela maneira como se as prepara, assim formula um dos princípios fundamentais da estratégia alemã; porque a estratégia não determina sómente o lugar e o momento de ação, a idéia do combate e o número de tropas: ela comanda todo um sistema de preparação política, psicológica e militar.

As palavras: preparação e organização, são pronunciadas na Alemanha com um acento quasi místico porque elas evocam os sonhos de conquista do mundo. Os historiadores alemães doutrinam, de fato, que os povos, por uma grande parte, teem devido triunfos às suas virtudes, ao seu talento de organização. Todos os grandes conquistadores, Alexandre, Cesar, os Romanos, não triunfaram graças a uma série de milagres, ou porque possuam no combate virtudes sem par, mas sim porque tinham consagrado à preparação da guerra mais esforços, trabalho e inteligência do que seus adversários, e porque tinham sabido aplicar a idéia na qual o bom senso é reunido à especulação estratégica: ser forte, numa maneira geral, conduz ao ponto decisivo.

Idéia sensata, mas que os povos se comprazem em esquecer. Como disse Delbrück, numa conferência intitulada "O Espírito e as massas na história", pronunciada em Berlim em 1912, nada toca tanto a imaginação popular do que a recordação ou a lenda de fracos efetivos triunfando sobre um inimigo mais numeroso (a vitória dos Gregos sobre os Persas), ou sucumbindo heroicamente diante da força numérica. Esquece-se assim que, de acordo com a fórmula de Napoleão, Deus está frequentemente ao lado dos maiores batalhões e que não há glória autêntica, para um povo a preparar minuciosamente, com todos seus recursos intelectuais e morais, a guerra vitoriosa, do que morrer numa batalha sem esperança.

Os Romanos, diz ainda Delbrück, não eram mais corajosos do que os outros povos que eles finalmente acabaram por conquistar. Mas com uma vontade inflexível, mobili-

zaram ao serviço do Estado enormes efetivos, disciplinados e instruídos. A República Romana, desde sua origem, permitia a todos os cidadãos o direito de voto, mas impunha a todos eles a obrigação militar: e justamente aí estava a origem de sua força. Nada é mais falso que a representação mitológica de Romanos pouco numerosos, triunfando sobre enormes massas humanas. Na realidade, os Romanos triunfavam porque apresentavam exércitos mais numerosos e melhores treinados.

O homem, sozinho, não é nada. As legiões de Cesar triunfaram sobre cavaleiros gauleses cujo heroísmo não podia ser sobrepujado. A despeito de seu entusiasmo e sua bravura, as tropas improvisadas pelo governo da defesa nacional em 1870 sucumbiram, em tres contra um, diante dos exércitos prussianos cuja superioridade de instrução era flagrante. Para transformar massas em exércitos, para lhes ensinar a arte de obedecer e combater, para crear esse organismo extraordinariamente complexo dum exército, é necessário um longo trabalho paciente e minucioso. "Tão longe quanto podemos recorrer à história, constata-se que sucesso tem sempre sido obtido graças ao espirito de organização e tambem graças a circunstâncias favoráveis" (Jostrow). E, já que Hitler tenta hoje reeditar a aventura de Alexandre, citemos este testemunho sobre esse notável guerreiro. "Alexandre o Grande deve sua potência invencível muito menos à eminência de seus talentos militares do que à instrução perfeita de seu exército e à preparação notável de suas campanhas".

Os alemães encontram tambem a confirmação do papel decisivo da preparação e da organização nas experiências da guerra de 1914-1918. Nem de um lado nem do outro se previa o forma que tomaria o conflito. Nem de um lado nem de outro, a condução das operações foi comandada por uma concepção longamente refletida. Além do mais, a economia teve de ser improvisada, porque não se previu a duração das hostilidades. Desta vez, a preparação foi iniciada o mais cedo possível.

A característica própria dessa preparação foi exatamente definida pelo comandante francês Monceau: "Assemelha-se a uma combinação singular de reflexões teóricas e de aplicação da teoria à prática. E' por essa capacidade de tirar o máximo dos homens e do material, que os alemães nos são superiores. No exército alemão, em seu conjunto, cada unidade funciona como ua máquina, ajusta-se nos mínimos detalhes". E' esse "funcionamento da máquina" que assegura o rendimento superior do todo e das partes.

Mas não se precisa compreender apenas a preparação, no sentido material, como a organização da nação em face da guerra. A preparação é orientada por uma concepção estratégica, sabendo-se que ela deve criar as condições duma vitória decisiva e tão pouco custosa quanto possível. Pode-se resumir essa estratégia da preparação em algumas idéias:

1) O alvo final, o ideal duma campanha perfeitamente preparada, será a concentração e a colocação em ação de uma força tal que o adversário seja surpreendido antes de ter tempo de se recompor. A melhor chance de uma vitória está nos primeiros dias da campanha.

2) Sendo impossível a derrota do adversário nos primeiros dias de hostilidades, deve-se permitir certas interrupções para pôr em destaque a superioridade necessária. Em todas as campanhas, as operações devem ser conduzidas, concentrando-se todas suas forças, e o sucesso depende da rapidez e da potência do primeiro assalto.

Se não fôr possível realizar uma superioridade que, em qualquer medida, garanta o sucesso da campanha, o ataque decompõe-se-á em uma série de ações de mais em mais fracas, que, no conjunto, ficarão quasi sem efeito; o que realmente importa, em todos os casos, é a decisão principal. Para evitar que as operações tomem um desenvolvimento frouxo, o general Erfurth, que se pode considerar como o teorista do grande estado-maior, exige "uma incrível superioridade". "Hoje", escreve ele, "só ha uma chance de sucesso decisivo: o chefe de guerra surpreende o adversário concentrando uma incrível superioridade no ponto culminante da batalha".

3) Portanto, a velha lei continua sempre valiosa de que a superioridade deve ser organizada sobre o ponto decisivo. Napoleão, o maior estrategista do seu tempo, soubera reunir em todas as suas batalhas vitoriosas (com exceção na de Dresde, em 1813) um exército superior ou, ao menos, quasi igual ao do seu adversário, e assim que essa condição deixou de existir, como em Leipzig, Laon e Belle-Alliance, ele sucumbiu. Hoje, diz a teoria, a superioridade deve ser maior ainda do que no passado, porque a defensiva dotada de armas modernas adquiriu a mais alta eficácia. Tem-se a relação de 1 para 3 como normal para a defensiva (numa hipótese de uma igualdade qualitativa de armamento); portanto deve-se exigir para ofensiva, pelo menos, uma superioridade maior do que a de 3 para 1 (em potência de fogo, não de efetivos).

A estratégia de preparação determina o ritmo da guerra, com pausas alternadas e campanhas fulminantes. A preparação dura atualmente muito mais tempo do que as operações propriamente distas. Vários meses antes do assalto contra os Gregos, os "especialistas" alemães já se tinham introduzido na Bulgária, melhorando as bases aéreas, o sistema de comunicações e estradas. Nada é menos secreto, nesse sentido, do que as intenções alemãs; somente o momento de desfechá-las continua desconhecido.

Com a preparação militar é combinada a preparação diplomática e psicológica, parte integrante da estratégia alargada que Hitler se gaba de ter imaginado. Sob o aspecto militar, essa estratégia alargada tende a inhibir a preparação do adversário, no mesmo momento em que se acumulam os preparativos de agressão. Antes de tudo, impede-se a formação de coalisões, que sozinhas seriam capazes de impedir as conquistas continentais de Hitler.

"Os progressos técnicos do armamento — aviação, carros de combate", escreve o general Wetzell, "aumentaram as dificuldades políticas e militares da guerra de coalisão. Um estudo minucioso de todas as possibilidades e das medidas de preparação que elas incluem, impõe-se mais do que nunca

em tempo de paz, se for desejo mais tarde obter a unidade de vista e de ação".

Hitler sempre enviou todos os esforços para impedir esses entendimentos preliminares, misturando as seduções à ameaça. Até o último momento o governo da Iugoslávia recusou toda conversação com os estados-maiores aliados. As negociações decisivas com a Iugoslávia não foram iniciadas senão na véspera do ataque, se bem que o sobressalto nacional que regeitou o governo de capitulação, chegou muito tarde para permitir uma mobilização completa e uma frente defensiva comum das nações balcânicas.

Ao mesmo tempo que a diplomacia impede a formação de coalisões, a obra de desagregação interior é continuada por todos os meios, à custa de inumeráveis agentes e turistas. Descontentamento, incerteza e desconfiança são espalhados, de maneira a abalar a resistência moral do adversário, abrindo caminho assim ao assalto brutal das forças militares. Por um trespasso sobre o plano internacional dos métodos de guerra civil, a técnica do golpe de Estado foi utilizada na Noruega e no Iraque; e em toda a parte, um golpe de Estado era preparado com antecedência, para que um governo de capitulação estivesse sempre pronto a considerar as consequências do cheque-mate militar e aceitar a "liberação" pelos nazistas ou sua "proteção militar".

A preparação político-psicológica, segundo creem os teóristas do Reich, deverá evitar a volta das batalhas inexploráveis da última guerra. A ação militar só começa depois que o terreno tenha sido suficientemente observado e o adversário suficientemente enfraquecido. O sucesso, nas campanhas sobre o continente, foi preparado não somente pela acumulação de armas alemãs, pela desintegração do moral inimigo, mas também e sobretudo pela inércia dos chefes que se obstinaram em seguir concepções desusadas.

TÉCNICA, TÁTICA E ESTRATÉGIA

Entre 1914 e 1918, logo que a guerra de posição supriu toda a liberdade de movimento, a estratégia devia, de

acordo com a fórmula de Ludendorff, ceder lugar à tática. Além disso, o sistema de posições defensivas devia ser rompido e depois, então, a liberdade de movimento tendo sido assim reconquistada, poder-se-ia sonhar com a realização de manobras estratégicas.

A regra era por conseguinte: primeiro tática, depois estratégia. Na guerra presente, a ordem é: técnica, tática e estratégia.

E' evidente, com efeito, que a técnica tomou, nesta guerra, uma importância que em época alguma teve. A superioridade pertence ao estado-maior que reserva aos problemas técnicos a mesma atenção que aos problemas estratégicos ou táticos. Estrategistas ou táticos são atualmente impotentes para dirigir os exércitos numa guerra moderna se não são ao mesmo tempo técnicos. Todos os preparativos repousam sobre considerações técnicas, todas as questões que apresentam os chefes militares são formuladas, em nossa época sobretudo, em termos técnicos.

Como aumentar ainda mais a rapidez de concentrações e de movimentos de tropas? Como aumentar os efeitos dos projéctis sem comprometer a precisão dos tiros? Como melhorar os meios de reparar os objetivos e de pôr as armas em posição? Como aumentar a eficácia dos explosivos sem que sua sensibilidade se torne perigosa para aqueles que os utilizem? Como aumentar a resistência e a qualidade do aço das couraças ou dos canhões de carros de combate? Como operar à noite? Como conduzir na obscuridade aviões, carros de assalto, colunas blindadas, sem fornecer ao inimigo sinalis utilizaveis? Como combater os bombardeiros à noite? Como organizar barragens para impedir o avanço das divisões blindadas? Todos esses problemas são de ordem técnica. A realização eficaz da guerra depende hoje, inteiramente, da solução que eles recebem.

Um estado-maior que, qualquer que seja seu talento estratégico e tático, não disponha de armas necessárias, no ponto conveniente, perde toda a possibilidade de ação. Tal como aconteceu com o estado-maior francês em maio e junho de

1940, será forçado a realizar uma defensiva esteril, na qual tenta em vão, e sempre muito tarde, adaptar-se aos métodos contrários e responder aos golpes que lhe são deferidos. A formação técnica de chefes militares deve por conseguinte seguir par a par com sua formação estratégica e tática. Assim que se acostumar a considerar as maneiras de operações e de orientar a preparação, o técnico é competente e deve ser consultado.

Em 1938, a França dispunha ainda de uma quantidade de caminhões mais elevada do que a Alemanha. O potencial de motorização, o exército de motoristas e de mecânicos era equivalente; todavia, uma grande parte da artilharia francesa partiu para a guerra puxada por cavalos. Só a falta de compreensão da técnica explica a resistência oposta categoricamente a uma motorização radical do exército pelo estado-maior francês.

Os teoristas militares conservadores se apoiavam na argumentação seguinte: é um fato experimentado, diziam eles, que o fim de uma guerra determina em geral as formas sob as quais a guerra seguinte começa. De acordo com essa regra, alguns previam que a nova guerra seria, mais ainda do que a precedente, guerra de material e guerra de posição; todo ataque seria, depois de um breve momento, impedido, afogado no sangue e no lodo. A batalha dos exércitos seria desenrolada na zona das fronteiras.

Mas a essa escolha se opunha uma outra que, ao contrário, anunciaava a extensão das operações de uma amplidão imensurável e de espaços imensos, a rapidez fulminante de campanhas decisivas.

Os estados-maiores aliados aceitaram a primeira concepção. Ora, eles mesmos se esqueciam que, já ao fim de 1918, uma evolução se processava que oferecia à guerra uma figura nova: os carros de assalto e a motorização apresentavam possibilidades inéditas para romper as linhas da defesa e perseguir os fugitivos.

Em outras palavras, a teoria conservadora não tinha levado em conta os progressos técnicos realizados no inter-

valo de vinte anos, principalmente no que concerne aos motores de explosão, aos aviões, aos carros de assalto e à motorização geral do exército. Ainda mais, os progressos técnicos já tinham determinado uma evolução na organização do exército (o exército russo, a esse respeito, deu o exemplo) e as campanhas da Abissínia, da Ásia e depois da Espanha permitiram, ao menos, entrever o que seria a guerra do futuro.

As campanhas de 1939 revelariam a novel arte em toda a sua pujança. Pode-se falar de uma arte da guerra em várias dimensões: exército, aviação, marinha, economia e propaganda seriam suas armas. Pode-se falar igualmente dum a estratégia à escala da Europa, se apercebesse a amplidão das operações. Com a ocupação da Noruega e da Dinamarca, a guerra já suplantou o espaço que ela havia coberto em 1914-18. Na primavera de 1940, pela primeira vez na história, as tropas alemães atingiram os portos da Normandia e da Bretanha, o golfo da Gasconha — e os Pirineus. Os objetivos confiados às divisões blindadas são distantes várias centenas de quilômetros. Nessa estratégia européia, de ritmo acelerado, o pequeno Estado não pode mais do que figurar como um papel secundário.

As necessidades dessa estratégia européia respondiam os meios de comunicação à disposição do estado-maior do Reich. A rede de caminhos de ferro, ao mesmo tempo que as auto-estradas, permitiu o deslocamento dos exércitos para este e oeste, depois da guerra da Polônia. Igualmente favoreceu os movimentos de tropas para a Noruega, depois para oeste e, em seguida, o reagrupamento das forças depois da vitória à oeste. A velha rede de estradas austro-hungaresas, hoje dominada pelo Reich, permitiu, também, a concentração de tropas nos Bálcãs.

O estado-maior alemão criou igualmente um sistema de transmissão que utilizava os últimos aperfeiçoamentos da técnica e que tornava possível o movimento ordenado de vários corpos de exército separados, essência da nova estratégia. No exército francês as transmissões telefônicas, ligan-

do as primeiras linhas ao estado-maior, jogavam ainda um papel predominante. Os alemães tinham posto em prática um sistema de transmissão pela T.S.F., mais comodo, menos hierarquizado, que permitia a todas as escalas comunicações diretas de arma a arma (de tanques a aviões). E no entanto, em 1918, o exército francês estava à frente de todos os outros no que concernia às transmissões por T. S. F. !

Em suma, tudo tinha sido adaptado às exigências do exércitos motorizados, às concepções da guerra mecânica. Divisões blindadas, divisões motorizadas podiam impedir sua ação a toda velocidade porque, atrás delas, as divisões ordinárias dispunham de um número imenso de caminhões de transporte e porque o reabastecimento era também motorizado. O exército, em sua totalidade, estava organizado de acordo com uma concepção mestra. A técnica tornara possível uma estratégia que, concebida adiantamente, correspondia às capacidades do novo exército. Pode-se dizer, ainda, que o exército era o instrumento de realização de uma teoria estratégica, ou melhor, inversamente, que a teoria estratégica surgia espontaneamente da nova técnica.

A ESTRATÉGIA DE ENVOLVIMENTO

O instrumento técnico, em si mesmo, separadamente, não garante o sucesso: a guerra russo-finlandesa, ao inicio, forneceu essa prova. A insuficiência da concepção estratégica não permitiu ao comando soviético pôr em destaque a superioridade de suas forças materiais.

Do mesmo modo, a campanha da França confirmou que a estratégia exerce sempre uma influência bastante decisiva sobre o inicio das batalhas: os erros estratégicos cometidos pelo grande estado-maior francês precipitaram uma derrota mais rápida e mais desastrosa que não coincidia com a quantidade de forças em luta. A arte da estratégia é um elemento indispensável da vitória. O chefe deve ser capaz de utilizar todas as possibilidades que oferecem as armas modernas. Antes de tudo, deve ter fé nas possibilidades que oferecem essas

armas. Nesse ponto de vista, é mais importante analisar-se o pensamento estratégico do que a tática e a técnica dos chefes militares do Reich.

As idéias mais importantes têm sido formuladas pelo general Erfurth, teorista oficial do grande estado-maior, idéias que não apresentam uma excepcional originalidade mas que resumem as regras da atual estratégia alemã. Alguns meses antes de setembro de 1939, o general Erfurth tinha reunido em volume os artigos publicados na "Militärwissenschaftliche Rundschau" sob o título de "Ação combinada de corpos dos exércitos separados". Nesses artigos ele expunha detalhadamente, com cartas e croquis auxiliares, o plano de campanha que foi aplicado na campanha da Polônia. Esses estudos escaparam à atenção dos estados-maiores interessados. Neles, as regras conforme as quais se operaram as manobras estratégicas da guerra-relâmpago estavam exatamente precisadas.

Os alemães gostam de apresentar suas concepções referindo-se a exemplos históricos. Eles tomam para modelo três batalhas: a vitória de Leuthen levada a efeito por Frederico II, a destruição do exército romano em Cannes por Aníbal e, por último, a batalha dos três imperadores, isto é, do prussiano, do austriaco e do russo, contra Napoleão I em Leipzig.

A idéia, ou melhor, a imagem de Leuthen é a de um ataque sobre um flanco dum exército fortemente entrincheirado numa posição, afim de obrigar-lhe a sair de seu ninho e vir dar combate numa situação desfavorável. O esquema de Leuthen foi a origem da estratégia alemã na campanha da França.

Cannes é o tipo de uma vitória decisiva, da aniquilação dum exército graças à manobra de duplo envolvimento. Mas Erfurth prefere utilizar, em suas demonstrações, o mecanismo da batalha de Leipzig, porque este foi o primeiro exemplo de operações convergentes com o auxílio de exércitos separados. Este esquema representaria, segundo Erfurth, a manobra estratégica ideal para os exércitos motorizados. Um tal manobra seria a mais vantajosa para realizar a destruição

do inimigo, tal como aconteceu em Cannes. A batalha de Leipzig, é verdade, não conduziu a um resultado semelhante. Mas, segundo a crença de Erfurth, ela teria conseguido a vitória total, se as manobras convergentes precedendo o combate tivessem sido executadas de maneira mais consequente. E é por isso que a concepção estratégica de Leipzig não pôde ser mais longamente apreciada pela literatura militar.

Não existirá melhor meio de fazer sentir ao adversário a superioridade de um exército do que o ataque convergente, desferido sobre várias frentes. Se, de maneira geral, a vantagem da surpresa está do lado de quem ataca, se o atacante tem o privilégio de escolher o lugar e o momento do ataque, se possue a iniciativa da ação, a estratégia dos assaltos concêntricos multiplica essa vantagem.

As duas fórmulas de Schliffen ficam como princípios fundamentais da doutrina alemã:

1) Para obter uma vitória decisiva, um ataque de dois ou três lados, de frente e sobre ao menos uma das alas se impõe.

2) A tarefa suprema do grande estado-maior consiste, muito antes que se produza o choque com o inimigo, em indicar a cada exército suas direções e caminhos de marcha e, na medida do possível, os tempos nos quais os diferentes objetivos devem ser atingidos.

Mas esses dois princípios comportam uma realização mais audaciosa e mais eficaz com a tática dos exércitos motorizados. As operações convergentes são susceptíveis de ser executadas sobre um ritmo mais rápido. Por conseguinte, as chances de dispor as forças necessárias para uma batalha de aniquilação são maiores do que já o foram em todas as épocas. As manobras de Cannes ou de Leipzig representam o ideal da estratégia de aniquilamento. Desde que essa manobra é realizável com a técnica moderna, a guerra-relâmpago é possível, segundo a conclusão do general Erfurth, antes da guerra da Polônia e da França.

Erfurth recomenda a manobra sobre linhas exteriores, porque esta favorece o envolvimento, ponto constante da es-

tratégia alemã. A objeção fundamental contra essa manobra cai, uma vez que a técnica moderna facilita a manutenção das transmissões regulares entre a direção suprema do exército e as colunas separadas. Além do mais, os reconhecimentos aéreos protegem os exércitos contra as surpresas em sua marcha convergente e ajudam a coordenar os movimentos.

E' certo, os riscos que comportariam a divisão do exército em vários corpos e a extensão do campo de batalha subsistem, mas a reunião de forças importantes já diminui o perigo desse envolvimento especial. Além disso, a mobilidade dos exércitos modernos permite os deslocamentos rápidos, a concentração oportuna das forças e o amparo das tropas ameaçadas.

Também, segundo Erfurth, a relação entre esses dois tipos de operações sobre linhas exteriores e sobre linhas interiores, será modificado a favor do primeiro tipo. A acumulação de grandes massas sobre um espaço reduzido, expõe a maior perigo do que uma divisão, mesmo exagerada, das forças. A intervenção do motor precipita essa evolução, porque ele aumenta o risco de um exército em posição serrada ser vítima dum golpe de envolvimento e privado de toda liberdade de ação. A infantaria do ar está particularmente constituída para completar os envolvimentos das alas por ataques sobre as retaguardas ou sobre as rotas de reabastecimento. Efetivos reduzidos, desembarcados de aviões, senão conquistam definitivamente posições-chaves, pelo menos semeiam a confusão ou o pânico, que será agravado pelo exército atacante de diversos lados, diminuindo as condições da retirada ou da manobra defensiva.

E' de acordo com essas concepções que todas as campanhas tem sido conduzidas depois de 1939. Atacados por vários exércitos, desembocando de várias direções, em marcha convergente, os diferentes corpos do exército polonês foram logo destruídos, logo cercados. Na França, o exército da Bélgica foi cercado pela marcha em direção ao mar das divisões blindadas que tinham rompido a linha francesa sobre o Mosa. Desta vez, foi realizada uma batalha sobre a frente

invertida, de acordo com a concepção de Schlieffen. O exército da Lorena, depois de rompido em Champagne, foi igualmente cercado.

Na campanha dos Balcãs o exército da Trácia foi envolvido sobre as duas alas pelo rompimento a este ao longo da fronteira turca, e a oeste pelo vale do Vardar. O exército grego da Albânia foi cercado pelos exércitos alemães que vieram atacar sua via de reabastecimento pela península. O exército iugoslávio, assim como também o exército polonês, foi atacado simultaneamente sobre diversos pontos, sem ter a possibilidade de escapar nem aos golpes diretos nem aos movimentos de envolvimento. Na verdade, na campanha dos Balcãs, a superioridade alemã era tal que um ataque frontal teria conseguido o mesmo resultado. Mas o estado-maior alemão gosta de aplicar sempre as regras da arte.

Toda a estratégia européia, depois que em setembro de 1939 a Alemanha iniciou o conflito, se tem desenvolvido conforme essas concepções. Estratégia européia no sentido que os dirigentes alemães conceberam como primeira tarefa a subjugação da Europa, com um fim ulterior mais vasto ainda. Em dez de janeiro de 1919, numa nota remetida aos plenipotenciários aliados e associados, o marechal Foch tinha sublinhado o perigo que creava o plano alemão: impedir por uma invasão rápida da França uma intervenção continental dos anglo-saxões: "Se não existirem portos franceses, para que os exércitos do outro-mar desembarquem suas tropas e seu material, nem solo francês para que eles se concentrem e se disponham adiante de suas bases, a guerra continental contra uma potência visando dominar o continente será interdita às democracias de outro mar. Elas serão privadas de seu campo de batalha mais próximo e mais natural. E não lhes restará senão a guerra marítima e econômica".

Hoje, Foch teria acrescentado: a guerra nos ares, as possibilidades gerais de intervenção e de invasão, as novas possibilidades que a guerra motorizada criou, às quais se acrescentarão possibilidades políticas, assim que os Anglo-Saxões tenham adquirido a superioridade em armas técnicas.

Quanto aos alemães, eles procuram tirar proveito da superioridade atual de seu exército motorizado para realizar sua invasão da Europa, aumentando suas conquistas cada vez mais, indo até Gibraltar e Portugal, afim de tornar mais difícil a ação futura dos anglo-saxões sobre o continente.

Alem disso, intervindo na batalha do Mediterraneo, a estratégia européia transpõe uma etapa decisiva na direção duma estratégia inter-continental. Os campos de petróleo do Próximo Oriente, no Iraque e Irã, o canal de Suez e, alem, o continente africano e as Indias são os objetivos mais ou menos remotos da nova campanha cuja ocupação da Jugoslávia e da Grécia representa a primeira fase.

Nessa campanha, o exército alemão choca-se a um novo obstáculo: o espaço. Até o presente, os chefes militares do Reich teem podido organizar e executar suas operações com uma precisão matemática. Em sua marcha contra o Oriente, eles enfrantaram riscos, aceitarão incerteza e jogarão sua sorte.

ALGUMAS LIÇÕES

A teoria e prática da guerra alemã teem assegurado ao Reich sucessos consideráveis e o domínio do continente europeu. Mas eles não abateram o adversário principal, a Grã-Bretanha, que está em posição de tirar as lições das batalhas perdidas e de preparar a contra-ofensiva.

1) A vitória depende de toda uma série de elementos, materiais e morais; número e composição de tropas, relação quantitativa e qualitativas das armas utilizadas, natureza do terreno e do clima. Na hora presente, a estratégia britânica tem como primeiro objetivo a modificação, depois o inverso da relação de forças materiais. Há muito tempo, os alemães teem tido tal superioridade nas armas decisivas, que equivalia a uma espécie de monopólio (uma aviação muito inferior em número é eliminada em poucos dias). Em armamento, equipamento, treinamento, o exército alemão estava, por assim dizer-se, sózinho no seu gênero. A primeira etapa

a transpor é destruir esse monopólio, e de não deixar ao Reich o privilégio de representar sózinho o exército moderno.

2) Este monopólio é essencialmente provisório. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha teem um potencial de motorização mais de duas vezes superior ao do Reich. Se eles mobilizam totalmente seus recursos, os países anglo-saxões estão aptos a obter a superioridade necessária à vitória.

3) Na última guerra, a superioridade do número de armas essenciais foi o fator principal da vitória. Durante anos, as operações militares se desenrolaram vagarosamente, sem que nenhum dos adversários conseguisse obter uma vantagem decisiva. As batalhas da grande guerra, foram nulas porque os adversários mediaram suas forças que, com efeito, eram quasi iguais. Poderia existir sobre tais e tais pontos uma superioridade local, mas os sucessos locais eram poucos e sem importância, em virtude da falta de uma superioridade geral suficiente. Bastou a intervenção americana para criar a desproporção necessária das tropas.

4) A superioridade deve ser considerável para que a vitória seja assegurada. A indústria anglo-americana é capaz de realizar essa superioridade. Tudo depende do ritmo e da intensidade da produção de armamentos.

5) Por temperamento, os anglo-saxões são melhores dotados que os alemães para a técnica moderna de guerra, para a motorização integral. A eles convém, por conseguinte ir até ao ponto da lógica dos métodos modernos e de reconhecer que as teorias mais avançadas, mais revolucionárias, receberam a sanção dos acontecimentos, em particular, a concepção de Douhet sobre a guerra aérea (na Iugoslávia, e na Grécia, o domínio dos ares provou, mais uma vez, ser fator decisivo).

“Eu estou certo, sem qualquer reserva, que o futuro não me desmintirá, se eu disser que a guerra nos ares será a es-

sência da guerra futura". Quando Douhet escreveu essas palavras recebeu muitas críticas por estar tendo visões e uma antecipação fantasista. Hoje, os fatos lhe dão razão, ao menos quando diz que a arma aérea ganhou importância com uma rapidez incrível, que precipitou uma verdadeira revolução na arte da guerra, que abriu perspectivas ilimitadas. Os alemães indo ainda mais longe do que os russos, tiraram todas as consequências desse novo fator, e as campanhas continentais de 1939-40 justificaram suas concepções. Sem a aviação, o método aplicado na Polônia teria sido inconcebível. Um exército sem aviação está numa situação comparável a um exército sem artilharia entre 1914 e 1918. Pode ser que os alemães se queixem hoje de não se ter ido mais longe ainda nesse respeito: no verão de 1940, a Grã-Bretanha foi salva porque o Reich não dispunha de uma superioridade aérea suficiente.

No dia 5 de janeiro de 1940, num balanço do ano de 1939, a **Deutsche Wehr** escrevia: "Douhet concebeu uma teoria da guerra aérea; o estado-maior de nosso exército aéreo, partindo da teoria do general italiano, criou o instrumento que permite atingir, politica e militarmente, o último objetivo: a destruição total do inimigo com perdas tão reduzidas quanto possível. Em todo o caso, as idéias de Douhet foram confirmadas até o presente em dois sentidos pela experiência da guerra contra a Polônia e a Grã-Bretanha. Acreditamos que os acontecimentos militares ainda para vir darão integralmente razão à interpretação que foi dada, pelo estado-maior do Reich, às idéias de Douhet".

Os alemães envidaram todos os esforços para traduzir em realidade esse domínio do ar, que Douhet imaginara. No segundo dia da guerra da Polônia eles mantinham efetivamente esse domínio, porque, atacando de improviso e aproveitando ao máximo a superioridade de número, tinham destruído no solo os aparelhos poloneses e tornado inutilizáveis os aeródromos (o mesmo aconteceu na Iugoslávia). Na Grécia, na última parte da campanha, a despeito da qualidade dos aparelhos britânicos, eles obtiveram igualmente o domínio

dos ares graças à imensa superioridade de número, que permitiu submeter a bombardeios impiedosos os aeródromos utilizados pela R. A. F..

Uma vez mestres do espaço, os aparelhos podem suportar a ação das tropas de terra. Caças, bombardeiros, aviões de reconhecimento estão atualmente ao serviço do exército, o qual eles auxiliam, esclarecem e ajudam a sobrepujar resistências locais, a explorar o sucesso, desorganizando as colunas inimigas, os meios de comunicação, destruindo as vias férreas e as estradas. Expostos sem defesa a um ataque semelhante, um exército fica condenado, tornando-se incapaz de qualquer resistência.

A aviação em nossos dias é tão preponderante que, no exército moderno, todas as outras armas podem ser consideradas como anexas. Sem aviação, todas as outras armas são cegas, impotentes, desprovidas da maior parte de sua força combativa. Em cooperação com a aviação, cada arma vê sua eficácia multiplicada. A arma aérea deve atualmente determinar toda a composição do exército. Em torno da arma aérea, núcleo do exército futuro, devem organizar-se as outras armas.

O argumento principal, utilizado pelos representantes de concepções conservadoras contra a supremacia da aviação, é forma célebre e banal: sómente a infantaria ocupa o terreno. Mas, na campanha da Iugoslávia, teve-se a prova de que a arma aérea já está em vias de solucionar o famoso problema de ocupação do terreno. Além disso, a vitória consiste na destruição das forças armadas inimigas: ora, todas as campanhas de 1939-41 revelaram o papel que joga a aviação nessa destruição de exércitos.

A diversidade de tarefas oferecidas à aviação é tal que se pode, desde agora, verificar a especialização de aparelhos e pessoal. O crítico aeronáutico do "Observer" escrevia, com justiça, a 27 de abril último, que a aviação podia oferecer um auxílio de primeira importância na defesa contra as divisões couraçadas. "Somente os aviões podem opor-se aos tanques, com uma resistência imediata e particularmente movel.

Os aviões armados de canhões se revelaram aptos na França em conter os tanques. Esquadrilhas especializadas nesse trabalho poderiam levar sobre o teatro de operações uma ação rápida, pondo em cheque a rapidez dos carros lançados no assalto".

6) A guerra motorizada é na realidade uma guerra tipicamente anglo-saxônica. A grande força militar dos alemães foi e é ainda sua superioridade tática no combate de infantaria. Nas batalhas de aviões e de tanques, os anglo-saxões, moral e materialmente, por sua estrutura industrial e por sua formação, tem tudo que é necessário para obter a supremacia. Devem, entretanto, adaptar a tática e a estratégia às novas concepções e de incrementar ativamente a motorização.

7) A guerra motorizada exige uma estratégia especial do petróleo, porque uma tal guerra pode ser perdida por falta desse precioso combustível, ou, ao contrário, ser grandemente favorecida pela quantidade e qualidade dos carburantes de que dispõe. A intensificação das operações militares e o emprego dos submarinos, dos aviões, dos navios de superfície e das tropas motorizadas aumentam as necessidades em essência das forças armadas. O único risco de faltar um dia carburante pesa sobre as decisões dos dirigentes militares. O empreendimento no Oriente levado a efeito pelo Reich se explica, parcialmente ao menos, por suas duvidas do futuro, pela esperança de retirar da Grã-Bretanha os campos de petróleo do Iraque e do Irã, e de controlar e, eventualmente de ameaçar, os campos petrolíferos de Baku. O especialista alemão em petróleo, Dr. Friedensburg, escreveu: "A destruição dos poços rumenos por alguns oficiais britânicos que, por motivos facilmente comprehensíveis, foram vivamente criticados na Alemanha e mesmo na Rumânia, representa uma das ações individuais mais significativas da guerra mundial. Ela teve consequências mais importantes que a maior parte das grandes batalhas dessa longa luta de quatro anos e meio".

8) A complicação da condução atual das operações requer a consulta premanente de peritos, técnicos e economistas, para o estabelecimento de planos durante o desenvolvimento das campanhas.

9) Se se conseguir tirar da Alemanha isso que nós chamamos de seu monopólio de armas modernas, uma inversão na situação será produzida imediatamente. Então, serão encontrados aliados facilmente.

10) Até este momento, a situação exige que a guerra seja conduzida do lado britânico, de acordo com as regras de guerra de consumo. É uma guerra de expectativa, destinada a preparar a futura contra-ofensiva britânica.

* * *

A atenção da opinião pública é detida mais facilmente pelos sucessos espetaculares, que se traduzem pelos ganhos de terreno, do que pelos sucessos, mais importante na realidade, que se exprimem pelo aumento das forças armadas anglo-saxônicas. O ano de 1941 presenciará evidentemente os exércitos da Alemanha ganhando ainda terreno mas, ao mesmo tempo, será testemunha de uma diminuição rápida da superioridade alemã e uma modificação na relação das forças; aviões, tanques e unidades motorizadas aumentarão rapidamente em número do lado aliado.

A resistência política e nervosa da opinião pública anglo-saxônica diante das provas do ano de 1941 aparece, por conseguinte, como a condição diante das provas do ano de 1941 aparece, portanto, como a condição decisiva da vitória final. Todos os sucessos que os alemães podem alcançar no Oriente não impedem que os Estados Unidos e o império britânico construam uma imensa frota aérea e milhares e milhares de tanques. Ora, se esses sucessos não arrebatam a decisão, eles arriscam de ser futuramente uma fonte

de fraquesa e de acelerar o desmoronamento do imenso e fragil império hitlerista.

Ainda é necessário que o mundo anglo-saxão disponha de todas as suas energias e concentre todos seus recursos visando um único objetivo: fazer a guerra.



CAXIAS

COMO POLÍTICO

* Desempenha as funções de:

- 1) — Presidente da província do Maranhão.
- 2) — Vereador, nomeado pela S.M. D. Pedro II.
- 3) — Presidente da província Gaucha.
- 4) — Senador pelo Rio Grande.
- 5) — Ministro da Guerra.
- 6) — Presidente do Conselho de Ministros.
- 7) — Conselheiro de Guerra.
- 8) — Ministro da Guerra pela 2.ª vez.
- 9) — Conselheiro de Estado extraordinário.
- 10) — Presidente do Conselho pela 2.ª vez.
- 11) — Ministro da Guerra pela 3.ª vez.

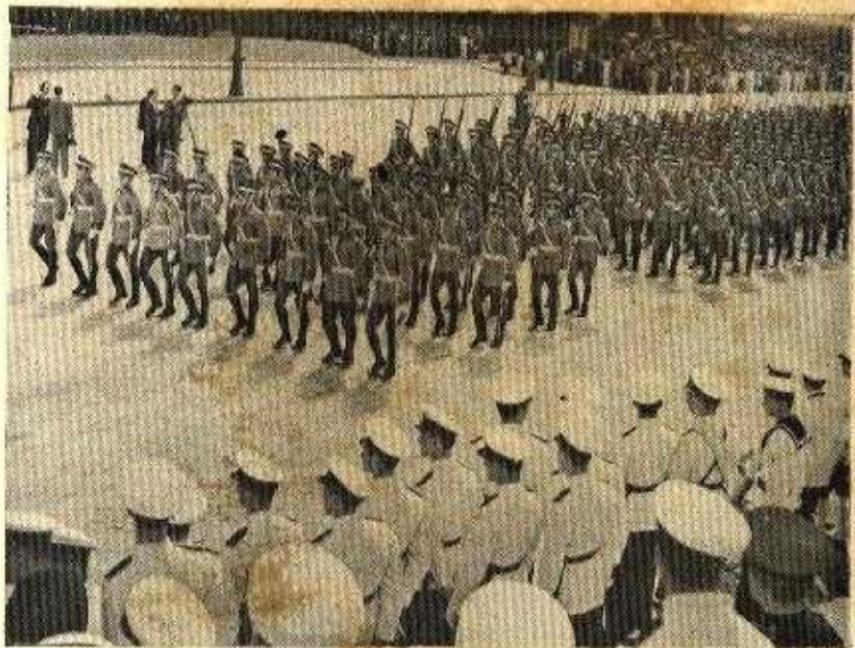
(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.º G. A. C. e Fortaleza de São João).



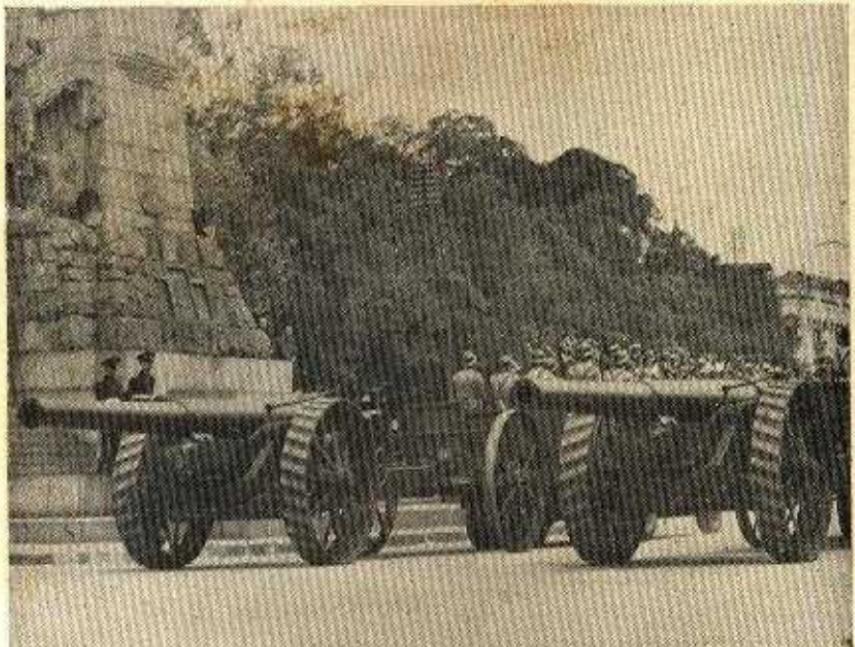
O Exmo. Sr. Presidente da República chega ao Quartel General,
no dia de sua inauguração.



Inaugurando a herma do grande Marechal Hermes, na Vila Militar.



O C. P. O. R., garboso, desfila em presença das altas autoridades.



"O mais alto poder de uma nação brilha na alma do soldado,
ruge na alma do canhão".

DEFESA CONTRA AERONAVES

MISSÕES - NOÇÕES DE ORGANIZAÇÃO

Cap. JOSÉ CAMPOS DE ARAGÃO

1/2º R.A.Aé.

Vários são os meios de defesa contra aeronaves. O mais importante é sem contestação a Aviação de Caça.

"A auréola conquistada no conflito de 1914-1918, vem de ser confirmada na guerra atual em que os tipos de aviões caçadores, cada vez mais aperfeiçoados, têm se mostrado entraves sérios às incursões dos bombardeiros de ambos os lados dos beligerantes.

A Artilharia Anti-Aérea ou comumente A.A.Aé. vem em seguida à Aviação de Caça. As Metralhadoras Anti-Aéreas, a Aérostação de Proteção, os Projetores, os Órgãos de "Camouflage", Abrigos e as medidas de Defesa Passiva completam a complexa maquinaria que constitue a Defesa Contra a Aviação.

Enquanto todos os Exércitos modernos, os meios anteriormente citados, com exceção da Aviação de Caça, constituem a DEFESA CONTRA AERONAVES, ou mais simplesmente D.C.A. A maior parte das formações de D.C.A. são, em tempo de paz, subordinadas à Arma de Artilharia, mas, no que concerne ao seu emprego, são subordinadas ao Comandante da Aeronáutica, do mesmo modo que as Artilharias Divisionárias, são subordinadas aos comandos das Divisões de Infantaria.

De outro modo podemos dizer que a D.C.A. é o conjunto dos meios ligados ao solo aptos à luta contra o inimigo aéreo.

Nesta luta ela age em ligação íntima com a aviação de caça; algumas vezes também, com a aviação de informações e, eventualmente executa missões em benefício da aviação de bombardeio.

Sendo como é em nossos dias, considerável o raio de ação da Aviação, é preciso que a ação da D.C.A. seja exercida em toda profundidade do território acessível à Aviação adversa.

MISSÕES

Desenvolvida a D.C.A., ela tem como característica fundamental a permanência, podendo pois, no tempo e no espaço reforçar e prolongar a ação da aviação de caça amiga.

No quadro geral da guerra a D.C.A. desempenha as missões seguintes:

- 1.º) missões de cobertura;
- 2.º) missões de vigilância do ar e de informações;
- 3.º) missões particulares.

MISSÕES DE COBERTURA

Estas são as missões mais importantes. Seu fim consiste na proteção das tropas ou dos pontos sensíveis da zona de guerra ou do interior contra as incursões aéreas inimigas.

Elas podem ser traduzidas:

- Pelo ataque às aeronaves inimigas no interior das suas linhas, mantendo-as o mais possível afastadas da frente;
- Pelo ataque às aeronaves que, conseguindo sobrevoar as linhas amigas, tentam hostilizar as tropas, ou então colher informações;
- Pelo ataque às aeronaves que conseguiram penetrar na retaguarda ou no interior, evitando assim que as mesmas possam hostilizar os pontos sensíveis aí existentes;
- Pela participação da proteção dos balões de observação.

MISSÕES DE VIGILÂNCIA DO AR E INFORMAÇÕES

Cada Unidade de D.C.A., exerce, de dia como de noite, uma vigilância ininterrupta nas vizinhanças de sua zona de ação.

Um serviço especial de informações faz parte orgânica de cada Unidade de D.C.A. Este serviço consta normalmente de um Centro de Informações e três Postos de Vigilância do Ar.

Um pessoal especializado para tal fim é dirigido pelo oficial chefe do Centro de Informações (C.I.), ao qual cabe a função delicada de receber, interpretar e difundir as informações.

Revelando normalmente estas informações, a atividade aérea inimiga, as suas intenções e a importância de seus meios, elas são por demais preciosas.

Sem demora são levadas ao conhecimento do comando, que deduz as intenções prováveis do adversário e assim em tempo oportuno pode interferir com meios de defesa aérea.

MISSÕES PARTICULARES

As missões particulares consistem em tiros contra objetivos terrestres: carros de combate, balões de observação inimiga etc.

Os materiais de Artilharia Anti-Aérea não sendo construídos tendo em vista o tiro terrestre, eles não suportam senão sob grande fadiga os

tiros com ângulos inferiores a 10°. Por conseguinte só muito excepcionalmente, a Artilharia Anti-Aérea deverá efetuar tiros sobre objetivos terrestres.

Dado o largo emprego dos engenhos blindados nos campos de batalha na guerra atual, os construtores de materiais de Artilharia Anti-Aérea abordaram com mais cuidado a adaptação dos canhões, e assim, as mais modernas bocas de fogo anti-aéreas alemães, são também anti-carros.

NOÇÕES DE ORGANIZAÇÃO DA D. C. A.

Durante a paz as Unidades de D.C.A. são organizadas em:

- Regimentos de Artilharia Anti-Aérea;
- Grupos das diferentes especialidades (A.A.A.é. — Projetores de Artilharia Anti-Aérea — Metralhadoras Anti-Aéreas — Sec. de Aerostação de Proteção).

Parce-nos que a denominação mais adequada seria Regimentos de Defesa Contra Aeronaves (R.D.C.A.), dada a constituição orgânica dos mesmos.

Um Regimento comporta:

- Comando;
- Estado Maior;
- Uma Bia. Extra;
- Um grupo de Artilharia Anti-Aérea a três Bias.;
- Um grupo de Mtrs. A.Aé. duas Bias.;
- Um grupo de Projetores — duas Bias.;
- Uma Sec. de Balões de Proteção.

Cada grupo de A.A.Aé.:

- Comando do Grupo;
- E. M. do Grupo;
- Uma Sec. Extra;
- Três Bias.

Cada Bia.:

- Comando da Bia.
- Órgãos de comando;
- Duas Sec. de Artilharia;
- Serviços gerais;
- Uma Sec. de Mtrs. A.Aé. de proteção contra aviões em voo baixo;
- Uma Sec. de aparelhos localizadores pelo som.

O Grupo de Projetores:

- Comando do Grupo;
- E.M. do Grupo;
- Uma Sec. Extra;
- Duas Bias.

Cada Bia.:

- Comando da Bia.;
- Três Sec. de iluminação (contendo cada Sec. quatro projetores; dois guias e dois de acompanhamento; junto de cada projetor-guia funciona um aparelho de localização pelo som.
- Uma Sec. de Mtrs. A.Aé. de proteção;
- Serviços gerais.

Grupo de Mtrs. A.Aé.:

- Comando do Grupo;
- E.M. do Grupo;
- Sec. Extra;
- Duas Bias.

Cada Bia.:

- Comando;
- Órgãos de comando;
- Três Sec. (contendo cada uma quatro peças);
- Serviços gerais.

Sec. de Aerostação de Proteção:

- Comando;
- Dez equipagens de balões.

Normalmente no começo de um conflito as formações de D.C.A. são divididas em duas partes:

- Uma para o Comando em Chefe e será empregada por este sob sua inteira responsabilidade;
- Outra para a Defesa Anti-Aérea Territorial, diretamente subordinada ao Ministério da Guerra.

Na zona dos Exércitos (zona de guerra), os meios à disposição do General Comandante em Chefe são postos em reserva geral e são por ele distribuídos entre os Exércitos, de acordo com as necessidades.

No Exército, o comando da D.C.A. é exercido por um Oficial Superior (Coronel) adjunto do Cmt. da Aé. Ex.

Os elementos da D.C.A. do Exército são constituídos em grupos de D.C.A.

Os grupos podem ser constituídos por um ou mais grupos de mesmo material ou de materiais diferentes.

Os grupamentos dizem-se avançados, quando têm missão de cobertura na zona da frente e grupamentos recuados quando recebem missões de cobertura atrás daquela zona (zonas de etapas e de retaguarda).

A zona de frente é uma zona contínua particularmente sensível à atividade aérea inimiga em todas as suas modalidades.

As Unidades de D.C.A. devem, por isso, desdobrar-se aí de modo a assegurar uma cobertura contínua.

A fim de aproveitar da melhor forma as características do material e obter-se recobrimentos de zonas de ação das unidades de tiro (Baterias), não convém que, em se tratando de Artilharia Anti-Aérea, se fracione o Grupo para o emprego tático.

Ora, a zona de desdobramento de um grupo nem sempre coincide com a zona de ação de uma G.U. Quando tal se der, isto é, quando as zonas de desdobramento dos grupos não coincidirem com as Divisões, os Grupamentos avançados ficarão subordinados diretamente ao comandante da D.C.A. do Exército. Quando as zonas de desdobramento dos Grupos coincidirem com a zona de ação de uma G.U., há, ao contrário, interesse particularmente nos períodos de movimento, em que os grupos, constituindo grupamentos, fiquem sob o comando do Cmt. da G.U. em cuja zona operam. Em qualquer caso, porém, o Cmt. do Ex., através do Cmt. das U.Aé. e da D.C.A. do Ex., dá diretivas para a ação desses grupamentos, das quais o Cmt. da G.U., não deve afastar, nas missões que prescrever aos grupamentos sob suas ordens.

Na zona dos Exércitos (zona de guerra), atrás da zona de frente, a necessidade de cobertura não é tão contínua como naquela. Os pontos sensíveis são mais espaçados e os grupamentos são organizados em consequência. As unidades ou frações de unidades afetas à defesa de um ponto sensível, são colocadas sob o comando de um oficial de D.C.A., Comandante da D.C.A. do ponto sensível.

Um grupamento pode ser afeto simultaneamente à defesa dois ou mais pontos sensíveis.

Todo grupamento de D.C.A. é comandado por um oficial superior — Comandante do Grupamento.

Além das missões de cobertura, as Unidades de D.C.A. têm uma missão nominal de informações. Por isso, do fato de quando uma unidade de D.C.A. for posta à disposição de uma D.I. não ficar sob o Comando do Cmt. da Aé. desta D.I., não se infere que ela não deva manter ligações com esse Cmt. de Aeronáutica. Ao contrário, a ligação entre os dois comandos deve ser estreita e a troca de informações entre ambos deve ser continua, devendo ambos estar constantemente ao par das missões reciprocas, afim de que as ações de ambos possam ser desempenhadas sem se perturbarem mutuamente e que resulte da ação da D.C.A. o maior proveito para a da Aviação.

Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

Legiões Aladas — Italo Balbo	16\$000
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda	10\$000
Manual de Hipologia	10\$000
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima	9\$000
Manobras de Nioac — Gal. Klinger	5\$000
Notícias da Guerra Mundial — Gal. Correia do Lago	9\$000
Noções de Topologia — Cel. Arthur Paulino	6\$000
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino	13\$000
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benicio da Silva	11\$000
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	9\$000
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza	2\$000
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5\$000
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima	4\$000
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	7\$000
Problema Tático — Ten.-Cel. Araripe	9\$000
Pasta para folhas de alterações	5\$000
Regulamento de Educação Física — 1.ª Parte	11\$000
Regulamento de Educação Física — 3.ª Parte	11\$000
Regulamento para Inst. Quadro de Tropa	3\$000
Signalização a braço e ótica — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	2\$500
Tiro e Emprego do Armamento de Infantaria — Cap. Pavel	19\$000
Travessia de cursos dagua — Cap. José Horacio Garcia	6\$500
Transposição de cursos dagua — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	8\$000
Topografia de Campanha — Gal. Paes de Andrade	11\$000
Telemetros de Inversão Zeiss de 1m,50 e 1 m de base — Cap. Jm. Silva	9\$000
Tabelas de Vencimentos Diários dos Militares — Barbosa Lima	9\$000
Theoria das Progressões, Logaritmos e suas principais aplicações	5\$500
Exemplos de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Ed. Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos	3\$000
Educação Física Feminina — Cap. Jair	3\$000
Educação Física de Conservação — Cap. Jair	3\$000
Organização de Competições entre equipes — Cap. Jair	3\$000
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres	10\$000
Indios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	13\$000
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figueiredo	11\$000
Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benicio da Silva	21\$000
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamin Galhardo	16\$000
Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet	3\$500
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	9\$000
Lei do ensino militar	17\$500
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Arthur Paulino	17\$000
Guerra Chimica Total	26\$000
Legislação sobre Su-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria	25\$000
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	6\$500
O Livro do Observador — Cap. Paladini	11\$000
R. E. C. I. — 1.ª Parte	4\$500
Tres questões de gramática — Prof. Mena Barreto	6\$500

Observação — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Postal de Reembolso.

PROCESSOS DE CAMUFLAGEM

(1)

O exército experimenta novos métodos

Durante o tempo de paz nenhuma instrução no Exército dos Estados Unidos foi mais completamente abandonada do que a camuflagem. Em manobras regulares e nos exercícios de guarnição levados a efeito periodicamente quando ninguém dá um tiro real, parece despropósito esconder caminhões debaixo das árvores e colocar folhagens nos capacetes dos soldados. Numa dessas manobras, alguns oficiais chegaram mesmo a insistir, para que todos os caminhões, canhões e equipamentos se apresentassem cuidadosamente polidos, tornando-os desta forma excelentes alvos para o inimigo. O que os tais oficiais se esqueceram foi que os soldados mal exercitados em camuflagem em tempo de paz, não podem desobrigar-se de sua missão convenientemente na guerra. Sómente um tiro desastroso, matando muitos deles, será capaz de dar-lhes uma lição.

Felizmente, entretanto, o Exército está acordando do seu marasmo. Todos os canhões e caminhões dos Estados Unidos estão sendo pintados num tom oliva carregado. O Corpo de Engenheiros, a cargo de quem está o serviço da camuflagem, está conduzindo experiências quanto ao estabelecimento de meios necessários para iludir o adversário: pinturas indesbotaveis, finas rês de aço ou de fibra protetoras, emprego de tintas para iludir as fotografias infra-vermelhas, e muitos outros processos. Os próprios soldados, em seus exercícios nos campos, estão adquirindo um sentido da camuflagem perfeita. As fotografias aqui estampadas mos-

(1) Da revista americana "Life", July 1941 (Defense Issue)



Fig. 1 — Uma grande malha especial pode tornar um soldado invisível a 100 pés de distância se for colocada corretamente. Este soldado em "Fort Ord", na Califórnia, encobriu com a rede quasi todo o corpo.

tram alguns meios empregados pelos soldados e oficiais do Corpo de Engenheiros. Alguns processos são tolos. Outros, entretanto, têm considerável valor militar.

A possibilidade de pôr-se em prática essa espécie de camuflagem tática, que é praticada sómente dentro de uma zona de combate, e nada tem a ver com a camuflagem estratégica de fábricas e aeroportos, depende grandemente da mobilidade da linha de frente. Numa situação de movimento rápido, tanto o atacante como o defensor utilizarão pouca camuflagem artificial, pois devem aproveitar principalmente os obstáculos naturais encontrados. Quando a ação é mais lenta, entretanto, o exército combatente que conseguir usar a camuflagem terá uma tremenda vantagem militar.

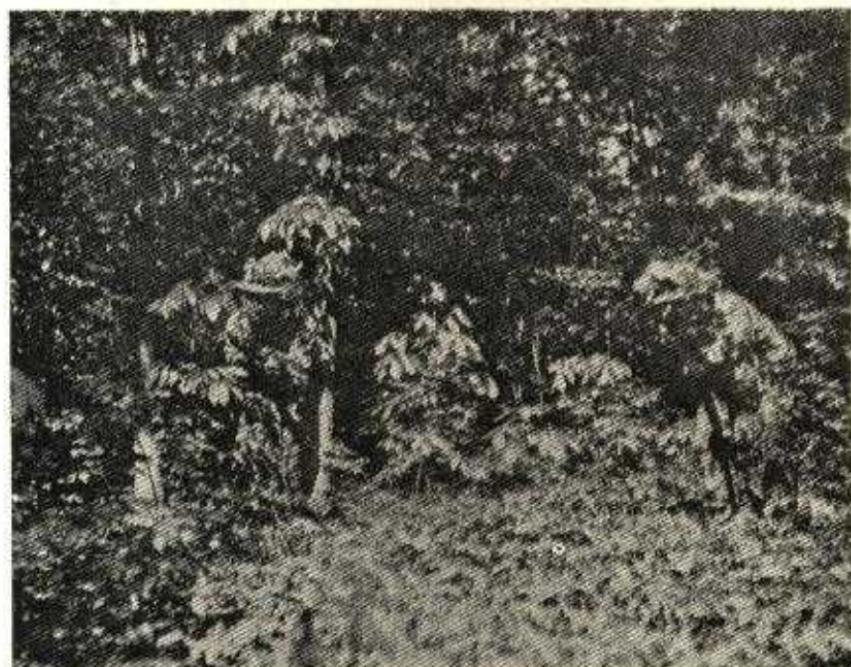


Fig. 2 — Estas roupas camufladas em verde e marron claro, num terreno onde predominem árvores e sombras, e à luz forte do sol, constituem uma excelente proteção para as tropas nas orlas dos bosques situados nas proximidades do "Fort Belvoir", Virginia.



Fig. 3 — Saindo de um "buraco de aranha" vem o soldado Robert R. Jones, do Fort. Ord. Essa nova substituição para a trincheira é a adaptação de um invento do Exército Chinês numa imitação de armadilha construída pelas grandes aranhas da Califórnia.



Fig. 4 — Materiais artificiais para um teto falso são estendido junto do "Fort Belvoir". Esses tetos-falsos são colocados sobre os ninhos de metralhadoras e canhões para ocultá-los do ataque de aviões inimigos e da fotografia aérea.



Fig. 5 — Aqui está um corte transversal de um "buraco de aranha". O soldado espera o inimigo passar sobre sua cabeça para depois, então, levantar-se e atacá-lo pela retaguarda. A lama em seu rosto evita a refleção.



Fig. 6 — O sargento Thielmann D. Muse demonstra, aqui, como é construído um "buraco de aranha". Depois de feita a escavação, cobre-se o fosso com uma espécie de tampa com as mesmas características do terreno em que estiver colocada.



Fig. 7 — Tendo pressentido a passagem do inimigo, o soldado começa a sair do seu esconderijo, pronto para a ação.



Fig. 8 — Já em posição de ataque, o soldado faz a pontaria contra o inimigo, que se acha no cimo duma colina. Esses "buracos de aranha" podem ser construídos em menos de duas horas.

GRÁFICO DE REFERENCIAÇÃO

Major R. SEIDL

1 — A referênciação muda do terreno consiste em poder determinar, no observatório e sem que se haja atirado, os elementos de comando (direção e alcance) para a Bateria atirar sobre qualquer ponto ou objetivo indicado. Esta referênciação muda pode ser conseguida, seja construindo o **Plano Perspectivo**, seja utilizando um **Esbôço Perspectivo**, seja traçando o **Gráfico de Referenciação** para a zona de ação atribuída à Bateria.

Destes processos, o mais aconselhável pelas vantagens que apresenta sobre os demais é, incontestavelmente, o do Gráfico de Referenciação que se executa com o Transferidor Universal "SONGADIR".

Estas vantagens são as seguintes:

- simplicidade e rapidez na obtenção dos elementos de tiro;
- não exigir um quadro traçado e impresso a priori, em determinada escala;
- dispensar qualquer cálculo ou fórmula e a determinação de elementos de construção;
- não utilizar as linhas trigonométricas naturais, nem logarítmos;
- ter precisão igual à obtida com o emprego do Plano Perspectivo;
- fornecer elementos mais exatos que os concluídos pelo Esbôço Perspectivo;
- não acarretar dificuldades de construção, mesmo nos casos especiais em que a axialidade fica longe da vigilância;
- independe da perspectiva, da interseção dos planos de tiro e das escalas de "b";
- não ser influenciado pelos possíveis erros de observação e de locação de pontos e tiros;

- dispensar qualquer trabalho topográfico anterior;
- apenas necessitar da determinação do vetor de translação e a constante de observação.

Por estas razões, o emprego do Gráfico de Referenciação, na referenciação muda, substitue com vantagem o Plano Perspectivo.

2 — **O Gráfico de Referenciação** é o feixe dos planos de tiro da Bateria, vistos do observatório, e determinados sem atirar e independentemente da natureza e forma do terreno. Ele é traçado com os elementos retirados do Transferidor Universal, desde que se conheçam o vetor de translação e a constante Bateria-Observatório, geralmente também determinados pelo mesmo Transferidor.

A sequência das operações é a seguinte:

a) — Considerar a Bateria em posição no ponto (B) do parafuso do Transferidor Universal. Em um papel calco, justaposto a este Transferidor, traçar os planos de tiro da Bateria nas direções de Vigl; $Vigl \pm 100$; $Vigl \pm 200$; $Vigl \pm 300$ (em casos especiais, convém traçar também as direções $Vigl \pm 400$ e $Vigl \pm 500$). Marcar sobre cada um destes planos de tiro as distâncias de 2.000 a 6.000 metros, de 500 em 500 metros.

Convém salientar que este traçado, por independe de qualquer situação, pode já ter sido feito anteriormente e pode servir para mais de um trabalho da mesma natureza.

b) — Marcar no calco, sobre a Vigilância da Bateria, um ponto qualquer (B'), de preferência distante 5 (cinco) centímetros do parafuso ou tomar este ponto na distância 1.000 metros da régua do Transferidor, que será o ponto auxiliar da posição da Bateria. (*)

Construir neste ponto (B') o vetor de translação e sobre ele marcar (O') o ponto auxiliar do observatório correspondente na escala do Transferidor.

(*) Este artifício é adotado pela impossibilidade de se fazer a coincidência do ponto do observatório com o da Bateria, se esta estivesse no local do parafuso do Transferidor. Para haver a mesma relatividade, se fará isto, também, para o observatório.

Locar no Transferidor, tambem, o ponto (B') auxiliar da posição da Bateria.

c) — Organizar um quadro com os elementos lidos no Transferidor (direção z e alcance d) que os pontos das diversas distâncias (de 500 em 500 metros) da Bateria marcadas sobre os planos de tiro traçados no calco, são vistos do observatório.

Para isto:

— Colocar o calco sobre o Transferidor de modo que o ponto auxiliar do observatório (O') do calco coincida com o ponto auxiliar da Bateria (B') do Transferidor e a direção de Vigilância paralela às linhas verticais, sem inverter o calco.

— Passando a régua do Transferidor por todos os pontos de distância de todos os planos de tiro traçados no calco, lêr, para cada uma os elementos de direção z (escala exterior) e o elemento de distância d (régua) correspondente.

— Com estes valores organizar o quadro (Vê o exemplo)

d) — Com os elementos consignados no quadro, construir o **Gráfico de Referenciação** que nos dará a imagem dos planos de tiro da Bateria, vistos do observatório. Para construir o gráfico, proceder do seguinte modo:

— Trabalhar em papel grande (é bastante tomar uma folha tipo almanço, sem pauta, aberta);

— Traçar 2 eixos ortogonais tomando o eixo das abcissas para escala de direção (z) e o das ordenadas para escala de distância (d). Estas escalas podem ser diferentes e arbitrárias, condicionadas apenas ao tamanho do papel e aos valores máximos de z e d contidos no quadro.

— Determinar sobre os eixos, tomando os elementos do quadro como abcissa (z) e ordenada (d), os pontos das diversas distâncias em cada uma das direções $Vigl + 400 \dots Vigl - 400$.

— Unir os pontos determinados na mesma direção para obter o traço do plano de tiro da Bateria, correspondente. O conjunto dos traços dos planos assim determinados será o

“Gráfico de Referenciação” onde ficarão traçados os planos de tiro da Bateria em toda a zona de ação, vistos do observatório.

3 — Qualquer ponto ou objetivo cujas coordenadas polares forem medidas do observatório e com elas locado no “Gráfico”, em relação aos eixos ortogonais, poderá ser referido aos planos de tiro da Bateria também aí traçados. Assim se obterão os seus elementos iniciais de tiro.

O trabalho se completa no próprio “Gráfico”, locando-se o maior número possível de pontos característicos da paisagem pelas suas coordenadas polares e α e d medidas do observatório o que, afinal, resultará em se ter a perspectiva da zona de ação sob o feixe dos planos de tiro da Bateria.

4 — Tratando-se de um trabalho de determinações gráficas em que não foram, como não é possível, levadas em consideração as condições do momento e as influências balísticas, é necessário atualizar os valores do “Gráfico” inicialmente e sempre que as condições atmosféricas variarem de modo completo.

A atualização consistirá numa regulação sumária sobre um alvo auxiliar (AA) ou sobre um objetivo do qual já se conhecem os elementos iniciais de tiro, para determinar as correções totais. A correção de direção deve ser introduzida na Vigilância da Bateria, artifício que tornará corretos os valores de direção inscritos no “Gráfico”; a correção de alcance deve ser inserida no próprio “Gráfico” para ser introduzida em todos os valores de distância dele retirados.

5 — Um exemplo prático completará os esclarecimentos referentes a este processo.

Admitamos:

$$\omega = + 400''$$

$$C_0 = 1.200 \text{ m.}$$

Bateria à retaguarda

Alça mínima = 2.200 m.

Traçados os planos de tiro da Bateria no papel calco e retirados do Transferidor os diversos elementos para cada distância, poderá ser feito o quadro seguinte:

Distâncias	2.500				3.000				3.500				4.000				4.500				5.000				5.500				6.000			
	Elementos	Planos	de tiro	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β	α	β			
— 200	— 626	1.630	— 525	2.125	— 160	2.600	— 418	3.090	— 387	3.575	— 365	4.075	— 347	4.560	— 332	5.060																
— 100	— 478	1.550	— 387	2.030	— 330	2.510	— 292	3.000	— 265	3.500	— 245	4.000	— 228	4.500	— 215	5.000																
Vig. n.º 1	— 328	1.475	— 240	1.960	— 193	2.450	— 160	2.950	— 135	3.440	— 120	3.940	— 103	4.440	— 95	4.930																
+ 100	+ 160	1.400	+ 90	1.900	+ 50	2.380	+ 25	2.880	+ 53	3.375	+ 103	3.875	+ 20	4.375	+ 30	4.860																
+ 243	+ 221	1.350	+ 70	1.856	+ 97	2.340	+ 115	2850	+ 130	3.340	+ 138	3.840	+ 145	4.340	+ 150	4.850																
+ 300	+ 205	1.320	+ 235	1.816	+ 248	2.300	+ 255	2.810	+ 262	3.300	+ 270	3.810	+ 272	4.300	+ 275	4.800																
+ 400	+ 400	1.300	+ 400	1.800	+ 400	2.300	+ 400	2.800	+ 400	3.300	+ 400	3.800	+ 400	4.300	+ 400	4.800																
+ 500	+ 596	1.339	+ 565	1.820	+ 555	2.300	+ 545	2.800	+ 540	3.325	+ 535	3.825	+ 530	4.310	+ 528	4.800																

Traçando-se o gráfico correspondente aos valores do quadro acima, temos feito a referenciamento muda da zona de ação da Bateria.

6 — Para verificar o processo focalizado aqui, tomemos um ponto qualquer da zona de ação cujas coordenadas polares foram medidas do observatório.

Locando esse ponto do Transferidor Universal e no Gráfico de Referenciamento, os elementos referentes a ele, retirados, no Transferidor pela mudança de sistemas de coordenadas e no Gráfico pela juxtaposição dos planos de tiro, deverão ser iguais ou proximamente diferentes até o limite máximo de 5 milésimos e 25 metros, respectivamente, para a direção e para o alcance.

Verificação:

$$\omega = + 400''$$

$$C_0 = 1.200 \text{ m.}$$

$$\text{Bia à retaguarda}$$

$$\text{Alça mínima} = 2.200 \text{ m.}$$

Ponto A:

$$\omega = - 220''$$

$$d = 4.200 \text{ m.}$$

Resultados:

Pelo Transferidor | Vig. n.º 1-84''
Alça 5.240 m.

Pelo Gráfico | Vig. n.º 1-87''
Alça 5.250 m.

As diferenças de 3'' na direção de 10 m. no alcance são aceitáveis e não desmerecem a excelência do processo.

Alguns problemas da Cavalaria em face do material moderno

(Conferência pronunciada pelo Cap. Hugo Garrastazu, na Inspetoria da Arma de Cavalaria, em prosseguimento ao "Curso de Conferências" sobre a Cavalaria moderna, organizado pelo Exmo. Snr. Gen. José Pessos).

Falar hoje em Cavalaria, já é ter audácia. Fazer referências a Cavalaria hipo — é mais do que audácia, é passadismo. Na época da guerra relâmpago, em que se resolvem as questões em "Passo de Brener" e não mais em "passo de Cágado", em que as velhas Civilizações ruem, como se Castelos de cartas fossem; em que, entre duas edições dos jornais, fazem-se milhares de prisioneiros, afundam-se milhares de toneladas e transportam-se exércitos, em retiradas estratégicas, de um Continente à outro; num momento desses, falar em Cavalaria, deve ser causa fóra de propósito... Fazer considerações em torno de elementos que se arrastam a 6 e 7 Km. por hora, quando o "homem da corrente de ferro no Relógio", com quem renovamos conhecimento no interessantíssimo e inteligente trabalho do Ten. Peregrino, vê tudo tão fácil de resolver, é o mesmo que percutir uma corda desafinada...

Se usassemos a tal corrente mágica, muito teríamos certamente que dizer.

Sem ela, mas homens do momento atual, e procurando resolver os problemas com os dados que nos podem ser fornecidos, somos levados a fugir dos ambientes Estratosféricos para os Terrestres que são menos inebriantes, mas também menos vertiginosos...

Buscamos, pois, o meio termo.

Cientes dos últimos acontecimentos, sabemos que, em face do notável desenvolvimento que está tendo a Aviação, com a autonomia de vôo de que dispõem os modernos bombardeadores e com a relativa falta de eficiência dos meios de defesa Anti-Aérea (haja vista que as grandes Capitais Londres e Berlim são bombardeadas diariamente), os exércitos, principalmente nos países escassamente providos de vias de comunicação e estas mesmas, como é natural, na dependência de um determinado número de obras de arte, vêem cada vez mais difícil de solução o problema do deslocamento de tropas. Mesmo na fase da Concentração, a destruição de obras de Arte, vitais para os deslocamentos, creará dificuldades que, se os exércitos não estiverem em condições de vencê-las, comprometerão inteiramente as operações em vista.

CONSIDERAÇÕES EM TÓRNO DA ORGANIZAÇÃO DA D.C.

Diversos fatores influiram na organização atual da Cavalaria. Ela, como é sabido, Informa, Cobre e Combate. Para continuar desempenhando estas Missões, face ao aceleração do ritmo da guerra moderna, e ao emprego brutal do fogo, a cavalaria teve que aumentar sua potência combativa diminuindo o menos possível sua mobilidade.

Adotou um armamento mais poderoso e foi a proporção e a natureza dos novos elementos que fizeram renascer, para a arma, a luta entre a mobilidade e a potência de fogo, pois é evidente que quanto mais se aumenta esta, mais diminue aquela.

Em 1914 a cavalaria não estava preparada para uma guerra moderna. Apenas se cuidava do combate a cavalo. Com as primeiras operações surgiu a necessidade de uma modificação nos seus processos. Evoluindo paralelamente com o armamento, nestes últimos vinte e cinco anos, ela passou por diversas fases caracterisadas: — a primeira, pelo aparecimento dos primeiros carros blindados em 1917; a

segunda, pela constituição de unidades transportadas, grupos de Autos-Metralhadoras e reforço em Artilharia; a terceira, pela transformação de Divisões de Cavalaria hipo em Divisões Leves Mecanizadas.

Começam então a aparecer conceitos totalmente dispares a respeito do assunto. Conceitos estes que, variando "entre a carga de lança e a perseguição de cavaleiros, em estradas cimentadas" por veículos automóveis a 120 Km. por hora", percorrem a mais variada gama das causas teóricas.

Examinaremos apenas aquilo que é digno de ser levado em consideração e assim nos restringiremos a três modalidades, procurando entre elas, a que melhor se adapte às nossas condições atuais.

"Devemos mecanizar todas nossas unidades de Cavalaria, substituindo o cavalo pelo motor?".

Obteríamos com isto uma unidade de fácil comando e de constituição orgânica e técnica homogênea.

Com grande poder de fogo e de choque mas que estaria muito na dependência das boas estradas e mesmo dos agentes climatéricos".

Em nosso vastíssimo território, posuímos toda espécie de terrenos e estamos sujeitos a um clima bem variado. Sob o ponto de vista antropogeográfico muito pouco temos feito e nossas estradas e obras de arte, quando não se caracterizam pela ausência, deixam muito a desejar.

Além disso, nossa Indústria está pouco desenvolvida e não estamos aparelhados para construir Motores. A organização de grandes Unidades com material Motorizado e Mecanizado, importado do estrangeiro, além de dispendiosa não resolveria o problema "uma vez que a eficiência de um Exército moderno se exprime pela pujança do parque industrial que o deve alimentar e renovar, uma vez que o Desgaste é sempre um fator altamente ponderável e que influirá nas características principais dos exércitos modernos, nos seus armamentos, etc...." A guerra moderna é um sorvedouro insa-

ciável de material fazendo crescer cada vez mais a relação entre a dotação de guerra das tropas e o que elas consomem durante as operações. Sem indústrias, como substituir o material inutilizado? Como enfrentar as reparações em alta escala?

Em consequência, se a cavalaria não deve permanecer inteiramente Hipo, por ser atualmente fragil e inoperante, não a concebemos inteiramente Moto-mecanizada, pelas razões expostas acima.

"Transformaremos nossas D.C. em unidades onde o Cavalo e o Motor figurem em partes iguais?"

Esta fórmula também já foi experimentada na Europa e com isto se obtiveram unidades heterogêneas, de emprego tático pouco eficiente, de difícil comando.

Permite a Constituição de Destacamentos mixtos que, devido a combinação de elementos hipo com elementos mecanizados, oferecem boas condições de emprego na Exploração, muito embora o apoio entre uns e outros, em alguns casos, se torne muito difícil. Em terreno bom, o destacamento perde tempo devido à pouca velocidade dos cavalos. Em terreno de difícil praticabilidade, o destacamento vê sua coesão comprometida, em consequência das dificuldades que aí encontram os elementos mecanizados.

Se para um Destacamento o problema se apresenta difícil, devido à diferença orgânica existente entre seus elementos, o que não acontecerá com unidades maiores?

Se a isto acrescentarmos as considerações que fizemos para o caso anterior, sob os pontos de vista Geográfico e Industrial, chegaremos a conclusões semelhantes.

Examinemos agora a terceira modalidade.

"Devemos conservar todas nossas unidades de Cavalaria e reforçá-las com unidades Mecanizadas ou Motorizadas, ou com ambas?"

Experiências realizadas em teatros de operações geográficamente semelhantes ao nosso, levaram o chefe da Cavalaria Russa, o então Gen. Budienny, a escrever:

"Não descuidemos do aproveitamento do motor para nossa arma, mas não descuidemos do elemento de locomoção segura em nosso país, o cavalo, que levou nossos cavalerianos ao êxito em todas as expedições".

Hoje o Marechal Budienny é o Comandante em chefe das fôrças Russas que operam na Ukrânia e, em um recente comentário telegráfico, procedente de Londres, podemos ler:

"Embora as fôrças do Marechal Budienny tenham feito uma grande exibição de sua mobilidade na retirada sobre o Dnieper, muitos observadores acreditam que os Exércitos Soviéticos do setor Sul não possuem bastantes canhões pesados, e tanques, dependendo muito da sua Cavalaria. Em outro comentário da mesma data (20 de Agosto) "o exército de Budienny conseguiu desvencilhar-se do cerco na Ukrânia, com efetivos entre 300 a 400 mil homens, segundo as estimativas de diversas fontes".

Notícias verídicas ou não, o certo é que esse Exército "que depende muito da sua cavalaria" ainda não foi esmagado. Vemos pois que o Gen. Budienny não estava completamente errado e hoje, como Marechal, ainda utiliza muito sua velha arma.

Opiniões abalizadas são unâimes a este respeito. O Gen. Von Seckt escreveu: "os resultados da técnica devem servir para desenvolver e modernizar o exército, mas não para substituir o vivo pelo morto; o primeiro, ou seja, a cavalaria, deve evoluir para alcançar sua maior perfeição mas, ao adaptar-se ao espírito moderno, não deve perder sua modalidade própria".

O vivo, para nós, como para nossos vizinhos do Sul, é o cavalo. Nossa população equina ainda nos pode fornecer os animais de que necessitamos e está dentro de nossas possibilidades melhorá-la em qualidade e quantidade.

As grandes unidades de Cavalaria, constituidas com a conservação das unidades Hipo e reforçadas com elementos Motorizados e Mecanizados, formam conjuntos mais homogêneos, mais fáceis de comandar e aptos para o emprego em nossos prováveis teatros de operações." Há quem cite con-

tra a conservação dos elementos Hipo, a conquista fácil da Polônia, pelas tropas mecanizadas Alemãs no entanto, a este respeito, o Brigadeiro General D. Henry J. Reilly, do corpo de oficiais da Reserva do Exército Norte-Americano (Revista Argentina n.º 2, de fevereiro do corrente ano) diz: "... em 1939, esta cavalaria, armada quasi toda com fusils e lanças, apesar de sua coragem, foi impotente para opôr-se eficazmente às Divisões leves blindadas dos Alemães, apoiadas pela Aviação que, em ação conjunta com as Divisões de Infantaria, armadas com artilharia de todos os calibres, constituíam o grosso do exército alemão tipo 1939 que trinfou facilmente na campanha da Polônia.

Comentando este acontecimento, ele diz que a Cavalaria Polaca, longe de ser um atestado de que esta arma passou definitivamente para a História, é uma confirmação das lições aprendidas na Hespanha. Possuindo um número insignificante de automóveis blindados e de tanques leves, a cavalaria Polaca tinha necessidade de canhões anti-aéreos e anti-tanques, indispensáveis para protegê-la contra as forças mecanizadas e contra a Aviação Alemã.

Sem este material, como compensaria as limitações próprias da "arma" em uma guerra moderna?

Os países que adotaram o tipo moderno de Grande Unidade de Cavalaria, dotaram-na, dentro de suas possibilidades, de grande poder de fogo, mas tiveram o cuidado de não ferí-la de morte nas suas características essenciais.

A D. C. Americana (Revista de Cavalaria, Maio e Junho do corrente ano) possuindo 1.486 viaturas a motor, entre as quais 148 Carros de Mtrs., 13 tanques leves e 373 Motos, possue também **7.707 animais cavalares**, o que faz destes o elemento básico de sua organização.

A D. C. em estudo nas nossas Escolas, possuindo 520 viaturas a motor, entre as quais encontramos 40 A. M. D. R. e 24 A. M. C., possue também 8.200 animais o que não deixa dúvida sobre seu elemento básico.

A respeito do armamento, encontramos para a D. C. Americana 942 Metrs., 14 Morteiros de 81 mm. e 24 Cañhões de 75.

Para a nossa: 208 F. M., 150 Metrs., 24 Morteiros, 51 Peças de C. C. C. e 36 peças de Artilharia.

Este armamento poderoso teria transformado a Cavalaria em uma Infantaria Montada ?

Embora utilize o Cavalo mais como um elemento de condução, é justamente no emprego dele que está a razão de subsistir da Cavalaria. E' ele quem estabelece a diferença nos processos de combate a pé entre ela e a Infantaria. Dotados de armamento semelhante, ambos enquadrados no G. C., tendo a mesma preparação para o combate a pé, infantes e cavalerianos são, no entanto, empregados de modo diferente, e essa diferença surge justamente do emprego do cavalo. Este, que é apenas um meio de transporte, como pode influir nessa modalidade de combate? E' que, alem de transporte, ele é um elemento de Mobilidade e de Manobra, cujo emprego inteligente e oportuno imprime uma característica especial e influe na maneira de conduzir a ação.

No ataque:

— Ele permite surgir, rapidamente, em pontos onde o adversário não espera ser atacado.

— Permite uma marcha de aproximação rápida e um apear o mais próximo possível da Base de Partida, devido à mobilidade e flexibilidade do dispositivo.

— Com a localização dos cavalos de mão, bem próxima aos combatentes, permite a exploração rápida do sucesso.

Na defensiva:

— Aliado à potência de fogo das armas modernas, o cavalo permite agir em amplas frentes com pequenos efetivos, porque é ele quem permite não só uma ocupação rápida da posição, como uma mudança brusca no dispositivo.

— Fornece a rapidez necessária para a reunião e emprego das reservas.

— Localizado próximo aos Combatentes, o cavalo, torna possível resistir até ao último momento e, rapidamente, ocupar uma posição mais à Retaguarda.

Em qualquer situação, o terreno apresenta poucos obstáculos para ele. Transportará seu cavaleiro e o material através dos terrenos mais difíceis, atravessará cursos d'água, galgará montanhas, a lama não o deterá. Constitui o meio de transporte que jamais falha. E' pois indispensável em todos os Exércitos e mesmo nos Estados Unidos, país que posse o maior parque Industrial do Mundo, vimos como figura em alta percentagem no seu Exército.

Permanecendo, pois, mais Cavalerianos do que nunca, temos satisfação em reconhecer o grande poder da Moto-Mecanização e, nossa maior aspiração é ver nosso Exército bem provido deste material que, acabando com as intermináveis e dispendiosas preparações de Artilharia, produzindo o "acontecimento" na batalha, **realizou o paradoxo** de, com o emprego de meios de destruição tão poderosos, tornar a guerra menos deshumana, fazendo com que diminuisse o número de mortos. Mas, não admitimos o abandono do cavalo, e prevemos um grande perigo se isto acontecer de imediato, pois ver-nos-íamos colocados na situação do indivíduo que, verificando a vantagem da arma de fogo, desfez-se da sua velha faca e foi agredido antes que tivesse podido adquirir um revólver.

DESLOCAMENTOS DE TROPAS

Procuraremos dizer agora alguma coisa sobre marchas, à luz das notícias que recebemos do estrangeiro, e em face dos meios atualmente empregados.

Passemos por alto sobre a fase da concentração, na qual, devido à autonomia de vôo dos bombardeadores modernos (700 a 800 milhas das suas bases), os elementos em marcha encontrarão toda sorte de dificuldades e terão que fazer seus movimentos durante a noite e passar o dia, largamente articulados, aproveitando cobertas que porventura existam nas

proximidades dos itinerários, sempre sob a ameaça dos aviões inimigos. Diz o nosso R. E. C. C., III Parte n.º 195, que "as disposições que se devem tomar, dependem principalmente do fato das tropas estarem ou não cobertas por uma frente constituída e, em qualquer caso, da distância a que se acham do inimigo". Daí a classificação geral: marcha longe e marcha perto do inimigo. Em qualquer dos casos, o movimento requer uma minuciosa preparação afim de não só assegurar sua continuidade, como permitir que as tropas alcancem seus objetivos, tendo dispendido o mínimo de esforços. Ao Comando, responsável pela preparação e execução, compete, caso nada lhe tenha sido fixado:

- Determinar o objetivo a atingir.
- Escolha do itinerário.
- Determinação da hora de partida.
- Prevenir as unidades subordinadas da iminência do movimento.
- Organizar o dispositivo de marcha.
- Designar os itinerários às colunas.
- Determinação da velocidade de marcha.
- Determinação dos meios de ligação.

São conhecidos de sobejo os processos de marcha e as medidas que se tomam, quer antes da partida, quer durante o deslocamento e por isso não insistiremos nestes pontos que, além de tornarem esta palestra longa em demasia, não passariam de uma repetição — pois estão expressos em nossos Regulamentos.

Procuraremos pois ressaltar apenas um ou outro ponto interessante e apontar o que julgamos constituir deficiência facil de solucionar. Consideraremos um dos casos que costumávamos chamar Marcha Longe do Inimigo.

Aproveitemos um Quadro Tático estritamente teórico já conhecido, e introduzindo algumas modificações, vejamos se nos auxilia a terminarmos a exposição que fomos encarregados de fazer.

Suponhamos uma D. C. que, afim de cumprir uma determinada missão, vai se deslocar de um ponto **A** para um ponto

I onde foi assinalado o inimigo (alvorecer do dia D), que a distância entre os pontos referidos seja da ordem de 160 Km e que haja um ponto intermediário C, exatamente na metade do percurso, por exemplo: uma ponte sobre curso d'água importante que o Comando tenha interesse em ocupá-lo o mais rapidamente possível, afim de garantir o prosseguimento do movimento para a região do ponto I. Inteirado da situação, o Cmt. da D. C. vai estudar os fatores da Decisão e dar sua ordem em consequência.

Missão: — Vemos que se trata de levar o grosso da D.C. para a região do ponto I com a missão de...

Inimigo: — Foi assinalado (alvorecer de D) a 160 Km de A. Trata-se de uma marcha longe ou perto do inimigo?

O nosso Regulamento (3.^a Parte n.^o 198) traz um quadro com as velocidades médias e com as etapas médias e máximas. Aí encontramos, para as unidades de Auto-metralhadoras e Transportadas Qualquer Terreno a etapa máxima de 150 Km. numa velocidade média de apenas 20 Km.. No n.^o 202, da mesma 3.^a parte, encontramos também um quadro com a classificação dos veículos e com sua "Velocidade máxima em qualquer momento do percurso". Aí podemos ler: "a etapa máxima indicaad no n.^o 198 para as unidades automoveis, corresponde a uma duração média de 8 horas. Não encararemos o caso das marchas forçadas em que se torna necessário a substituição entre os condutores devido ao acréscimo de tempo de marcha. Se formos ao R. S. C. podemos ler no n.^o 382: "Na proximidade do inimigo, ou quando o Comando calcula que um encontro é possível dentro de 24 horas, a tropa marcha e estaciona na ordem aconselhada pela urgência do seu emprego no Combate..."

Vemos pois que 160 Km. ainda ontem 4 etapas normais ou duas de 80 Km., esforço considerável que acarretava necessidade de repouso imediato, hoje, com a motorização e dentro da doutrina do nosso Regulamento de Serviço em Campanha, passou para a ordem das marchas perto do inimigo, isto é, "possibilidade de encontro dentro de 24 horas". Será de surpreender a doutrina do nosso R. S. C. em se tratando do

emprego de meios modernos? Definitivamente — não. Os princípios, em absoluto não mudaram, o que houve foi uma nova aceleração que, desta vez, causou vertigem em muita gente...

Mas, continuando com o nosso caso, o Gen. após estudar o inimigo vai estudar o terreno. Mede o itinerário mais uma vez e constata que o ponto I, dista 160 Km do ponto A. Faz o estudo do terreno tendo **em vista a missão** e, logo após, tendo **em vista o inimigo**. Na parte anterior, ele concluiu que no dia **D** (dia em que deslocará o Grosso da D. C.) ele pode recear inimigo aéreo e terrestre. Como procederá a defesa contra aquele? A este respeito, não existe muita o que escolher. Os processos que adotamos, parece, são os que todos adotam.

DEFESA ANTI-AÉREA

Na Revista Militar Argentina n.º 440 ano 37, página 612, encontramos: "Medidas de defesa Anti-Aérea: — Além das medidas que, em qualquer caso, cada unidade deve adotar, o Comando superior deve, por sua vez, providenciar o estabelecimento da proteção anti-aérea, com os elementos postos à sua disposição e regular seu funcionamento durante a marcha.

Se o número de caminhos o permitir, far-se-ão marchar os elementos de Defesa Anti-Aérea por um itinerário que será destinado especialmente para eles, desde que ele fique entre duas das colunas de marcha, com o que se obterá, simultaneamente, a proteção de ambas. Quando não se dispuser de caminhos para proceder desta forma, ter-se-á que efetuar o deslocamento das armas anti-aéreas pela estrada de marcha de uma das colunas, regulando seu movimento de forma que possam avançar por lanços, alternadamente.

Em todo caso, há duas circunstâncias especiais em que elas devem adiantar-se às colunas: a primeira é quando se efetua o encolunamento inicial das tropas e a segunda é quando, durante o percurso, existem obstáculos que possuam características de desfiladeiros. Nestas circunstâncias, quando as colunas chegarem a esses lugares, a defesa anti-aérea

já deve estar instalada. Mesmo quando a situação aérea pareça eliminar a possibilidade de ataques aéreos, não se devem abandonar as medidas de segurança contra os mesmos. Não devemos esquecer que a cavalaria é muito vulnerável em relação ao avião e que esta vulnerabilidade cresce proporcionalmente a importância da coluna".

O General fará pois um estudo detalhado do itinerário e concluirá quais os pontos mais favoráveis a supresa dos aviões inimigos e decidirá, em função destes pontos, se faz a defesa fixa ou móvel. Se os pontos interessantes são em grande número, a defesa fixa torna-se impraticável e terá então que decidir pela móvel — quasi sempre feita em condições precárias devido à velocidade de deslocamento da tropa, acrescida à pouca eficácia (em tiros contra aviões) das Sec. de Mtrs. 7 mm. de calibre, com que são dotados nossos Regimentos.

Esta defesa será, pelo menos, relativamente eficaz? Permitirá à tropa um deslocamento, durante o dia, em condições favoráveis. Sabemos que não.

A D. C. em estudo nas nossas escolas, não dispõe de elementos especializados para a defesa anti-aérea (2 Bdas. Cav.; 1 R. C. T. Q. T.; 1 R. Au. Metrs.; 1 R. A. Cav.; 1 Gr. T. Q. T.; 1 Btl. Eng.; 1 Btl. Trans.).

Apenas, tratando do Corpo de Cavalaria, as notas de curso de preparação à Escola de E. M. (1940), consignam um reforço de forças aéreas e citam como exemplo uma Esquadrilha de Observação e mais reforço em Infantaria, Artilharia e Engenharia, todos pertencendo aos elementos não endivisionados do Corpo de Cavalaria. A defesa contra aviões terá então que ser feita, nas D. C., empregando seus meios orgânicos e, como estes são deficientes a guerra moderna já se encarregou de nos provar.

A D. C. não gozará pois de **socego**. Tropas e viaturas estarão entregues a iniciativas dos ataques aéreos por parte do inimigo e, por ocasião do estacionamento, a situação não estará modificada. Algumas Metrs. Anti-Aéreas, de 20 mm., podiam não resolver o problema, mas, como acentua o Ten.

- Elementos motorizados;
- Elementos mecanizados.

Os segundos destinados ao transporte e os últimos ao combate.

Relacionemos agora os meios moto-mecanizados da nossa D. C.:

— Reg. Aut. Metrs.; Reg. Cav. Trans. Viat. Qualquer Terreno; Grupo 75; Elementos Motorizados do Btl. Engenharia.

Estes elementos permitem a constituição de um destacamento Moto-Mecanizado, capaz de alcançar **C** em 4 horas (média de 20 Km. por hora), o restante da D. C., poderá percorrer esta distância em 21 horas (Guia do Candidato a Escola de Estado Maior, publicação 1940).

— Se o inimigo dispuser de meios semelhantes aos da D.C., as possibilidades de chegarmos antes ou depois dele ao ponto **C**, são também semelhantes. Vamos pois supor que o Destacamento chegue antes e vejamos o que poderia acontecer, se a ponte estivesse destruída (o que seria muito provável): o destacamento, para passar alguns elementos para o outro lado, teria que construir uma ponte com elementos do Batalhão de Engenharia ou utilizaria os sacos Habert para, construindo uma balsa, colocar alguns elementos de reconhecimento do outro lado e, logo após, organizaria uma cabeça de ponte, afim de, mais tarde, prosseguir o movimento.

MATERIAL DE TRANSPOSIÇÃO DOS CURSOS DAGUA

Para a construção da ponte, fazendo abstração da situação atual, em que nossas Grandes Unidades de Cavalaria não possuem as equipagens de ponte a que tem direito (Relatório da Inspetoria de Cavalaria ano 1939), contaria o Destacamento com o material de Engenharia no momento preciso?

Ponhamos de lado a tração animal, no caso inadmissível, em virtude da presença do Destacamento Moto-Mecanizado. Consideremos apenas a tração mecânica.

A este respeito, encontramos na Revista Militar Argentina (Abril do corrente) moderno e interessante trabalho do Ten. Bonnecarrere, que diz ter colhido os dados, não só em Regulamento e Revistas Alemães, como também, no que viu nos Batalhões de Sapadores Alemães.

No final do artigo, após estudar as inúmeras vantagens quer sob o ponto de vista tático, quer sob o ponto de vista de construção do moderno material alemão, em tratando dos **inconvenientes**, sob o ponto de vista **tático**, ele cita:

“1.º O tamanho dos veículos de transporte e dos caminhões que os arrastam.

2.º O peso, dos veículos carregados, faz com que o deslocamento seja vagaroso em caminhos de transito difícil ou através campo, acarretando isto um atraso na chegada do material ao local da transposição”.

Vemos pois, que, mesmo em se tratando de material moderno (conhecemos nossas estradas) não é garantido tê-lo ao pé da obra no momento preciso e, neste caso, como o Destacamento solucionaria o problema? Esperaria a equipagem de ponte ou utilizaria os sacos Habert?

Ainda que a distância fosse maior, talvez levasse mais tempo em construir a balsa do que em aguardar a chegada do material de Engenharia e, mesmo construída aquela, poderia repetir-se o caso ocorrido no Guandú, em que a balsa, preparada para uma demonstração não suportou a viatura Ansaldo de 3.200 Kg., que fazia parte de um Pel. A.M.D.R. comandado pelo Ten. Peregrino, como ele próprio refere em trabalho publicado na “A Defesa Nacional”.

—O Destacamento passaria alguns elementos para o outro lado e, embora sem meios para proceder a reconhecimentos, trataria de organizar a cabeça de ponte? Parece, seria uma solução pois vimos não ser facil utilizar os sacos Habert para os A. M. D. R. mas, nesta solução ressalta a grande necessidade de estar a tropa bem provida e familiarizadas com os canhões Anti-Carros pois, sem estes engenhos os elementos do Destacamento não teriam probabilidades de resistir do outro lado do rio, caso chegassem os carros inimigos.

No nosso caso particular, em que não possuimos material anti-carro, mesmo se o recebermos à última hora, ou não sabermos empregá-los, ou o empregaremos mal pois, é sabido que no campo de ação só se faz sofrivelmente aquilo que se fazia otimamente no campo de instrução.

O BARCO DE BORRACHA DEVE SUBSTITUIR O SACO HABERT

Façamos agora a hipótese do inimigo nos preceder, pois estamos em igualdade de condições na manhã de D..

Neste caso, já não se poderia mais pensar em utilizar, de imediato, a equipagem de ponte e a passagem teria que ser tentada, simultaneamente em vários pontos e teríamos mesmo que lançar mão dos sacos Habert, se encontrassemos nas proximidades **algum banhado que pudesse fornecer palha para encher os Sacos**, pois sabemos que no Sul, nosso provável teatro de operações, o capim cresce pouco e raríssimas vezes dá para cortar com foice sendo o gado um dos agentes que contribuem para que ele não chegue a tal ponto.

Vemos pois que o nosso saco Habert, além de não ser muito eficiente para construir balsas que suportem material pesado, às vezes, por falta de material para enchimento não será utilizado por ninguém. Mas então, qual a solução? A resposta está no mesmo artigo do Ten. Bonecarrere. Diz ele:

“O material de pontes sobre pontões, alemão, não foi concebido para responder às exigências **dos primeiros instantes de uma passagem dentro** da zona de ação do inimigo. Os princípios de emprego das tropas de sapadores nesse País, prevêm que as primeiras ondas de infantaria e suas armas pesadas (incluindo até os canhões dos Regimentos de Infantaria), serão transportadas em seus próprios botes de borracha e mais tipos de flutuadores de sapadores. Uma vez que essa Infantaria tenha conquistado suficiente terreno na margem oposta será então aproximado o material de pontes sobre pontões e continuada a passagem. A utilização de meios pontões

e pontões inteiros é, em consequência, pouco frequente. Em troca, constroem-se imediatamente comportas de diversos tipos para a passagem de veículos e pessoal. Essas mesmas comportas são, em geral, as que se empregarão, posteriormente, na construção das pontes". Os alemães empregam comportas que podem transportar veículos até 16 Toneladas de peso". (1)

Ultimamente, por ocasião da ofensiva alemã contra a União Soviética, telegramas de Berlim, publicados na imprensa local, fazem referências a trávesia do rio Bug (200 m. de largura) por tropas alemãs utilizando barcos de borracha.

Pensamos, seria interessante fazermos alguma experiência com material semelhante ao que está sendo de emprego tão comum. Para isto, possuímos matéria prima e Fábrica de Artefatos de Borracha. O material não sairia muito caro e, se aprovasse, o que é bem provável, ofereceria entre outras vantagens, a da utilização imediata, pois não estaria dependendo dos recursos que se pudessem encontrar nos pontos de passagem. (2)

A CAVALARIA VÊ SEU HORIZONTE MAIS DILATADO

Vejamos agora: dentro do quadro acanhado que estamos utilizando, **poder-se-á conceber a chegada do inimigo, no ponto C, muito antes de nossos engenhos e, agindo com meios poderosos, criar obstáculos ou transformar os existentes num sério problema para o nosso Destacamento? Sim, se dispuser de meios mais rápidos.**

Na A DEFESA NACIONAL (n.º 321, pag. 345) encontramos o trecho seguinte:

"Antes da guerra se dizia que os paraquedistas poderiam ser empregados com 3 objetivos diferentes:

a) **Para tumultuarem as Retg.** cometendo depredações e ataques, que ficavam entregues às suas próprias iniciativas;

(1) O termo regulamentar é **portada** e não comporta. (Nota da Redação).

(2) Já foi provado às altas autoridades que o barco de borracha não substitue o saco Habert. Os dois se completam — o primeiro não resiste aos tiros. (Ten.Cel. Lima Figueirêdo).

b) Para destruirem certos pontos importantes e vitais da Retg. inimiga, (Pontes, depósitos ou fábricas de material de guerra, túneis, entroncamento rodo e ferro-viários, etc.).

c) Para ocuparem, antes do inimigo, certas partes do terreno cuja posse **urgente** representava papel capital nas operações previstas".

Terminada a leitura deste trecho, pensamos logo: missões típicas de cavalaria. A velha e eterna cavalaria, que com o aparecimento da couraça, foi levada a se recordar da velha armadura; que viu com júbilo a volta do tempo em que "carregava" na frente da infantaria, sentiu-se ufana porque pensou logo em desempenhar missões em que seriam exigidos maior espírito de sacrifício e maior rapidez de ação. Pensou em ver seu horizonte ainda mais dilatado e, por um momento, recordou cenas em que alguns cavalerianos tiveram a ventura de desempenhar papéis inesquecíveis.

Recordou 19 de Agosto na Lorena anexada. o Gen. Varin, Cmt, da Segunda D.C. recebe ordem de designar um oficial para atravessar a linha inimiga e verificar a força e profundidade da posição:

Ten. Saison e 4 praças.

Sub-Ten. Bonneau e 5 praças.

Partem ao escurecer. Após uma noite de marcha fatigante, fazem um prisioneiro do qual obtém algumas informações. A partir daí é uma série ininterrupta de pequenos combates, de astúcias, de coesão em torno do chefe e de persistência no cumprimento da missão".

Recordou (.... e 10 de setembro O glorioso feito do Esq. Gironde. Lançando na direção de Soisson com a missão de observar tudo quanto sair da cidade e, si se apresentar ocasião, atacar os combóios e pequenos destacamentos. O Esq. pertencia à 5.^a D.C. então operando na Retg. inimiga.

— 54 cavaleiros ao todo. Cansados, mal montados, com pouca munição.

— Entre eles e os irmãos 300.000 homens e milhares de canhões de Von Kluck. Chegam a cerca de 8 Km. de Sois-

son. A informação pedida é enviada pelo Sgt. Lalleman e, logo após, o Esq. tenta regressar. A qualquer momento a fuzilaria crepitará, não se sabe de onde. Bloqueado no interior das linhas inimigas, não perde de vista a missão e ataca um parque de aviação, aniquilando quasi inteiramente a tropa que o guardava. Uma bala atinge Gironde e ele tem no pensamento passar o Cmdo., afim de ser prosseguida a missão. Alguns conseguem prosseguir para tombarem mais adeante. Restam apenas 2 que, mais tarde, tendo ultrapassado o limite das forças humanas, são feitos prisioneiros e ameaçados de fuzilamento — "por terem, perturbado o exército alemão em repouso".

Recordou outros casos que, por terem sido vividos por nossa gente, vivem latentes na nossa memória e que são verdadeiros atestados das tradicionais missões da Cavalaria e do despreendimento com que, em todas as épocas, ela tem sabido cumprí-las.

Recordou a velha Espanha, a Grande Cobaia em que foram experimentados os atuais processos de guerra, e a batalha de Teruel. "Meados de Fevereiro de 1938. Franco acaba de fixar o inimigo com uma ala de seu Exército e de envolvê-lo com a outra. Teruel cai e os governistas se aferam à Serra Palomera, ao pé da qual se alinharam os contingentes nacionalistas que devem dar o último assalto. A Cavalaria, uma Divisão de 2.500 homens, espera impaciente a ordem de ataque. Ela deve coroar a operação, envolvendo o inimigo e cortando-lhe a retirada pelo Alfambra. O ataque que devia ser lançado ao amanhecer, foi retardado até quasi meio dia. O inimigo, que tinha conhecimento da hora H., como o ataque não fosse desencadeado, afrouxou a vigilância. Antes das 12 horas, após bombardeios de artilharia e aviões, partem os infantes e lançam-se atraç de seus tanques. Começa o assalto. A Cavalaria não espera mais e, pouco depois, pelo vale do Alfombra, exatamente à retaguarda das posições inimigas, lança-se à carga. A manobra é tão extraordinária que os próprios aviadores encarregados de acompanhá-la, voando baixo, não podem resistir a atração do

momento e suspendem o bombardeio para poder apreciar o soberbo espetáculo que a seus olhos se descontina e cujos contornos evocam episódios romanescos da época de Frederico e de Napoleão. 2.500 cavaleiros lançados à carga, — na época dos ninhos de metralhadoras, do super canhão, do avião de bombardeio e do tanque.

A Cavalaria Monasterio se precipita como uma tromba pela planície da margem direita do Alfambra, seus cavaleiros inundam e desbordam a retaguarda inimiga, atropelam suas colunas, seus postos de comunicações, seu Estado Maior, sua Artilharia. A confusão é enorme. O chefe do Setor Governamental, foge a pé, como o último dos milicianos e não se tem mais notícias dele. Só nesse lugar fazem-se 2.000 prisioneiros. E assim termina a batalha do Alfombra, precursora da famosa ofensiva do Ebro que conduziria os Nacionalistas até ao Mediterrâneo. O General Monasterio, com sua famosa Divisão de Cavalaria, restabeleceu, de um só golpe, a velha tática da arma e reverdeceu seus laureis".

AS AÉRO-TROPAS E A CAVALARIA

Vendo descontinar-se agora um horizonte mais amplo, pensando no armamento potente com que são dotados os novos Elementos, já de emprego comum nos Exércitos modernos, passamos logo à página 347 da citada A DEFESA NACIONAL e aí encontramos:

"Os Paraquedistas constituem uma Verdadeira Vanguarda Aérea que possibilita a entrada em ação do Grosso, constituído pela Infantaria Aérea de desembarque.

A Infantaria do Ar é especialmente armada e treinada tendo em vista agir, seja em ações isoladas, seja em ações de força nos flancos ou na Retg. das linhas de Combate".

E, involuntariamente, lebramo-nos, novamente, da já citada 5.^a D. C. Francêsa e do heróico Esq. Gironde...

Todas, missões de Cavalaria. Mas então, porque o nome de Infantaria do Ar e não Cavalaria do Ar? Esta denominação, parece-nos, seria mais lógica e é com este pensamento que voltamos à leitura de mais um Capítulo da Revista Americana de Cavalaria (n.^o de Janeiro e Fevereiro).

"Exercícios ou treinamentos de Cavalaria Mecanizada".

Forças montadas e mecanizadas formam uma combinação de poder de fogo, de **velocidade e maneabilidade**, que constitue um dos mais formidaveis meios de guerra até hoje imaginados. A potencialidade desta combinação, especialmente no ataque, até hoje não foi explorada. **Estas duas partes da Cavalaria, deviam estar localizadas juntas e ser exercitadas em conjunto.** A guerra em nosso território não terá o caráter de guerra de estabilização, mas sim de uma série de golpes poderosos, desferidos justamente por tais combinações de agentes, em pontos críticos. Devíamos, por isso, assumir a liderança deste tipo de treinamento do conjunto **Aviação — Mecanização — Cavalaria hipo.** Temos aqui um campo virgem, no qual podemos trabalhar com possibilidades ilimitadas etc..... E mais adiante: "As duas forças (Cav. moto-mecanizada e Caval-hipo) agindo em comum, com constante apoio aéreo, formam um conjunto difícil de ser batido.

Vemos pois que se nossa D.C. tivesse a sua disposição elementos mais rápidos ainda, estaria em condições de lançá-los sobre o ponto **C** e, em seguida, apoiá-los num curto espaço de tempo.

Podemos ainda ler na citada Revista Americana, sob o título "Ampliação da missão da Cavalaria": Em todos os Exércitos era admitido que a missão das forças mecanizadas era a da Cavalaria e foi esta a razão da escolha da Cavalaria como tutora da Mecanização. Seu desenvolvimento, devendo a isso, tem sido uma ampliação da missão da Cavalaria e abriu campo para o emprego desta arma no seu sentido mais amplo".

Como vemos, a história se repete. A Cavalaria vai receber encargos ainda mais amplos. As missões atribuidas aos novos elementos são, como aconteceu às forças Mecanizadas, as mesmas da Cavalaria, que terá nas aéro-tropas uma nova tutelada, uma nova ampliação.

Por que então Infantaria e não Cavalaria do Ar ? Cremos estará situado no âmbito do Corpo de Cavalaria o "berço"

em que serão acalentadas as primeiras formações de aérotropas no Brasil.

A Cavalaria Brasileira, ciosa de suas tradições, receberá de braços abertos mais esta ampliação. Com a organização de Esqs. e Regimentos de tropas Aéro-transportadas, ela não necessitará de uma nova mentalidade, não se intimidará, preparada que sempre foi para os cenários vastos e para o isolamento.

Será a mesma Cavalaria de todos os tempos — pelo espírito, pelo papel a desempenhar, por tudo, só os meios é que variarão.

Missões de unidades Hipo, missões de unidades Moto, missões de Aérotropas. . . . sequência natural, apenas uma questão de adaptação, faculdade que tem assegurado a vida da Cavalaria.

Cavalaria-hipo; Forças Moto-Mecanizadas; Aviação; elementos que se completam. Tropas eficientíssimas se forem treinadas em conjunto e, no dia do emprego, estiverem dependendo de um só chefe.

E' indiscutível que, pela extensão e configuração de nosso território, necessitamos de muitos Aviões, Fábricas, Campos de Pouso, Carros de Combate, etc. mas, é também sabido que a estrutura da DEFESA NACIONAL consistirá no desenvolvimento, em todos os setores, das forças vivas da nação. E' preciso porém não esquecermos a **coordenação perfeita** entre os diversos elementos que, desde o tempo de paz, deverão estar treinados nas ações de conjunto, para que estas se desenvolvam sem falhas, sem atritos, e não tenhamos a reprodução do trecho transcrita por Maurois. "E' triste dizê-lo, mas a verdade é que nos falta coisa! Aeroplanos principalmente! Sabe de quantos disponho eu Comandante de um exército? oito apenas! E' claro que contamos com a Força Aérea que é magnifica; mas se eu quizer que se faça para mim um vôo de Reconhecimento, preciso pedir ao General Orge, que pedirá ao General Gamelin, que solicitará ao Marechal Barrat, o qual por sua vez transmitirá o pedido ao vice-marechal Blant, que finalmente, ordenará que se efetue o vôo quando já for tarde demais para utilizá-lo".

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Os Premios da Biblioteca Militar relativos a 1940

Pelo 1.º Ten. Umberto Peregrino

As "Notas de Geografia Militar Sul Americana", do Cel. Paula Cidade, colocadas em primeiro lugar, no julgamento que premiou as obras da Biblioteca Militar publicadas em 1940, representam, na verdade, um esforço digno de ser realçado. Quem, como eu, as viu nascer, cadete ainda, como notas de aula, num curso que se inaugurava, e as recebeu, nessa época, da boca do próprio autor, experimenta, naturalmente, uma particular emoção vendo a obra em todas as mãos, adulta e consagrada.

Nesta altura, as "Notas" do Cel. Paula Cidade só têm de notas o nome, que o autor conservou, certamente, por uma delicada fidelidade à origem do seu trabalho. O volume de hoje é outro na amplitude e na densidade. Só se conservou o mesmo na linguagem clara e sóbria, que o torna tão acessível, a um tempo agradável e séria.

As "Notas de Geografia Militar Sul Americana", ora premiadas têm um duplo mérito: recomendam a cultura do Exército, pelo seu valor intrínseco, e acrescem-na, porque onde chegarem farão discípulos, servirão estudiosos, semearão vocações.

O segundo lugar na classificação coube a "Generais do Exército Brasileiro", do Cap. Pretextato Maciel. Livro antigo, encontrado em poucas estantes, fez bem a Biblioteca Militar em reeditá-lo. Seu valor é o dos trabalhos de pesquisa e coordenação. Reune dados e informações sobre cerca de 130 generais do exército brasileiro, desde 1822. Não há seleção de valores nem de material. Também não se encontrará nada de crítica histórica, nem de ambientação dos homens arrolados. Assim, não é obra para se ler, mas para consultar. As infor-

mações são abundantes e honestas. Quem vá estudar qualquer dos generais lá contemplados, terá um pronto e acreditado "dossier".

Sob determinado aspecto do programa da Biblioteca Militar é um livro de suma importância e utilidade.

"Roteiro dos Andes", já demoradamente analizado nesta coluna, obteve o 3.^o lugar. Na apuração geral havia empatado com o "Benjamin Constant" de Benjamin Constant Neto. O General José Pessoa, presidente da Comissão, que não votará, decidiu o empate em favor do livro do Prof. Angione Costa. Voto, a meu ver, perfeitamente justo, porque o "Roteiro dos Andes" deixa longe, como qualidade literária e como documento a fraca biografia do grande idealista e artífice intelectual da República.

Outras obras, embora sem serem premiadas, lograram, como mereciam, boas colocações na classificação geral. Assim, em 5.^o lugar veiu "Aeronáutica Brasileira" de Domingos Barros, em 6.^o os "Estudos de Português" (agora mesmo lançados em 2.^ª edição pela Livraria José Olimpio), em 7.^o "Cautela! O inimigo está escutando", traduzido pelo Gen. Klinger.

Devo ressaltar em abono, quando mais não seja, da honestidade desta coluna, alguns resultados do julgamento que vem de ser feito pelo voto de homens da expressão intelectual e moral do Gen. José Pessoa, Cel. Onofre Gomes Muniz, Ten. Cel. Mário Travassos, Maj. Augusto Maggesi. Pois bem, esse julgamento foi plenamente confirmador das opiniões que aqui haviam sido expostas. Nenhuma, absolutamente nenhuma, foi contrariada. Ao revés, a classificação da "Comissão" coincide, pontualmente, com as explícitas sentenças desta coluna. Senão vejamos. O "Roteiro dos Andes", que aqui recebeu amplos louvores, foi um dos três volumes laureados. Os "Estudos de Português", colocados em 6.^o lugar, tinham sido registados nesta coluna com lisonjeiras referências. O "Faze Assim" obteve uma classificação perfeitamente correspondente ao merecimento que lhe fixáramos. Já "O Paraná na Guerra do Paraguai", que sofreu fortes restrições, distanciou-se num remoto 13.^o posto. E o pobre "Laguna", cujo desvalor literário, educativo e histórico denunciei desassombradamente, ficou mesmo no penúltimo degrau da escala, acima, apenas, de um modesto folheto das publicações avulsas...

Se tratasse disso, esta secção, que me foi entregue há um ano e meio atrás pelo Ten. Cel. Lima Figueirêdo, teria recebido agora um atestado definitivo...

* * *

Não se apresentava fácil a tarefa de julgar uma massa bibliográfica tão heterogênea, como os 17 volumes publicados pela Biblioteca Militar em 1940. Assuntos variados, tratados segundo o temperamento, a cultura e os dotes de cada autor. Obras desiguais pelo interesse, pela densidade, pela linguagem, pelo estilo. Contudo, era preciso submetê-las a um critério de avaliação, e que esse critério fosse sensivelmente o mesmo para todos os membros da comissão julgadora. Foi então organizada uma ficha especial fixando umas tantas características essenciais, a servirem de referência para a comparação.

Eis a ficha:

Características para Avaliação		UTILIDADE (Oportunidade e interesse do tema)	TRATAMENTO DO ASSUNTO (Originalidade, extensão e proficiência)	APRESENTAÇÃO (Método, linguagem e estilo)	TOTAL
Obras	Autores	Coefficiente 20	Coefficiente 50	Coefficiente 20	

(*) A Proficiência será realizada quanto à Erudição, Interpretação ou Coordenação.

Vê-se que três referências gerais — utilidade, tratamento do assunto e apresentação — foram estabelecidas. E para cada uma designam-se ao pé, como sugestão, algumas características fundamentais.

Assim, a utilidade das obras em julgamento seria apreciada segundo a oportunidade e o interesse do tema. De fato, nas publicações da Biblioteca Militar, a utilidade de uma obra, além de ser capítulo essencial, deve ser considerada de modo particular. Um grande livro sobre Astronomia, por exemplo, levaria desvantagem em relação a outro modesto, mas que versasse Geografia ou História.

O tratamento do assunto, que dá a substância mesma de uma obra seria encarado tendo em vista os seguintes elementos: originalidade, extensão e proficiência. Qualquer dos três valoriza o tratamento dos assuntos. Um tema antigo, muito trilhado, até em abandono, se retomado com originalidade, isto é, apresentado sob novos ângulos, discutido com elementos inéditos, merece todo apreço. A extensão, no sentido de abarcamento, de amplitude, de domínio da matéria, é outra qualidade recomendadora. A proficiência, a complexa das características a serem consideradas, recebe por isso mesmo, em chamada especial, algumas especificações: há de ser analisada "quanto à erudição, interpretação ou coordenação". De fato, erudição e capacidade interpretativa devem ser imediatamente examinadas na aferição da proficiência. Mas às vezes o autor reune um material disperso, recupera-o, salva-o, põe-no-lhe ao alcance. É um trabalho de grande mérito, e a proficiência nesse caso corresponderá ao gráu atingido na coordenação.

A apresentação significa método, linguagem e estilo. O método quanto à organização do livro, distribuição da matéria; linguagem quanto à correção gramatical; estilo quanto à forma, que vai desde a pessoal, passando pela convencional, até à vulgar.

Os coeficientes estabelecidos visam fixar o valor de cada característica. A primeira avalia-se até 20; a segunda, sem dúvida a característica de resistência, que dá, por assim dizer, a substância da obra, mede-se até 50; a apresentação, responsável pelas condições de agrado, seja como ordem, asseio vernáculo ou arte literária, e que, portanto, subjuga ou afasta o leitor, vale 30. Assim, o total soma 100, gráu máximo, que supõe a concorrência, em excelente escala, das três características: utilidade do livro, tratamento do assunto e apresentação.

Dessa forma foi procedido o julgamento. As 16 publicações da Biblioteca Militar em 1940, (os volumes eram 17, mas as obras 16) todas 16 receberam gráu, segundo a "ficha", de todos os membros da "comissão", exceto o presidente, resultando daí uma classificação geral, cujos três primeiros lugares foram considerados premiados.

Ten. Cel. Lima Figueirêdo — Cidades e Sertões — Biblioteca Militar — 1941.

Este último livro do Ten. Cel. Lima Figueirêdo, na sua variedade, leveza, e pitoresco, realiza amplamente as intenções que o autor teve.

por certo, ao compô-lo. Informa, testemunha, lembra coisas. Coisas observadas, vividas e fixadas em diferentes épocas, sob múltiplos estados de espírito. Daí uma certa falta de unidade no volume, não digo quanto ao sentido, que é nítido e constante, mas quanto ao tom que ora é acusatório, ora apenas lamentoso, às vezes até indulgente, em face das nossas carências, dos nossos descuidos, dos nossos erros. Quasi todos os capítulos serão notas de viagem, ampliadas ou arredondadas, de sorte que transmitem impressões e reações muito espontâneas, o que constitue a um tempo explicação e louvor da desigualdade assinalada.

Assim, em "Cidades e Sertões", não se topa tão páginas explicativas, o mais que aflora é um comentário. Por vezes o Ten. Cel. Lima Figueiredo quer sugerir e o consegue admiravelmente.

E o caso dos capítulos sobre o babassú, os tubarões, as cataratas de Iguassú, a cachoeira de Paulo Afonso, os campos de Guarapuava, capítulos repletos de dados quanto a possibilidades não realizadas. Acredito que onde chegarem farão adeptos, despertarão entusiasmos, sacudirão brios, o que sempre será alguma coisa.

O delicado problema da incorporação do gentio é apresentado através das duas doutrinas divergentes: a do Cel. Temístocles Páis de Souza Brasil — pelo caldeamento com os civilizados e a do Gen. Rondon — que preconiza o aproveitamento do índio puro.

O Ten.-Cel. Lima Figueiredo sustenta que é preciso uma solução, mas se nega a escolher entre as duas. É uma pena. O seu parecer de homem que conhece o problema em todos os seus aspectos, sertanista e estudioso que é, seria precioso. De um ponto de vista geral, direi que só se pôde confiar nos resultados da solução Temístocles.

Que é o brasileiro como povo, como homem, senão um produto de intensa e desordenada miscegenação?

Que são as populações do Nordeste, especialmente as sertanejas, senão amalgamas étnicos tendo o índio por base, embora longamente diferenciados? E o caboclo de hoje, no extremo Norte ou em Mato Grosso, de olhos meudos, cabelo escorrido, sem barba, calado, astucioso e desconfiado?

O processo verdadeiramente seguro e lógico de incorporação humana, seja colonial ou indígena, é o do caldeamento. A questão se reduzirá, então, à forma de propiciá-lo. E aí vai um mundo de graves

Templo, com essa bela página de são brasileirismo que é O Principe de Nassau, a qual fechas com um conselho que deve ser ouvido e seguido por muita gente bôa.

Não encerro aqui os aplausos porque eles continuarão com muita cousa boa que hás de produzir.

Cel. Tristão Alencar Araripe

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1941.

Srs. Diretores d' A DEFESA NACIONAL.

No último número dessa revista, cuja leitura já se tornou habitual para qualquer militar que se interesse pela sua nobre profissão, tive oportunidade de ver que o meu último livro "Teu filho não voltará mais!" havia sido objeto de considerações por parte de quem subscreve a seção *Livros do Exército*, com o sub-título *Autores Militares*.

E logo passei à sensação de surpresa, ao verificar que, longe de uma apreciação crítica ou de um simples registro bibliográfico, o que se tratava, em suma, era, a pretexto da obra, dar-se expansão a sentimentos de animosidade para com um dos países focalizados no livro, o que é ratificado com a circunstância de ser feita, inicialmente, a apologia de uma obra de Maritain, a qual nunca foi um "Livro do Exército" e esse homem de letras jamais um "autor militar".

E' o caso de um escritor redigir um trabalho a respeito da Suécia ou da Abissínia e, em vez de falar do livro, o crítico, porque não simpatise com ambas, atacar a Abissínia ou a Suécia, a ponto de dizer que no país do Negus não há calor e na terra da Rainha Cristina não faz frio...

Em atenção a essa revista, à sua direção e ao seu numeroso público constituído essencialmente de camaradas, cuja opinião tanto prezó, faço esta resposta, para que não se formulem raciocínios ligeiros e para evidenciar as deformações existentes nas transcrições e citações, e mostrar as apreciações que se baseiam em fatos, que se não ajustam à verdade e à realidade.

De início, é dito que numa cidade espanhola — convém esclarecer que se trata da capital, Madrid — o autor de "Teu filho não voltará

mais!" entrou num restaurante e pediu café com leite e pão com manteiga. O "garçon" limitou-se a dizer que só havia pão!

Que interesse tem isso?

Foi omitida justamente a nota pitoresca e importante do episódio. E' que, quando se quis pagar a despesa, o "garçon", numa terra em que a miséria é geral, não quis aceitar o dinheiro, exclamando, em evidente manifestação da velha galhardia espanhola:

— *Ora se eu vou lhe cobrar um pedaço de pão!*

Quanto às referências aos campos de prisioneiros, na Alemanha, não sei se os mesmos são "suaves". O que posso afirmar é que lá observei uma aparelhagem moderna (oficinas modelo, cozinha a vapor, desinfetários, etc., ordem, asseio e trabalho).

Assisti a um ofício religioso no culto católico. E registei que no Campo circulava um jornal editado pelos próprios prisioneiros.

O responsável pela secção "Livros do Exército" também omitiu a explicação dada relativamente ao fato dos prisioneiros franceses, soldados da metrópole, ficarem separados dos coloniais.

Foi a seguinte a explicação que tive:

— Eses (os autênticos soldados do glorioso exército francês) são soldados como nós, disse-me o tenente-coronel Von Blau. E, como nós, se bateram pela sua Pátria e arriscaram a sua vida. A sorte das armas não lhes foi favorável. E' a guerra... Os outros (os coloniais) são elementos sem convicção de Pátria e sem almas de soldados, arrancados de suas terras e atirados contra nós, como feras, e, como se disse, para defender a civilização!

E' o que está às páginas 106 e 107, da 1.^a edição.

Uma cousa é atribuir-se o fato a preconceitos de côr, tal como foi insinuado, e outra à circunstância, que a nós militares só pode parecer louvável, de ser prezada, acima de tudo, a honra consciente do soldado — a dignidade militar.

Em relação ao que é dito a respeito da "Câmara de Literatura", verifico que causou profunda surpresa ao colaborador d' A DEFESA NACIONAL, o fato da imprensa ser, na Alemanha, considerada como "serviço público" e constituir uma das funções da referida Câmara orientar os escritores e intelectuais alemães de acordo com a política cultural nacional-socialista.

Sou obrigado a reparar a surpresa, sobretudo porque essa observação é feita no ano de 1941 e no Brasil.

E' sabido que hoje em dia nenhum governo permite mais que a imprensa tenha uma liberdade de ação contrária aos interesses políticos, sociais e ideológicos do país. E' uma força que tem de se disciplinar em sintonia com os interesses nacionais. E, para não citar outros países, assim é na Inglaterra, na Rússia e nos Estados Unidos. A forma de execução dessa medida é que varia de país para país. Nuns, como na Alemanha, é a "Câmara de Literatura", como órgão do Ministério do Espírito Alemão, quem disso se incumbe. No Brasil, por intermédio do Departamento de Imprensa e Propaganda. Na Inglaterra e Estados Unidos por meio de uma rigorosa censura. Na Rússia, pelos órgãos do próprio governo, com severa vigilância da selvagem polícia comunista.

Entre nós — um oficial do Exército não pode ignorar isso — a imprensa também é considerada como uma função de caráter público. E' o que a nossa Constituição o declara em seu art. 122, n. 15. Não há pois, motivos para surpresas.

Também não disse que os generais alemães são "tão moços, que parecem capitães".

A citação está truncada. Referi-me aos generais da aviação, o que é diferente.

Enfim, Srs. Diretores d' A DEFESA NACIONAL, nada tenho a ver com as simpatias e as idéias, sobretudo em assuntos de ordem política e social, do colaborador da Secção de "Livros do Exército", nem quero, no momento, apreciar as suas opiniões. E a sua atitude é questão para meu fôro íntimo.

O que não posso permitir, sem a devida réplica, é que "Teu filho não voltará mais!", no próprio interesse dos leitores dessa revista, de tão altas responsabilidades, seja apresentado com citações truncadas, incompletas ou deformadas.

Quanto à afirmativa, referente ao livro, de que já ser "velho um depoimento com doze meses de idade", cumpre-me apenas observar que a velhice não foi feita para os depoimentos. O que dele se exige não é a poeira e sim a verdade. E esta é que eu desejo ver colocada no seu lugar.

Grato pela publicação.

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Discurso pronunciado pelo General Heitor Borges na inauguração do estádio Caio Martins, em Niterói

"Sr. comandante Amaral Peixoto.

A mera circunstância de presidir a União dos Escoteiros do Brasil, confere-me a honra de usar da palavra no momento em que se inaugura esta notável obra, refulcente elo da cadeia de realizações que o alto descortinio do governo de v. ex. vem dotando as terras de Araribóia.

Deveria, segundo o programa previamente estabelecido, agradecer, em nome dos escoteiros brasileiros, a escolha do nome feito por v. ex. para patrocinar tal monumento.

Penso, entretanto, que não tenho o direito de fazê-lo.

Com efeito, o gesto e v. ex., batizando este estádio com

nome de Caio Martins, não deve ser encarado como uma simples gentileza, aliás, muito do seu feitio cavalheiresco, nem mesmo, uma homenagem banal do movimento escoteiro e que implique um agradecimento por essa entidade.

O ato de v. ex., que se reveste de uma grande coragem cívica, preferindo os nomes aureolados do cenário político contemporâneo ou da galeria ilustre de brasileiros célebres, o nome de um simples menino, vítima de um desastre de estrada de ferro, tem um alcance inestimável: é um grande ensinamento!

E' que v. ex., com a responsabilidade que lhe pesa sobre os ombros, seguramente, viu, no drama da Serra da Mantiqueira, a figura estóica de Caio Martins, esvaindo-se em heroísmo, transmudar-se num símbolo



e o éco de suas palavras, retinindo ainda pelas quebradas da serrania, constituir um novo lema: "um escoteiro caminha com suas próprias pernas".

PONTO CRUCIAL DE NOSSA EXISTENCIA

Face ao dinamismo desconcertante da hora presente que se desenvola num entrechoque formidável de paixões desoladoras; diante do panorama catastrófico que o mundo nos apresenta convulsionado pelo galopar incessante de toda cavalaria apocalíptica; todos nós, brasileiros, sentimos que atingimos um ponto crucial de nossa existencia e percebemos claramente que o Brasil precisa "Caminhar com suas próprias pernas".

E' por isso que o simbolismo de Caio Martins, o jovem herói, feriu fundo a retina de v. ex. que, jovem também, soube apreender, com serena oportunidade, a idéia que se continha naquele homem, porque, embora, pequeno no seu talhe de criança, sua estatura se avoluma e cresce no estalão do heroísmo projetando uma sombra gigantesca sobre a vida da mocidade.

Filho de uma pátria jovem, senhor de uma idéia que tão bem se enquadra no Estado jovem, que tal é o Estado Novo, ninguém melhor do que v. ex., jovem, nunca corroido pelas ferrugens da politicagem, poderia executá-la.

Eis porque não me sinto na altura de agradecer pelos escoteiros, nem mesmo pela juventude. E' o Brasil inteiro que deve agradecer a eloquência de sua atitude.

Porque a verdade é que é indispensável formar o homem de amanhã. E' urgente povoar os vastos que se encontram por entre os oasis vicejantes que salpicam a vastidão da nossa terra, com homens que caminhem com suas próprias pernas.

Precisamos é o homem que desça pessoalmente à arena e cujo rosto se cubra com o pó, com o suor, com o sangue do trabalho; que suscite o espírito de ação, afastando os objetivos mesquinhos e as evoluções do menor esforço.

O HOMEM DE QUE PRECISAMOS

Quem vale, como diz o 1.º Roosevelt, é o homem que luta corajosamente, que comete um erro, tomba e torna a tomar, mas que persiste na ação; é o que conhece as grandes dedicações e que se gasta por uma coisa digna e que, no caso do êxito, conhece, afinal, o triunfo da grande obra realizada, ou no fracasso, o consolo de haver feito um grande esforço. Ter agido já é um começo de vitória.

Precisamos do homem que sabe querer; que sabe executar e executar.

Não basta instruir com a cultura já feita e preparada em comprimidos, é necessário educar com as realidades da vida e na vida real. É preciso acabar com as miragens alucinantes, filhas de uma literatura pernóstica que debilita e desviriliza a juventude. Estamos fartos de sermos o País mais rico do mundo, de ter os maiores rios, as mais belas florestas, o mais duro ferro, as minas mais ricas.

O que é preciso é caminhar com as próprias pernas.

O caminho está indicado pela clarividência de um jovem que, nas alturas do posto que lhe foi confiado, não trepidou em baixar à planura onde outro jovem morria heroicamente caminhando com suas próprias pernas.

E a estrada a percorrer para alcançar este objetivo é o escotismo que, como dizia Olavo Bilac, forma homens; forma heróis. Eis a chave do problema. Nenhum método ou sistema de edificação pode se avançar à escola escoteira.

Pela sua técnica, pela mística que sabe impregnar aos seus educandos, o Escotismo constituirá a alavanca mestra que tendo um ponto de apoio, levantará o Brasil levando-o a ocupar o lugar que lhe compete no concerto mundial. Esse ponto de apoio é o que não está ainda bem fixado. O Escotismo ainda é mal compreendido pelo Povo, em geral, que só o enxerga no rataplan dos asfaltos e nem todos os elementos das esferas dirigentes têm uma noção exata do seu valor.

E' mistério conhecer as nossas atividades, em contato direto com a natureza, mar a dentro ou na floresta agreste. E' preciso ver os nossos jovens, desde o inicio, agindo por si mesmo, desembrulhar-se, com o ardor e o garbo que lhe empresa a juventude, das dificuldades que se anquilham ou lhe são de propósito criadas, para aquilarar do verdadeiro valor de nosso movimento.

Atos, porém, como o que acabamos de presenciar, são pderosos focos de luz que nos alumiarão o caminho em busca do melhor, da perfeição.

Nunca são inúteis ou inoportunas as palavras de fé e eu quero manifestar aqui a minha fé profunda e inabalável no porvir da juventude guiada pelo Escotismo e na grandeza do Brasil dirigido pelo Chefe Nacional — o grande chefe do Estado Novo".



PROVAS ELIMINATÓRIAS PARA A MATRÍCULA NA E. E. M.

Aos que desejarem matricular-se na Escola de Estado Maior, oferecemos aqui as questões que foram propostas aos candidatos deste ano, nas provas eliminatórias.

PROVA DE HISTÓRIA — Duração: 4 (quadro) horas.

- 1) — Principais acontecimentos militares ocorridos durante o segundo império e suas causas.
- 2) — Ação de SIMON BOLIVAR na independência sul-americana.

PROVA DE GEOGRAFIA — Duração: 4 (quatro) horas.

- 1) — O café e o açúcar: evolução de sua cultura e distribuição da produção pelos diferentes Estados.
- 2) — Navegabilidade dos rios da bacia do PRATA e seu valor como artérias econômicas.

PROVA DE CONHECIMENTOS MILITARES — Duração: 4 (quatro) h.

- A) — Questionário comum a todas as armas:

R. S. C.:

- 1) — Quando se deve fazer um grande alto durante a marcha?
- 2) — Quais as regras indispensáveis a seguir num estacionamento para uma perfeita higiene da tropa?
- 3) — Regras para a passagem das pontes pela infantaria, cavalaria, artilharia e carros de combate.

R. Trans.:

- 4) — Como se obtém em geral a ligação?

- 5) — Como deve ser feita a ligação infantaria-artilharia?

- 6) — Citar os inconvenientes e vantagens do telefone.

— Citar os inconvenientes e vantagens da radiotelegrafia.

— Citar os inconvenientes e vantagens da radiotelefonia.

R. I. Q. T.:

- 7) — Como se divide o ano de instrução e qual a duração de cada fase?

- 8) — Quais os grupamentos de instrução, obrigatoriamente constituídos nos corpos de tropa?

R. O. T.:

- 9) — Como obter com 100 trabalhadores, um trabalho contínuo de modo que os homens trabalhem 4 horas e descansem 12 horas.

- 10) — Qual a composição do grupo de construção da rede normal? Função de cada elemento.

B) — Questionário da arma de Artilharia:

- 1) — Qual o modo de formação de marcha da artilharia montada na fase preparatória de combate?

2) — Quais os meios de remuniciamento nos escalões Grupo e Bateria?

3) — Qual o modo de remuniciamento, do Grupo à Bateria?

4) — Em uma situação ofensiva um Grupo recebe a tarefa de neutralizar os seguintes objetivos (fogos de apoio imediato), na sua zona de ação normal:

Obj. 1 — Elemento de trincheira — objetivo linear de 200 m. (normal à direção de tiro) — a 600 m. da orla exterior da Base de Partida da Infantaria.

Obj. 2 — Ninho de a.a. — um Ha a 700 m. da orla exterior da B. P. da Infantaria.

Obj. 3 — Ninho de a.a. — um Ha a 750 m. da mesma orla da B. P. da Infantaria.

Obj. 4 — Uma a.a. — um Ha — a 400 m. da orla da B. P. da Infantaria.

Sabe-se que a Infantaria progride 100 m. em 4 minutos e que o Grupo tem as suas P. B. a 1.700 m. à Rg. da orla exterior da B. P..

Pede-se o mecanismo do tiro e o consumo de munição.

PROVA DE LÍNGUAS — Duração: 4 (quatro) horas.

Prova Compulsória:

— Traduzir para português os seguintes trechos:

“C'est, d'une manière générale, une erreur profonde de croire que le commandement s'exerce au moyen d'une série d'artifices propes à donner du prestige au chef, en faisant illusion aux inférieurs.

Sans doute, certains grands hommes de guerre ont exercé sur leurs troupes une influence quasi personnelle; mais cette influence résultait, avant tout, de la confiance naturellement inspirée par leur mérite et leurs succès. Si certains de ces hommes extraordinaires n'ont pas échappé entièrement au désir d'en imposer par quelques artifices d'attitude et de language, ils n'y ont généralement rien gagné. Puis, il ne faut pas oublier qu'il est téméraire de prendre pour modèles les grands hommes, à qui n'est pas tout à fait sûr d'avoir l'étoffe d'un d'entre eux.

Le commandement est chose simple, loyale et d'autant plus forte qu'elle est plus sincère. A quoi bon vous abaisser à produire des illusions? L'homme qu'on voit partout agissant au nom du devoir de tous a par cela même l'autorité la plus incontestable, la plus sûrement acceptée. Agissez ainsi d'abord; monstrez-vous ensuite tel que vous êtes; c'est le plus simple et le plus sûr, et le plus digne”.

“No obstante, esta sencilla armonía encerraba serias limitaciones, que al fin produjeron la decadencia de la Ciudad-Estado. Las responsabilidades y los privilegios de tal asociación humana se basaban no en

los derechos de la personalidad del hombre, sino en los de ciudadanía. En la población había esclavos o siervos, y en muchas ciudades existían numerosas clases descendientes de la población originariamente conquistada, personalmente libres, pero excluidas de la esfera del gobierno. A pesar de la relativa simplicidad de las características sociales, la ciudad veíase constantemente conturbada por las disputas partidistas, en parte debido, probablemente, a reminiscencias de la antigua organización de tribus, en parte, también, como consecuencia del desarrollo de la riqueza, y de la distinción de clases. Este espíritu de facción se acentuó ante el mal éxito obtenido por la organización de la Ciudad al tratar los problemas suscitados por las mutuas relaciones de los Estados. La ciudad griega se basaba en la independencia, y aunque el principio federal fué por último adoptado, llegó demasiado tarde en la historia de Grecia, para salvar a la nación".

●

A "REVISTA MILITAR" DE LISBOA À "A DEFESA NACIONAL"

Exmos. e Prezados Camaradas da "Defesa Nacional"

Rio de Janeiro

No dia em que sai do Rio Tejo uma Embaixada especial que ao Brasil vai agradecer a participação nas Comemorações Centenárias e da Restauração — Festas Comuns — a "Revista Militar", de Lisboa, que

se publica há 93 anos, sauda a "Defesa Nacional" do Rio de Janeiro, cuja visita encontra sempre acolhedora simpatia neste velho Solar Militar.

Nessa Embaixada estão representados a Marinha de Guerra e o Exército por distintos oficiais superiores, que não deixarão de saudar a Imprensa Militar Brasileira. A essas vibrantes saudações, queremos juntar as efusivas expressões do apreço e da Camaradagem da "Revista Militar" cumprimentando a mesma Imprensa, desejando manter e de-

senvolver as relações culturais entre os nossos dois Países, nacionalidades que têm o mais forte e tradicional tronco comum — a História e a Língua.

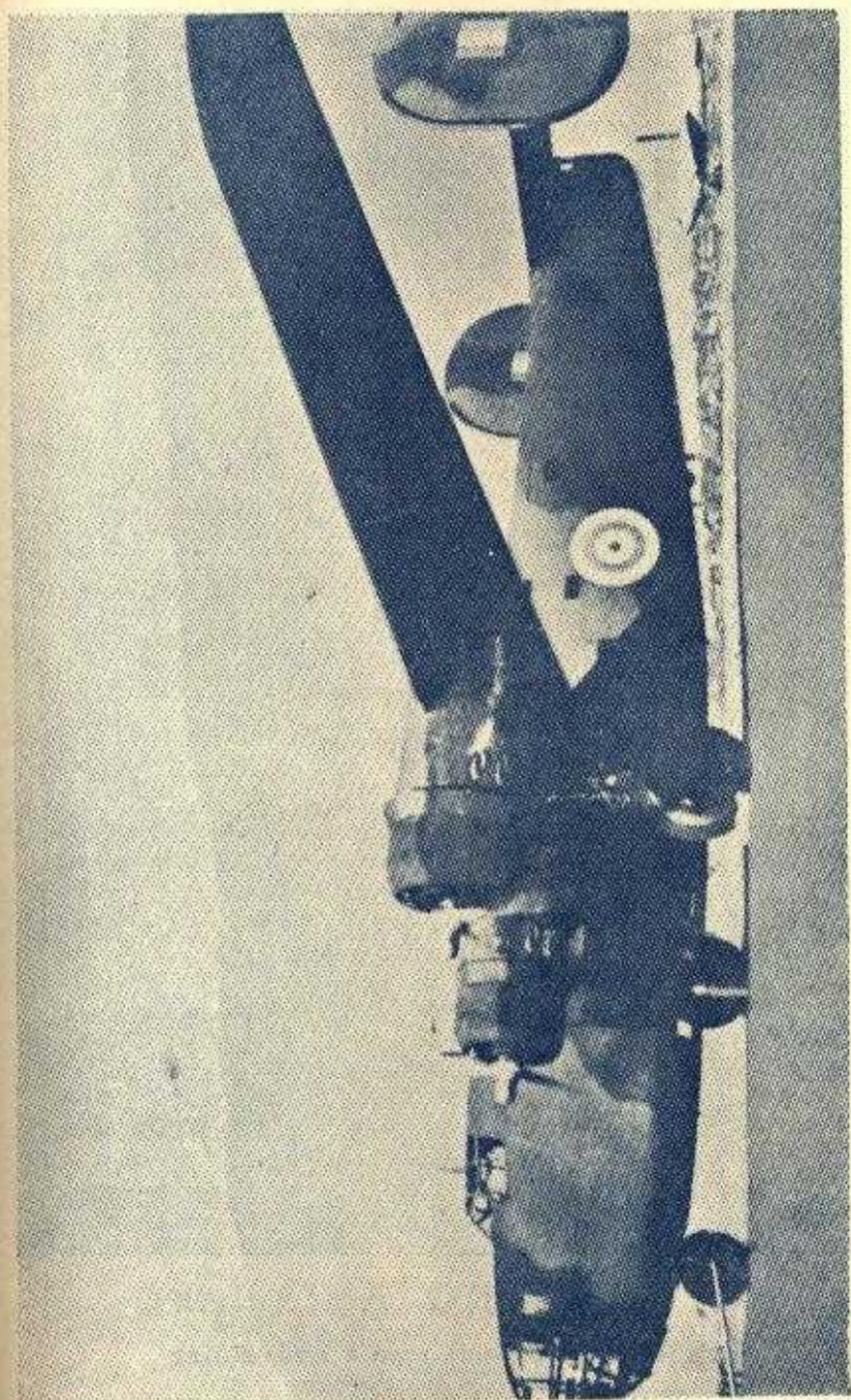
Lisboa, 23 de Julho de 1941.

O Director Gerenre

qd

Cel. Henrique Pires Monteiro



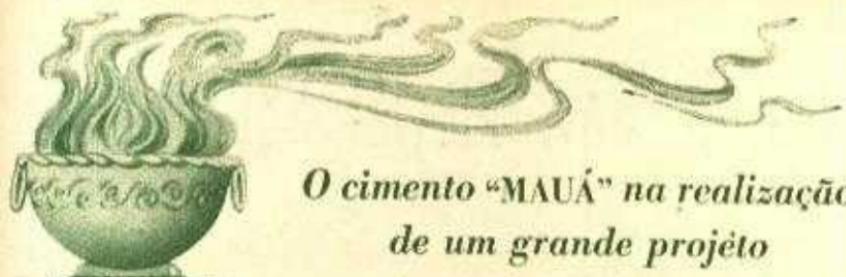


Bombardeiro de longo raio de ação "LIBERATOR" construído nos Estados Unidos para as Reais Forças Aéreas Britânicas



NOVO EXÉRCITO AMERICANO

Dotado de equipamento novo e moderníssimo



*O cimento "MAUÁ" na realização
de um grande projeto*



Uma perspectiva do novo Ministério da Guerra



Assim como a segurança, a tranquilidade e o bem estar de um povo dependem da grandeza de suas forças armadas, a garantia e durabilidade de um edifício dependem do material empregado na sua construção.



COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND
RIO DE JANEIRO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA
Publicados no período de 20 de Agosto a 20 de Setembro
de 1941:

ARRECADADAÇÃO DO IMPOSTO SOBRE PAGAMENTO DE MATERIAL (Recolhimento).

A providência determinada pelo aviso n.º 604, de 15 de fevereiro de 1940, no tocante ao recolhimento das arrecadações do imposto sobre pagamento de material, não é aplicável quando a legislação exigir comprovação à parte dos recursos fornecidos (créditos especiais, Plano Quinquenal, Caixa de Economias da Guerra, etc.).

Nestes casos, o recolhimento deverá ser feito separadamente, afim de que a guia respectiva, em original, seja anexada ao processo, conforme estabelece o art. 295 do Regulamento Geral de Contabilidade Pública. Para os recolhimentos feitos, até agora, em desacordo com o acima resolvido, fornecerão os Serviços de Fundos Regionais, quando solicitados, cópia autenticada das guias em apreço.

(Aviso n.º 2.635, de 4 — D.O. de 8-9-941).

ASPIRANTES A OFICIAL (Montepio).

— O Chefe do Serviço de Fundos da 9.ª Região Militar, em radiograma n.º 152-SR2, de 22 de julho último, consulta-se, em face do artigo 75 e seu § 2.º, do Estatuto dos Militares, todos os Aspirantes a Oficial devem contribuir para o montepio ou se tal contribuição continua a ser facultada como estabelece o Aviso n.º 809, de 5 de novembro de 1938.

Em solução, declaro que os Aspirantes a Oficial devem contribuir obrigatoriamente para o montepio militar, aplicando-se-lhes todas as disposições relativas ao assunto constantes da respectiva legislação especial.

(Aviso n.º 2.636, de 4 — D.O. de 8-9-941).

BRIGADA DE INFANTARIA (Composição).

— A 2.ª Brigada de Infantaria com sede em Natal (Rio Grande do Norte), tem, inicialmente, a seguinte composição:

— 16.º Regimento de Infantaria;
 — 23.º Batalhão de Caçadores.

(Aviso n.º 2.668, de 10 — D.O. de 12-9-941).

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE MOTO-MECANIZAÇÃO (Comando de Unidades).

— Atendendo a que os oficiais que comandaram ou sub-comandaram o C.I.M.M., pela própria natureza das suas funções, diretor ou sub-diretor do ensino, exerceram atividades que os habilitaram ao comando das unidades moto-mecanizadas, o Sr. ministro da Guerra resolveu considerá-los aptos ao desempenho dessa função, desde que tenham comandado ou sub-comandado o referido Centro pelo tempo mínimo de quatro meses.

(Aviso n.º 2.735, de 15 — D.O. de 17-9-941).

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 2.ª CATEGORIA (Obtenção).

1. Só poderão matricular-se em Tiro de Guerra, Escola de Instrução Militar e Unidade-Quadro, para obtenção do certificado de reservista de 2.ª categoria:

- a) os brasileiros natos que já tenham 16 anos de idade na data regulamentar da respectiva matrícula mas ainda não hajam completado 20 anos no dia 31 de dezembro do ano da referida matrícula;
- b) os brasileiros natos de 20 a 35 anos de idade, desde que já sejam reservistas de 3.ª categoria;
- c) os brasileiros que obtiverem adiamento de incorporação por provarem ser arrimo de família;

d) os brasileiros casados que tendo filhos obtiverem por isso dispensa de incorporação com a obrigação de se tornarem reservistas de 2.ª categoria (art. 104 parágrafo único da Lei do Serviço Militar);
e) os brasileiros naturalizados de 21 a 35 anos de idade.

II. Por qualquer falha da qual decorra infração ou inobservância do disposto no n. 1, serão responsabilizados os inspetores de Tiro, os respectivos instrutores e os comandantes das Unidades-Quadros, além de ser imediatamente suspensa a incorporação do referido Tiro de Guerra ou Escola de Instrução Militar.

III. Sob nenhum pretexto a instrução num Tiro de Guerra ou numa Escola de Instrução Militar poderá começar fora da época estabelecida para o início do ano de instrução nos corpos da tropa do Exército, e fora do início do ano letivo quando as tratar dos estabelecimentos de ensino a que alude a primeira parte do art. 84 do regulamento baixado com o decreto n. 243, de 18 de junho de 1935.

IV. Ficam sem efeito os Avisos ns. 1.013, de 12 de outubro de 1939 e 366, de 30-1-940, e o item 2 do Aviso n. 1.129, de 14-11-939. — General Eurico G. Dutra.

(Aviso n. 2.652, de 5 — D.O. de 9-9-941).

COMISSÃO DE ESCOLHA DE TERRENOS (Avaliação).

— Determina o Sr. Ministro da Guerra, em aditamento ao Aviso n. 3.621, de 24-9-940, que deve fazer parte do relatório da Comissão a avaliação das áreas escolhidas, afim de que possam ser julgadas as propostas apresentadas para a venda das mesmas.

(Aviso n. 2.568, de 26 — D.O. de 30-8-941).

COMPANHIA INDEPENDENTE DE TRANSMISSÕES (Efetivo).

— Foi aprovado o mapa de efetivo da 4.ª Cia. Ind. de Transmissões, criada pelo decreto-lei n. 3.467, de 25-6-941).

(Aviso n. 2.685, de 11 — D.O. de 13-9-941).

DIA DO RESERVISTA (Instruções).

— O Diário Oficial de 28-8-918, página 16.918, publica na integra as Instruções para a comemoração do DIA DO RESERVISTA, assinadas pelos Srs. Ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica.

(Portaria n. 2.944-A, de 20-8-941).

DIRETORIA DA ARMA DE ARTILHARIA (Regulamento).

— O Diário Oficial de 10-9-941, publica na integra o Regulamento para a Diretoria da Arma de Artilharia.

(Decreto n. 7.768, de 2-9-941).

DIRETORIA DE RECRUTAMENTO (Atribuição).

— A Diretoria de Recrutamento fica atribuída competência para rever e anotar nas respectivas cartas patentes a antiguidade dos oficiais da 2.ª classe da reserva, dentro dos seguintes princípios:

1 — 2.º tenente:

a) a antiguidade de posto será contada da data da conclusão do estágio;
b) se o aspirante a oficial fez jus aos favores constantes do artigo 2.º do decreto n. 20.811, de 17-12-931, a antiguidade de posto deverá ser contada da data em que o interessado teria concluído o estágio que requereu com vencimentos.

2 — Demais postos:

a) a antiguidade de posto será contada da data da conclusão do último estágio exigido pelas disposições em vigor, uma vez que o oficial já tenha então o interstício da lei. Caso contrário, deverá ser contada da data em completar o referido interstício;

b) a antiguidade de posto do 1.º tenente da reserva, técnico, será contada da data da conclusão do curso que assegure direito à respectiva nomeação.

II — Os oficiais da reserva que estiveram em serviço ativo por terem sido convocados na conformidade dos avisos ns. 1, 3 e 6, de 13 de julho de 1939, e que ao serem licenciados dos respectivos corpos já se achavam com o interstício regulamentar e fizeram jus à promoção de acordo com o disposto na letra *h*, item II, dos citados avisos, contarão antiguidade de posto da data dos referidos licenciamentos.

III — As alterações feitas nas datas de antiguidade de posto deverão ser publicadas em Boletim Diário da Diretoria de Recrutamento e devidamente transcritas nos Boletins Regionais.

IV — Nas propostas de nomeação e promoção de oficiais da reserva deverá constar sempre a data a partir da qual se contará a antiguidade do posto, de acordo com as prescrições deste aviso.

V — Fica sem efeito o aviso n. 2.338 — Rex. 23, de 30 de julho de 1941. (Aviso n. 2.601, de 5 — D.O. de 9.9.941).

ESCOLA DE ESTADO MAIOR (Curso de Preparação).

— Os Oficiais que requereram exame de admissão ao Curso de Preparação a matrícula na E.E.M. e que ainda não satisfazem o requisito de tempo total de arregimentação, devem fazer as provas eliminatórias uma vez que possam completar a arregimentação antes do inicio do ano letivo.

(Aviso n. 2.550, de 23 — D.O. de 27.8.941).

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES (Instruções para matrícula).

— O Diário Oficial de 16.9.941, publica na íntegra as Instruções para a matrícula nas Escolas Preparatórias de Cadetes, em 1942.

ESTADO MAIOR REGIONAL (Efetivo).

— O Estado Maior da 7.ª R.M., a partir de 25.8.941, passa a ter o quadro do efetivo correspondente ao Tipo 2 (anexo ao Reg. para o funcionamento dos E.M.).

(Aviso n. 2.488, de 18 — D.O. de 20.8.941).

FICHÁRIO (Organização).

— As Diretorias de Armas e Serviços (Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia, Intendência e Saúde) organizarão um fichário dos efetivos das unidades das respectivas armas e serviços consoante o disposto em o anexo do decreto n. 7.763, de 2 de setembro de 1941, publicado no Diário Oficial de 10 de setembro.

Esse fichário será posto em dia trimestralmente (janeiro, abril, julho e outubro).

As fichas cujo modelo consta do anexo do decreto n. 7.763, serão enviadas em cópias mimeografadas as repartições e aos corpos de tropa, contingentes e formações de serviço e, após preenchidas, devolvidas às Diretorias correspondentes, que anotarão as alterações a lápis na ficha de cartolina nelas existentes.

Nas armas onde haja músicos a ficha compreenderá, além dos corneteiros ou clarins, os músicos de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes.

Em fins de outubro vindouro as Diretorias deverão ter seus fichários devidamente organizados.

(Aviso n. 2.740, de 15 — D.O. de 17.9.941).

INSPETORIA DE ENGENHARIA (Extinção).

— É extinta a Inspetoria de Engenharia, aplicando-se em consequência à Diretoria de Engenharia o disposto nos artigos 2.º e 3.º do Decreto-lei n. 2.525, de 23 de agosto de 1940.

(Decreto-lei n. 3.521, de 10 — D.O. de 21.8.941).

LINHA DE TIRO (Terreno).

— Foi aprovado o Relatório da Comissão de Escolha de Terrenos, da 7.ª

R. M., sobre a escolha do local onde será construída a linha de tiro do 29.^a B.C., em Natal.

(Nota n. 541, de 21-9-41 — D.O. de 23-8-941).

MONUMENTOS DE ARQUITETURA MILITAR (Restauração).

— Com a extinção da Inspetoria de Engenharia, passará a ser feita pela Diretoria de Engenharia, com a colaboração do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a restauração dos Monumentos de Arquitetura Militar, tombados para os efeitos do decreto-lei n. 25, de 30 de novembro de 1937.

(Aviso n. 2.655, de 10 — D.O. de 12-9-941).

MOTORISTAS DO EXÉRCITO (Quadro).

— Fica criado o Quadro de Motoristas do Exército, de acordo com as distribuições previstas nos Quadros de Efetivos da Organização do Exército. O Quadro de Motoristas se destina a execução do serviço de condução das viaturas militares, em tempo de paz ou de guerra.

(Decreto-lei n. 3.555, de 27 — D.O. de 29-8-941).

OFICIAIS TÉCNICOS DA RESERVA (Propostas).

I. Das propostas de nomeação de primeiros tenentes técnicos da reserva (T.R.), feitas em cumprimento ao disposto no art. 18 do Regulamento para o Quadro de Técnicos do Exército (decreto-lei número 2.211, de 20 de maio de 1940), deverá constar:

- a data da conclusão do curso;
- a arma a que deverá pertencer o cidadão proposto, de acordo com o que dispõe o aviso n. 3.692 — X. 38, de 30-9-940;
- o posto ou graduação e arma do cidadão proposto, se antes de matricular-se na Escola Técnica já era oficial ou aspirante a oficial da reserva de 2.^a classe da 1.^a linha do Exército.

II. Do decreto de nomeação do oficial em causa deverá constar também a arma a que passa a pertencer.

(Aviso n. 2.738, de 15 — D.O. de 17-9-941).

PARADA MILITAR DE 7 DE SETEMBRO (Transcrição de Aviso).

Relativamente a Parada Militar de 7 de Setembro, o Sr. Ministro da Guerra baixou o seguinte Aviso:

E' com o mais vivo contentamento que verbo tornar público minha grande satisfação pelo bom êxito alcançado com a grande Parada Militar do Dia da Independência Nacional.

Ano após ano, num labor digno de todos os encômios, aperfeiçoamo-nos tanto no ponto de vista puramente material como no delicado e complexo domínio moral, melhorando nosso aparelhamento defensivo e acorçoando nosso ânimo na confiança que nos traz as armas e a inteireza moral dos chefes, bem como no fortalecimento que nos dá a fé inquebrantável que todos depositamos na nossa disciplina, no espírito de sacrifício do Exército e nos grandiosos e inflexíveis destinos do Brasil.

Reside em vós, meus leais camaradas, a força unitiva da Pátria e sobre vossos ombros repousam a segurança e a tranquilidade do nosso honrado e laborioso povo.

Vendo-vos desfilar cheios de sadio patriotismo, imbuidos do vigoroso espírito militar, na cadência garbosa e rítmica que tanto impressionara povo e autoridades, não só pela correção das formaturas, retidão dos alinhamentos e precisão dos gestos perfeitos, como pela marcha impecável, decidida e franca, aliado ao transbordante entusiasmo de que estavéis imbuidos, senti-me — confesso — sinceramente orgulhoso do Exército que tenho a honra de dirigir.

Desfilastes com inexcedível brilho e com inegualável marcialidade diante das altas autoridades da República, do povo e das representações diplo-

máticas estrangeiras, inclusive das Missões Militares Especiais dos países amigos que nos honraram com sua presença nas festividades comemorativas do Dia da Pátria. Isto patenteia o esmero, o devotamento e a firmeza dos chefes responsáveis, em todos os escalões de comando, pela vossa preparação militar, trabalho diuturno e intencioso, que quotidianamente realizáveis pela grandeza das Forças Armadas e pela felicidade do Brasil. Prova também quanto acertado andam os que vós dirigem, nesta e nas outras Regiões Militares, adotando métodos severos e princípios pedagógicos fundamentais que vêm norteando firmemente nossa correta e perfeita instrução militar.

Eis porque se ostenta perfeita a uniformidade desta instrução, não sómente nas tropas do Exército ativo desta e das outras Regiões Militares, como nas tropas da reserva: Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, Polícias Militares desta Capital, de Minas, São Paulo e Estado do Rio.

E', pois, com indissociável prazer que elogio todos quantos tomaram parte nesta memorável parada e, mui especialmente, cito nominalmente o Exmo. Sr. General Comandante da 1.^a Região Militar, Francisco José da Silva Junior, sob cuja direção realizou-se o mencionado desfile e os Exmos. Srs. Gens. de Brigada Heitor Augusto Borges, Arthur Sílio Portela, Isaura Reguera, Raimundo Sampaio, Sebastião do Rego Barros e Salvador Cesar Obino, assim como os Coronéis Angelo Mendes de Moraes, Alcino Souto e Odílio Denys.

E' digno de menção especial a garbosa presença das unidades do Exército pertencentes às 2.^a, 4.^a e 5.^a Regiões Militares e das unidades pertencentes às Polícias Militares dos Estados que, indiscutivelmente, concorreram para o brilhantismo desta parada. A todos meus sinceros e efusivos parabéns! Autorizo o Exmo. Sr. General Comandante da 1.^a Região Militar elogiar todos os oficiais e praças que concorreram para o feliz sucesso alcançado no dia 7 de setembro, dos quais destaco, com especial referência, seus dignos e competentes auxiliares. Outrossim, determino sejam citados nominalmente, em boletim os oficiais e praças do 1/2.^º R.A.A.Ae. e Btl./5.^º R.I., Btl/12.^º R.I., 15.^º B.C. e dos Batalhões das Polícias Militares de Minas, São Paulo e Estado do Rio.

(Aviso n. 2.710, de 13-9-941 — D.O. de 16-9-941).

PROMOÇÕES NO EXÉRCITO (Foram promovidos)

Na arma de Artilharia, por merecimento:

A Tenente Coronel o Major Heraldo Filgueiras,

A Major o Capitão Pedro Geraldo de Almeida e Ernani Nogueira Zaina.

Na arma de Cavalaria, por merecimento:

A Coronel o Tenente Coronel Bernardo José Teixeira Ruas,

A Tenente Coronel os Maiores Jandir Galvão e Ari Salgado Freire,

A Major o Capitão Newton Junqueira de Souza.

Na arma de Engenharia, por merecimento:

A Coronel o Tenente Coronel Nestor Figueira Pegado, José Faustino dos Santos e Silva (QTA) e Juarez do Nascimento Fernandes Tavora.

A Tenente Coronel o Major Alceu da Silva Amaral e Amarilio Osorio.

A Major o Capitão Lincoln Washington Veras e Iberê de Matos.

Na arma de Infantaria, por merecimento:

A Coronel o Tenente Coronel Mário Travassos e João Afonso Medeiros e Albuquerque.

A Tenente Coronel os Maiores Carlos de Lemos Bastos, Lanes José Bernardes Junior, João Pessoa Cavalcante e Nelson Bandeira Moreira.

A Major os Capitães Eduardo Péres Campelo de Almeida, Aureo José de Carvalho, Emanuel Adauto Pereira de Melo e Ismar de Góes Monteiro.

No Corpo de Saúde do Exército, por merecimento:

A Coronel Médico o Tenente Coronel Médico Paulo Afonso Soares Pereira.

A Coronel o Tenente Coronel Médico Florencio Carlos de Abreu Pereira.

A Tenente Coronel Médico os Majores Médicos Jaime de Azevedo Vilas Boas e Alfredo Issler Vieira.

A Major Médico o Capitão Médico Adelmar Soares da Rocha.

A Major o Capitão Médico Arnaldo Nunes de Serqueira.

No Serviço de Veterinária do Exército, por merecimento:

A Major o Capitão Antonio Ramos dos Santos.

Na Arma da Artilharia, por antiguidade:

A Coronel o Tenente Coronel Ramiro Noronha.

A Tenente Coronel o Major Adhemar da Costa Mattos.

A Major os Capitães Armando Machado de Vasconcellos e Gabriel Feirugem de Mello Mattos.

A Capitão os 1.os Tenentes Odilon de Loyolla e Silva, Celso de Azevedo Daltro Santos, Samuel Kicis e Alvaro Alvarenga Filho.

A 2.º Tenente os Aspirantes a Oficial Amaury da Motta Alves, Carlos Molinari Cailori, Celso dos Santos Meyer, Vitoldo Zeroslau Wolowski, Mário de Mello Mattos, Darey Tavares de Carvalho Lima, Manoel Soares de Oliveira, Adhyr Fiúza de Castro, Arthur Mendes Falcão Filho, José Rodrigues de Carvalho, Jary de Mattos Guilherme, José Ribeiro de Miranda Carvalho, Teotonio Luiz Lobo de Vasconcellos, Bertholdo Carvalho de Tautphous Castelo Branco, Guilherme José Rodrigues Junior, Godofredo Cesar Pessoa de Mello Filho, Carlos Montes de Marsella, Euclides Chaves Duarte, Oswaldo Mescolin, Oscar Antonio Couto de Souza, Jayme Moreno, Helio Mendes de Andrade, Aécio da Silva Ferreira, Mauro Alves Guimaraes Cotia, João de Abreu Pessôa, Manoel Machado Lacerda, Joemí Lanna Quinn Lopes, Adalberto Villas Bôas, Antonio de Paiva Almeida, Gerardo Dias Macedo, José Pinto de Carvalho, Alberto Walter de Almeida, Edyr Portocarreiro Peixoto, Edson de Farias Gomes, Orestes Lins da Rocha Lima, Hugo Motta, José Mariano Corrêa de Araújo Filho, Jorge Augusto Vidai, Arlindo de Oliveira e Carlos Max de Andrade.

Na arma de Cavalaria, por Antiguidade:

A Coronel o Tenente Coronel Arnaldo Bittencourt.

A Major o Capitão Irineu Ferreira de Castro.

A Capitão os 1.ºs Tenentes Antônio Alves Dias, Umbelino Dornelles Vargas, Benedicto Dutra de Menezes, Ag., José Odon de Paiva e Henrique Borges do Canto Herzer.

A 1.º Tenente os 2.ºs Tenentes Avelino José Machado Netto, Antonio Esteves Coutinho, Nelson França Furtado, Waldo Pereira Nunes e Astolpho Barros Metta.

A 2.º Tenentes os Aspirantes a Oficial Telmo de Oliveira Sant'Anna, Mário Oswaldo da Silveira Magalhães, Angelo Irulegui Cunha, Eduardo Ribeiro Bonumá, Otto Arlindo Berenhauser, José Niepce da Silva Filho, Helio Corrêa de Mello, Fuad Murad, Elcídio Ferreira Machado, José Pereira Lima Netto, José Paiva Portinho, Walter Rodrigues Lopes, Franklin Claudio Rache Souto, José Henrique Silva Acioli, Euclides Oliveira Figueiredo Filho, Jaime Costa Bica de Freitas, Nelson Pires de Carvalho e Albuquerque, Albino Manoel da Costa, Orlando Olsen Sapucaia, José Magalhães da Silveira, Santiago Firpo, Ismar Lauriodó de Sant'Anna, Oswaldo Siffert, Julio Ribeiro Gontijo, Cantidio Bretas Filho, João Rosa da Silva Filho, Ivan Lauriodó de Sant'Anna, Edulo Jorge de Mello, Gerson Gomes de Oliveira, Marcello Pires Serreira Junior, Rubens Ferreira Amiel, Laplace Telles de Souza e Henrique Guimarães Santa Rita.

Na arma de Engenharia, por antiguidade:

A Tenente Coronel o Major Sampson da Nobrega Sampaio, T. A.

A 2.º Tenente os Aspirantes a Oficial Mario Miranda Santa Rosa, Dago-berto Pinto Paca, Waldemar Menezes Rocha, Luiz Paulo Correia de Andrade, Mauro Moreira, Renato de Araujo, Galba Mendonça Costa, Sabino Neves Vieira, Helio Jhapiapina de Oliveira Lima, Eucides Trinches, Lourival Massa da Costa, Wilson da Rocha Dehoul, Helio Macedo Franco, Adib Murad, Roberto d'Oliveira, Virgilio Nogueira Paes, Geraldo Majella Pires de Mello Paulo Nunes Leal, Olavo Lauro Gronau, Newton Ciro Braga, Walter Cerqueira Martins, Ivo Gomes da Costa, Adavio Sabiro de Oliveira, Mario Casal, Alberto Lessa Bastos, Orlando Rizental, David Ferreira, Brasilio Marques dos Santos Sobrinho, Licinio Ribeiro Viana, Cicero Sachine, Nelson Wortmann, Juvenal Moreira Maia Filho, Raul Andrade Lima, Haroldo de Paula Ebecken, José Paz Ferreira, Norton da Costa Chaves, Helio Berio de Oliveira Mello, Odilon dos Santos Walbach, Arnaldo Xavier da Rocha, Paulo Garicochea Mata, Newton Jacques Pinto Ribeiro, Wilson de Souza Pinto, Hermes Junqueira Gonçalves, Oswaldo da Rocha Mascarenhas Afranio de Vigoso Jardim, Peuio Teixeira da Costa, Pedro Manoel de Castro Schneider, Franklin Nestor de Lima Serrano, Americo Baptista Moreno e Francisco Saboia Barbosa Filho.

Na arma de Infantaria, por antiguidade:

A Coronel o Tenente Coronel Amado Menna Barreto, em resarcimento de preterição, contando antiguidade deste posto de 25 de dezembro de 1940. A Tenente Coronel os Maiores Aristoteles de Souza Martins, Q. A., e Gilberto de Freitas.

A Major o Capitão Boenerges Lopes Cezar.

A Major o Capitão José Oswaldo Pinheiro da Motta.

A Capitão o 1.º Tenente Carlos Agostini.

A Capitão o 1.º Tenente Eurico Seixas de Brito.

A 2.º Tenente os Aspirantes a Oficial Antonio Astorga, José Guimarães Pinheiro, Paulo de Andrade, Hermelindo Pulquerio, Nelio Daciol Lobato, João Baptista Santiago, Wagner, Olavo Loureiro de Oliveira, Domingos Costa Hernandez, Nelson Cavalcanti, José Maria Pinto Duarte, Manoel Luiz Machado, João José de Carvalho Netto, Nelson Teixeira de Lemos, Mário David Andreazza, Luiz Gonzaga Moura, Luiz Britto Passos Pinheiro, Edmundo Castello, Paulo de Mendonça Ramos, Jonas Plinio do Nascimento, Alvaro Soares de Araujo, Oswaldo de Faria, Adhemar de Mesquita Rocha, Antonio Barbosa de Paula Serra, José Epitácio de Mello, Roberto Cardoso, Ephigenio Russ Santos, Nasir Branco, Justino Gomes, Raul Garcia Llano, Luiz Wilson Marques de Souza, Tobias Rosa Netto, Ito Carvalho Bernardes, Julio Monteiro Filho, Pedro Cavalcanti D'Albuquerque, José Ribamar Goumbart de Carvalho, Edson Braga de Faria, Waldemar Dantas Borges, Jeroymo Alberto Montenegro, Douglas Saavedra Durão, Ruy Leal Campello, Humberto Molinaro, Edmilton Santabaya Nogueira, Antonio João Dutra, Carlos Xavier de Miranda, Edyl Patury Monteiro, Gilberto da Silva Guerra, Nilo Peixoto da Silva Kyval Samborjera de Oliveira, Nicolau José de Seixas, Armando Barcellos, Alberto Chahon, Alberto Faria da Silva Pereira, Oscar de Moraes Costa, Gilberto Godinho de Argollo Nobre, Miguel Januzzi, Helio da Cunha Telles de Mendonça, Wilson Buecker Aguiar, Affonso Celso Bodstein, José Francisco de Moura Netto, Newton Miller Rangel, Alberto Firma de Almeida, Leonel da Rocha Lima, Fernando de Souza Martins, Mario Miquelino Cunha, José Gabriel de Azeredo Coutinho Filho, José de Lopes de Oliveira, João Alencar, Octavio Ramos de Araujo, José de Almeida Fontenelle, Mauro Bahense, Amaury Barroso da Conceição, Helio Ferraz de Andrade, Cleómenes de Campos, José Antonio Ferreira Nobre, Alberto Liége de Souza Braga, Edson Gomes.

artigo 7.º, § 2.º, do decreto-lei n. 1.187, de 4 de abril de 1939 (Lei do Serviço Militar).

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR (Denominação).

— Pelo Ministério da Guerra foi declarado que nenhuma inconveniência há em que passe a denominar-se "REVISTA DE INTENDENCIA". (Aviso n. 5.532, de 20 — D.O. de 22-8-941).

SEMANA DO SERVIÇO MILITAR (Licenciamento de praças).

Para assinalar a atual Semana do Serviço Militar com um ato de significativa expressão social determina o Sr. Ministro que o licenciamento das praças sorteadas, legalmente casadas, que tenham filhos, observando-se o seguinte:

1. O licenciamento abrangerá as praças que se tenham encorporado de janeiro de 1940 até a presente data e desejem ter baixa do serviço ativo.

2. As que tiverem sido réus do crime de insubmissão só deverão ser licenciadas depois de transitada em julgado a respectiva sentença.

3. As que ainda não foram consideradas mobilizáveis ficam obrigadas a se fazerem reservistas de 2.º categoria, inscrevendo-se em Tiro de Guerra, Escola de Instrução Militar ou Unidade-Quadro, na primeira época de matrícula que se seguir ao respectivo licenciamento. Estão excluídas dessa obrigação as que residirem ou forem residir permanentemente em localidade onde não exista nenhum desses centros de instrução militar.

4. As que não satisfizerem o disposto na primeira parte do número anterior ficam obrigados a apresentar-se para nova encorpção no Exército, na primeira época regulamentar que se seguir ao término do ano de instrução do T.G., E.I.M. ou Unidade-Quadro em que deviam matricular-se. (Aviso n. 2.591, de 28 — D.O. de 30-8-941).

SERVIÇO DE MATERIAL BÉLICO (Quadro Regional).

— O Serviço de Material Bélico da 7.ª R.M., a partir de 25-8-941, passa a ter o quadro de efetivo igual ao do mesmo serviço da 4.ª R.M.

(Aviso n. 2.563, de 26 — D.O. de 28-8-941).

UNIDADE ADMINISTRATIVA (Constituição).

— Nos termos do artigo 25 do Regulamento de Administração do Exército, é constituída em unidade administrativa a 4.ª Companhia Independente de Transmissões, com sede em Recife.

(Aviso n. 2.736, de 15 — D.O. de 17-9-941).

UNIDADES QUADRO (Solução de consulta).

— Em face do que dispõem as Instruções para o funcionamento das Unidades Quadros, os candidatos a reservistas que delas fazem parte são considerados praças incorporadas, durante as horas de instrução e o período de manobras anuais, tendo direito, no período de manobras, a transporte por conta do Ministério da Guerra e a uma etapa diária. (Aviso n. 2.590, de 27 — D.O. de 30-8-941).



A DEFESA NACIONAL recebeu as seguintes publicações:

"Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación", n.º 7 — Julho de 1941, Assunção, República do Paraguai; "Revista Duperrial do Brasil", n.º 2 — Julho e Agosto de 1941 — Rio. "Novas Diretrizes" n.º 37-38, Setembro de 1941, Rio. "Mensário do Clube Policial Militar", n.º 9, Setembro de 1941, Rio. "Anais da A. C. de Cavalos Crioulos", n.º 9, Julho de 1941, Pelotas, Rio Grande do Sul. "Revista Militar", vol. 77, n.º 1,

Buenos Aires, Republica Argentina. "Revista Militar del Perú", n.º 6, Julho de 1941, Lima, Perú. "Revista del Circulo Militar", n. 5 e 6, Maio e Junho de 1941, El Salvador, Republica de S. Salvador. "Memorial del Ejercito de Chile", n.º 174, Maio e Junho de 1941, Valparaiso, Chile. "Tradição", Julho de 1941, Rio. "Revista de Infanteria", n. 141-142, Maio e Junho de 1941, San Bernardo, Chile. "Revista Brasileira de Geografia", n.º 2, Abril a Junho de 1941, Rio. "Liga Maritima Brasileira", n.º 410, Agosto de 1941, Rio.

MARMORES E GRANITOS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

MARMORARIA CARIOSA, LTDA.

FORNECEDORA DOS MARMORES DO NOVO EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO DA GUERRA

Escritório e Oficinas: AV. SALVADOR DE SA', 18
Telefone: 22-6515 RIO DE ANEIRO

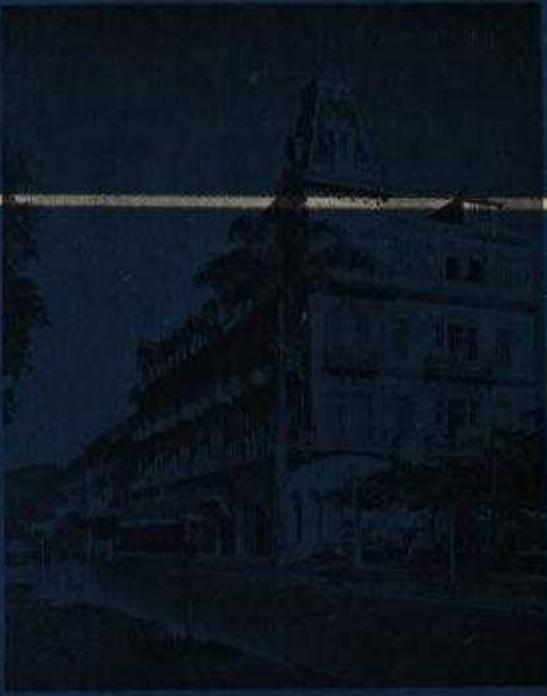
FABRICA SILESIA

Karl Hubner

Fabricação de Canivetes marca "SILESIA", e cutelaria
em geral

RUA FERREIRA DE ANDRADE, 127 (Meyer) - Fone 29-0224

End. Telegráfico "Silesia" — Rio de Janeiro



Grande Hotel Castro Guarujá

A praia mais agradável
do Brasil

EMPRESA
ALBERTO QUATRIKE BIANCHI
GUARUJA - SANTOS
EST. DE SÃO PAULO

CLIMA ADORAVEL

SOL

VIDA

ALEGRIA

GUARUJA

A pérola do Atlântico

